



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

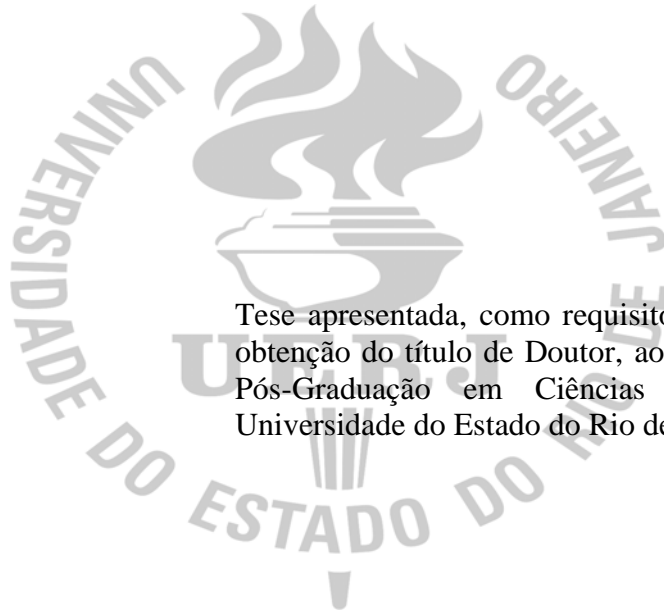
Luiz Fernando Rojo Mattos

**“Vivendo ‘nu’ paraíso”:  
comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol**

Rio de Janeiro  
2005

Luiz Fernando Rojo Mattos

**“Vivendo ‘nu’ paraíso”:  
comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cláudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro  
2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/A

M444 Mattos, Luiz Fernando Rojo  
Vivendo "nu" paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol / Luiz  
Fernando Rojo Mattos.- 2005.  
236 f.

Orientadora: Cláudia Barcellos Rezende.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas.  
Bibliografia.

1. Nudismo – Teses. 2. Campos de nudismo - Teses. 3. Comunidade – Teses.  
I. Rezende, Cláudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 301.185:21

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Luiz Fernando Rojo Mattos

**“Vivendo ‘nu’ paraíso”**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 31 de março de 2005

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Barcellos Rezende (orientadora)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Pilar Grossi  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

---

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte  
Museu Nacional - UFRJ

---

Prof. Dr. Sérgio Carrara  
Instituto de Medicina Social da UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cláudia Coelho  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Rio de Janeiro  
2005

## **DEDICATÓRIA**

Para Miriam Gaiger,

Que cada linha desta tese possa ser uma lembrança do carinho e do companheirismo que  
recebi de você.

## AGRADECIMENTOS

Poderia me atrever a dizer que, mais do que qualquer outra, a pesquisa antropológica é também uma viagem. Não apenas no sentido literal quando, como eu e tantos outros fizemos, se deixa a cidade em que se vive, para uma permanência mais ou menos longa em outras localidades, mas também metafórica e acadêmica. Como em toda viagem, e em cada um de seus significados, não se viaja sozinho e nunca voltamos o mesmo.

Queria aqui, deixar um agradecimento especial àqueles que foram, de alguma forma, parceiros nesta viagem:

Inicialmente à Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), porque nenhuma viagem se realiza com algum grau de tranquilidade se não dispomos de recursos.

À minha orientadora, Cláudia Barcellos Rezende, guia nos momentos em que bifurcações criavam dúvidas e incentivadora na busca de novos caminhos.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ, pelos ensinamentos, pelo apoio e principalmente pelo clima de companheirismo entre professores e alunos que caracteriza nossa instituição. Em particular às professoras Maria Cláudia Coelho, Myriam Sepúlveda, Clara Mafra, Cecília e Masé, com quem pude discutir questões específicas desta tese.

Aos professores Luiz Fernando Dias Duarte e Márcio Goldman, do Museu Nacional, pela possibilidade de acompanhar seus cursos, onde não apenas pude desenvolver meu conhecimento acadêmico como também ampliar o diálogo com colegas de outras instituições.

Aos professores Vágner Silva, Elisete Schwade, Simoni Guedes, José Henrique de Toledo, Jane Russo e, novamente, Luiz Fernando Dias Duarte, pelos convites para participação nos diversos congressos nos quais pude apresentar partes deste trabalho e, assim, aprofundar e corrigir interpretações a partir dos comentários e do debate com outros pesquisadores.

À professora Gláucia Mello, pela leitura do capítulo sobre comunidade e suas valiosas colaborações.

À Cristhiane, que alia eficiência e simpatia na tão difícil tarefa de equilibrar nossas demandas de alunos com as possibilidades do programa em atendê-las.

A todos os colegas, mestrandos e doutorandos, que colaboraram com este trabalho no debate dos textos, na troca de idéias entre nossas pesquisas ou naqueles valiosos momentos de descontração, tão necessários em uma empreitada como esta.

Às minhas amigas que, perto ou à distância, acompanharam esta caminhada, cada uma de seu modo e cada uma com um jeito todo especial. À Patrícia Reinheimer, Anna Marina, Patrícia Portella, Raquel Aisengart, Marta Macedo, Fabiana, Lúcia, Terezinha, Ana Paula e Rosana Monteiro.

Ao Marcelo, pelo apoio na busca do equilíbrio psicológico que, se é sempre necessário, torna-se fundamental nestas grandes viagens.

Aos que, além de parentes, são amigos que estão sempre presentes, no apoio, no carinho, no conforto e na comemoração. À minha avó Ana, meu tio Pedro, minhas tias Ailma e Odette, meu irmão Marco Aurélio, obrigado por todos os momentos de apoio, carinho e amizade. À minha mãe, amiga, companheira de lutas e, também, revisora de parte desta tese, Maria Thereza, se eu chego aqui é porque chegamos juntos.

À Paola Sanges Ghetti, que compartilhou comigo os momentos finais desta tese e que tornou mais doce a última parte desta viagem, além de ter também participado da revisão desta tese.

A todos os moradores, frequentadores e visitantes da Colina do Sol, que tornaram esta pesquisa não apenas um trabalho extremamente gratificante, mas também uma experiência de vida inesquecível. Jamais esquecerei dos momentos vividos aí.

Às aranhas (*in-memoriam*) da cabana de Miriam, onde vivi durante um ano e que, em suas constantes visitas noturnas, me proporcionaram horas de vigília extremamente valiosas para complementar minha revisão bibliográfica.

À Federação Brasileira de Naturismo, principalmente na pessoa de sua ex-presidente, Maria Luiza, e ao Valdir, do Recanto Paraíso, pelo convite e pela acolhida durante os dois eventos nacionais em que pude participar e que em muito enriqueceram meu conhecimento deste movimento.

## RESUMO

ROJO MATTOS, Luiz Fernando. **Vivendo “nu” paraíso**, 2005. 235f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

O naturismo, depois de algumas iniciativas isoladas, se organiza no Brasil a partir do final da década de oitenta. Cerca de dez anos depois, é criada, no Rio Grande do Sul, a Colina do Sol, primeira comunidade naturista da América Latina. A formação desta comunidade se constitui em um marco para o naturismo brasileiro, consolidando o principal valor que este movimento propugna: a recuperação da “essência” humana, que foi perdida a partir do advento da modernidade. Nesta tese, procuro discutir os três aspectos centrais que sustentam esta perspectiva, profundamente ancorada na recuperação dos valores do romantismo do século XIX, cada um deles contrapondo-se a características identificadas nas sociedades modernas. A revalorização da dimensão comunitária, em oposição ao anonimato das metrópoles; a “pureza” e o “igualitarismo” dos corpos nus, como negação do hedonismo e do culto do corpo e a ênfase na amizade “pura e desinteressada”, em contraste com o individualismo das relações “frias e calculistas” dos “jogos sociais”. Em cada um deles, procurei evitar tomar a Colina do Sol como um todo homogêneo, procurando identificar como estes aspectos também podem ser vistos como discursos internos às relações de poder que se estabelecem no interior desta comunidade.

Palavras-chave: Naturismo. Corpo. Comunidade. Relações de amizade.



## ABSTRACT

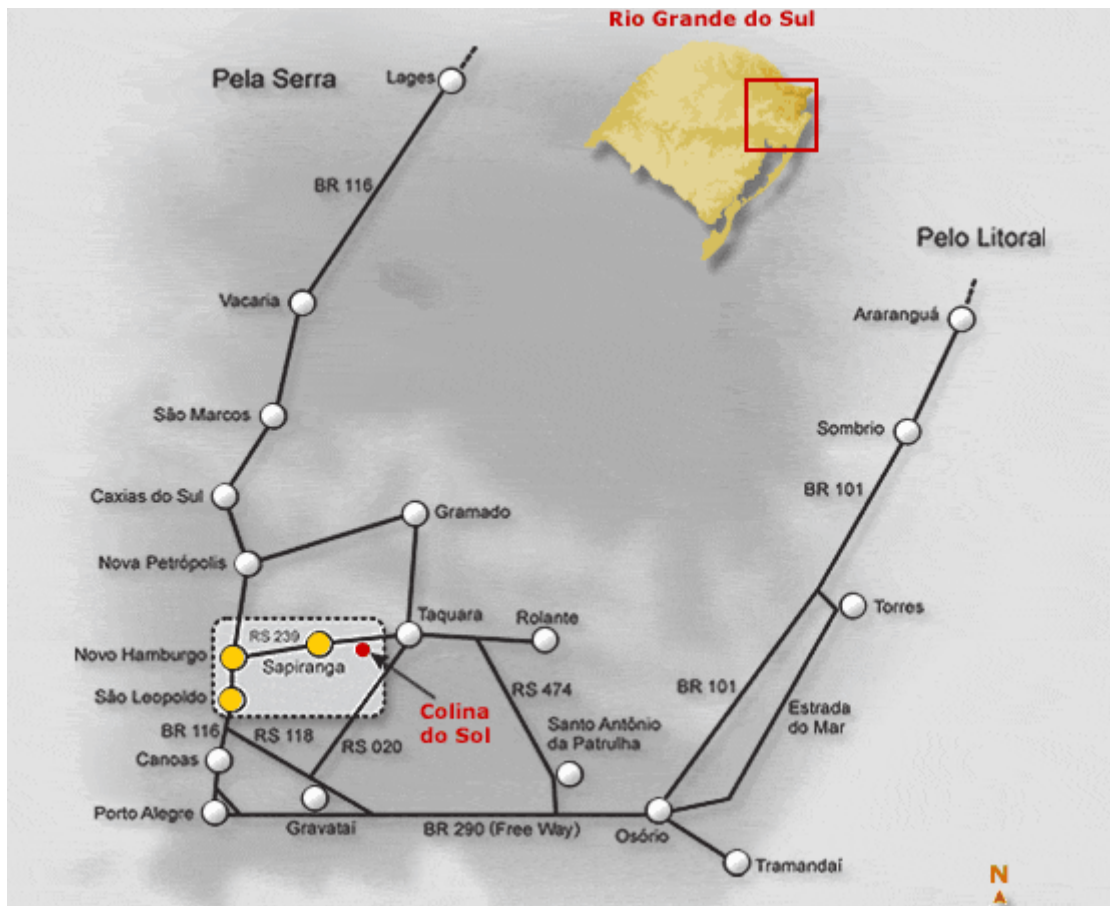
Naturism in Brazil becomes organized as a movement since the end of the eighties. Nearly ten years later, the first naturist community in Latin America – the Colina do Sol – is created in Rio Grande do Sul. The foundation of this community constitutes a cornerstone in Brazilian naturism, strengthening the main values propagated by this movement: a return to a human “essence” lost with modernity. In this thesis, I try to discuss the three central aspects which sustain this proposal, which is profoundly anchored on XIXth century’s romantic values. Each of these aspects are in turn opposed to characteristics attributed to modern societies: a return to collective life, in contrast to metropolitan anonymity; the “purity” and “egalitarianism” of naked bodies, as a denial of hedonism and bodily cultivation; and the emphasis on “pure and uninterested” friendship, as opposed to the individualism of “cold and interested” relations. I have avoided taking Colina do Sol as homogenous whole and have attempted to identify how these central aspects may be seen as discourses deployed in the power relations which cut across this community.

Keywords: Naturism. Body. Community. Friendship relations.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ENTRANDO EM CAMPO: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS SOBRE A PESQUISA EM UMA COMUNIDADE NATURISTA .....</b>	<b>11</b>
1.1	A tese como discurso .....	12
1.2	A construção de uma questão .....	12
1.3	Clássico mas não ortodoxo .....	17
<b>2</b>	<b>ROMPENDO TABUS: A SUBJETIVIDADE ERÓTICA NO TRABALHO DE CAMPO .....</b>	<b>24</b>
2.1	Empatia e sexualidade .....	25
2.2	O encontro .....	26
2.3	Analisando o conflito .....	28
2.4	A subjetividade erótica na construção da identidade do pesquisador em campo .....	30
2.5	Poder e sexo no campo .....	34
2.6	Namoro, conversas e informações .....	38
<b>3</b>	<b>O NATURISMO E A COLINA DO SOL .....</b>	<b>41</b>
3.1	O naturismo internacional .....	42
3.2	O naturismo no Brasil .....	43
3.3	A Colina do Sol .....	46
3.4	Perfil dos naturistas da Colina do Sol .....	50
3.5	Perfil dos moradores .....	52
3.6	Perfil dos freqüentadores .....	54
3.7	Análise dos perfis .....	56
<b>4</b>	<b>A FILOSOFIA DO NATURISMO_.....</b>	<b>59</b>
4.1	As origens filosóficas do naturismo .....	60
4.2	A “natureza” no naturismo .....	64
4.3	Naturismo: retorno à natureza ou avanço civilizatório? .....	71
<b>5</b>	<b>A COLINA DO SOL COMO COMUNIDADE .....</b>	<b>80</b>
5.1	A “segurança comunitária” como alternativa à “sociedade do risco” .....	84
5.2	A Colina do Sol como comunidade .....	89
5.3	A Colina do Sol: organização econômica .....	105

5.4	<b>A Cooperativa da Colina</b> .....	113
5.5	<b>A questão do poder na Colina do Sol</b> .....	116
5.6	<b>A estrutura formal de deliberação na Colina do Sol</b> .....	120
5.7	<b>Uma outra comunidade é possível?</b> .....	126
6.	<b>NUS DE CORPO E ALMA</b> .....	129
6.1	<b>Um corpo em campo</b> .....	131
6.2	<b>Os primeiros contatos com a nudez</b> .....	136
6.3	<b>A ereção como fenômeno cultural</b> .....	142
6.4	<b>O controle do olhar</b> .....	149
6.5	<b>O corpo naturista e seus significados</b> .....	156
6.6	<b>A diferença visível: homens nus – mulheres nuas</b> .....	163
6.7	<b>Marcas da cultura sobre a pele nua</b> .....	169
7	<b>A AMIZADE DE INFÂNCIA</b> .....	175
7.1	<b>A verdadeira amizade</b> .....	176
7.2	<b>A “amizade de infância” como sentimento amigável</b> .....	186
7.3	<b>Jogando como criança: amizade e esporte na Colina do Sol</b> .....	196
7.4	<b>As “amizades de adulto”: relações de amizade na Colina do Sol</b> ..	202
8	<b>SAINDO DE CAMPO: SOBRE O QUE SE CONCLUI EM UMA PESQUISA ANTROPOLÓGICA</b> .....	212
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	220
	<b>ANEXO A – Formulário para o censo dos moradores da Colina do Sol</b>	229
	<b>ANEXO B – Normas internas de comercialização de bens e serviços..</b>	230
	<b>ANEXO C – Código de ética naturista</b> .....	233
	<b>ANEXO D – Programação esportiva para o verão de 2002</b> .....	235



Mapa da Região, com destaque para posição da Colina do Sol



Esboço do mapa da Colina do Sol

## **CAPÍTULO UM**

### **ENTRANDO EM CAMPO:**

Considerações metodológicas sobre uma pesquisa em uma  
comunidade naturista

### *1.1 A tese como discurso*

A fundação da Colina do Sol, em agosto de 1995, significou mais do que a abertura de mais um espaço oficial para a prática do naturismo no Brasil. Após duas tentativas que não se desenvolveram, ambas em praias de Santa Catarina, a construção do que é, ainda na época de realização desta tese, a única comunidade naturista da América Latina, projeta este movimento – nacional e internacionalmente – expandindo sua prática para além dos períodos de férias e fins de semana.

Foi nesta comunidade, localizada no município de Taquara (RS), a cerca de uma hora de carro de Porto Alegre, que realizei, durante um ano, o trabalho de campo para a elaboração desta pesquisa. Nesta tese, portanto, procuro discutir como uma concepção específica de amizade, a “amizade de infância”, pode ser pensada como sendo não apenas um ideal de relacionamento entre os naturistas, mas como expressão de uma filosofia de vida – o naturismo – na forma idealizada por seus principais expoentes, sendo portanto indissociada das concepções de comunidade e de corpo que a complementam.

Para alcançar este objetivo, procurei seguir um caminho aberto por duas antropólogas, Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1986), que procuram estudar as emoções a partir de um enfoque que priorize o contexto, no qual os discursos sobre as emoções são expressos, e as relações de poder que estes discursos constroem.

Se, no decorrer desta tese, irei desenvolver como este referencial teórico me possibilitou construir uma interpretação das interpenetrações destes discursos sobre comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol, creio ser importante, nesta apresentação, fazer refletir sobre minha própria pesquisa este enfoque contextualista. Fazê-lo é entender que este trabalho não se constitui como sendo uma representação objetiva do que seja o naturismo, ou mesmo da “amizade de infância”, mas como mais um discurso sobre aspectos deste movimento. Um discurso que se origina em um ponto de partida específico, com interesses específicos e que dialoga não apenas com os próprios naturistas, principalmente aqueles da Colina do Sol onde realizei meu trabalho de campo, mas também com outros interlocutores da área acadêmica.

Analisando a interpretação de uma entrevista, Crapanzano (1994) afirma que esta não pode ser feita apenas a partir do seu conteúdo, mas que deve necessariamente levar em consideração o contexto na qual é produzida, ou seja, considerando sua dimensão interlocutória. Se esta é uma advertência que deve ser levada em consideração na realização de entrevistas, ela não é menos útil quando se trata da observação participante. Assim, situar o contexto no qual o trabalho de campo foi desenvolvido, desde a elaboração do primeiro projeto de pesquisa até os movimentos de saída de campo e mesmo suas consequências posteriores, não significa um excesso da presença da subjetividade do autor, mas a explicitação de elementos fundamentais para a compreensão do que, como afirmei, é o **meu** discurso sobre aspectos que **eu** considerei relevante para construir **minha** interpretação do ideal de amizade no naturismo e de suas relações com as concepções locais de corpo e comunidade.

## 1.2 *A construção de uma questão*

Quando defendi minha dissertação de mestrado sobre as relações de amizade entre os estudantes de Medicina da UERJ, em janeiro de 2001, algumas pessoas perguntaram se eu continuaria pesquisando os médicos, ou os estudantes de Medicina, no doutorado. Naquele momento, não apenas já havia apresentado o projeto do qual se originou esta tese, como tinha realizado uma primeira visita ao campo, o que me fez responder que, embora fosse dar continuidade àquela pesquisa, eu o faria pelo tema, pelas questões que surgiram daquele estudo e não pelo que para mim havia sido, ainda que com todas as consequências e sem retirar sua importância, o “locus” de minha pesquisa. Paraphrasing Geertz (1989), eu havia feito pesquisa **na** Faculdade de Medicina da UERJ, como agora pesquisei **na** Colina do Sol, mas não **a** Faculdade de Medicina ou **a** Colina.

Um dos aspectos que considerei mais relevante, em minha dissertação de mestrado, foi a conclusão de que as amizades que eram construídas ali eram preponderantemente amizades grupais, ou seja, que embora pudesse haver relações diádicas, as amizades eram pensadas e vividas em torno dos grupos de amigos, que iam se constituindo no decorrer do primeiro e do segundo ano do curso. O fato de que esta especificidade se apresentasse, na fala dos próprios estudantes, associada ao convívio

intenso que eles mantinham, dadas as características particulares do curso de Medicina (seriado, integral e de seis anos de duração), despertou minha atenção para refletir sobre como se estruturariam as relações de amizade em espaços que buscam reconstruir um ideal comunitário.

Assim, fui definindo como meu objetivo para o doutorado o estudo das relações de amizade em alguma comunidade. Além disso, seguindo uma opção que venho mantendo desde a monografia de graduação, buscava encontrar uma comunidade que se constituísse de pessoas as mais próximas possíveis do que se convencionou chamar, nas ciências sociais, de “camadas médias”<sup>1</sup>. Este objetivo foi alcançado quando, em um daqueles momentos em que o acaso trama a nosso favor, folhee uma revista “Cláudia” onde havia uma reportagem sobre o crescimento do naturismo no Brasil. Nesta matéria, que citou diversos locais de prática do naturismo, um dos moradores da Colina do Sol, da qual tinha notícia pela primeira vez naquele momento, falava que ali se vivia “a verdadeira amizade”. Aquela leitura foi suficiente para despertar minha curiosidade e fazer com que, no mesmo dia, eu procurasse, nos sites de busca da Internet, tudo o que houvesse sobre naturismo e, em particular, sobre a Colina do Sol<sup>2</sup>.

O material assim recolhido foi suficiente para elaborar o projeto com o qual consegui aprovação no concurso para o doutorado. Ao mesmo tempo, já iniciava os contatos com os responsáveis pela recepção de visitantes da Colina do Sol, para uma posterior ida ao campo. O fato de ser um grupo sobre o qual eu praticamente não tinha informações e, pelo que ia lendo nos sites em que pesquisava, com uma série de regras de comportamento que, pelo menos em uma primeira leitura, parecia indicar um estilo de vida radicalmente diferente do que eu associava com “naturistas”<sup>3</sup>, aumentava a importância de fazer uma primeira visita ao campo. As próprias pessoas da comunidade com quem me comunicava – ainda por e-mail e, mais tarde, por telefone – na medida

---

<sup>1</sup> Há uma vasta gama de trabalhos que têm utilizado este conceito. Um dos pioneiros no Brasil e que tem servido de referência é a obra de Gilberto Velho, desde sua dissertação de mestrado (1989). Para uma crítica deste conceito, pelo seu obscurecimento das contradições entre classes sociais, ver Durham (1986).

<sup>2</sup> Há uma série de sites sobre o naturismo, desde os “oficiais” ligados às áreas de naturismo no Brasil filiadas à Federação Brasileira de Naturismo, quanto pessoais de frequentadores ou divulgadores desta prática e outros que veiculam fotos e textos de pornografia e/ou eróticos divulgados como estando ligados, de alguma forma, ao naturismo.

<sup>3</sup> No decorrer da elaboração da tese, junto a amigos, colegas de curso e professores, bem como nos diversos congressos dos quais participei, percebi que a associação do naturismo com o movimento hippie dos anos 60, que era minha visão inicial, era bastante mais generalizada. Mesmo na Colina, ocasionalmente, pude perceber a chegada de algumas pessoas que eram atraídas por esta associação e que, na maior parte das vezes, se afastavam ao perceber a enorme diferença entre os dois movimentos.



em que iam percebendo a dimensão da pesquisa a que eu me propunha realizar, apontavam esta necessidade de um mútuo conhecimento prévio, inclusive para autorizar minha posterior permanência em campo<sup>4</sup>.

Deste modo, em janeiro de 2001, embarquei para uma primeira visita, de uma semana de duração, à comunidade naturista da Colina do Sol. Tinha, então, o triplo objetivo: conseguir a autorização para realizar a pesquisa que, naquele momento, já projetava estar sustentada por um ano de observação participante, para poder acompanhar as mudanças decorrentes das diversas estações do ano, dada a importância do clima, principalmente no Rio Grande do Sul, para a prática do naturismo; realizar algumas observações iniciais e saber se eu conseguiria me adaptar ao convívio entre os naturistas. Este último aspecto era importante, visto que embora eu já tivesse tido na juventude algumas experiências de nudez, em praias desertas onde costumava acampar, nunca havia estado com centenas de pessoas desconhecidas nuas ao mesmo tempo. Foi nesta primeira visita, também, que o que até então era apenas um interesse de pesquisa – o estudo da amizade em comunidades – foi transformando-se em uma questão propriamente dita.

Ali, naqueles primeiros dias de contato com as pessoas da Colina do Sol, comecei a perceber que os discursos sobre amizade, comunidade e corpo se comunicavam de tal forma que seria impraticável me deter sobre um deles sem abordar os outros dois, principalmente no caso de um grupo no qual pouco se pesquisou até hoje<sup>5</sup>. Tenho consciência de que esta decisão implicou em uma redução da minha capacidade de me aprofundar em cada um destes aspectos, e sou profundamente grato aos membros de minha banca de qualificação pelos alertas dados neste sentido. Com o decorrer do trabalho de campo, no entanto, fui tendo cada vez maior convicção de que, mais do que a amizade propriamente dita, a questão que me interessava abordar ali era justamente, a de pensar como a superposição de discursos sobre cada um destes temas (comunidade, corpo e amizade) reforça a construção de uma percepção do naturismo, como um movimento que recupera e reelabora os principais elementos da crítica romântica à modernidade, para a construção de seu estilo particular de vida.

---

<sup>4</sup> Como será desenvolvida no decorrer da tese, a presença de homens solteiros é sempre problemática em áreas naturistas, sendo proibida na maioria das áreas ou aceita, em um número restrito, após conversas entre os responsáveis pela recepção de novos visitantes e o homem que deseja conhecer o naturismo, como no caso da própria Colina do Sol.

<sup>5</sup> Minha pesquisa bibliográfica indicou a existência de uma única dissertação de mestrado defendida no Brasil, na área de Antropologia, onde o naturismo era abordado, a de Souza (1992).

Relendo meu diário de campo, posso dizer que esta decisão só ficou definitivamente nítida para mim após o segundo retorno para o campo<sup>6</sup>. Havia acabado de voltar para a Colina e, tendo começado a leitura de “O Homem Duplicado”, de José Saramago, encontrei na orelha deste livro e no distanciamento de quase um mês fora do campo, a inspiração para elaborar esta questão. Assim, em novembro de 2002, escrevi:

“Sinto que agora tenho realmente uma questão. Trata-se da tensão, como está na orelha do livro de Saramago que estou lendo, entre os ganhos e as perdas da atual modernidade. O naturismo, portanto, seria um entre outros movimentos na busca de restaurar a segurança frente aos riscos da modernidade (ler Beck). Variável, como variáveis são estas tensões em cada naturista em particular, de modo a permitir graus de adesão à prática e, principalmente, a esta filosofia que parecem indicar (e até necessitar) um grau de confiabilidade e permanência que eles apontam como faltando no convívio urbano atual. Em uma comunidade como a Colina do Sol, abre-se a possibilidade tanto de rupturas mais extremas com esta modernidade com a opção de fixar residência ali e adotar um estilo de vida não apenas naturista mas também mais próximo ao ‘naturalismo’<sup>7</sup>, quanto a utilização do naturismo como ‘espaço de fuga’, onde se constrói um contraponto, nos fins de semana, à tensão da vida cotidiana. Delineia-se, desta forma, esta tese como um estudo sobre o naturismo pensado como uma crítica à modernidade e que, ao mesmo tempo, tenta apontar os limites desta crítica, uma vez que entendo o próprio naturismo como sendo fruto desta mesma modernidade. Penso, fundamentalmente, em discutir como isto é expresso tanto nesta idealização da comunidade como “paraíso”, quanto na perspectiva da pureza corporal do naturista (e que passa pela sua integração frente à fragmentação da experiência ‘ultramoderna’ – para usar uma expressão do próprio Saramago) e que tem na amizade um idioma de comunicação destes valores, apontando para um tipo de relação que combina o moderno (a escolha de ser naturista) com o tradicional (a solidez e a obrigatoriedade destas amizades)”.

---

<sup>6</sup> Em maio de 2002 passei um período de cerca de quinze dias no Rio de Janeiro, para a realização de minha qualificação e em outubro do mesmo ano ausentei-me por quase um mês para participar da reunião da ANPOCS, votar no segundo turno das eleições presidenciais e acompanhar o congresso anual da Federação Brasileira de Naturismo, que foi realizado no Recanto Paraíso (Piraí-RJ).

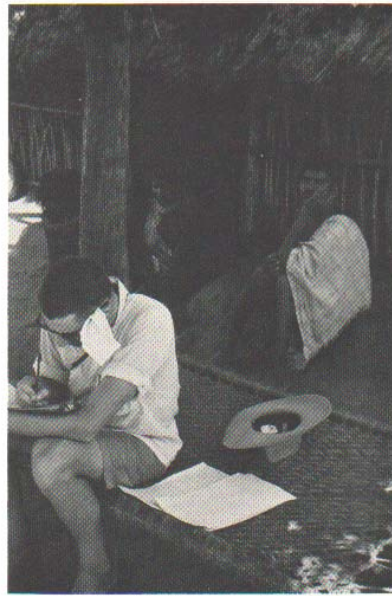
<sup>7</sup> Embora possam constar nos dicionários como sinônimos, o naturalista é visto, no meio naturista, como aquele que adere também a uma alimentação vegetariana e ao não consumo de álcool e cigarros.

### 1.3 “Clássico” mas não “ortodoxo”

Durante praticamente todo o período do meu doutorado, principalmente após a realização da pesquisa de campo, ouvi de colegas e professores, que este havia sido um trabalho de campo “clássico”. Do que consegui compreender, este adjetivo era utilizado como referência ao fato de eu ter vivido durante um ano (com os intervalos descritos na nota seis) na pequena comunidade onde desenvolvi minha pesquisa, com a utilização prioritária da observação participante.

Olhando exclusivamente por este ângulo, tal adjetivo pode ser visto como apropriado. Porém, em muitos aspectos daquilo que Kondo (1990) aponta como espaços onde a teoria e as experiências pessoais do pesquisador se mostram indissociáveis, esta pesquisa esteve longe do que se poderia chamar de “ortodoxia” do trabalho de campo, ou pelo menos do que nos acostumamos a ver nos capítulos dedicados à metodologia nas principais etnografias.

A primeira, e mais imediata diferença com relação a estas etnografias, estava na questão da vestimenta. Em uma área de naturismo, seria impraticável eu desenvolver minhas observações sem participar da nudez coletiva. Assim, se nas fotos de Malinowski entre os trobriandeses, ou na capa de *“Writing Cultures”* (como na foto abaixo, onde vemos Stephen Tyler em trajes “ocidentais” durante seu trabalho de campo), percebemos que os antropólogos deram pouca ou nenhuma atenção às diferenças entre suas roupas e as do grupo no qual pesquisavam, a minha nudez era não apenas uma questão de respeito aos valores naturistas (nisto se aproximando de outros grupos, principalmente religiosos, onde a utilização ou não de certas roupas ou acessórios é vista como sinal de respeito aos locais de culto), mas a condição básica para o desenvolvimento da pesquisa, sem a qual eu não teria acesso a muitos dos principais espaços sociais nos quais os naturistas se reúnem.



Stephen Tyler in the Field. Photography by Martha G. Tyler.



Antropólogo em campo, ajudando a construir a quadra de vôlei.

As consequências desta nudez foram, como será discutido no decorrer desta tese e, principalmente, no capítulo seis, muito além de um constrangimento inicial e de um bronzeado “carioca”, que rendeu muitas brincadeiras e espaços para produtivas conversas em campo, uma vez que ao ficar nu junto com eles, o equilíbrio entre observação e participação foi alterado, no sentido do que Favret-Saada chama de “afectamento”. Estar nu em campo, deste modo, significou ser afetado de uma forma toda particular. Na Colina do Sol, eu não apenas observava a reação das pessoas que chegavam pela primeira vez a uma área de naturismo, ouvia sobre as delícias de se

tomar banho de sol ou caminhar nu pelos bosques ou sobre a “naturalidade” da ausência de ereção. Ali eu pude sentir diretamente sobre o meu corpo e sobre os meus valores cada um destes eventos, “fazendo da participação um instrumento de conhecimento” (1990:5). Esta possibilidade de “experimentar por minha conta pessoal – não aquela da ciência – os efeitos reais desta rede particular de comunicação humana na qual consiste a bruxaria [o naturismo, no meu caso]” (1990:5), teve reflexos não apenas na construção do meu olhar sobre o próprio naturismo, como também nas transformações pessoais que ocorreram, durante e após o período da observação participante. Como Márcio Goldman enfatizou algumas vezes, em um curso sobre trabalho de campo que pude acompanhar, “há que se questionar seriamente a profundidade da pesquisa daqueles que voltam inalterados do campo”. Sendo estas pessoas “alteradas pelo campo” as que irão escrever suas etnografias, estas mudanças que sofremos não podem ser consideradas como irrelevantes para a elaboração de cada um destes textos .

É importante ressaltar, no entanto, que ser afetado pelas experiências de campo, como Favret-Saada afirma, não significa ter acesso a uma forma especial de empatia com o grupo no qual se desenvolve a pesquisa, ou seja, “ocupar tal lugar me afeta, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens, sem entretanto me instruir sobre aqueles dos meus parceiros” (1990:6). Isto também é verdade no que diz respeito às consequências do que foi, certamente, a maior ruptura desta pesquisa com uma concepção “ortodoxa” do trabalho de campo, e que desenvolvo no segundo capítulo desta tese: o meu envolvimento amoroso com uma frequentadora regular desta comunidade.

No capítulo dois, portanto, discuto como este relacionamento significou um posicionamento completamente particular dentro do campo. Ao contrário da maioria dos pesquisadores em seus respectivos locais de pesquisa, eu não era ali apenas um antropólogo desenvolvendo um trabalho, mas passei a ser visto (desde o início, uma vez que conheci Miriam ainda na primeira ida ao campo, em janeiro de 2001) também como “marido” de uma das primeiras pessoas a frequentar regularmente a Colina do Sol, o que afetou radicalmente minha situação em campo. Passei a ter uma cabana, onde residia sozinho durante a semana e com ela nos fins de semana, meu status para o grupo foi alterado de “solteiro” para “casado”, com as consequências que serão aprofundadas posteriormente e tive a possibilidade de ter vivido, e não apenas observado ou ouvido,

uma experiência de “paquera”, a qual é percebida pelos naturistas como diferente da existente entre os “vestidos”, como será discutido no capítulo seis.

Este relacionamento, entre outros fatores, foi possível também por uma grande proximidade entre a minha própria origem social e a de Miriam, bem como com parte significativa do grupo de naturistas da Colina do Sol. O perfil deste grupo, tanto dos moradores quanto dos frequentadores regulares, será apresentado no capítulo três. Para a elaboração deste capítulo, bem como no capítulo quatro onde apresento as bases filosóficas do movimento naturista, a observação participante ficou em segundo plano (embora nunca completamente descartada), tendo sido priorizadas a realização de um censo dos moradores e dos frequentadores e a utilização da vasta quantidade de material produzido pelos próprios naturistas.

Nas últimas décadas tem havido uma crescente preocupação com o posicionamento do pesquisador em relação ao grupo com o qual trabalha e com as consequências da divulgação de seu trabalho para um público mais amplo do que a comunidade acadêmica<sup>8</sup>. O debate envolvendo este tema aborda desde aspectos mais estritamente ligados à ética de pesquisa, quanto os limites para o envolvimento do pesquisador nas demandas do grupo pesquisado.

Fruto de uma histórica associação entre as pesquisas antropológicas e grupos ou populações vistas como “desprovidas de poder ou de representação junto aos centros de decisão”<sup>9</sup>, o debate sobre as relações entre o pesquisador em campo e o grupo pesquisado só recentemente tem se voltado para refletir sobre situações nas quais estes grupos são entendidos como plenamente inseridos nas dinâmicas políticas em suas sociedades, ou mesmo fazendo parte ativa no processo de reprodução de sistemas dos quais o pesquisador pode, inclusive, situar-se em posição de antagonismo.

No caso específico de minha pesquisa, por exemplo, esta podia ser vista, no máximo, como mais um elemento de reforço da credibilidade deste movimento junto a parcelas da opinião pública e de setores governamentais responsáveis pela regulamentação da prática do naturismo, jamais como “porta-voz” ou como “representante” de suas demandas frente à sociedade mais ampla. Extremamente bem

---

<sup>8</sup> Ver, no caso brasileiro, Cardoso (1986), Velho (1998) e Silva (2000), entre outros. No debate acadêmico internacional, ver principalmente o trabalho de Clifford (1998) e a coletânea organizada por Clifford e Marcus (1986).

<sup>9</sup> Zaluar (1986) chama a atenção para os riscos envolvidos nesta construção que, muitas vezes, reforça o ponto de vista do próprio pesquisador sobre poder e participação política.

articuladas, suas lideranças atraíam a atenção da mídia, inclusive internacional, estando regularmente presentes em revistas, programas de rádio ou de televisão, de caráter local ou nacional. Assim, durante o período em que passei em campo, fui convidado, pelas pessoas responsáveis por estes contatos com a mídia, para acompanhá-los na gravação de um programa feito na própria comunidade e para outro, realizado em estúdios em Porto Alegre. Em ambos, a minha presença era apenas um dado a mais, citado pelos naturistas, que demonstrava a seriedade deste movimento, mas nunca a figura central nestes programas. Posso até mesmo dizer que, ter participado destes programas, contribuiu mais para a minha pesquisa do que para a atuação deles na televisão.

Esta capacidade de articulação também se dá a nível nacional, através da Federação Brasileira de Naturismo (FBN) e internacional, tanto através da participação nos congressos da Federação Internacional de Naturismo (IFN) quanto pelo intenso intercâmbio com naturistas de outros países, principalmente dos Estados Unidos, através da presença de duas famílias de americanos, que moram na Colina, e diversos outros estrangeiros (a maioria europeus) que passam períodos de férias nesta comunidade. Este intercâmbio, bem como a preocupação com a preservação da memória do movimento, que existe não apenas entre as lideranças, mas em muitos de seus praticantes, é responsável pela formação de um vasto material de arquivo, que foi fundamental na elaboração de minha tese, graças ao acesso que tive à parte significativa deste material<sup>10</sup>.

Se, no conjunto desta tese, os dados fornecidos por estes arquivos foram importantes, no sentido de fornecer uma base comparativa com o que ia percebendo através da observação participante, no capítulo quatro, onde abordo as origens filosóficas deste movimento, eles foram determinantes. Este material, por exemplo, me permitiu ter acesso a uma importante fala de um dos principais dirigentes do naturismo francês, onde ele explicita a cisão entre uma forma “tradicional” de entender o naturismo e sua forma “renovada”, que em muito contribui para compreender certas divergências existentes entre os naturistas brasileiros e, em particular, da Colina do Sol.

Esta tese pode, então, ser pensada como estando dividida em duas partes. Na primeira parte, em seguida a esta introdução, procuro combinar a discussão sobre a minha própria experiência de envolvimento amoroso em campo com uma abordagem

---

<sup>10</sup> Agradeço particularmente ao Celso Rossi, Marcelo Pacheco, Carina e ao Sr. Carneiro (e aqui utilizo seus nomes verdadeiros) pela inestimável colaboração dada no acesso a este material.

mais teórica do impacto da subjetividade erótica do pesquisador em campo, quando da ocorrência de relacionamentos afetivos com pessoas do grupo pesquisado. Além disso, para situar o leitor nos aspectos mais específicos tanto do movimento naturista quanto das especificidades da Colina do Sol, faço no capítulo três uma apresentação do percurso do naturismo, desde suas origens européias, passando pela implantação e consolidação deste movimento no Brasil, que culmina com a formação desta comunidade. No capítulo quatro, por fim, busco indicar as bases filosóficas deste movimento, procurando indicar, como a minha leitura aponta, os pontos que permitem identificá-lo como sendo um desenvolvimento moderno dos ideais do romantismo.

Na segunda parte, onde aparecem os três capítulos centrais desta tese, abordo as concepções de comunidade, corpo e amizade que caracterizam o movimento naturista e, no caso particular da Colina do Sol, a forma com que as tensões entre os ideais e a vivência concreta deste movimento apontam para as dificuldades de ruptura com os padrões de vida da modernidade. Pensando cada uma destas concepções como discursos que conformam simultaneamente as relações de poder internas à Colina do Sol e as distinções entre os naturistas e os “vestidos”, procurei ao mesmo tempo dar conta da complexidade interna deste grupo, onde a permanente negação das diferenças aponta simultaneamente para o perpétuo reaparecimento destas.

Para atingir este objetivo, a observação participante mostrou-se uma ferramenta decisiva, ao permitir identificar as vozes dissonantes ao projeto de comunidade desenhado pelos fundadores da Colina do Sol. Assim, no capítulo cinco, procuro pensar não se a Colina se adequa a alguma definição pré-estabelecida de comunidade, mas como os diversos grupos no seu interior se percebem como constituindo uma comunidade naturista e se relacionando com o ideal de “paraíso”, que parece caracterizar o modelo comunitário desejado pela filosofia naturista, onde as idéias de harmonia e indiferenciação se destacam.

Já no capítulo seis, como discutido no início desta apresentação, a observação participante realizada adquiriu características do que Favret-Saada chamou de “afectamento” pelo campo. Deste modo, o entendimento da dimensão corporal no naturismo foi feito também em uma perspectiva comparativa, tanto em relação às minhas próprias experiências quanto em relação a outras práticas de nudez. Assim, a possibilidade de ter entrevistado atrizes de teatro gaúchas, sobre a questão da nudez no palco, forneceu dados importantes sobre as diversas dimensões da percepção da relação



entre nudez e vergonha, principalmente a partir dos possíveis “véus” (do “personagem” no caso do teatro, do “olhar” no caso do naturismo, da “ciência” no caso do antropólogo?) que possibilitam, em muitos casos, a nudez.

Por fim, no capítulo sete, procuro pensar como todas estas dimensões são reforçadas na definição de “amizade de infância”, que segundo os naturistas da Colina do Sol seria um tipo de relação “pura, harmoniosa, desinteressada”. Busco, então, neste capítulo, refletir sobre este modelo de amizade, discursivamente apresentado principalmente nos textos e nos eventos onde o ideal naturista é reiterado para, em seguida, pensar sobre como ele se reflete nos relacionamentos amistosos propriamente ditos. Para isto, parto da crítica de Allan às pesquisas sobre amizade que se limitam exclusivamente a registrar, através de entrevistas, o que as pessoas pensam sobre a amizade: “as informações assim coletadas estão interessadas nos estados sentimentais, na significância pessoal da amizade, no nível e tipo de apoio emocional obtido dos amigos, bem como em informações sociográficas básicas sobre coisas como o número de amigos que uma pessoa tem, onde eles vivem e quão freqüentemente eles se vêem (...) gerando informação sobre a ideologia da amizade, antes que sobre o modo como a amizade é atualmente. Em outras palavras, a descrição da amizade proferida em espaços de entrevistas mais formal é provavelmente influenciada pelas noções culturais de como as amizades deveriam ser” (1989:7-8)<sup>11</sup>. Assim, a vivência de um ano entre estes naturistas permitiu confrontar as noções culturais de como as amizades deveriam ser (as “amizades de infância”) com o modo como elas são vividas na prática cotidiana da Colina do Sol, possibilitando ao mesmo tempo perceber padrões que caracterizam a relação de determinados grupos de naturistas no interior desta comunidade e as singularidades das diferenças individuais.

---

<sup>11</sup> Exceto quando explicitado, todas as demais traduções são de minha responsabilidade.

## **CAPÍTULO DOIS**

### **ROMPENDO TABUS:**

Subjetividade erótica no trabalho de campo

## 2.1 Empatia e sexualidade

Todas as informações que recebemos sobre como desenvolver o trabalho de campo, seja no período de graduação ou de pós-graduação, enfatizam a importância de se constituir uma “empatia”<sup>12</sup> com o grupo pesquisado e, principalmente, com os “informantes-chave”. No entanto, é no mínimo curioso, perceber que muito pouco é discutido sobre como construir essa empatia e quais os limites, com exceção de alguns princípios éticos gerais, que esta identificação deve ter. Assim, “esta necessidade misteriosa do trabalho de campo antropológico”, como a definiu Geertz (1989), tanto pode ser estabelecida através de uma fuga em comum com os balineses (o que, para o próprio Geertz, não deveria ser uma receita), quanto ser uma consequência quase imediata da cotidianidade do trabalho de campo, auxiliada por doações regulares de fumo (Malinowski, 1976), de remédios ou de outras necessidades do grupo pesquisado. Podemos atribuir esta lacuna a uma noção longamente repetida na história da Antropologia, encontrada desde as observações sobre o trabalho de campo, feitas por Evans-Pritchard (1978), de que com a exceção de discussões sobre pesquisas já realizadas e alguns conselhos práticos de entrada em campo, a observação participante, dado o seu caráter extremamente subjetivo e a variabilidade de situações concretas de pesquisa, não pode ser ensinada.

Entretanto, quando se trata da questão da sexualidade do antropólogo em campo, este silêncio parece ser muito mais expressivo. Neste aspecto “parece existir um tipo de regra não escrita, não falada e, na maior parte do tempo, não questionada sobre a ética do sexo em campo, que todos os estudantes de Antropologia de algum modo absorvem durante sua educação. Esta regra pode ser sintetizada em duas palavras: *Não faça*” (Kulick, 1995:10).

Foi exatamente esta regra que me tirou o sono por toda uma noite, ainda em minha primeira ida ao campo, quando me vi tensionado entre a atração por uma pessoa desta comunidade, que exatamente nesta noite deixou claro a reciprocidade deste interesse, e um “código de conduta em campo” que, embora nunca explícito como

---

<sup>12</sup> Mesmo Geertz (1994), que critica a empatia como conceito, defende a necessidade de se estabelecer algum grau de relação de proximidade com os sujeitos pesquisados.

Kulick afirma, trata a vida sexual dos antropólogos como um tabu tão rigoroso que, sobre ela, pode-se falar apenas através do humor das anedotas e fofocas dos corredores.

Desta forma, ainda que os reflexos de dois anos de relacionamento afetivo e sexual com Miriam<sup>13</sup> estejam presentes, de forma direta ou indireta, em diversos momentos de minha reflexão sobre o naturismo, o que é um dos motivos principais da necessidade de tornar público um relacionamento privado, creio que é necessário realizar uma discussão mais profunda sobre este tema, questionando os motivos deste silêncio e aprofundando a propalada “reflexividade”, tão em voga nos textos etnográficos mais recentes.

Pretendo, desta forma, contribuir com a superação deste tabu na Antropologia brasileira, seguindo o caminho trilhado por Kulick e Willson em seu livro *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork* (1995). Este capítulo, onde reflito sobre como o ter me tornado namorado de uma pessoa no campo foi um fator importante na constituição do meu olhar sobre o grupo e, de forma particularmente incisiva em ambientes naturistas, na relação que o grupo desenvolveu comigo durante a pesquisa, é um primeiro passo nesta direção.

## 2.2 O Encontro

Havia acabado de montar minha barraca no camping, para a minha primeira visita ao campo, e enquanto esperava o retorno de Vagner, com quem tinha conversado por telefone e que seria o responsável por me apresentar a Colina do Sol, mas que estava ausente no momento, decidi ir conhecer a praia do lago, onde nos dias quentes de verão (e aquele era um dos dias mais quentes do verão de 2001) concentravam-se quase todos os moradores e frequentadores desta comunidade.

Estes primeiros momentos em campo, quando me encontrei em meio a um grupo totalmente desconhecido e, pela primeira vez, estando completamente nu em meio a quase uma centena de outras pessoas completamente nuas, foram particularmente desconfortáveis. Porém, o fato de que a Colina do Sol, como a maioria das áreas naturistas, tem no turismo uma de suas principais atividades, amenizou rapidamente esta

---

<sup>13</sup> De comum acordo com Miriam, mantive seu nome verdadeiro na pesquisa.

sensação. Afinal, como pude constatar na medida em que ia observando as pessoas na praia, eu não era o único “bunda branca”<sup>14</sup> presente e, como os naturistas fazem questão de enfatizar, há sempre um frequentador mais antigo que se encarrega de socializar os recém-chegados (ao mesmo tempo que observa sua conduta e intenção em estar em uma área naturista, principalmente, como ainda era o meu caso, em relação aos homens solteiros).

Assim é que, em pouco tempo, eu já me sentia razoavelmente ambientado para tentar me inserir em uma das rodas de conversa que se faziam na parte mais rasa do lago. Foi em uma destas rodas que conheci Miriam e, embora o tema do grupo rapidamente tivesse se esgotado, conversamos o suficiente, inclusive sobre o meu desejo de pesquisar sobre o naturismo, para que continuássemos o assunto na areia, tomando chimarrão junto com o círculo de pessoas mais próximas a ela e de lá seguíssemos para almoçar, cerca de seis pessoas, juntos. A coincidência de que um de seus irmãos, que também se encontrava na Colina neste fim de semana, fosse a pessoa que uma professora da UFRGS me indicou como contato, por ser sociólogo e frequentador desta comunidade, apenas aumentou o entrosamento que já demonstrávamos ter. Com isso, no dia seguinte já tinha uma referência de onde ficar na praia e, ao mesmo tempo, Miriam, que era uma das frequentadoras mais antigas da Colina, ia me apresentando aos demais membros da comunidade.

Com o término do fim de semana e o retorno da maioria dos visitantes para Porto Alegre e demais cidades vizinhas, dediquei a semana para os contatos com as pessoas que iriam definir a permissão ou não para que eu fizesse a pesquisa e, embora a companhia de Miriam tivesse sido particularmente agradável, não poderia imaginar que qualquer envolvimento mais profundo pudesse ocorrer. Em primeiro lugar, porque eu era um “antropólogo em campo” e, como diversos autores (Kulick; Dubisch; Killick, 1995) já mencionaram, também tinha deduzido, do silêncio imposto sobre este tema, que o comportamento ideal de um pesquisador deve variar do celibato à assexualidade. Além disso, a leitura do material de divulgação produzido pelo movimento naturista, no qual a figura do homem solteiro era majoritariamente associada a de um “predador

---

<sup>14</sup> Embora de forma menos enfática do que no trabalho de Rego (1992) sobre a praia do Pinho, na Colina do Sol também se usa a mudança da cor da bunda, do branco para o bronzeado, passando pelo vermelho, como um indicador da frequência ou não do visitante às áreas naturistas.

sexual”, interessado em visitar as áreas naturistas para satisfazer seus desejos eróticos, me colocava em uma postura compreensivelmente defensiva.

Esta situação começou a alterar-se já na sexta-feira do fim de semana seguinte quando, tendo ido ao restaurante local para jantar e conversar com as pessoas, vejo a chegada de Miriam com uma amiga. Imediatamente fui ao encontro delas e começamos a falar de como havia sido esta semana na Colina, das negociações para obter a autorização, passando depois para temas mais gerais, falando das nossas vidas pessoais, de nossos trabalhos – Miriam é psicóloga e, nesta época, trabalhava no juizado da infância e adolescência – quando percebemos que o restaurante já se encontrava vazio, com a exceção de nós dois, e já passava de uma hora da manhã.

Embora o restaurante não seja longe do camping, ela se ofereceu para me dar uma carona até lá, uma vez que havia chegado direto de Porto Alegre para ir jantar e ainda estava com seu carro ali. Agradei e assim nos encontramos dentro do carro, de madrugada, em uma situação que, em qualquer outra circunstância, teria nos levado a um desfecho diferente do rápido beijo de boa-noite, obrigado pela carona e até amanhã, que a deixou entre frustrada e surpreendida (como vim a saber dois dias depois).

Chego, assim, na noite mal-dormida citada no início deste capítulo, sentindo literalmente a sensação de multiplicidade de “*selves*” descrita por Kondo (1990) me levar a um momento de paralisia entre o desejo de envolvimento que parecia “vir de mim mesmo”, ainda que naquele momento este envolvimento parecesse indicar apenas “ficar”<sup>15</sup> com Miriam, e a manutenção da imagem de um pesquisador em campo que era para mim, até aquele momento, indissociável de um distanciamento radical no que diz respeito a envolvimento sexual.

### 2.3 *Analisando o conflito*

Interrompo, neste momento, a descrição dos aspectos mais pessoais e do contexto no qual meu relacionamento se iniciou, para tentar refletir sobre os motivos que me levaram a esta situação de conflito, quase uma “tensão ‘esquizofrênica’ entre a

---

<sup>15</sup> Dentro da recente produção, na Antropologia, sobre o “ficar”, ver (Rieth, 1996). Embora com diferenças significativas, principalmente no que diz respeito ao envolvimento de relações sexuais, este termo acabou por ser incorporado por outras faixas etárias.

sensualidade do trabalho de campo e as expectativas profissionais da disciplina” (Willson, 1995:256).

No desenvolvimento do trabalho de campo, podemos dizer que “fazemos quase tudo com nossos ‘informantes’: compartilhamos suas vidas, comemos com eles, assistimos seus rituais, tornamo-nos parte de suas famílias, até mesmo seus amigos próximos e, algumas vezes, estabelecemos contatos de longa duração. Ao mesmo tempo, nós o ‘usamos’ para atingir nossos objetivos, escrevemos e falamos em contextos públicos sobre aspectos pessoais e mesmo íntimos de suas vidas, apropriando-nos destas vidas para nossos próprios propósitos profissionais. Pode um relacionamento sexual ser alguma coisa mais íntima, comprometedor ou exploradora do que nossas relações normais com os ‘nativos’?” (Dubisch, 1995:31). Por que, então, é a questão sexual tão encoberta nos relatos, inexistente nas orientações prévias ao trabalho de campo, silenciada nas discussões sobre o comportamento ético do antropólogo, realizadas em nossos congressos<sup>16</sup>? É admissível afirmar que não são todos os envolvimento afetivos que afetam de modo significativo a experiência de campo e que um espaço da preservação da intimidade, principalmente em uma área tão sensível como a sexualidade na formação da identidade “ocidental” (Foucault, 1988), possa ser evocado em certas situações para justificar a sua ausência do texto etnográfico. Estas ressalvas, no entanto, não anulam a constatação de que, mesmo em circunstâncias nas quais a relação entre o antropólogo e uma pessoa do grupo pesquisado tenha sido determinante no desenvolvimento da pesquisa, a reflexividade tão presente em outros temas encontra na sexualidade uma barreira quase intransponível.

Essas questões podem ser abordadas a partir de dois eixos principais. O primeiro deles é a permanência de valores associados à “objetividade científica” e à “distância”

---

<sup>16</sup> Na XXIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em Gramado-RS (2002), houve uma mesa-redonda sobre a questão do código de ética profissional mas, embora eu tenha feito uma questão aos participantes da mesa sobre o tema das relações sexuais em campo, o assunto não foi debatido. Outras referências ao assunto podem ser encontradas no comentário de Roque Laraia que “em 1960, quando comecei a fazer pesquisas em Antropologia Social, existia apenas um código de ética muito simples que poderia ser resumido em três pontos: a) o antropólogo não pode envolver-se sexualmente com os seus informantes (...)” (Laraia, 1993:2). Atualmente, “no Código de Ética, publicado em 1989 pela Associação Brasileira de Antropologia, embora não haja uma menção explícita à questão do envolvimento sexual do antropólogo, está prescrito que as populações estudadas têm o “direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais” (Silva, 2000:86). A apresentação de uma versão deste capítulo, que fiz durante a V Reunião de Antropologia do Mercosul (Florianópolis, 2003), causou estranhamento quanto a possibilidade de um enfoque acadêmico deste tema. No entanto, a análise de Miriam Grossi, debatedora naquele evento, e a posterior citação positiva de Ruben Oliven a este trabalho, em uma mesa-redonda sobre ética, parecem indicar a possibilidade de maior abertura para a discussão da subjetividade erótica do pesquisador em campo, dentro da Antropologia brasileira.

ou “neutralidade” do pesquisador, mesmo após diversas críticas mais ou menos contundentes a estas pretensões realizadas nos últimos anos. O segundo eixo trata da incorporação, de forma muitas vezes descontextualizada, das denúncias sobre o “desequilíbrio de poder” entre antropólogos e a maioria dos grupos por estes estudados, realizadas principalmente pelos “pós-colonialistas”.

#### 2.4 A subjetividade erótica na construção da identidade do pesquisador em campo

O desenvolvimento das técnicas de observação participante trouxe, para a pesquisa antropológica, um conflito. Em sua busca de afirmação como “ciência”, a Antropologia tomou como dados os padrões de objetividade e neutralidade que eram associados às ciências exatas (embora, mesmo entre estas, estes padrões estejam sendo questionados). Ao mesmo tempo, a partir de Malinowski, o antropólogo deveria esforçar-se por um profundo mergulho na vida cotidiana dos povos e grupos pesquisados. Durante muito tempo, a tensão entre esta procura pela “objetividade científica” e os impactos emocionais vividos nas situações de campo, foram supostamente resolvidos por uma crença de que o comportamento “profissional” dos antropólogos em campo seria suficiente para evitar que suas observações fossem “contaminadas” por influências emocionais (Willson, 1995).

Esta crença encontra-se presente na famosa introdução dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1976), onde Malinowski apresenta suas inovações metodológicas. Neste texto, fica explícito que um dos principais problemas dos relatos da maioria dos missionários, comerciantes e outros representantes dos países coloniais em contato com os “nativos” era que “na maioria das vezes, como era de se esperar, eles tinham opiniões distorcidas e preconceituosas ... embora não deixe de ser extremamente repulsivo para uma mente empenhada em obter uma visão científica, objetiva da realidade” (Malinowski, 1976:29).

Neste sentido, é compreensível o abalo que a publicação dos diários pessoais de Malinowski, em 1967, produziu no meio acadêmico. Ao demolir a figura do antropólogo que poderia realizar seu trabalho incólume, frente aos impactos subjetivos da participação em campo, a publicação destes diários inseriu novas perspectivas e novos dilemas para a Antropologia.



A confrontação dos diários de campo com os textos etnográficos de Malinowski parece indicar que a solução por ele encontrada, possivelmente de forma inconsciente, para este dilema foi a partição de seu *self* entre uma figura pública de um pesquisador “sério” e objetivo e uma pessoa privada, atormentada pelas suas paixões e preconceitos. Para Clifford (1998) é justamente esta partição, bem como a procura de “modelar” um “eu” coerente, que permite ler a ambos os textos não como revelações mais ou menos verdadeiras de uma experiência concreta, mas como diferentes “programas de verdade”. A partir deste ponto de vista podemos entender as anotações, em polonês, em seu diário pessoal, como uma tentativa de evitar que as questões científicas pudessem ser contaminadas pelos seus estados subjetivos que, como discute Wengley (1988), eram atravessados por uma luta permanente para manter seu senso de identidade.

Diferentes pesquisadores construíram alternativas para esta ameaça de perda de identidade que, na ótica de Wengley é amplamente generalizada, principalmente entre aqueles que se confrontam, em seus trabalhos de campo, com diferenças particularmente opressivas em relação a seus próprios valores. Entre estas alternativas, podemos notar uma mudança na percepção da sexualidade entre os antropólogos, como elemento primordial de manutenção do *self*, de ameaçadora à “aliada” na medida em que se incorpora a subjetividade e a reflexividade como dados de campo. Esta mudança pode ser melhor compreendida a partir da comparação dos dois trechos abaixo transcritos.

“O antropólogo do sexo masculino, por não se ajustar às categorias nativas de homem e mulher, e portanto não precisando comportar-se como homem em certas circunstâncias, não está submetido às suspeitas, julgamentos e códigos que definem os sexos. Ele realmente está fora destas categorias, pois está fora da vida social do grupo, por mais que procure identificar-se com ela; *é uma pessoa até certo ponto sem sexo.*” (Evans-Pritchard, 1978:308, grifo meu).<sup>17</sup>

“Minha imagem menos feminina, supostamente mais neutra, tinha algum, embora pouco, efeito. Para a população na cidade eu fui sempre uma mulher, e muito jovem para ser sem gênero, como as mulheres velhas eram consideradas.” (Conaway, 1986:60).

---

<sup>17</sup> O que parece demonstrar que Evans-Pritchard parece ter seguido o conselho de Seligman de, em campo, “afastar-se das mulheres”.

O texto de Conaway nos impõe o questionamento de que, se a construção da auto-imagem de uma pessoa “até certo ponto sem sexo” ou “supostamente mais neutra”, pode ser importante para a preservação da identidade pessoal ou “para forjar um forte e sempre presente laço com a cultura da qual o antropólogo veio e para a qual ele irá retornar” (Forge, 1967:224), ela não é garantia de que as pessoas com as quais convivemos em campo nos perceberão desta mesma maneira.

Para construir uma melhor compreensão de como somos vistos, o que considero de significativa importância para entendermos não apenas as nossas limitações, mas toda a produção etnográfica, uma vez que esta se realiza a partir das negociações entre as “nossas” visões sobre o “outro” e as visões destes sobre “nós”, é necessário ir muito além de uma primeira constatação de que nossa posição como antropólogo/antropóloga influencia nossa capacidade de acesso às informações e de análise destas. Como os estudos de gênero já demonstraram exaustivamente, temos que ir além das condicionantes fisiológicas do sexo (embora eles também sejam significativos, principalmente em pesquisas sobre o naturismo) para entendermos que são identidades de gênero que se relacionam em campo e que estas têm, como um de seus componentes fundamentais, a sexualidade.

Incorporar a sexualidade como uma dimensão da construção de nossa identidade em campo não implica, obviamente, transformar o tabu em prescrição. Significa que a impossibilidade/eventualidade/possibilidade de ter envolvimento afetivos/sexuais em campo deve ser considerada, também, a partir de como as questões da sexualidade e do relacionamento *insiders/outsideers* são percebidas pelo próprio grupo com o qual convivemos e que, em muitas situações, podem ser radicalmente diferentes das nossas. Assim, “quando vamos para o campo nós entramos em uma situação onde as normas que governam os relacionamentos entre locais e estrangeiros já estão estabelecidas. Estas normas incluem a conduta sexual” (Killick, 1995:88).

De uma forma bastante esquemática, estas normas podem indicar que um antropólogo<sup>18</sup> deve evitar qualquer relacionamento mais íntimo com aqueles com quem está desenvolvendo a pesquisa, como por exemplo em sociedades nas quais a

---

<sup>18</sup> É sempre importante salientar que estas normas variam significativamente quando se trata de um antropólogo ou de uma antropóloga, bem como, em contextos específicos, quando envolve relacionamentos heterossexuais ou homossexuais.

sexualidade feminina é controlada; podem não apresentar qualquer restrição neste sentido ou podem fazer com que este envolvimento seja não apenas favorável para o desenvolvimento da pesquisa como, em situações-limite, quase necessário para a continuidade do trabalho de campo. Exemplos desta última situação têm surgido dentro da produção etnográfica mais recente (Wade, 1993; Angrosino, 1986; Gearing, 1995), embora ainda seja praticamente inexistente no Brasil, e mostram que “em alguns casos o celibato do antropólogo pode colocar um problema, desde que as pessoas podem não entender porque alguém assumiria voluntariamente esta situação ... ou podem, como Cesara descobriu em seu trabalho na África, olhar uma pessoa sexualmente inativa como doente e propensa a um comportamento errático ou mesmo mau” (Dubisch, 1995:31).

Analisando minha própria experiência de campo posso facilmente perceber que, embora uma opção por permanecer celibatário pudesse ser racionalmente entendida pela maioria das pessoas da comunidade como associada à minha posição de pesquisador, o estabelecimento de uma relação estável, com uma das pessoas frequentava a Colina do Sol desde seu início, alterou positivamente a forma e a rapidez com que a minha presença foi aceita dentro do grupo. Nos ambientes naturistas existe uma hierarquização explícita das pessoas em relação a seu gênero e estado civil (Rego,1992). Nesta hierarquia, o homem solteiro (principalmente o homem solteiro adulto) ocupa a posição sobre a qual recai uma carga de suspeição tal que, em muitas áreas ele sequer é admitido, como por exemplo na maioria dos clubes fechados, tais como o Recanto Paraíso, no Rio de Janeiro. Em outros locais existem cordas ou outros sinais de delimitação entre as áreas familiares (também acessíveis às mulheres solteiras) e as áreas de solteiros, como nas praias do Pinho (SC) e de Tambaba (PB). Apenas em poucos espaços, como a Colina do Sol, os solteiros são aceitos e, mesmo nestes, existe uma maior “seleção” na concessão da permissão para entrada<sup>19</sup>.

Pude sentir este processo de seleção pessoalmente, pois mesmo tendo, desde o início de meus contatos com os representantes desta comunidade, falado dos meus interesses de pesquisa em relação ao naturismo, por diversas vezes fui perguntado se eu iria realmente sozinho. Assim, a autorização formal do Conselho Deliberativo da comunidade, que me foi concedida antes de meu envolvimento com Miriam, garantia

---

<sup>19</sup> Para realizar uma análise comparativa de outras situações nas quais a posição de homem solteiro é vista como “ameaçadora” pelo grupo pesquisado, ver Angrosino (1986) e Turnbull (1986).

“legalidade” à minha presença ali como pesquisador, mas foi a transformação da minha identidade em “dependente” da Miriam, que deu “legitimidade” e tranquilidade para o conjunto dos moradores e frequentadores. Ao me colocar como “dependente”, Miriam não apenas me isentava do pagamento de qualquer tipo de taxa para permanecer no ambiente da Colina do Sol (caso contrário eu teria que ter me associado ao clube para poder realizar a pesquisa), mas principalmente assumia, perante a comunidade, a responsabilidade sobre minha conduta dentro do código de ética local.

Sem dúvida, se nosso relacionamento tivesse se restringido àquele primeiro fim de semana, eu poderia correr o risco de ser confundido com o estereótipo dos homens solteiros que tentam entrar na Colina, na expectativa de “ficar” com alguém. No entanto, durante todo o ano de 2001, permanecemos em contato através de mensagens eletrônicas e telefonemas, além de oportunidades que tivemos de nos encontrar, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre. Desta forma, a continuidade e visibilidade de nossa relação, para a comunidade e para a família de Miriam (dois de seus irmãos frequentam a Colina, sendo um deles sócio e dono de cabana e, por diversas vezes, estando em Porto Alegre, estive na casa de seus pais), transferiram para mim parte da respeitabilidade que ela havia construído ao frequentar a Colina praticamente desde a sua fundação.

Os reflexos desta nova situação em campo foram por demais evidentes: na maior facilidade de conversar e mesmo de frequentar as casas, principalmente com relação às mulheres; na inevitável transformação de Miriam em minha “informante-chave” (como discutirei no final deste capítulo) e em um relativo esmaecimento, entre os naturistas, de minha identificação como antropólogo, principalmente para algumas pessoas mais próximas à Miriam que, até os últimos momentos da minha estada em campo, acreditavam que eu iria radicar-me definitivamente na comunidade. Este relacionamento atravessou, portanto, todo o processo de observação participante, constituindo-se não apenas em uma experiência pessoal maravilhosa, mas também em uma riquíssima fonte de informações.

## 2.5 *Poder e sexo no campo*

Se a negação da sexualidade do pesquisador em campo associada à neutralidade deve ser questionada de forma incisiva, a preocupação com suas manifestações, por estarem atravessadas por desequilíbrios de poder, deve ser considerada de forma mais cuidadosa, ainda que de forma mais contextualizada do que tem sido feita, por envolver questões de ética pessoal e profissional.

Para realizar esta contextualização é necessário reconhecer que, ainda que a Antropologia venha realizando cada vez mais estudos em sociedades próximas aos pesquisadores, ela ainda permanece associada à idéia de pesquisar não apenas a “diferença” mas também a “desigualdade”, pensada na maioria das vezes em relação a grupos “desprovidos” de poder político, acesso a bens e serviços e outros parâmetros que os próprios antropólogos definem como necessários e/ou desejáveis (Cardoso, 1986).

A ênfase em estudos de grupos “desprovidos” tem levado a constituir um modelo de relação “pesquisador”/“pesquisado” na qual os envolvimentos afetivos e/ou sexuais são pensados, a priori, como um exercício de poder dos primeiros sobre os segundos. O que venho tentando discutir neste capítulo é que, embora esta associação entre poder e sexo possa estar presente em certas situações de campo, a análise de relatos de experiências de observação participante, que incluíram relações amorosas, permite desconstruir uma associação rígida entre sexo-poder como estando mais próxima das construções “ocidentais” de sexualidade, que privilegiam o ponto de vista “branco, heterossexual e masculino” (Killick, 1995), do que da realidade de muitos dos grupos e sociedades que pesquisamos. Além disso, a partir da minha própria experiência de campo, discutirei os reflexos de pesquisas realizadas em grupos “próximos” ao pesquisador (não apenas geograficamente, mas de padrões sócio-econômicos) sobre as relações pessoais, inclusive na alteração das relações de poder estabelecidas em campo.

Diversos autores têm chamado a atenção para as formas pelas quais o encontro antropológico (ou, pelo menos, certos encontros antropológicos) reproduz o encontro colonial<sup>20</sup>. Para o que nos interessa aqui, cabe salientar que este encontro foi representado, entre outras formas, tanto através da exotização quanto da erotização deste contato que são “partes intrínsecas de uma visão de mundo imperialista. Perceber

---

<sup>20</sup> Dentro da vasta produção sobre a crítica da Antropologia “colonialista” e dos estudos, em diversas áreas do conhecimento, que se pretendem “pós-colonialistas”, a obra de Said (1990) pode ser vista como uma das referências-chave, inclusive na relação entre exotização e erotização do outro.

o Oriente como um domínio sexual e perceber o Oriente como um domínio a ser colonizado foram aspirações complementares” (Kabbani, 1986:59). É inegável que estas críticas tiveram o mérito de chamar a atenção para um discurso de exploração implícito no olhar, mesmo no olhar científico, do “Ocidente” sobre os outros povos, bem como a associação, explicitada por Kabbani, entre dominação política e sexual. No entanto, creio que a atenção para um potencial exercício de poder, não pode ter como consequência a condenação imediata de qualquer atração sexual em campo como estando associada a uma expressão de exploração colonialista, pois “algumas vezes, considerar algumas pessoas como sendo parceiros sexuais inapropriados é, também, uma reação potencialmente racista e neocolonialista” (Gearing, 1995:203).

Sem dúvida, a desconstrução desta associação imediata entre atração sexual e exercício de dominação, que vem sendo realizada nos últimos anos, deve muito ao rompimento do silêncio sobre a sexualidade em campo, realizado tanto por antropólogas quanto por pesquisadores e pesquisadoras homossexuais. Mesmo quando realizado por mulheres, como salienta Blackwood (1995), a metáfora tradicional da observação participante ainda carrega muito de uma perspectiva masculina e “ocidental” da posse de um campo “virgem” por um pesquisador (“meu” campo, “meu” grupo). A crítica reflexiva dos últimos anos tem começado a questionar os pressupostos desta metáfora e, como citei acima, ela tem se desenvolvido de forma mais expressiva, ainda que não venha se limitando a estes, entre aqueles que não compartilham objetivamente desta posição de dominação (“brancos, heterossexuais e homens”). Assim, experiências como as da própria Blackwood, de relacionamentos lésbicos em campo, quando são explicitadas nos relatos etnográficos, forçam a uma rediscussão da associação imediata da posição do antropólogo como pólo dominante de toda e qualquer relação em campo.

De modo algum, no entanto, estas fragmentações da posição dos antropólogos como “símbolos” de determinadas sociedades, que em certos contextos podem ser pensados como parâmetros de desenvolvimento social para determinados grupos pesquisados, eliminam a necessidade de uma permanente atenção para os aspectos éticos dos relacionamentos construídos em campo. Da mesma forma, a contextualização necessária de cada um destes possíveis relacionamentos não pode deixar de levar em consideração que a sexualidade é percebida, no pensamento “ocidental”, como um dos espaços de maior intimidade e de capacidade de revelação do self, o que reflete de forma incisiva na capacidade de construção do “distanciamento” na pesquisa de campo.

No entanto, dois questionamentos permanecem não respondidos por estas preocupações com as relações de poder e com a “distância”. O primeiro deles, que diz respeito mais diretamente ao trabalho de campo, retorna ao tema da análise de cada situação de campo específica. Assim, diferentes contextos de pesquisa podem implicar em significados também diferenciados que a sexualidade do antropólogo assume em campo, com seus respectivos reflexos no estabelecimento de relações de poder particulares e na capacidade de distanciamento para a realização da pesquisa. O segundo questionamento remete especificamente à produção do texto etnográfico. Aqui não se trata mais de decidir entre a pertinência ou não de viver um relacionamento amoroso em campo, mas de explicitar ou não, nas etnografias produzidas, relacionamentos efetivamente vividos em um contexto de pesquisa. Como já expus no início deste capítulo, não se trata de propor uma reversão radical do “tabu do silêncio” em regra, definindo como obrigatória a exposição de situações que, em certas circunstâncias, diz respeito muito mais à intimidade das pessoas envolvidas do que à situações significativas de campo. Trata-se, isto sim, de retirar, das entrelinhas dos diários de campo não publicados, situações que, muitas vezes, são significativas para a compreensão da inserção do antropólogo e da reelaboração de suas questões a partir das suas vivências em campo.

Neste sentido, as particularidades de minha experiência podem ser vistas como alterando as relações de poder tradicionalmente associadas com a pesquisa de campo. A pouca literatura existente sobre o tema chama a atenção para a ocorrência de alguns relacionamentos de pesquisadores em campo (Wade, 1993; Killick, 1995; Gearing, 1995), cujos parceiros ou parceiras viam no relacionamento com um estrangeiro, principalmente um pesquisador estrangeiro, uma possibilidade de emigração ao final da pesquisa. No meu caso, ao contrário, a estabilidade econômica e social de Miriam, bem como sua longa carreira no judiciário estadual (onde trabalhava) nos conscientizava de que dificilmente nossa relação ultrapassaria o período em que eu estivesse em campo e que, qualquer alteração neste sentido, seria muito mais viável pela minha permanência, ou retorno para Porto Alegre, do que pela mudança de Miriam para o Rio de Janeiro. Assim, seja na situação de campo – onde eu me tornei “dependente” de Miriam e ela virou minha “informante-chave” – seja nos nossos momentos mais pessoais, tanto na própria Colina do Sol quanto em Porto Alegre, mantínhamos o que poderia definir como um “equilíbrio instável” em nossas relações de poder.

## 2.6 Namoro, conversas e informações

“A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacional e extra-ocupacional da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. *Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos*”

(Geertz, 2001:45, grifo meu)

Havia parado a descrição do início de minha relação com Miriam naquela noite de angústias dentro da barraca, para apresentar o caminho teórico que me permitiu refletir sobre estas experiências quando retornei para o Rio de Janeiro. Concluo este capítulo, portanto, com a discussão sobre as consequências de encontrar, mais do que amigos, uma namorada entre as informantes.

Em uma última tentativa de preservar um espaço de neutralidade para a minha pesquisa (apenas frente a situações concretas é que podemos perceber a força destas construções ideológicas como os ideais de neutralidade ou de negação da subjetividade nas pesquisas), havia imaginado que poderia ser possível me relacionar com Miriam unicamente como namorados, tentando esquecer que “tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm que, ao mesmo tempo, formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para nosso moinho analítico” (Geertz, 2001:45). Enfim, entre outras coisas, namorados conversam e normalmente conversam sobre o que vivem, o que fazem, sobre seus trabalhos e cada uma destas conversas com Miriam era um manancial de informações, que apenas um autômato poderia arquivar em registros separados de tudo o que eu ouvia e presenciava em campo.

Sem dúvida, esta duplicidade de papéis propicia um espaço de ambiguidade tanto para antropólogos como Dubisch que, envolvida em períodos diferentes de seu campo, com dois parceiros, questionava se “eles eram informantes ou companheiros? Poderiam ser ambos, sem violar um ou outro destes papéis?” (Dubisch, 1995:39), como para as próprias pessoas com que nos envolvemos em campo, como ocorreu com a



companheira de Blackwood que, “quando eu lhe disse que estava fazendo pesquisa sobre lésbicas na Indonésia, perguntou se eu estava com ela apenas para recolher informações para o meu estudo. Eu disse a ela que não, que não estava envolvida para colher informações mas que eu também ganhava muitas informações por estar envolvida” (1995:68) e, mais frequentemente, para ambos como no caso das tensões na relação de amizade entre uma antropóloga e sua amiga-informante-colaboradora (Hendry, 1992).

Podemos localizar a raiz destas dúvidas nas construções de nossa sociedade sobre o antagonismo entre emoção e razão, onde “ser emocional é falhar em processar informações racionalmente e, desta forma, impedir as possibilidades de ação sensível ou inteligente” (Lutz, 1986:289). Assim, na busca de construir respeitabilidade para os estudos realizados em campo, muitos antropólogos acabam por enfatizar esta oposição, tentando apresentar inclusive características como o gênero e a subjetividade erótica, bem como seus reflexos nas pesquisas, da forma mais “objetiva” possível.

Felizmente, no meu caso particular, estas dúvidas estiveram, na maioria das vezes, mais de meu próprio lado do que de Miriam, que me pareceu sempre muito à vontade em desempenhar o papel de “informante-chave”, inclusive pela sua própria familiaridade com as pesquisas acadêmicas. Assim, nas conversas que fazíamos sobre os meus progressos em campo, ela sempre trazia um comentário, uma sugestão de aspectos a serem mais bem observados, além da sua apreciação do processo de implantação e desenvolvimento da comunidade, já que estava na Colina do Sol praticamente desde a sua inauguração.

Através de Miriam tive, também, acesso a algumas pessoas que, já tendo participado do movimento naturista em geral, e da Colina do Sol em particular, optaram por se retirar ou foram, de maneira explícita ou implícita, afastados da comunidade. Estas pessoas me permitiram conhecer as interpretações daqueles que foram “expulsos do paraíso”, o que contribuiu em muito para a ampliação de minha compreensão sobre este movimento. Também por seu intermédio e de seu irmão, ligado à área de teatro, pude realizar algumas entrevistas com atrizes de teatro que já realizaram peças com nu total, além de ter assistido a uma peça que explora diretamente a questão do corpo nu, que muito contribuíram na obtenção de um outro olhar, diferente do naturismo, sobre o tema da nudez.

Desta forma, como acredito que ocorra em qualquer relação de namoro, pelo menos do modo como eu entendo uma relação de namoro, Miriam foi não apenas uma companheira que transformou o campo, sempre repleto de tensões e momentos de solidão, em um período que será sempre lembrado, também, por suas recordações afetivas. Foi, também, a minha principal informante, pela quantidade e qualidade dos dados que me fornecia e pela singularidade de sua percepção diacrônica dos fatos, que poucas pessoas na comunidade poderiam me fornecer. Foi, por fim, uma colaboradora na pesquisa, com quem discuti interpretações, que leu meus primeiros esboços e que, com seu olhar psicanalítico, possibilitava outras leituras dos acontecimentos que se desenrolavam em campo.

Sem querer deduzir, destas minhas vivências, nenhuma regra de comportamento para pesquisadores em campo, estas experiências permitem, pelo menos, questionar a necessidade de separação entre “informantes” que não podem ser amantes (embora possam ser amigos, como apontava Geertz) e amantes que não devem ser “informantes”. Acredito sinceramente que, embora longe de ser generalizável, o meu caso não foi o único em que cada uma destas identidades – “namorado”; “namorada”; “antropólogo” e “informante” – trouxe elementos importantes não apenas para o nosso relacionamento, não apenas para a minha pesquisa mas para o próprio trabalho de Miriam, como profissional que também lida diretamente com valores e sentimentos das pessoas.

Assim, ao trazer estas tensões da experiência de campo para o texto etnográfico, tenho dois objetivos. Em primeiro lugar, apresentar da forma mais completa possível as condições, objetivas e subjetivas, em que realizei minhas observações. Em segundo lugar, contribuir para a crítica de um tabu pouco questionado em nossa disciplina, possibilitando que futuros pesquisadores possam se relacionar tanto com sua afetividade em campo, o que alguns poucos já o fazem, quanto com os reflexos desta afetividade em seus trabalhos, que até agora têm estado restrito ao que um colega chamou de “seção de fofocas” da Antropologia.

## **CAPÍTULO TRÊS**

### **O NATURISMO E A COLINA DO SOL**

### *3.1 O naturismo internacional*

O naturismo, segundo definição da Federação Internacional de Naturismo (INF), consiste em “um modo de vida em harmonia com a natureza, expressada pela nudez social e caracterizada pelo respeito a si mesmo e a pessoas com outras opiniões e ao meio ambiente”. Assim, embora a nudez permaneça sendo o seu aspecto mais visível socialmente, os naturistas procuram inseri-la no contexto mais amplo de um estilo de vida particular. Traçar, ainda que resumidamente, um histórico do surgimento desta prática e do seu desenvolvimento no Brasil e no mundo, pode contribuir para um melhor entendimento das relações que pretendo estabelecer entre o naturismo, suas origens no movimento romântico do século XVIII e sua consolidação, nos últimos quinze anos, entre segmentos sociais específicos da sociedade brasileira.

Em seus primeiros momentos, o naturismo aparece inserido na corrente dos saberes médicos que buscava uma reaproximação com a natureza como prática terapêutica, principalmente através da perspectiva de que o retorno ao ambiente natural (campos, florestas, montanhas etc.) teria um efeito curativo pela exposição dos pacientes a ares mais sadios do que aqueles encontrados nas grandes cidades. O desnudar-se, neste contexto, possibilitaria um contato pleno entre estes ares e o corpo doente e aparece, de forma mais sistematizada “em 1855, quando o austríaco Arnold Rickli funda, em Viddes, um estabelecimento de curas atmosféricas, no qual a exposição ao ar das florestas pressupõe a nudez dos curandos. A terapia do ar é, para ele, apenas um elemento no seio de um tratamento ‘naturista’ que assenta igualmente em um regime vegetariano equilibrado. Essa concepção médica fica durante muito tempo associada ao desenvolvimento do nudismo. Na Alemanha, Heinrich Puder associa-a, em 1893, aos seus banhos de ar e sol. Na França, Kienné de Mongeot chega ao nudismo em 1920, depois de ter visto seu pai morrer de tuberculose” (Bologne, 1986:401).

De forma mais rápida na Alemanha do que na França, o naturismo vai adquirindo autonomia em relação às práticas médicas (embora tenha permanecido a ênfase nos benefícios desta atividade para a saúde). Na Alemanha, já no início do século XX, encontramos grupos de jovens que organizam passeios nas florestas que incluem

banhos nus em lagos e rios, e a fundação, em 1906, da Aliança Alemã Nudo-Naturismo. Este movimento, fortemente influenciado pelo romantismo germânico, adota idéias nacionalistas e anti-semitas do pré-nazismo e que servirá de base ao que Bologne denomina de “naturismo fascista”, para o distinguir de outras correntes que tentavam desenvolver o naturismo em bases mais próximas ao hedonismo, que associava a nudez com a ideologia eugenista e com o aperfeiçoamento da raça ariana. Esta tendência se expressa, por exemplo, na revista “*Revivre*” (publicada na França ocupada, durante a Segunda Guerra Mundial) que exalta “o grande movimento são, que com o desporto ao ar livre e o naturismo, devolve a juventude à vida limpa e, ao mesmo tempo, a uma consideração mais serena e quase indiferente da nudez” (Laplatte, 1967:116).

Na França, serão os próprios médicos que darão início ao processo de autonomização do naturismo, fundando clubes privados destinados à prática naturista como uma atividade em si mesma e não mais como uma entre outras terapias médicas. Assim, em 1928, Kienné de Mongeot funda um centro nudista em Garambouville e os também médicos André e Gaston Durville, primeiro na ilha de Platais e depois na ilha do Levante (em 1932), dão os primeiros passos para o estabelecimento de uma comunidade naturista permanente, que irá se consolidar posteriormente com a liberação do naturismo em Cap D’Agde, no sul da França, verdadeira cidade naturista que é considerada, por muitos de seus praticantes, como a capital do naturismo internacional.

A partir destas duas vertentes, Alemanha e França, o naturismo vai se propagando e adquirindo maior organização. Em 1948 ocorre, em Londres, um primeiro encontro internacional de maiores proporções e que deu origem, em 1953, à Federação Internacional de Naturismo (INF), que foi uma das maiores responsáveis pelo atual grau de expansão do naturismo. No momento desta pesquisa contam-se dezenas de países com organizações atuantes; diversas publicações regulares sobre o assunto, inclusive um guia internacional que, à semelhança dos guias de turismo, fornece informações básicas sobre as áreas naturistas em todo o mundo e mais de vinte e cinco congressos internacionais, realizados nos países onde esta prática está mais desenvolvida (França, Alemanha, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Espanha, Áustria e Holanda).

### 3.2 *O naturismo no Brasil*

O naturismo, no Brasil, surge logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o aumento do intercâmbio e do turismo com a Europa e os Estados Unidos, onde esta prática estava se consolidando, como vimos acima. No entanto, até o final da década de oitenta, encontramos apenas iniciativas mais ou menos isoladas, que devido às suas próprias dificuldades de organização e à forte oposição de setores consideráveis da sociedade, mostraram-se de curta duração e de pouca capacidade de ampliação de seus praticantes para além daqueles que já haviam tido contato com o naturismo no exterior.

É possível perceber, pela leitura do material histórico existente (uma vez que a maioria destes movimentos procurou fundar alguma revista ou órgão de divulgação), que o desenvolvimento do naturismo no Brasil seguiu um padrão relativamente semelhante ao que encontramos no âmbito internacional.

Assim, uma das primeiras publicações do gênero, chamada justamente “*Saúde e Nudismo*”, enfatiza ao mesmo tempo os aspectos médicos e morais da prática do nudismo<sup>21</sup>, enfatizando que “famílias inteiras procuram os campos de Nudismo para tratamento da saúde e conservação da espécie dentro da rígida moral e dos puros preceitos cristãos” (Saúde e Nudismo, 1952). Esta mesma revista vincula o nudismo com “o fortalecimento da raça, o desenvolvimento do sentimento pátrio e dos princípios religiosos”, uma vez que o movimento naturista busca permanentemente se afirmar como sendo um ambiente moral, no qual as pessoas não necessitam da roupa para interagirem dentro dos padrões socialmente estabelecidos de convivência.

Praticamente nesta mesma época, mas de forma completamente independente, Dora Vivacqua (mais conhecida como Luz del Fuego), funda o Clube Naturalista Brasileiro. A intensa atividade desta que é reconhecida, não apenas pelos próprios naturistas<sup>22</sup>, como a pioneira do naturismo organizado no país, além da sua capacidade de inserção na mídia (facilitada pela profissão de atriz), fizeram com que suas iniciativas tivessem encontrado um pouco mais de eco entre aqueles interessados em desenvolver o naturismo no país. Além disso, a compra da Ilha do Sol, na Baía de Guanabara, embora não tenha tido o mesmo impacto que a Ilha do Levante francesa, possibilitou, pelo menos, a existência de uma referência para os naturistas brasileiros.

---

<sup>21</sup> Até a normatização realizada pela INF, em meados da década de oitenta, os termos nudismo e naturismo eram usados como sinônimos pela maioria de seus praticantes.

<sup>22</sup> A história de Luz del Fuego é contada não apenas pela imprensa da época, mas também através do filme de David Neves, homônimo da atriz.

Entretanto, seu assassinato em 1967, na própria Ilha do Sol, além das dificuldades oriundas do endurecimento do regime militar (Pereira, 2000), fizeram com que o naturismo voltasse a sobreviver apenas através de pequenos grupos, com pouca ou nenhuma expressividade social e que, na sua maioria, praticassem o naturismo no exterior ou nas propriedades particulares de seus participantes.

Esta situação permaneceu inalterada até que as transformações mais gerais da sociedade brasileira, com o processo de redemocratização, atingissem o meio naturista. De acordo com as publicações a que tive acesso (a revista *Naturis* e o livro de Celso Rossi), o ano de 1984 pode ser visto como sendo um ponto de inflexão, que marca o início de um processo de real organização do naturismo no Brasil, a partir da publicação de uma reportagem, em uma revista de grande circulação nacional, sobre a praia do Pinho (SC) como sendo a primeira praia de naturismo tolerado pelas autoridades municipais. Até aquele momento esta praia era, como algumas outras espalhadas pelo litoral brasileiro, “uma praia deserta, somente frequentada por um pequeno grupo de naturistas, que seriam talvez vinte a trinta pessoas, casais com seus filhos e na maioria pessoas que se conheceram ali mesmo, naquele local” (Rossi, 1993:25).

A intervenção da mídia, no entanto, alterou profundamente este isolamento. Saindo do anonimato, o movimento naturista foi obrigado a estruturar-se para defender tanto aquele espaço que haviam conquistado, quanto a própria idéia que seus praticantes tinham do naturismo, frente aos ataques desferidos por setores da sociedade, que viam neste movimento um atentado à moral e à decência e que também foram mobilizados pela repercussão alcançada por aquela reportagem. Além disso, a publicidade em torno da praia do Pinho atraiu não apenas curiosos, interessados em ver principalmente as mulheres nuas, como um grupo cada vez maior de pessoas interessadas em conhecer e praticar o naturismo, que era preciso organizar.

Como consequência de todo este movimento, fundou-se, em 1986, a Associação de Amigos da Praia do Pinho (AAPP), com o objetivo inicial de regulamentar e oficializar o naturismo neste local. Isto foi conseguido após uma série de discussões e alguns enfrentamentos com o poder municipal local e com segmentos da sociedade, alguns interessados no incremento do turismo e outros preocupados com o impacto desta prática sobre os padrões de moralidade. Esta iniciativa se desdobrou com a criação, em 1988, da Federação Brasileira de Naturismo e, em 1991, no lançamento da

revista *Naturis* – órgão de divulgação do movimento naturista no Brasil e que funcionou, com algumas interrupções, até o ano de 2002.

A partir do sucesso obtido nestas primeiras experiências, o naturismo rapidamente começa a se estender para todas as regiões do Brasil. No momento da realização desta pesquisa, a FBN registrava o funcionamento de sete praias oficiais, trinta e uma praias de “nudismo tolerado” (não regulamentadas pelo Código de Ética e não formalmente legalizadas pelo poder público), além de sítios e clubes espalhados por dez estados da federação, além da Colina do Sol, única vila naturista da América do Sul.

### *3.3 A Colina do Sol*

A idéia de formação de uma comunidade naturista no Brasil se encontra presente desde os primeiros passos da organização deste movimento na praia do Pinho. Como irei discutir no capítulo seguinte, a perspectiva de retorno a uma “comunidade natural” – em seu duplo sentido de proximidade com a “natureza” e de padrões de relacionamento “naturais”<sup>23</sup> – pode ser entendida como uma das heranças que o movimento naturista traz de sua origem no romantismo alemão. Neste sentido, a cidade de Cap D’Agde no litoral francês (onde o naturismo é permitido em todo o perímetro urbano), ainda que com suas especificidades, serviu como uma espécie de referência para a possibilidade de ultrapassar a visão do naturismo como sendo apenas um momento de lazer deslocado da vida cotidiana de seus praticantes.

A concretização deste projeto, porém, dependeu em grande medida da persistência e da iniciativa de um casal que, embora atualmente questionado por setores deste movimento, é visto de forma praticamente consensual, como a principal referência de organização do naturismo no Brasil: Celso Rossi e Paula Andreazza. Através do acesso que ambos me facilitaram a seus arquivos pessoais e de várias conversas que mantivemos, durante minha estada na Colina do Sol, pude perceber como a construção desta comunidade foi o coroamento de um longo processo. A primeira iniciativa se deu com a compra do Paraíso da Tartaruga, área vizinha à praia do Pinho, na qual eles

---

<sup>23</sup> No capítulo seguinte, irei problematizar estas noções de “natureza” e de “natural” a partir da multiplicidade de conotações que estes termos adquirem, inclusive dentro do próprio movimento naturista.



residiram durante um breve período e cujo projeto de transformação em uma área naturista auto-sustentável teve que ser abandonado pouco depois (esta área, hoje, abriga a infra-estrutura básica para os associados da AAPP). A segunda tentativa foi interrompida por problemas burocráticos de concessão de uso da área próxima à praia de Pedras Altas, também no litoral catarinense, cujo projeto sequer foi iniciado e que mostrou a Celso e Paula que a utilização de áreas públicas, para a implantação de uma cidade naturista, teria poucas possibilidades de êxito.

Desta forma, eles decidiram alterar sua estratégia e, em 1995, efetivaram a compra de uma antiga fazenda de sessenta hectares no município de Taquara (RS), na qual puderam iniciar a construção de um espaço “onde os naturistas possam viver e trabalhar o ano inteiro, fazendo florescer um novo estilo de vida. Com a possibilidade de morar em locais que ofereçam lazer, oportunidades de trabalho e **comunhão com pessoas imbuídas de ideais semelhantes**” (Naturis, 1996, grifo meu).

Efetivada a compra da área física e negociada com a prefeitura local a autorização para o estabelecimento de uma comunidade naturista no município, ainda faltavam a transformação de suas condições estruturais e a divulgação deste projeto, de forma a atrair não apenas frequentadores, mas futuros moradores que viabilizassem, na prática, o sonho da primeira comunidade naturista do país. O processo pelo qual a “natureza” foi ali “construída” será mais amplamente discutido no próximo capítulo, mas aqui cabe ressaltar que foi preciso um razoável investimento, para dotar a Colina do Sol tanto da infra-estrutura mínima para o estabelecimento dos seus primeiros ocupantes, quanto dos espaços de lazer e de “contato com a natureza” que servissem de atrativo para os adeptos da filosofia naturista. Este investimento só foi possível pela conjugação da criatividade e da determinação de Celso e Paula com o aporte financeiro, seja em termos de investimento direto, seja através das garantias necessárias para empréstimo, oriundo do apoio familiar que eles tiveram nesta iniciativa. Por outro lado, a influência de ambos no movimento naturista nacional, e em alguma medida também internacional<sup>24</sup>, e o controle editorial sobre a revista Naturis (na época o único órgão de divulgação do naturismo no Brasil), possibilitaram uma rápida difusão deste projeto

---

<sup>24</sup> Celso Rossi foi um dos fundadores e primeiro presidente da FBN, quando participou da expansão do naturismo no Brasil, articulando a fundação de associações em vários estados. Ambos (Celso e Paula) também foram os primeiros delegados brasileiros a participar dos congressos da INF, sendo responsáveis pela filiação da FBN a esta entidade internacional e promovendo o intercâmbio de dirigentes de outras federações ao Brasil.

entre o público interessado, fazendo com que rapidamente a Colina do Sol servisse como ponto de referência para os naturistas brasileiros.

Por outro lado, o fato de que todo o processo de consolidação desta área – dos projetos iniciais à sua concretização – tenha sido realizado por este casal, teve consequências que vêm se manifestando praticamente desde seus primeiros momentos. Assim, a Colina do Sol traz a peculiaridade de ser ao mesmo tempo uma pequena comunidade e, como Gláucia (visitante, que passou cerca de quinze dias na Colina) me definiu em um momento de desabafo, também uma sociedade por ações, que tem como acionistas majoritários os próprios Celso e Paula. As consequências desta dualidade para a percepção que os próprios naturistas têm desta experiência comunitária serão aprofundadas no capítulo cinco. Aqui cabe apenas ressaltar que uma das formas de recuperação do capital, por eles investido na construção da Colina, foi pela venda de títulos de sócios para aqueles que desejavam participar deste projeto, mas sempre mantendo o “controle acionário” nas mãos deste casal.

Uma vez que a proposta inicial era a de instituir ali um espaço que servisse, ao mesmo tempo, como residência e local de trabalho para os que desejassem se fixar na comunidade, área de lazer para os naturistas de final de semana e atrativo turístico para os naturistas de outras regiões do Brasil e até do exterior, foi realizada uma hierarquização similar dos títulos de sócio, que passaram a diferenciar direitos e deveres entre os vários tipos de associados. Existem, atualmente, três tipos de títulos, cujas características estão descritas no Manual do Sócio do Clube Naturista Colina do Sol:

- **sócio contribuinte:** pode frequentar as dependências do clube sem pagamento de taxa, inclusive com seus dependentes diretos e tem direito a uma cota anual de convidados que podem visitar o clube, acompanhados pelos sócios, sem qualquer cobrança. Estes sócios pagam um valor pela compra do título e uma mensalidade;

- **sócio prioritário:** além dos direitos dos sócios contribuintes, estes podem adquirir concessões que permitem a construção de residências nas dependências da Colina do Sol; além de poder votar nas eleições para o Conselho Deliberativo e eleger um representante neste Conselho. Pagam um valor mais elevado pela compra do título e a mesma mensalidade que os contribuintes;

- **sócio patrimonial:** além de todos os direitos das categorias anteriores, participam no patrimônio e responsabilidades da comunidade na proporção do número

de títulos patrimoniais que cada um possua (e que são limitados a duzentos títulos, dos quais o casal Celso/Paula possui cerca de 60%); podem votar e serem votados nas eleições do Conselho Deliberativo e nas votações das Assembléias Gerais (órgão máximo de deliberação da comunidade, na qual os votos também são proporcionais ao número de títulos de cada sócio) e têm direito a comprar concessões comerciais. Estes associados não pagam mensalidades (uma vez que são considerados co-proprietários) e o valor do título é calculado a partir da valorização do patrimônio total da comunidade.

Em relação às concessões (residenciais e comerciais) é importante destacar que estas permitem que os naturistas construam suas cabanas e explorem um negócio na Colina, ao mesmo tempo que mantém a propriedade do terreno como patrimônio da comunidade naturista. Além disso, a concessão comercial garante o direito da exclusividade da venda dos produtos ou serviços discriminados na respectiva concessão, o que foi pensado no sentido de impedir a concorrência, que é vista aí como potencial causadora de desarmonia. No entanto, esta determinação tem provocado controvérsia entre moradores e frequentadores, uma vez que estes últimos ocasionalmente reclamam que a falta de concorrência seria uma das causas da falta de qualidade e dos altos preços encontrados em muitos dos produtos encontrados na Colina do Sol.

Além dos tipos de associados listados acima, também podem frequentar a comunidade os dependentes e convidados dos sócios<sup>25</sup> e os visitantes, que pagam uma taxa de portaria por cada dia de permanência. Além das cabanas particulares, sejam as dos moradores, sejam as dos frequentadores mais habituais, estas pessoas podem se alojar nas várias cabanas de aluguel (alguns naturistas têm, além de suas próprias cabanas, outras justamente para esta finalidade, o que proporciona uma fonte de renda complementar), no camping (que tem uma capacidade para cerca de sessenta barracas, embora mais da metade deste espaço seja ocupado por barracas permanentes, algumas com grande infra-estrutura, dos frequentadores mais assíduos), em um albergue (com cerca de vinte quartos) e, em breve, em um hotel que se encontrava, no momento de minha pesquisa de campo, em fase final de construção. A estrutura da Colina do Sol se complementa com um restaurante, uma área comercial com um pequeno mercado e algumas lojas, quadras de esporte (futebol e vôlei de areia, bocha e tênis), um centro de

---

<sup>25</sup> Há um número máximo de convidados que cada sócio pode trazer por ano, isento de taxa de entrada, e discutia-se, quando de minha estada na Colina, a limitação do número de entradas para um mesmo convidado, de forma a estimular que esses se associassem.

convivência com piscina térmica, sauna e uma pequena biblioteca, além de uma praia de lago (tanto a praia quanto o próprio lago foram construídos pelos próprios naturistas).

É neste espaço extremamente arborizado, no topo de uma colina que garante extrema privacidade a seus frequentadores, que convivem moradores, sócios de maior ou menor frequência, turistas naturistas de várias regiões do país e do exterior e muitas pessoas que, curiosas sobre o naturismo, buscam experimentá-lo pela primeira vez. Estas são recepcionadas por uma pessoa do clube que as acompanha aos principais pontos da Colina do Sol, enquanto explica as regras de comportamento que constam do Código de Ética Naturista e que também é dado ao visitante, mas algumas retornam para suas cidades sem terem tido a “coragem”<sup>26</sup> de se desnudarem em público. Por ser uma área que combina um clube e uma comunidade naturistas (recebendo a visita de parentes e amigos, não necessariamente naturistas, dos moradores), o nu completo é obrigatório apenas em algumas partes da Colina (na praia, piscina, quadras de esporte e sauna), o que facilita, pelo que pude conversar com vários destes visitantes de primeira vez, o processo de ir “se despindo aos poucos”, como muitos se expressaram.



**Indicação de obrigatoriedade de nudez total.**

### *3.4 Perfil dos naturistas da Colina do Sol*

---

<sup>26</sup> O termo “coragem” é utilizado, pelo que pude constatar de minhas conversas com os naturistas e da observação de conversas entre eles, tanto pelos naturistas mais experientes quanto pelos que, vindo pela primeira vez, conseguiram se integrar ao ambiente. Embora tenha acompanhado algumas das recepções de pessoas que não permaneceram na Colina, não consegui estabelecer um maior contato com estes para identificar se eles também entendem a sua desistência como motivada pela ausência de “coragem” para ficar sem roupa.

Nos primeiros anos da Colina do Sol o grupo que a frequentava era basicamente formado por moradores do Rio Grande do Sul que, sendo naturistas, se deslocavam para as praias de Santa Catarina (principalmente a praia do Pinho) para praticar o naturismo. Eram, em sua maioria, os pioneiros do naturismo organizado e, segundo diversos relatos, formavam um grupo bastante homogêneo, tanto em sua concepção do naturismo como no aspecto sócio-econômico. Esta percepção pode ser encontrada tanto na revista “*Naturis*”, na qual afirma-se que o naturismo é um “movimento filosófico-ideológico que vem agregando considerável parcela das camadas culturais e sócio-econômicas mais elevadas, no mundo” (Naturis, 1991, nº zero), quanto na entrevista feita com Fernando<sup>27</sup>, onde ele diz que “o naturismo é uma coisa de quem tem um certo padrão de vida. Observando a Colina, por exemplo, pobre não vai à Colina, então o naturismo é de classe média para cima”.

A consolidação da Colina do Sol e o aumento de sua exposição na mídia (nacional e local), principalmente nos últimos três anos, atraíram um número maior de naturistas e estimularam outros a se associarem a este movimento. No entanto, na opinião de alguns críticos, este processo também trouxe para o naturismo pessoas que não compartilhavam dos mesmos ideais, mas que viam no crescimento da comunidade a oportunidade de superar eventuais dificuldades financeiras que estivessem atravessando.

Deste modo o crescimento do número de moradores e frequentadores da Colina do Sol alterou de forma significativa o perfil das pessoas desta comunidade, diminuindo também o grau de homogeneidade, sendo por alguns deles vistos como tendo reflexos na formação de pequenos grupos, onde antes, para estes críticos, havia um todo coeso.

Com o objetivo de ter um quadro geral do perfil sócio-econômico do conjunto de pessoas que compõe atualmente a Colina do Sol, realizei um censo dos moradores e um levantamento parcial<sup>28</sup> dos frequentadores mais regulares. Este quadro me permitiu visualizar algumas semelhanças e diferenças de características entre os dois grupos de naturistas. Além disso também se constituiu em uma forma de retorno desta pesquisa

---

<sup>27</sup> Fernando fez parte do primeiro grupo de frequentadores da Colina do Sol, mas afastou-se nos últimos anos devido ao que ele chamou de “mudança dos valores” da Colina a partir de seu crescimento.

<sup>28</sup> Devido ao estado precário do cadastro de sócios, não pude sequer cogitar em realizar alguma amostragem por gênero ou faixa etária. Assim, optei por realizar um levantamento, o mais extenso possível, entre os que frequentam a Colina de forma mais regular, independentemente do período do ano, formando uma amostra não-aleatória destes frequentadores. Ambos os questionários, do censo e do levantamento, encontram-se no anexo I.

para a comunidade, uma vez que foi o primeiro censo realizado entre eles, tendo o resultado sido solicitado pelo conselho consultivo da Colina do Sol para subsidiar suas próprias análises das futuras ações a serem desenvolvidas.

De forma a poder ressaltar algumas diferenças e, principalmente, devido ao caráter diferenciado dos dois levantamentos (um censo dos moradores e uma amostra não-aleatória de frequentadores), optei por apresentá-los em tabelas separadas. Após a apresentação dos dados, estabeleci algumas comparações entre os dois grupos que me ajudaram a interpretar certos antagonismos que serão discutidos no capítulo cinco.

Para concluir, acrescento que foi a partir de uma primeira análise do censo dos moradores, feita durante o período de campo, que o processo de chegada e saída de moradores mostrou toda a sua dinâmica. Realizei este censo durante um mês e, no final deste período, duas famílias haviam deixado a Colina e outra havia voltado a morar ali. Durante o ano de 2002 quatro novos moradores vieram residir na comunidade, outros que já haviam residido e saído decidiram voltar, alguns frequentadores planejavam comprar uma cabana para estabelecer residência permanente e outros moradores colocavam suas cabanas à venda. Futuras pesquisas poderão definir o quanto esta mobilidade é devida à sua peculiaridade de ser uma área naturista e o quanto é fruto da fase inicial de implantação desta comunidade.

### 3.5 Perfil dos Moradores

#### 1. Idade – Sexo – Estado Civil

IDADE	H	M	TOTAL	CASADOS		SOLTEIROS		SEPARADOS	
				H	M	H	M	H	M
0 a 9	3	3	6	0	0	3	3	0	0
10 a 17	2	1	3	0	0	2	1	0	0
18 a 29	1	3	4	2	3	0	0	0	0
30 a 39	2	4	6	1	1	1	0	0	3
40 a 49	4	5	9	3	3	1	0	0	2
50 a 59	4	2	6	2	1	0	0	2	1
> 60	4	2	6	2	2	1	0	1	0
Total	21	20		10	10	8	4	3	6
Total	41			20		12		9	

2. Escolaridade

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1º Grau	1	3	4
2º Grau	10	8	18
3º Grau	4	4	8
Pós-Graduação	1	0	1

3. Renda Mensal (em salários mínimos)

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
< 5 SM	10	4	14
5 a 10 SM	3	4	7
10 a 20 SM	0	4	4
20 a 50 SM	0	0	0
> 50 SM	2	0	2
Não-declarado	1	3	4

4. Religião<sup>29</sup>

Católicos – 17

Sem religião – 11

Não declarada – 4

Universalistas – 4

Holistas – 2

Anglicano – 1

Evangélico – 1

Luterano – 1

<sup>29</sup> Ao contrário das demais perguntas, que foram todas de caráter fechado tanto entre moradores quanto entre frequentadores, deixei a opção religiosa em aberto, por ter observado, durante a observação participante, a grande diversidade de auto-denominações religiosas entre os naturistas da Colina do Sol.

### 5. Tempo no Naturismo (anos)

TEMPO	
0 a 3	4
3 a 8	14
8 a 15	5
15 a 19	4
Mais de 19	5

Os períodos estabelecidos na tabela ao lado são marcos do naturismo no Brasil:

3 anos – Ampliação da publicidade em escala nacional sobre o naturismo

8 anos – Fundação da Colina do Sol

15 anos – Fundação da FBN

19 anos – Primeira reportagem sobre a praia do Pinho

### 6. Tempo de moradia na Colina do Sol (anos)

TEMPO	
0 a 1	4
1 a 2	7
2 a 4	9
4 a 6	6
6 a 8	6

## 3.6 Perfil dos frequentadores

### 1. Idade – Sexo – Estado Civil

IDADE	H	M	TOTAL	CASADOS		SOLTEIROS		SEPARADOS	
				H	M	H	M	H	M
0 a 9	3	2	5	0	0	3	2	0	0



10 a 17	4	3	7	0	0	4	3	0	0
18 a 29	4	4	8	1	2	3	2	0	0
30 a 39	1	3	4	0	3	1	0	0	0
40 a 49	7	13	20	5	9	1	4	1	0
50 a 59	4	1	5	3	1	0	0	1	0
> 60	5	0	5	4	0	0	0	1	0
Total	28	26	54	13	15	12	11	3	0
Total	54			28		23		3	

## 2. Escolaridade

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1º Grau	2	1	3
2º Grau	6	10	16
3º Grau	8	6	14
Pós-Graduação	3	2	5

## 3. Renda Mensal

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
0 a 5 SM	3	6	9
5 a 10 SM	2	5	7
10 a 20 SM	7	4	11
20 a 50 SM	4	1	5
> 50 SM	0	0	0
Não declarado	3	3	6

## 4. Religião

Católicos – 17	Não declarada – 9	Espíritas – 8
Sem religião – 7	Holistas – 6	Universalistas – 3
Ateus – 2	Budista – 1	Episcopal – 1

## 5. Tempo de Naturismo

TEMPO (ANOS)	
0 – 3	12
3 – 8	16
8 – 15	7
15 – 19	3
Mais de 19	0

### 5. Propriedades na Colina

Cabana – 17

Barraca permanente no camping – 13

Nenhuma – 8

### 3.7 *Análise dos Perfis*

Procurei realizar esta análise a partir de dois eixos. No primeiro, onde enfoco moradores e frequentadores como um todo, apresento algumas das características gerais dos naturistas da Colina do Sol, mesmo aquelas que não serão desenvolvidas no presente trabalho, no sentido de subsidiar futuros pesquisadores que venham a realizar pesquisas sobre este tema. No segundo, realizo algumas comparações entre aspectos dos perfis dos dois grupos que, ao lado das informações obtidas através da observação participante, permitiram construir interpretações sobre alguns antagonismos entre moradores e frequentadores que, embora não perceptíveis ao visitante ocasional, o convívio cotidiano nesta comunidade permitiu acessar.

Algumas características da composição deste grupo são determinadas diretamente pelas normas que regulam a admissão de sócios e de visitantes. Assim, o equilíbrio percebido entre homens e mulheres, bem como a expressiva maioria de pessoas casadas (principalmente se excluirmos as crianças e jovens do total), é resultado do controle exercido sobre a entrada de homens solteiros e da valorização da família nos espaços naturistas. Este ambiente familiar também pode ser pensado como sendo um dos componentes de uma interpretação para o fato de, ao contrário da expectativa de

senso comum<sup>30</sup>, a maioria dos naturistas situar-se na faixa etária superior aos quarenta anos.

Digna de registro, embora fuja dos objetivos desta tese a sua discussão mais aprofundada, é a extrema diversidade de pertencimento religioso entre os naturistas. Mesmo em um país que constrói uma auto-imagem de tolerância religiosa, como é o caso do Brasil, são raros os locais nos quais, em um grupo de noventa e cinco pessoas, podem ser encontradas dez denominações religiosas diferentes, além de ateus e pessoas sem religião específica.

Outros resultados que surgem da análise destas tabelas confirmam o perfil sócio-econômico do naturista da Colina do Sol como majoritariamente oriundo das “camadas médias da sociedade”<sup>31</sup>. Tanto o nível de escolaridade quanto a faixa de renda encontrados (principalmente levando em consideração que se trata de renda individual e que a maioria dos naturistas é casada, aumentando consideravelmente a renda familiar, além do fato de que o custo de vida para os moradores da Colina é significativamente mais baixo do que nas grandes cidades) são dados que sustentam esta afirmação. Além disso, nas conversas com estes e outros frequentadores mais ou menos assíduos, pude constatar a presença de sociólogos, psicólogos, médicos, engenheiros, advogados, militares e até mesmo um diplomata estrangeiro, que reforçam as informações obtidas pelo levantamento realizado.

Por outro lado, é na comparação da escolaridade e faixa de renda entre moradores e frequentadores que observamos a maior diferença entre estes dois grupos, podendo situá-los como estratos diferenciados dentro das “camadas médias”. Enquanto entre os frequentadores encontramos metade dos que responderam ao questionário com o terceiro grau completo e renda individual superior a dez salários-mínimos, no grupo dos moradores este índice recua para 22% em ambos os aspectos. Além disso, o fato de que praticamente a metade dos moradores trabalha na própria Colina e têm sua renda sujeita a sazonalidade da frequência de visitantes (que, devido às características locais, é

---

<sup>30</sup> Em diversos ambientes em que comentava sobre a pesquisa que estava desenvolvendo, da própria Universidade a grupos de amigos e familiares, percebi uma associação entre naturistas e “jovens rebeldes” que, entre tantas outras idéias de senso comum que também me acompanharam no início do trabalho de campo, foram sendo desconstruídas no decorrer de minha estada nesta comunidade.

<sup>31</sup> Os limites do que constituiriam as “camadas médias” são instáveis, principalmente devido ao fato de que, diferentemente da “classe média”, elas não se caracterizam exclusivamente pelo aspecto econômico. Neste sentido, creio ser possível dizer que a enorme maioria dos naturistas da Colina encontra-se entre as “camadas médias-baixas” (mais próximas dos “white-collars, descritos por Velho (1989)) e as “camadas médias intelectualizadas”.

extremamente sensível às variações climáticas – frio e chuva), amplia mais este contraste. Como veremos no capítulo cinco, essa diferença terá seu reflexo na forma como cada grupo se relaciona com a Colina do Sol – como espaço de lazer ou como local de residência e de trabalho – e é um dos componentes de um antagonismo latente que se expressa cada vez que decisões que afetem de forma diferenciada estes dois grupos têm que ser tomadas.

Por fim, as tabelas referentes ao tempo de frequência de áreas naturistas e de residência na Colina confirmam o crescimento deste movimento nos últimos anos, fruto da organização das áreas naturistas e da maior divulgação do naturismo pela mídia. Assim, comparando com os primeiros momentos de implantação desta prática no Brasil, podemos concluir que o naturismo já não depende exclusivamente da iniciativa de alguns pioneiros, tendo se estabelecido de forma definitiva, ainda que em segmentos reduzidos da sociedade.

## **CAPÍTULO QUATRO**

### **A FILOSOFIA DO NATURISMO**

#### *4.1 As Origens Filosóficas do Naturismo*

Quem vai pela primeira vez a uma área naturista, em qualquer parte do país, rapidamente se depara com uma das referências básicas deste movimento. Seja no Recanto **Paraíso** (RJ), no **Paraíso** da Tartaruga (SC), no Mirante do **Paraíso** (SP), no adesivo de um carro na Colina do Sol (RS), que diz: “Eu vivo nu **paraíso**”, ou na declaração de um naturista, em um dos vídeos produzidos por este grupo, de que “a Colina do Sol é algo tão próximo ao que deve ser o Paraíso que talvez, quando a gente morra, nem se note a diferença”, a idéia de que os naturistas reencontraram o caminho para o Éden é quase onipresente. De certa forma, esta associação remete para o próprio texto bíblico, onde podemos ler que uma das primeiras consequências do pecado original, cometido por Adão e Eva, foi a de terem consciência da própria nudez e se envergonharem dela. Assim, a reconciliação com a pureza de seu corpo, expressão recorrente no discurso do naturismo, seria também símbolo de um retorno à Natureza – entendida aqui não apenas como o ambiente natural, mas como obra divina.

A associação entre nudez – natureza e o paraíso, no entanto, tem origens muito mais remotas do que a história do naturismo. Ela se encontra, segundo Holanda (1994), desde os primeiros relatos que os navegadores portugueses fizeram do Brasil, onde a exuberância da natureza e a “inocência das gentes” eram enfatizadas e comparadas à do próprio Adão, tendo marcado profundamente não apenas o imaginário do colonizador mas nossa própria auto-imagem. Ainda que em uma forma um pouco mais secularizada, este mesmo motivo reaparece na formulação do “bom selvagem” (Rousseau, 1993), que

identifica nos indígenas do Novo Mundo os seres mais próximos ao que teria sido o “estado de natureza” original, na qual a nudez seria expressão de um corpo sem vícios físicos ou morais.

Não por acaso, além da já citada associação com Adão e Eva, o movimento naturista irá se referir aos índios como “os primeiros naturistas”. Vivendo nus, em perfeita harmonia com a natureza, a imagem idealizada que parte significativa da “sociedade ocidental” (seja através de manifestações artísticas, políticas ou mesmo de certas leituras antropológicas) construiu da “sociedade indígena”, como contraponto à decadência dos valores do “mundo civilizado”, se encaixa perfeitamente no ideário do naturismo de retorno a uma vida “natural”.



Panfleto de propaganda da Colina - a nudez "pura".

No decorrer desta pesquisa fui percebendo que, sem a compreensão desta origem, seria difícil entender certos aspectos cruciais do naturismo, bem como

distinguí-lo de outros movimentos de crítica aos desenvolvimentos da “razão iluminista”, tais como o movimento *hippie*, com o qual muitas vezes o naturismo é associado. Além disso, identificar as origens filosóficas do naturismo é também um esforço de interpretá-lo em relação com o “ponto de vista nativo”, uma vez que os próprios naturistas são enfáticos em distinguir seu movimento de uma mera atividade de lazer, realçando o caráter de “filosofia de vida” que a prática do naturismo deve adquirir para diferenciar-se do simples nudismo (que é visto, pela quase totalidade dos naturistas, de uma forma negativa e associada à exposição do corpo por mero prazer e/ou exibicionismo).

No entanto, cabe sempre enfatizar que, embora extremamente generalizada (pelo menos no âmbito desta comunidade em particular), a percepção do naturismo como sendo uma filosofia não é nem homogênea, no sentido de igualmente distribuída, nem alicerçada no cotidiano da prática naturista. Na quase totalidade do tempo, os visitantes frequentam a praia do lago, jogam vôlei, preparam churrascos, conversam sobre o trabalho, sobre futebol e a própria vida, e os moradores, além de participarem destas atividades de lazer, principalmente nos fins de semana, trabalham e cuidam de suas cabanas.

Como alcançar, neste ambiente, as concepções filosóficas que sustentam a prática do naturismo? Conforme apresentei no primeiro capítulo desta tese, a alternativa que encontrei para superar este obstáculo foi a de apostar em uma pluralidade de técnicas de trabalho de campo. Assim, os livros, revistas e duas fitas de vídeo produzidas pelos próprios naturistas da Colina do Sol, que me foram gentilmente oferecidos logo que cheguei na comunidade, bem como diversos recortes de jornais, folhetos e anotações pessoais sobre o naturismo, que as pessoas iam me emprestando no decorrer da pesquisa, permitiram o acesso às reflexões mais sistematizadas deste movimento. Através da participação em dois programas de televisão, um realizado na própria Colina e outro em um estúdio em Porto Alegre, além de um debate sobre o tema promovido pelo Partido dos Trabalhadores de Novo Hamburgo (cidade próxima a esta comunidade), pude acompanhar como estas reflexões são apresentadas para um público externo ao ambiente naturista. Realizando algumas entrevistas com moradores, frequentadores e, na parte final da pesquisa, com pessoas que se afastaram ou foram excluídas da Colina do Sol, percebi como estas concepções filosóficas aparecem refletidas na fala daqueles que não estão diretamente envolvidos na sua elaboração. Por



fim, como Malinowski já afirmava em sua famosa “*Introdução aos Argonautas do Pacífico Ocidental*”, a longa permanência em campo aumenta a probabilidade de estarmos presentes em ocasiões nas quais um acontecimento mobiliza, de forma particularmente enfática, os valores centrais de um grupo. O processo de expulsão de Joana, a quem pude acompanhar desde a sua chegada na comunidade, foi um destes momentos nos quais o choque entre as concepções de naturismo já estabelecidas na comunidade e as idéias de um naturismo mais “libertário”, como as defendidas por ela, mostrou de forma mais nítida não apenas os valores hegemônicos do naturismo mas também, pela variedade de ênfases na defesa destes valores, a própria heterogeneidade deste discurso hegemônico.

Joana, 25 anos, havia chegado na Colina em início de janeiro de 2002, convidada por uma amiga que já morava ali. Quando, algum tempo depois de sua expulsão, eu a entrevistei, ela falou que a idéia que fazia da Colina do Sol era desta ser “uma comunidade anarquista, auto-gestionária mesmo, com uma cozinha comunitária, uma horta comunitária e uma produção cultural independente”. Comunidades, como esta imaginada por Joana, existem espalhadas por todo o Brasil (inclusive com encontros nacionais como o ECA – Encontro de Comunidades Alternativas) e, embora possamos identificar uma herança romântica comum com o naturismo, elas são descendentes mais diretas do ideário “hippie” dos anos sessenta, incorporando deste último temas como a liberalidade em relação ao uso de drogas e em relação à moral sexual e à família. Ao constatar a diferença de valores entre sua concepção de comunidade e a realidade da Colina do Sol, Joana optou por tentar transformar esta realidade, atraindo para si a reação da quase totalidade dos naturistas que acabaram por, em maio de 2002, expulsá-la.

Como procurei situar na abertura deste capítulo, a minha interpretação é que este acontecimento explicita não apenas os valores hegemônicos do naturismo como o distingue de outros movimentos contestatórios que, de formas diferenciadas, criticam os valores associados ao racionalismo. Assim, a valorização da natureza não apenas em seu aspecto físico mas em sua acepção de “natureza humana”; a noção de comunidade, também aqui pensada a partir do conceito de “comunidade natural”, como *locus* de expressão de tradições comuns; a perspectiva holista de integração entre razão/espírito e homem/natureza e a valorização do corpo como espaço da sensação e da experimentação da natureza, são alguns dos muitos pontos que permitem situar o

naturismo como um dos desdobramentos do romantismo. Ao mesmo tempo, não apenas o aspecto particular da nudez, mas as características atribuídas a esta, como reveladora de uma pureza da alma e de negação das diferenças (desenvolverei estes aspectos no capítulo seis, quando tratarei da construção do corpo no naturismo) dão ao movimento naturista sua singularidade.

É importante deixar explícito, no entanto, que entendo esta herança romântica do naturismo com uma perspectiva genealógica<sup>32</sup>. Assim, “embora seja crucial conhecer a história de alguma coisa para entender o que ela é, a origem das coisas nunca explica, por si mesma, sua natureza” (Nehamas, 1985:113). Trato neste capítulo, portanto, mais do que de indicar quais são as origens e os precursores do naturismo, de refletir sobre os valores sobre os quais os naturistas construíram seus discursos e, no próprio movimento de constituição deste discurso, as fragmentações causadas pelas disputas de poder em seu interior. É com este objetivo que, na parte final deste capítulo, apresento uma leitura alternativa – que aproximaria o naturismo de um momento no processo civilizatório – dos ideais que sustentam a prática do naturismo. Embora ainda pouco influente entre as lideranças deste movimento no Brasil, esta perspectiva mais “culturalista” do naturismo parece encontrar eco nas críticas de alguns naturistas a certas práticas existentes na maioria das áreas naturistas brasileiras, principalmente em relação à questão da sexualidade, tais como a proibição ou restrição da entrada de homens solteiros e a discriminação em relação ao homossexualismo<sup>33</sup>, que muitas vezes se apresenta ancorada na crença de uma “natureza humana”.

#### 4.2 A “Natureza” no naturismo

Esta crença em uma “natureza humana” está na base da distinção entre naturismo e nudismo, conforme esta é recorrentemente construída pelos naturistas e onde é possível perceber que os próprios nomes utilizados apontam para ênfases

---

<sup>32</sup> Embora a perspectiva genealógica tenha ampliado sua influência nas ciências sociais a partir da obra de Foucault, sua origem filosófica remonta aos trabalhos de Nietzsche, principalmente sua *Genealogia da Moral* (1991).

<sup>33</sup> A Colina do Sol é vista, nacionalmente, como uma área mais liberal em ambos os aspectos. Nos dois eventos nacionais de que participei, a característica da Colina de ser uma área privada, em comparação com as praias que, mesmo legalizadas para a prática do naturismo, permanecem sendo públicas, é vista como possibilitando um controle menos rigoroso de quem poderia praticar o naturismo.

distintas. Deste modo, enquanto o **nudismo** privilegiaria o aspecto da nudez, o **naturismo** reforçaria o duplo vínculo deste movimento com a natureza: tanto uma prática a ser feita prioritariamente em ambientes naturais, quanto enfatizando o nu como estado original do ser humano, portanto como caminho para recuperar sua “essência original”, deturpada pela roupa/cultura. O nudista, neste contexto, torna-se uma categoria de acusação em relação àqueles que vêem a nudez mais como fonte de prazer do que como parte integrante de uma filosofia de vida.

A própria definição do naturismo, como um modo de vida em harmonia com a natureza, pode ser lida a partir desta multiplicidade de significados que o conceito de “natureza” expressa. Segundo Soper, longe de ser um conceito preciso, ele “carrega uma carga simbólica imensamente complexa e contraditória e tem sido representada em uma enorme variedade de modos diferentes” (1995:2). Assim, este conceito tanto pode ser utilizado para designar o “não-humano”, pensando o natural como o não construído, ou em suas leituras mais radicais como o intocado pela atividade humana; como uma totalidade que integraria o ser humano no conjunto da natureza, cuja expressão clássica pode ser encontrada na formulação da “Grande Cadeia dos Seres” ou para diferenciar a “natureza humana” de valores e comportamentos construídos culturalmente<sup>34</sup>.

Ora, o que podemos encontrar entre os naturistas, não apenas entre os seus praticantes mais eventuais, mas também entre aqueles que teorizam sobre seu próprio movimento, é a existência, ainda que em graus diferenciados, destas três concepções de natureza acima expostas como fundamentos para a prática do naturismo.

Uma das qualidades permanentemente reiteradas por todos aqueles que moram, frequentam ou apenas visitam a Colina do Sol é justamente a sensação de “integração com a natureza” que aquele espaço proporciona. Extremamente arborizada, no topo de uma colina que descortina uma ampla paisagem, com suas cabanas construídas de modo a afetar o mínimo possível a idéia de harmonia com o meio-ambiente (que inclui a limitação dos materiais de construção à madeira e pedras), a Colina do Sol é frequentemente entendida, no meio naturista, como referencial do “verdadeiro” naturismo, em contraposição a um naturismo praticado em espaços urbanos (principalmente em clubes e salões alugados para encontros de naturistas). Pude

---

<sup>34</sup> Para um aprofundamento de cada uma destas concepções de natureza, bem como dos seus desdobramentos em correntes ideológicas, ver Soper (1995). Sobre a perspectiva cosmológica da integração homem-natureza, ver Lovejoy (1964).

perceber isto ao notar que, cada vez que alguma notícia sobre um destes encontros (seja realizado no Brasil ou no exterior) suscitava um debate entre os naturistas que frequentam a Colina do Sol, as reações variavam desde uma recusa radical de considerar como prática do naturismo o nu desvinculado do contato com a natureza (que, como vimos anteriormente, seria mais associado ao nudismo), até uma aceitação resignada de que as condições de vida de cada um nem sempre permitem a vivência do naturismo “como ele deve mesmo ser” (como se expressou um dos participantes de uma destas conversas que pude presenciar). Nestes casos, muitas destas pessoas comentavam que “desde que não vire bandalheira” (como o mesmo participante enfatizou o aspecto moral do naturismo), esses encontros poderiam ser um primeiro passo para a pessoa vir a se interessar pelo naturismo, tal como eles o definem.

Na medida em que acompanhava estas conversas, muitas das quais eram realizadas na beira do lago, que é o grande espaço de encontro dos naturistas durante os dias de sol, ia me questionando sobre que concepções de natureza eram construídas por estes discursos. Em um primeiro momento, a noção de natureza que mais parecia se destacar era a de paisagem natural, contraposta ao que é edificado pelo homem. Curiosamente, no entanto, uma parte significativa da “natureza” da Colina do Sol foi “construída” pela ação humana, seja no projeto de reflorestamento do que antes era uma fazenda, seja na já citada construção das cabanas de forma “ecológica” ou, principalmente, pela transformação radical da própria paisagem que emoldurava a maior parte destas conversas. Afinal, como o próprio Celso Rossi afirmou, havia ali “uma única e grave deficiência: não havia lagos, riachos ou vertentes fortes que pudessem vir a abastecer um parque aquático – essencial para um projeto naturista” e a alternativa foi a de, literalmente, construir um lago em uma das partes do terreno mais favoráveis para isso. Assim, pelo que pude observar através das fotos deste período inicial e das conversas que ia mantendo com os que frequentam a Colina desde os primeiros momentos, o “parque aquático” foi sendo cavado na rocha, enquanto a areia que hoje forma a praia foi trazida por caminhões de áreas mais distantes e cobriu uma parte cimentada que evita ou diminui a perda desta areia. Por fim, as pedras extraídas do fundo do terreno ajudaram a criar uma linda cascata, alimentada por uma bomba que permite que o funcionamento desta cascata seja controlado por um interruptor.



**Cascata no lago principal da Colina**

Descartando a alternativa mais simplista de classificar como hipocrisia esta aparente contradição de um discurso que, ao mesmo tempo, critica os que praticam o naturismo “fora da natureza” e exalta a “natureza paradisíaca” artificialmente construída, cabe tentar compreender os diversos contextos nos quais o significado do conceito de “natureza” vai sendo constituído através dos discursos e das práticas dos naturistas da Colina do Sol.

A interpretação que procuro desenvolver neste capítulo, e que servirá de eixo para a análise mais geral que realizo do naturismo nesta tese, é a de que esta oposição natural/artificial é apenas uma das esferas nas quais a oposição natureza-puro-verdadeiro/cultura-impuro-falso se manifesta. Assim, não se trata aqui da falsa dicotomia entre uma natureza intocada e um meio-ambiente alterado pelo homem, para a qual Marx já havia apontado que “a natureza que precede a história humana não existe mais em qualquer lugar, exceto talvez em poucas ilhas de coral australianas, de origem recente” (1978:32). Trata-se, muito mais, da construção de um discurso que irá constituir uma percepção da natureza que abrange tanto um espaço físico, caracterizado mais pela contraposição ao ambiente urbano do que pela ausência ou redução da

intervenção sobre o meio ambiente, quanto um conjunto de valores morais (pureza, bondade, verdade) entendidos como inatos aos seres humanos, mas que seriam corrompidos pela cultura.

Este discurso se encontra repetido em praticamente todos os números da revista *Naturis*. Entretanto, é nos vídeos de divulgação da Colina do Sol, tanto pela possibilidade de junção de som e imagem em movimento quanto por permitir reproduzir, em um único material, a fala de diversos moradores e frequentadores habituais, que o discurso naturista sobre a natureza se apresenta de forma mais contundente.

Nos dois vídeos até agora produzidos (o primeiro aos três anos e o segundo aos seis anos de existência da Colina), as falas e as imagens procuram justamente transmitir a idéia de que as pessoas, as cabanas, as árvores e as paisagens convivem ali em plena harmonia, enquanto nas cidades o homem viveria alienado de sua própria natureza. Um dos momentos em que esta mensagem é enfatizada de forma mais significativa ocorre no primeiro vídeo. Em uma cena, a narradora aparece de terno e gravata, atrás de uma mesa com um cenário de edifícios ao fundo, falando que “devemos nos questionar sobre a vida que levamos, uma vida vivida na tensão do trânsito, correndo atrás de horários impossíveis, do medo da violência, das grades nas janelas ...”. Em seguida, há uma profusão de imagens de crianças nuas brincando, de horizontes com o pôr-do-sol, dos eucaliptos que circundam as cabanas e do lago da Colina do Sol, enquanto a voz da narradora diz que existe uma alternativa a esta vida caótica da cidade e que consiste em “repensar nossa passagem sobre a Terra de quem somos filhos, compostos das mesmas partículas formadoras de todos os seres”, concluindo com a afirmação de que “É incrível que a gente às vezes precisa parar para lembrar que somos também natureza”.

Nesta cena, portanto, se conjugam a noção da integração homem/natureza com a crítica radical da vida nas grandes cidades, onde a consciência desta integração se perderia, perdendo-se também os valores básicos da convivência humana: a pureza; o respeito; a amizade e a bondade. Se esta cena pode ser entendida como uma síntese destas idéias, é também porque elas aparecem de forma fragmentada na quase totalidade dos depoimentos de moradores e frequentadores que participaram destes vídeos:

“O ritmo suicida da vida na cidade só pode conduzir à infelicidade, porque é a própria negação da vida. Aqui na Colina *a pessoa pode viver como ela verdadeiramente é*” (morador, 1º vídeo, grifo meu).

“Na cidade você vive entre o concreto e o asfalto. Aqui você tem as árvores e os amigos fiéis. Aqui se vive muito mais tranquilo” (morador, 1º vídeo).

“A mudança para a Colina foi também uma fuga da violência de Porto Alegre. Lá os nossos filhos não podiam mais nem brincar nas calçadas e aqui eles vivem junto da natureza. Além de tudo, vir para cá uniu muito mais a nossa família, pois temos mais tempo para conversar, para estarmos realmente juntos” (moradora, 1º vídeo).

“Eu não vejo a hora de poder vir morar definitivamente aqui, porque ir embora em cada domingo é uma tristeza e vir para cá, todas as sextas, o momento de maior alegria, porque aqui é que está tudo e todos de quem gostamos” (frequentadora habitual, 2º vídeo).

“Aqui é como uma cidade sem concreto e *onde as pessoas são verdadeiramente amigas*” (morador, 2º vídeo, grifo meu).

Nestes depoimentos pode-se identificar, também, como estes valores vão reforçando a associação entre retorno à origem, autenticidade e verdade, que Taylor (1997) aponta como sendo característico da concepção de pessoa no pensamento romântico. Aqui, então, articulam-se a idéia de um retorno à comunidade “natural” e ao corpo “original” (na dupla metáfora da origem individual – pois “nascemos todos nus” – e coletiva, tanto em sua apreensão mítica de Adão e Eva, quanto na procura de uma identificação com o indígena por eles idealizado), constituindo então a possibilidade de uma vida e de amizades “verdadeiras”.

Entre tantos outros momentos de minha vivência nesta comunidade, um episódio marcou profundamente o quanto estes depoimentos expressam uma profunda convicção dos naturistas nestes valores. Estávamos em final de julho, em uma semana particularmente fria e chuvosa, quando as ruas de terra viram um lamaçal e os fogões a lenha, que todas as cabanas possuem, fazem com que praticamente ninguém saia de casa. Por volta das nove horas da manhã, no entanto, fui surpreendido com a visita da pequena Heloísa, de oito anos de idade, que foi me acordar. Ela não havia ido ao colégio neste dia e sentia-se um pouco sozinha em casa, sem a presença das outras

crianças da Colina e, como sabia que eu tinha jogos em casa, tinha decidido ir brincar comigo. Levantei-me e, enquanto preparava um café da manhã para nós dois, coloquei lenha no fogão para esquentar a casa o que fez com que logo estivéssemos os dois sem roupa. Durante o café, conversamos sobre a escola, sobre o que ela achava de viver na Colina e depois jogamos jogos de tabuleiro, que a Miriam tinha em casa. Ficamos, assim, cerca de duas horas juntos, ambos passando o tempo e eu também conhecendo um pouco mais sobre como as crianças se relacionam com o naturismo e com a vida na Colina, principalmente nestes períodos de inverno nos quais as brincadeiras fora das cabanas são mais reduzidas.

Somente mais tarde, quando estava transcrevendo estas atividades para o meu diário de campo é que fui me dar conta de que, para além de tudo o que ela ia me contando sobre suas impressões da Colina, a própria presença dela em minha cabana era extremamente expressiva, não apenas da relação entre crianças e adultos, mas da profundidade da crença dos naturistas na bondade dos seres humanos, que seria “recuperada” pela prática do naturismo. Fiquei pensando no que vivi durante a manhã – estar sozinho em uma cabana com uma menina de oito anos de idade, ambos nus (dado o calor produzido pelo fogão a lenha), brincando e conversando – e ser esta uma situação encarada de forma absolutamente natural, não somente pela própria Heloísa como por toda a comunidade, que já estava acostumada com a presença das crianças da Colina em suas casas. Sem dúvida, esta experiência me deu outra dimensão sobre a convicção que os moradores da Colina tem de que, entre “verdadeiros naturistas” (e este episódio serviu para consolidar a minha percepção de que eles já me viam, neste momento da pesquisa, como sendo além de antropólogo, também um naturista), não haveria nenhum risco de que o convívio entre crianças e adultos pudesse conter qualquer ameaça de assédio sexual, uma vez que ambos compartilhariam uma “pureza” comum.

Esta experiência também pode ser vista como uma síntese dos principais aspectos que caracterizam a concepção que os naturistas possuem de seu próprio movimento: a valorização da comunidade como recuperação da possibilidade de relacionamentos intensos entre as pessoas, e como retorno a uma vida próxima da natureza, e o corpo nu como metáfora da pureza original, que aproximaria adultos e crianças e que se expressa na afirmação de que, no naturismo, as pessoas viveriam a verdadeira amizade, uma “amizade de infância”. Neste ambiente, então, parece haver a



crença de que, longe das influências negativas da cultura, o ser humano poderia expressar sua “verdadeira” natureza, possibilitando o retorno ao Paraíso do qual foi expulso quando se envergonhou de sua nudez.

#### *4.3 Naturismo: retorno à natureza ou avanço civilizatório?*

Embora ainda seja amplamente majoritária, a concepção de um naturismo como negação da cultura e retorno a uma natureza idílica vem começando a sofrer algumas críticas, principalmente por parte dos seus adeptos mais recentes. A ampliação do número de seus praticantes, que como lamentava um ex-frequentador que pude entrevistar, alterou não apenas a quantidade, mas a qualidade dos naturistas (perdendo, segundo ele, o ambiente de uma grande família), está acarretando o aparecimento de outras perspectivas para este movimento, questionando principalmente o caráter segregacionista do naturismo, que dificultaria sua articulação com outros movimentos sociais.

Dentre estas novas perspectivas, que não se restringem ao naturismo brasileiro, destaco aqui a que foi sistematizada em uma entrevista dada por Michel Caillaud, presidente da Federação Francesa de Naturismo, à revista *Naturis*, não apenas pelo fato de ser o presidente da maior federação de naturismo no mundo, mas por apresentar uma visão alternativa às concepções clássicas do naturismo. Visão esta que, na minha interpretação, tem encontrado ressonância em algumas polêmicas que acompanhei, tanto na própria Colina do Sol quanto em dois encontros nacionais da Federação Brasileira de Naturismo, para os quais fui convidado.

Entendo o texto de Caillaud, do qual reproduzo a seguir os principais trechos, não como uma negação radical das características românticas deste movimento, mas como uma procura de atualizar estes valores originais em um mundo mais complexo, no qual o naturismo deveria se inserir, segundo este representante. Assim, conceitos como o de totalidade e de integração homem/natureza aparecem aqui para sustentar um argumento mais “ecológico” do que “saudosista” em relação à natureza, inserindo o naturismo como um passo adiante no processo civilizatório. No capítulo seis, irei discutir os desdobramentos deste discurso que associa a “tranquilidade” da nudez no naturismo à radicalização do autocontrole das funções corporais (Elias, 1989), mas que

também pode ser entendida como inserido no processo de disciplinarização do corpo (Foucault, 1987,1988).

“Há cerca de um século e até hoje os naturistas têm trabalhado pela proteção da natureza (...). Não se trata, para o naturista, de propor um utópico retorno à Idade de Ouro, à mãe natureza, considerada *a priori* como boa, pois na natureza há o bom e o mau, assim como o belo e o feio.

O Naturismo hoje se constitui como um passo adiante para o homem, também elemento da natureza a proteger, e como um movimento humanista de civilização, uma civilização a criar.

Entre todos os organismos que agem pela proteção do meio ambiente o naturismo explicita a sua especificidade: a conjunção homem/natureza. Não se trata pois de se ter em vista a criação de uma natureza inumana, não mais que a continuação de uma civilização anti-natural, ou criar uma natureza de tal maneira protegida que o homem a ela não possa ter acesso.

O equilíbrio é encontrado no seio de uma totalidade e esta noção de equilíbrio é também uma característica do naturismo.

O naturista não é um ser à parte, ele é como os outros homens. Os naturistas são, antes de mais nada, homens e mulheres sem dúvida “mais humanos”, abertos e tolerantes. Eles permanecem, algumas vezes, sobretudo os mais velhos, um tanto sectários, um pouco conservadores, atitudes que explicam no seio de uma minoria longamente alvo de incompreensão (...).

**O naturismo não é, sem dúvida, uma filosofia geral da existência, mas ele é e deve ser mais que uma simples atividade vinculada ao descanso. O naturismo é um estilo de vida.** Ele pode e deve ser um estilo de vida criador. (Naturis, nº 7, 1996, grifo meu).

Esta idéia de que o naturismo não é propriamente uma filosofia, mas um estilo de vida, parece estar mais sintonizada com o uso que alguns dos naturistas com quem mantive contato fazem da Colina do Sol. Para estes, parece importar muito mais a possibilidade de estarem convivendo nus, desfrutando de um prazer que esta prática lhes proporciona, do que as concepções filosóficas que são transmitidas pela revista Naturis e pela maioria dos que ocupam as posições de liderança deste movimento.

Embora compartilhem da preocupação em preservar os ambientes naturistas de qualquer associação com locais de “sexo livre” (que ainda são muitas vezes associados ao naturismo, na sociedade em geral), estes adeptos do naturismo como “estilo de vida” são, em geral, críticos tanto de um “hiper-moralismo”, que eles percebem ser uma das características centrais das áreas naturistas, quanto de visões mais essencialistas em relação ao comportamento humano.

Um dos aspectos em que estas diferenças se expressam é em relação a certas regras de comportamento. Há praticamente uma unanimidade, pelo menos entre os naturistas da Colina do Sol, sobre a necessidade da existência de um código de ética que oriente os novos adeptos e que estabeleça padrões mínimos para a prática do naturismo. No entanto, a abrangência deste código é, ocasionalmente, questionada. Um trecho de meu diário de campo ilustra um dos aspectos mais discutidos, principalmente entre os naturistas mais jovens.

“Hoje (21/3) passei o fim de tarde aproveitando os últimos momentos de sol no lago e esperando o pôr-do-sol que, ali na Colina do Sol, proporciona espetáculos realmente indescritíveis. Como era um dia de semana, ainda que de verão, a praia do lago estava praticamente deserta; apenas Francisco, que pelo menos uma vez por ano visita a Colina do Sol, estava ali também. Quando ele se aproximou para conversar, pude perceber, mais uma vez, como não apenas os moradores, mas quase todos os naturistas que sabiam de minha pesquisa, se dispunham a colaborar com alguma informação ou comentário, sempre que me encontravam. A curiosidade sobre o que eu pesquisava, sobre quais eram minhas impressões iniciais e em relação a eu já ser ou não um naturista antes do início da pesquisa, bem como a idéia que a maioria compartilhava de que eu já havia me tornado um naturista como eles, fornecia os temas iniciais para estas conversas e eram, na sua maioria, seguidas de um assunto que, na opinião de cada um deles, poderia ajudar a construir a minha visão sobre o naturismo.

No caso desta conversa com Francisco, ele estava particularmente preocupado com o que percebia ser uma contradição que havia na Colina do Sol, bem como nas demais áreas naturistas que ele conhecia. Na sua concepção, o naturismo deveria objetivar a ampliação da liberdade em relação à sociedade em geral e, por diversas vezes, o que ele encontrava era uma rigidez ainda maior do que se percebia nas praias e nos clubes não-naturistas. Logo de saída ele frisou que não estava falando de se poder ter sexo em público, mas que via aquele espetáculo maravilhoso que a natureza nos

proporcionava e sentia saudades da namorada que não havia podido vir e, ao mesmo tempo, também se lembrava de que, caso a namorada estivesse ali, ele teria que se comportar com ela de uma forma muito mais recatada do que em qualquer outro lugar, como se ‘demonstrações de amor’ fossem coisas fora da natureza. De certa forma, ele dizia entender que, submetido a uma constante estigmatização de ser um ambiente promíscuo (em uma leitura bastante similar àquela expressa no texto de Caillaud sobre os “velhos sectários”), o naturismo tivesse que ser um pouco ‘como a esposa de Cícero’ e não apenas ser um lugar saudável, mas parecer um lugar saudável. Mesmo assim, ele lamentava que, neste esforço, acabava-se caindo no extremo oposto de um exagero de proibições.”

Esta conversa aponta, entre outros aspectos interessantes, para a discussão sobre os limites deste autocontrole sobre o corpo e o comportamento nas áreas naturistas. Assim, quais seriam as “demonstrações de amor” que deveriam ser toleradas entre os casais e quais aquelas que deveriam ser restritas aos espaços privados é uma matéria sobre a qual existe muito pouco consenso, para além da proibição do sexo explícito e da ereção entre os homens, que são unanimemente vetados. Desta forma, é sobre aquelas práticas – como carinhos, beijos e abraços – nas quais a definição, entre o que seria ou não “erótico ou libidinoso”, é dada por uma percepção mais subjetiva de intensidade, que as diferenças entre as concepções de naturismo – mais ou menos “moralista” – aparecem de forma mais explícita.

A discussão sobre o homossexualismo no naturismo, por sua vez, parece envolver não apenas a questão da “moralidade” deste movimento, mas a oposição entre natureza e cultura na definição do comportamento humano. No acompanhamento do debate sobre a aceitação ou não da presença de homossexuais em áreas naturistas, estive presente em diferentes situações nas quais estas opiniões eram expressas. Assim, durante meu trabalho de campo, pude observar as reações dos naturistas da Colina do Sol à presença de dois casais homossexuais (um masculino e um feminino) que estiveram na comunidade a convite de dois sócios (um dos homens era irmão de um morador e uma das mulheres amiga de uma moradora). Ambos os casais trabalharam na comunidade durante uma parte do verão de 2002, e o casal de mulheres chegou a projetar fixar residência na Colina do Sol, tendo abandonado esta perspectiva antes mesmo do final do verão. Realizei também uma entrevista com uma destas mulheres, pouco antes de sua partida da Colina, onde além das questões mais gerais do naturismo,

falamos também de como ela percebeu a aceitação de sua homossexualidade nesta comunidade. Este tema também foi discutido nas duas reuniões nacionais de naturistas às quais estive presente, em julho de 2001 e em novembro de 2002. Por fim, através dos *sites* na Internet que divulgam e debatem o naturismo, principalmente através do jornal virtual “Olho Nu”, pude acompanhar um pouco mais deste debate, mesmo após ter retornado de meu período de observação participante. No conjunto de todo este material, no entanto, uma ausência expõe toda a eloquência de um silêncio. Nos vinte e oito números da revista *Naturis* pode ser encontrada uma única referência a este tema, no interior de uma matéria mais ampla sobre os debates do VI CONGRENAT (Congresso Brasileiro de Naturismo, realizado em maio de 2000 na própria Colina do Sol), onde se indica que:

“73% dos participantes entendem que os homossexuais devem ser aceitos, desde que, em público, não troquem carícias ou flertem com pessoas do mesmo sexo.

18% dos participantes acham que não deve ser permitida a entrada de homossexuais.

9% dos participantes são favoráveis a que heterossexuais e homossexuais sejam tratados da mesma forma.”.

Este resultado situa a dificuldade com que o movimento naturista lida com este tema e, assim, pode ser visto como uma das causas do silêncio sobre o homossexualismo em sua principal publicação. Quando conversava com algumas pessoas da Colina do Sol sobre esta questão, ou quando a presença, na comunidade, dos dois casais já referidos suscitava algum debate sobre o tema, percebia melhor o que era a posição majoritária (os 73% registrados no congresso citado acima). Desta forma, ambos os casais pareciam ser aceitos porque, além de terem sido convidados por pessoas de relativo prestígio na comunidade, não apenas “não trocavam carícias ou flertavam com pessoas do mesmo sexo” mas, em público, não demonstravam abertamente sua opção homossexual. Assim, para todos os efeitos, inclusive para os de controle da proporção de homens solteiros na comunidade, eram registrados como dois

homens solteiros (ou duas mulheres) e não como casais e assim eram percebidos pela maioria dos demais frequentadores.

Há que se considerar que, como em muitos outros aspectos, também na questão do homossexualismo a Colina do Sol aparece, no contexto do naturismo brasileiro, como uma das áreas de comportamento mais liberal. Embora eu tenha podido constatar a existência de piadas e comentários preconceituosos por parte de algumas pessoas, quando eles não estavam presentes, a opinião unânime entre estes quatro homossexuais que passaram um período mais prolongado na comunidade, foi a de que o preconceito ali era bem mais reduzido do que “lá fora”, o que foi também explicitado na entrevista que fiz com Fernanda:

“- Você falou da sua situação específica (em uma resposta anterior) de ter uma companheira. Como você sentiu a reação da comunidade a este aspecto da tua presença aqui?

- Olha, eu felizmente não tive nenhuma manifestação de preconceito por parte de nenhum morador, nenhum. Pra mim isso foi bom, muito bom. Todas as pessoas sabem da minha situação e tranquilíssimo, pelo contrário, eu acho que até mais tranquilo ainda, porque não oferece risco e a gente acaba sendo discreta, não senti nenhum tipo de retaliação, foi muito tranquilo”.

Esta situação parece ser bem diferente na enorme maioria das outras áreas naturistas, a partir do que pude perceber nos encontros nacionais que acompanhei. De uma maneira geral, a questão do homossexualismo sequer faz parte do cotidiano destas áreas, uma vez que, sendo proibida a entrada de homens solteiros (na Colina do Sol, embora controlada, a presença de homens solteiros é admitida) e reduzida a presença mesmo de mulheres solteiras, praticamente se elimina a possibilidade da presença de homossexuais, sem a necessidade de se explicitar esta proibição. Assim, é no contexto de um debate específico sobre este tema, como ocorreu nas duas ocasiões destas reuniões nacionais, que certos pontos de vista tornam-se visíveis e frases como as que se seguem podem ser ouvidas:

“Eu não tenho nada contra, mas área naturista é para naturista, eles que se quiserem criem uma área só para eles”;

“O ambiente naturista é um ambiente familiar, como é que você vai explicar para os seus filhos estas coisas?”;

“O naturista é, por definição, uma pessoa que vive em harmonia não apenas com a natureza mas com a sua própria natureza. Como alguém que não aceita sua natureza pode ser um naturista?”

Separei estas três frases, de um conjunto de argumentos e contra-argumentos que apareceram nestes debates, não só pelo seu caráter contundente mas porque me parecem que explicitam três aspectos que procurei salientar, no decorrer deste capítulo, como traços característicos do que percebo ser o pensamento hegemônico no naturismo brasileiro.

A primeira destas características é a intolerância com a diferença, expressa não apenas na sugestão de áreas específicas para cada grupo (“guetos”?), mas também presente na idéia original da fundação da Colina do Sol como uma comunidade “de pessoas com ideais semelhantes”. Uma leitura mais atenta destas afirmações, nas quais transparece a auto-imagem que vários naturistas constroem de si mesmos, permite associar esta intolerância com uma percepção de superioridade, seja social – “noventa por cento da população naturista mundial é composta das camadas culturais e sócio-econômicas mais elevadas” (Naturis, nº1) – seja no âmbito moral – os naturistas são “mais puros”, “mais humanos”, “mais verdadeiros”, “mais amigos” do que as demais pessoas.

A segunda característica reforça o sentimento de moralidade associado à valorização da família. Não por acaso, como já constatava Rego (1992) em sua dissertação de mestrado sobre a praia do Pinho, é a família que ocupa o status mais elevado na hierarquia interna entre os naturistas e, quanto mais “completa” a família (crianças, pais e avós juntos), mais ela é valorizada entre os demais participantes. Ao mesmo tempo, a segunda frase reafirma que a família a ser valorizada é aquela que reproduz o modelo “homem-mulher-filhos”, com pouco ou nenhum espaço para estruturas familiares alternativas.

Por fim, a última das três frases transcritas reafirma uma das características já citadas no início deste capítulo, quando discuti as concepções de natureza presentes na filosofia naturista. A perspectiva defendida pela maioria dos naturistas, de que existe uma “natureza humana”, serve aqui nitidamente como uma forma de acusação de ser “contra a natureza o que se opõe à *ordem natural das coisas*, expressão que realça a combinação do moral e do biológico e, ao mesmo tempo, a existência de uma ordem moral expressa pela lei ou pela norma, e que depende da tradição cultural e não das leis físicas do cosmos” (Rivière, 2001:21). Assim, se é o corpo que expressa esta natureza, a sexualidade “natural” seria aquela que estaria em conformidade com este corpo biológico (sexo) e não a que seria associada a um corpo “culturalmente construído” (gênero).

Desta forma, podemos perceber como a questão da sexualidade – principalmente no que diz respeito ao tema da homossexualidade – permite compreender melhor as tensões existentes na proposta de “indivíduos” socializados na valorização da escolha pessoal, que optam justamente por reforçar os laços de pertencimento, fundando uma comunidade que, segundo Bauman (2003), restringe a liberdade individual em favor dos valores comuns.

Neste sentido, as diferenças entre as duas concepções de naturismo – retorno a um estágio “natural”, entendido como “pré-cultural” ou um avanço no processo civilizatório – devem ser lidas no contexto destas contradições entre a busca de segurança e pertencimento e a manutenção das liberdades individuais. Enquanto a primeira, ao pretender anular a cultura parece anular também o indivíduo, submetido aos padrões de uma “comunidade antiga” (Buber, 1987), a segunda enfatiza a ampliação das possibilidades de escolha, chegando mesmo a sugerir que, ao contrário das praias tradicionais que excluem a opção pela nudez, as praias naturistas não deveriam copiar sua política de separação e incluir nudistas e “vestidos”. Enquanto a primeira vê o corpo nu como metáfora de uma pureza original, o que explica a proibição da ereção pela sua associação com a nudez erótica, a segunda parece estar mais associada com uma “civilização” dos corpos que poderiam, no naturismo, prescindir das próprias roupas (signos da coerção externa) para a manutenção da sociabilidade (garantida por um autocontrole corporal que se estenderia aos órgãos genitais). Por fim teríamos então, duas concepções igualmente distintas sobre as relações que os naturistas estabeleceriam entre si. Na perspectiva tradicional do naturismo, o ambiente naturista, ao propiciar uma



aproximação com a “natureza humana”, permitiria que os sentimentos de bondade, solidariedade e pureza das intenções, aqui entendidos como inatos, prevalecessem, estabelecendo relações de amizade “verdadeiras e desinteressadas” que seriam a base do conceito de “amizade de infância”, que aparece em diversos textos naturistas. Em contrapartida, para outras pessoas, o que ocorre é um processo de aproximação, facilitado por uma identificação prévia entre as pessoas, como comparou Fernanda “é como você estar em um clube em que todos jogam xadrez, você chega lá, gosta de xadrez e já tem uma coisa para quebrar o gelo, pode chegar em qualquer pessoa, chamar para jogar, começar a conversar sobre técnicas, sobre outros jogos e quando vê já está enturmado. Aqui é a mesma coisa, e convenhamos que ficar sem roupa é algo mais impactante, pelo menos na nossa sociedade, do que jogar xadrez, então as pessoas vêm para cá realmente com mais vontade de fazer amigos, mas se a amizade vai mesmo ocorrer ou não, isto depende das afinidades entre as pessoas”.

Nos próximos três capítulos discutirei de forma separada cada um destes três eixos que definem a experiência do naturismo na Colina do Sol: a formação de uma comunidade; a elaboração de uma gramática corporal específica e a construção de relações de amizade próprias ao naturismo. Em cada um destes capítulos, irei combinar uma descrição etnográfica, que julgo importante para situar um tema de pesquisa tão pouco estudado até o momento, com uma análise das tensões entre os ideais da filosofia naturista e sua concretização no cotidiano desta primeira experiência comunitária, situando as diferentes perspectivas de moradores e frequentadores habituais sobre os problemas e as inovações presentes na Colina do Sol.

**CAPÍTULO CINCO**

**A COLINA DO SOL**

**COMO COMUNIDADE**

“Para nós em particular – que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer ‘sim’, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios – a palavra ‘comunidade’ soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (Zygmunt Bauman, 2003)

Na introdução desta tese, quando apresentei os caminhos que me levaram até a definição da Colina do Sol como o local onde iria desenvolver minha pesquisa de doutorado, indiquei que foi mais importante nesta escolha a sua característica de ser uma comunidade do que o fato de ser uma área naturista.

Meu interesse em estudar o tema da comunidade, mais especificamente o das relações de amizade em comunidades, como apresentado nesta introdução, foi muito influenciado pelas conclusões de minha dissertação de mestrado (Rojo, 2001), na qual discuti como os estudantes de Medicina que observei estabeleciam relações de “amizades grupais”. Este foi o ponto de partida para colocar como questão a ser desenvolvida em meu doutorado, os processos de construção das relações de amizade em experiências comunitárias e se, nestes espaços, se manteria esta prioridade dada aos grupos de amigos em relação às amizades duais.

O que pretendo realizar neste capítulo é, a partir do trabalho de campo desenvolvido, identificar quais os elementos presentes neste grupo – moradores e frequentadores habituais da Colina do Sol – que leva a que a maioria deles referencie-se ao termo “comunidade” para caracterizar o espaço e as relações sociais existentes nesta área naturista. Tendo, portanto, como ponto de partida o “ponto de vista nativo” sobre o que é uma comunidade, procurarei desenvolver aqui como ele reforça a necessidade de adotarmos, como tem sido apontado por autores como Morris (1996), Lash (1997) e

Bauman (2003), um conceito de comunidade que seja operacional para compreendermos as novas formações comunitárias, com toda a sua heterogeneidade, e não apenas os grupos “pequenos, auto-suficientes e de fácil percepção da fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’” (Redfield, 1971).

A partir desta reflexão teórica, buscarei caracterizar a Colina do Sol como uma tentativa de compatibilizar a procura por uma comunidade original, fortemente vinculada a um espaço físico e moral que delimita a distância entre “nós” e “eles”, que está em sintonia com as origens românticas deste movimento, com a possibilidade do estabelecimento de uma comunidade centrada no pertencimento comum a uma filosofia.

Esta composição, entretanto, será uma permanente fonte de tensões entre os que vivem na comunidade e os que utilizam a Colina do Sol como uma área de repouso ou como um clube. Estas tensões, por sua vez, muitas vezes não encontram espaços de resolução, tanto pelo discurso de que as relações ali seriam plenamente harmoniosas, quanto por sua singular estrutura de poder que, em última instância, centraliza todas as decisões importantes nas mãos de um único casal.

A administração da Colina do Sol combina a existência de espaços comunitários, onde todos os moradores se reúnem para a discussão dos problemas cotidianos, estruturas representativas, como o Conselho Deliberativo eleito pelo voto dos sócios patrimoniais e prioritários, e uma assembléia que, ao se organizar de forma semelhante às das sociedades por ações, transforma o poder dos “sócios majoritários” em algo semelhante ao “poder moderador”<sup>35</sup>, metáfora utilizada por Fernanda em uma conversa particular.

São estes aspectos que fazem com que a caracterização da Colina do Sol como uma comunidade não seja unânime, mesmo entre os seus moradores. Diferentes pontos de vista sobre o que deve ser uma comunidade, e o que deve ser uma área naturalista, levavam alguns a me dizer que ela caminha para se tornar uma comunidade, outros a que ela foi uma comunidade no início mas que vem se desvirtuando e um terceiro grupo que a define como uma comunidade, com problemas como qualquer iniciativa que implique em uma reorientação do estilo de vida das pessoas, como Mariana acrescentou quando eu pedi que ela se posicionasse em relação a este tema.

---

<sup>35</sup> O Poder Moderador permitia ao Imperador do Brasil vetar todas as leis que não gozassem da aprovação do Imperador, além de permitir a dissolução do Congresso e a convocação de novas eleições e foi estabelecido pela Constituição de 1823.

Desta forma, o que me parece consensual é que, independente de ser ou não uma comunidade, ela não é formada “por pessoas imbuídas de ideais semelhantes” para além do pertencimento comum ao naturismo, como estava no seu projeto original e que era pensado como a base para o estabelecimento das “amizades de infância”, ideal do que deveriam ser as relações entre os naturistas, e sobre as quais irei me deter de forma mais aprofundada no último capítulo desta tese.

Estas diferenças de opiniões são percebidas, pelo menos pelos líderes da comunidade, como potencialmente perigosas para o projeto de um ambiente em perfeita harmonia. Minha interpretação, no entanto, é de que, ao contrário da idealização da Colina do Sol como uma “terra sem males”, é justamente a existência de todas estas tensões, diferenças e conflitos de interesse, que representa um dos aspectos mais positivos deste projeto de construção de um novo modelo de comunidade.

Alguns autores (Morris, 1996; Bauman, 2003) identificam que um dos principais problemas do “ideal comunitário” é que ele carregaria uma “positividade absoluta”, nunca sendo usado de forma desfavorável, o que levaria a que qualquer tentativa de construção de uma comunidade concreta significasse a frustração com a inacessibilidade do paraíso sonhado. Sem dúvida, várias pessoas abandonaram a Colina do Sol também por conta de frustrações como esta, e outros, que ainda permanecem, questionam-se permanentemente se “ainda vale a pena” apostar neste projeto. Entretanto, é inegável que muitas das tensões ali encontradas, embora certamente não todas, refletem a disposição de alguns em permanecer na busca por um equilíbrio entre o ideal de uma “comunidade de amigos”, a manutenção da liberdade individual e as exigências da vida moderna.

É neste sentido que a obra de Simmel mostra toda a sua vitalidade, ao tentar justamente compreender o que ele denomina de “relevância sociológica do conflito”. Ao se negar a entender este fenômeno como puramente negativo, causa de perturbações em um modelo de sociedade que era entendida como estática, unitária e harmônica, Simmel irá indicar que “a contradição e o conflito não apenas precedem esta unidade, mas são operativos em cada momento de sua existência” (1964:15). Assim, para este autor, um grupo que fosse absolutamente harmônico estaria desprovido de uma de suas principais forças de adaptação às transformações da vida real.

Esta compreensão do conflito como inerente a qualquer grupo social, mesmo àquelas sociedades “simples ou primitivas” dos primeiros relatos antropológicos, ou às pequenas comunidades locais, idealizadas pelos primeiros teóricos da comunidade (Tönnies, Redfield) a partir de um “quadro bucólico de uma rousseauniana vida comunitária sem conflitos” (Oliven 1982:22), impõe a necessidade de inseri-lo em nosso quadro teórico.

É indiscutível, no entanto, que se a harmonia perfeita não pode ser encontrada na Colina do Sol (como em nenhum outro lugar fora do mundo dos sonhos), o desejo de construir um outro tipo de sociabilidade acaba por alterar significativamente as relações existentes. Tentar compreender estas relações e as interseções entre estas, a vida comunitária e os valores do naturismo é um dos objetivos desta tese.

### 5.1 A “segurança comunitária” como alternativa à “sociedade do risco”

Embora os conceitos utilizados possam apresentar variações – “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “modernidade reflexiva” – parece haver uma consciência cada vez maior, entre os cientistas sociais, que os antigos conceitos construídos para pensar a sociedade moderna não são mais suficientes para entender as transformações que estão se processando na vida contemporânea. Esta mesma diversidade conceitual parece também indicar que o “quase-consenso”, entre estes cientistas sociais, se limita à constatação destas mudanças, sendo suas consequências para a sociedade, motivo de um polêmico debate.

Neste capítulo procurarei me restringir especificamente, dentre a variedade de temas presentes nestas reflexões, a pensar sobre os impactos do crescimento e fragmentação das grandes cidades nas relações sociais, como sendo um dos componentes presentes na construção da Colina do Sol. Neste sentido, irei partir das idéias de Hobsbawn de que a procura por uma nova inserção comunitária pode ser pensada como a busca do “com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo” (1996:40). Desta forma, a segurança do pertencimento que a comunidade poderia proporcionar pode ser vista como uma alternativa frente ao que Beck definiu como sendo a “sociedade do risco”, onde “o sistema de coordenadas na qual a vida e o pensamento eram fixados na modernidade

industrial – os eixos do gênero, da família e ocupação, a crença na ciência e no progresso – começa a ser abalado e uma nova era de oportunidades e riscos surge: os contornos da sociedade de risco” (1997:15). Ao mesmo tempo, o aumento da violência e a diversidade (de valores, social e étnica, entre outros), presentes na maioria destas grandes metrópoles, têm levado à formação de outros tipos de comunidades mais tipicamente “pós-modernas”: os condomínios fechados, tanto na forma de “enclaves fortificados” no interior das grandes cidades, como os estudados por Caldeira (1997) quanto aqueles construídos a partir da fuga dos grandes centros urbanos, como os existentes na periferia de cidades como Nova York e São Paulo, entre outras.

No entanto, se todas estas referências apontam para uma intensificação do problema do convívio nas grandes cidades, um olhar mais atento para a bibliografia sobre “comunidades” demonstra que esta é uma preocupação que já estava presente em alguns dos “clássicos” das Ciências Sociais. Assim, Durkheim, ao analisar a passagem da “solidariedade orgânica” para a “solidariedade mecânica”, irá apontar como uma de suas causas principais “o crescimento e o adensamento das sociedades, que requerem uma divisão maior do trabalho” (1995:259), com importantes consequências na forma de estruturação da coesão social, dado que a partir advento das grandes cidades, os antigos laços familiares e comunais não seriam mais garantia contra o risco de esfacelamento da sociedade.

Simmel (1987), embora tendo como foco de análise o indivíduo, compartilha das mesmas preocupações de Durkheim em relação aos efeitos da vida nas metrópoles sobre as formas do convívio social. Ainda que Simmel reconheça que a possibilidade do anonimato nas grandes metrópoles favoreceria a ampliação da liberdade individual, ele irá relativizar esta mesma liberdade, que não significaria necessariamente uma sensação confortável, uma vez que ela poderia ser vivida como solidão e um sentimento de estar “perdido na multidão”. Desta forma, podemos ver como a equação “liberdade *versus* segurança” (pensada aqui como a sensação de amparo, dada pela proximidade com “os seus”) já se colocava como uma questão, mesmo no início do século XX.

Se Durkheim e Simmel incluíram estes temas em suas elaborações, foi Tönnies (1963) quem escreveu a obra que permaneceu como um referencial para o debate sobre este processo de transformação das relações sociais a partir do advento das grandes metrópoles. Neste livro, ele apresenta os conceitos de “Comunidade” e “Sociedade” como dois modelos de vida social que historicamente se sucederiam e, nitidamente,

deixa transparecer uma nostalgia com a dissolução das comunidades que, em seu entender, é inevitável. Assim, antecipando Simmel, ele irá questionar a positividade da liberdade encontrada na “Sociedade”, como associada à diminuição da vida familiar na metrópole e a possibilidade de escolha dos indivíduos em decorrência da ruptura com as tradições e os valores coletivos. A consequência principal, que Tönnies faz decorrer destas transformações, é indicar que “a Sociedade lida com a construção artificial de um agregado de seres humanos, que apenas superficialmente lembra uma comunidade. Porém, na Comunidade as pessoas permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que os separam, enquanto na Sociedade elas estão essencialmente separadas a despeito de todos os fatores que as unem” (1963:64-65). Desta forma, a “vida social” torna-se uma mera coexistência de pessoas independentes umas das outras, que se aproximam exclusivamente pelo interesse, e cujas interações se desfazem na medida em que estes interesses estejam satisfeitos, criando uma permanente situação de competição e tensão entre os indivíduos. Ao contrário, a “vida comunitária” estaria baseada nas relações “naturais” da família e da localidade, na ajuda mútua e na prioridade ao coletivo, possibilitando uma atmosfera de colaboração e harmonia entre as pessoas.

Podemos encontrar as influências deste pensamento, tanto de Tönnies quanto de Simmel, nas formulações dos autores da chamada “Escola de Chicago”. Assim, seja na obra de Park (1987) ou nos trabalhos de Wirth (1987), podemos reconhecer “uma posição antiurbana através da qual a cidade é encarada como a fonte de muitos tipos de males sociais e um quadro bucólico de uma rousseauniana vida comunitária sem conflitos” (Oliven, 1982:22). Em todas estas análises, no entanto, combinam-se este olhar crítico, que identifica a cidade como causa<sup>36</sup> de mudanças essencialmente negativas para a vida humana, com a constatação de que a “era das comunidades” está sendo historicamente superada pelo desenvolvimento da urbanização, em um processo considerado como irreversível.

É neste sentido que a obra de Buber (1987) apresenta toda a sua originalidade. Contemporâneo de Simmel, leitor atento de Tönnies, ele irá compartilhar da crítica à impessoalidade das relações existentes na “Sociedade”. No entanto, ao contrário destes,

---

<sup>36</sup> Embora esta abordagem da cidade como “variável independente” (Oliven, 1982) tenha sido abandonada como referencial teórico nas Ciências Sociais, sua influência permanece significativa fora dos âmbitos acadêmicos.



Buber irá questionar a inexorabilidade da perda dos laços comunitários. Para ele, foi exclusivamente uma forma de comunidade, historicamente datada, que se extinguiu, o que não inviabiliza a construção do que ele irá denominar de “Nova Comunidade”. Este tema atravessou os mais de cinquenta anos de sua produção científica, sofrendo as consequentes transformações que duas guerras mundiais e as primeiras análises sobre a experiência dos *kibutz*<sup>37</sup> – compreendidos inicialmente como a possibilidade de concretização desta “nova comunidade” – ocasionaram. No entanto, alguns pontos centrais de sua proposta teórica podem ser identificados, mesmo com os ajustes ocorridos a partir das mudanças da conjuntura social.

Desta forma, ao procurar distinguir-se dos “saudosistas da comunidade” na sua oposição à “Sociedade”, Buber irá procurar apropriar-se da idéia de liberdade individual presente na crítica liberal às “tradições comunitárias” que aprisionariam o indivíduo, em uma busca da síntese perfeita entre liberdade/segurança. Assim, a construção da “nova comunidade” responderia a um anseio por experiências coletivas e não por dependência mútua de seus participantes, correspondendo a uma “livre-escolha” de pertencimento. Ainda mais significativa é a incorporação da diversidade neste projeto, que rompe com as características de “gueto” presentes tanto na idéia tradicional de comunidade, como em muitos dos novos projetos comunitários que pressupõem a exclusão do “outro” (dos quais o nacionalismo xenóforo é uma de suas expressões mais visíveis). Para Buber, “este novo sentido de comunidade não repousa sobre o ‘ter em comum’ (*Gemeinsamkeit*), sobre propriedades objetivas, como costumes, ligação legal ou outra característica da comunidade primitiva, ao contrário este sentido de comunidade pode fundamentar-se sobre um tipo de ‘comunalidade’. Em termos mais claros, não se baseia sobre um ‘estar-com’ estático, mas dinâmico; não sobre homens semelhantes, feitos, formados e ordenados de modo semelhante, mas sim sobre pessoas que, formadas e ordenadas diferentemente, mantêm uma autêntica relação entre si” (1987:87). A “nova comunidade” seria definida, deste modo, como “pós-social” ao incorporar e transformar as heranças da sociedade e não por reproduzir um olhar saudosista sobre um momento em que a comunidade era a representação de “um povo”, de uma coletividade de iguais, onde é a monotonia do mesmo que propicia a sensação de segurança e de pertencimento.

---

<sup>37</sup> Os kibutz foram pequenas comunas, que se pretendiam auto-sustentáveis, estabelecidos no processo de assentamento judaico na Palestina e que, mais tarde, com a criação do Estado de Israel, foram institucionalizados.

Mais recentemente, Morris irá partir da mesma questão proposta por Buber – “são estas opções: uma comunidade coercitiva ou uma coleção de indivíduos isolados as únicas alternativas organizacionais?” (Morris, 1996:225). Em sua tentativa de resolução deste dilema, Morris irá apontar para a existência de uma variabilidade de formas de comunidade, que ele irá agrupar em dois tipos ideais.

O primeiro destes tipos ideais é o que este autor denomina de “comunidade por assentimento”. Sua principal base de sustentação é o compartilhamento de um conjunto de doutrinas e valores que conformam entre seus membros uma “irmandade”. São compostas por pessoas que, através de uma decisão pessoal e voluntária, normalmente fruto de uma retórica de persuasão bem sucedida, optam pelo pertencimento a esta comunidade. Morris chama a atenção para o fato de que, ao contrário do que imaginava Buber, será justamente “este foco sobre o consentimento que torna este modelo de comunidade fanaticamente antipluralista e intolerante aos ‘hereges’” (1996:239), por necessitar de uma permanente confirmação, para si mesmo e para os outros, da manutenção da fidelidade ao grupo.

Por outro lado, no modelo de “comunidade por descendência”, a ênfase situa-se em uma identificação com uma origem comum (a comunidade judaica é apresentada como exemplo pelo autor) normalmente adquirida através do nascimento. Desta forma, as bases doutrinárias, presentes na constituição desta comunidade, poderiam sofrer diferentes interpretações sem que o pertencimento à comunidade fosse questionado.

O problema que percebo com esta interpretação é que, enquanto lidamos com “tipos ideais”, ela parece funcionar de forma extremamente satisfatória. Entretanto, quando nos confrontamos com comunidades realmente existentes, com toda sua variabilidade de modos de estruturação, encontramos tanto “comunidades por assentimento” em diferentes graus de consolidação, onde se misturam novos e antigos adeptos, além dos “descendentes” destes, quanto “comunidades por descendência” que, em virtude de conflitos internos ou externos, exigem uma reafirmação da lealdade do pertencimento (como ocorre com diversas “comunidades nacionais”).

A primeira conclusão que podemos tirar deste debate é que o próprio conceito de comunidade tem se alterado, passando por uma visível ampliação de seus significados. De sua caracterização como: pequena, auto-suficiente e de fácil percepção da fronteira entre “nós” e “eles” (Redfield, 1971), que estava associada ao pertencimento a um

mesmo local, o conceito de comunidade se expandiu, passando a abranger desde toda a população de um país (comunidade nacional), os adeptos de uma mesma religião até os praticantes de um estilo de vida alternativo, como os naturistas. Neste sentido, romper-se-ia com a delimitação espacial da comunidade, aproximando-a do conceito de identidade, a partir da percepção de um “nós” dado pelo compartilhamento de significados e não mais centrado exclusivamente no pertencimento a um território comum (Lash, 1997).

A segunda conclusão é que, apesar das alternativas teóricas propostas, as “comunidades realmente existentes”, como Bauman (2003) as chama, parecem estar cada vez mais enfatizando a procura por segurança, mesmo que em detrimento de parcelas cada vez maiores de liberdade. Como Berman (1986) já percebia há mais de vinte anos, vivemos em um mundo onde “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, em um cotidiano de permanente risco: risco de nossa segurança física, risco de não termos mais emprego, risco de nossa própria qualificação profissional tornar-se obsoleta, risco de sermos incompreendidos por vizinhos cada vez mais diferentes de nós. Em um mundo como este, alternativas que nos prometem segurança, conforto, familiaridade e apoio-mútuo, aparecem como o sonho de uma vida perfeita, mesmo que isso signifique, por outro lado, “isolamento, separação, muros protetores e portões vigiados” (Bauman, 2003:103).



**Muro e grade na entrada da Colina do Sol.**

## 5.2 A Colina do Sol como comunidade

A Colina do Sol, ao se pretender ser uma comunidade e não apenas uma área naturista como tantas outras no país, possui atrativos que remetem também a estes anseios por uma melhor qualidade de vida. Através das declarações de vários moradores, podemos perceber que esta é associada tanto à segurança proporcionada pela vida em um espaço que compartilha muitas das características que, no item anterior, foram associadas às “comunidades fechadas”, quanto à possibilidade de viver mais perto da natureza, longe da poluição e do ritmo intenso das grandes cidades.

João, por exemplo, em uma declaração prestada à revista *Naturis*, conta que “*morava e trabalhava em Porto Alegre, respirando dez mil toneladas de enxofre no trânsito. Aqui o contato imediato com a natureza e a perfeita harmonia com os demais moradores me proporciona uma paz interior ideal para melhor desenvolver minhas potencialidades. Sonho em ver meus filhos crescendo, casando e trabalhando na Colina do Sol, um verdadeiro oásis no deserto de violência, sedentarismo e materialismo da humanidade*”. Já Heitor e Margarida, com quem conversei na época em que eles estavam se mudando para viver na Colina, enfatizaram que ali eles buscavam viver um tipo de sociabilidade que não encontravam mais onde moravam antes, com as pessoas realmente se conhecendo e “onde você pudesse ficar de porta aberta sem se preocupar”. A partir desta afirmação, praticamente toda a conversa com eles enfatizou que, nas grandes cidades, deve-se viver detrás de muros, grades e sair à rua torna-se cada dia mais perigoso.

O que mais me chamou a atenção, nestas declarações bem como em outras semelhantes que ouvi durante o período em campo, foi a ausência de qualquer referência ao naturismo propriamente dito. No caso de João, Heitor e Margarida, todos eram praticantes do naturismo há muito tempo antes de irem residir ali, mas encontrei ausência semelhante mesmo na fala de pessoas que, ao conhecer a Colina pela primeira vez, já expressavam o desejo de passar a integrar esta comunidade. O exemplo de um casal, que havia morado ali por mais de um ano e que hoje apenas visita esporadicamente a Colina do Sol, com quem pude conversar na praia em um fim de semana, mostra como estes desejos muitas vezes se concretizam. Assim, eles me contaram que tinham ouvido falar da Colina através de reportagens e que isso havia despertado a curiosidade deles, o que os fez decidir por visitar o lugar. Segundo os

mesmos, uma semana depois desta visita eles estavam retornando para a Colina do Sol já com o objetivo de procurar possibilidades de trabalho e, menos de um mês depois, ocupavam uma cabana. Quando perguntei o que havia levado a uma decisão tão rápida, eles enfatizaram os mesmos aspectos presentes nas falas de João, Heitor e Margarida: tranquilidade, segurança, ar puro e, em nenhum momento citaram a possibilidade de praticar o naturismo vinte e quatro horas por dia como um fator determinante.

Isto não significa que a questão do naturismo seja irrelevante para eles. Embora existam algumas poucas pessoas que vivam na comunidade e que não são praticantes do naturismo<sup>38</sup>, a quase totalidade dos moradores demonstra uma ampla identificação com esta filosofia de vida e, como veremos adiante, em situações de conflito o fato de que algumas pessoas nunca ou quase nunca estão nuas é acionado como um elemento de acusação. O que quero salientar aqui é que a opção pelo naturismo não é suficiente, muitas vezes sequer determinante, para a escolha de viver em uma comunidade naturista. Se levarmos em consideração a existência de cerca de cinquenta moradores e mais de duzentos associados, fora os frequentadores ocasionais, percebemos que a maioria dos naturistas permanece fazendo do naturismo uma prática de fim de semana. Ainda que alguns destes frequentadores recorrentemente apontem para um futuro em que possam vir a viver definitivamente na Colina do Sol, muitos outros recusam abertamente tal perspectiva.

Esta característica não é exclusiva da Colina do Sol ou mesmo do naturismo. Em sua pesquisa sobre religiões milenaristas, Mello (2002) encontrou uma pequena comunidade no interior de Goiás, para onde algumas pessoas também se dirigiram mais em função da possibilidade de viver em comunidade do que devido à adesão aos princípios religiosos do grupo. Ao mesmo tempo, pessoas que se identificam como membros deste grupo permanecem vivendo em diversas grandes cidades do país, onde funcionam suas sedes que permitem permanecerem em contato com a comunidade principal em Goiás.

De forma bastante semelhante, na Colina do Sol podemos encontrar múltiplas formas de se viver esta “comunidade”. Desde a institucionalização do movimento

---

<sup>38</sup> O fato de que as áreas residenciais e comerciais sejam de nudez opcional permite que estas pessoas vivam na Colina, embora não frequentando as áreas de lazer como o lago ou as quadras de esportes ou, como em um caso, só o fazendo depois de certificar que não há ali outras pessoas. Os casos que encontrei são de parentes de naturistas que, com a mudança destes para a Colina, acompanharam seus pais ou cônjuges, mas não aderiram ao naturismo.

naturista na praia do Pinho, no final da década de oitenta, o sonho do casal Celso Rossi e Paula Andrezza (os dois principais líderes nacionais deste movimento) era tornar viável a transformação do naturismo em uma vivência cotidiana, que ultrapassasse os fins de semana de verão nos quais o Pinho recebia sua maior afluência. Com este objetivo, como descrito no capítulo três, fizeram duas tentativas, na própria praia do Pinho e em Pedras Altas, que por diversos motivos não se desenvolveram conforme os planos de ambos.

Com a compra da área onde hoje se instala a Colina do Sol, este projeto começou a se concretizar. No entanto, conforme eles mesmos me confessaram, o ideal de uma comunidade auto-suficiente, onde a opção pela vida natural fosse completa, já havia se transformado. Assim, desde a implantação da Colina, houve uma série de “concessões” feitas no sentido de atrair um número maior de participantes. Desta forma, embora o desejo de criar uma comunidade “de pessoas com ideais semelhantes” permanecesse, a opção por uma homogeneização absoluta desta comunidade foi, ainda que de forma tímida nos primeiros momentos, sendo relativizada.

Esta relativização imposta pela prática, ainda que contrariando alguns dos princípios que norteavam o anseio por esta comunidade, não esconde totalmente qual a concepção que se encontrava na constituição da Colina do Sol e que ainda durante o período desta pesquisa encontrava eco em seu funcionamento, principalmente dado o poder institucional de que desfrutava este casal. Esta concepção parece estar associada com as conceituações clássicas de comunidade onde, como vimos no item anterior, a diferença é normalmente percebida como ameaça à coesão interna. Assim, o projeto arquitetônico, que limitava tanto os modelos de cabana como as possibilidades de material a serem utilizados na construção das mesmas (um dos motivos de importância entre os donos de cabanas e o casal Celso/Paula) e a proibição de manifestações políticas no interior da Colina (que parece ter sido mais rígida nos primeiros anos), são dois exemplos representativos desta procura consciente por limitar as expressões de diferenças sociais e econômicas que, no entender deste casal, acabariam por perturbar o clima de harmonia que é apresentado como um dos diferenciais da Colina do Sol.



**Modelo de cabana permitido no início da Colina.**



**Modelo permitido atualmente.**

Esta concepção de comunidade, por sua vez, está perfeitamente sintonizada com o que denominei, no capítulo anterior, de perspectiva romântica do naturismo, onde a nudez seria percebida como expressão visual da “natureza humana”, que igualaria todos os seres. Assim, se para muitos naturistas, “sem roupas somos todos iguais”, então a comunidade naturista ideal deveria estar o mais próxima possível desta mesma igualdade pretendida na nudez.

Na prática, no entanto, não apenas o crescimento da Colina do Sol ampliou ainda mais a heterogeneidade já existente, como as próprias concepções de comunidade encontradas expressam que a diversidade não se extingue em decorrência de uma nudez

comum. Além desta variedade de percepções do que deveria ser uma comunidade, pude perceber também que há um entendimento bastante diferenciado do momento que a Colina vive – uma vez que praticamente todos ali apontam o fato de que a Colina existe há muito pouco tempo, como razão para que seu projeto ainda esteja se consolidando – bem como do que dificultaria esta consolidação.

Assim, para boa parte das pessoas com quem conversei, a idéia de comunidade permanece associada à noção de um pequeno grupo de pessoas, que compartilham ideais comuns e agem de forma coletiva em prol do desenvolvimento do grupo e das pessoas como consequência deste crescimento coletivo. Neste sentido, ela se aproxima da definição dada por Redfield (1971), de ser pequena, auto-suficiente e de fronteiras claramente delimitadas, como vimos na primeira parte deste capítulo.

Esta percepção fica mais nítida em depoimentos como os de Gisele, onde é justamente a dificuldade em permitir a auto-suficiência de seus membros que é percebida por ela como sendo um dos elementos que fazem com que, para a Colina do Sol tornar-se uma comunidade “falta muito ainda porque ... eu acho que é mais um condomínio naturista do que uma comunidade, porque para ser uma comunidade tu tem que ter, no mínimo, como te sustentar, como sustentar tua família. Muitas vezes quem mora aqui não tem como fazer isso, muitas vezes as pessoas têm que sair daqui para trabalhar fora. Então não é, não é uma comunidade ainda. Mas eu acredito que, com o passar do tempo, ela pode chegar a ser, mas no caminho que ela está tomando ..... ainda não. Eu acho que é mais um condomínio naturista do que uma comunidade, é lazer. Eu acho que não tá ainda pronta pra moradia, pra tu viver o ano inteiro aqui, é mais lazer. A não ser que a pessoa seja aposentada, que já tenha um dinheiro, que não necessite do dinheiro da Colina pra sobreviver. Aí dá para viver tranquilo, mas quem depende da Colina, quem mora aqui e precisa tirar o seu sustento daqui, ainda não tem esta oportunidade. Eu vejo a Colina mais como condomínio do que como vila, como comunidade naturista”.

Gisele, como moradora que precisava retirar seu sustento da própria Colina, deixa transparecer que, para aqueles que não precisam se preocupar com esta questão da sobrevivência diária, a Colina poderia ser mais percebida como uma verdadeira comunidade. No entanto, conversando com algumas destas pessoas, fui descobrindo que não apenas estas, mas também para alguns dos que trabalham ali, há outros aspectos



mais importantes do que a questão da auto-suficiência e que são melhor ilustrados a partir da junção de trechos de meu diário de campo.

“20/02 – Durante uma caminhada encontrei com Lúcio, um dos frequentadores mais assíduos. Ele perguntou como estava sendo minha adaptação e quando lhe respondi que estava me sentindo muito à vontade, ele disse que queria ver como eu reagiria ao inverno. É interessante notar como muitas pessoas falam coisas semelhantes, enfatizando que o problema principal não é tanto o frio, mas o vazio da Colina neste período, que a deixa com poucas opções de atividades.

05/07 – Pleno inverno. Hoje me lembrei muito da conversa com o Lúcio, ainda no verão. Estava chegando em casa e encontrei uma moradora que veio conversar comigo. Era nítida sua necessidade de desabafar e enquanto preparava um mate, ela começou a falar que está pensando em ficar afastada da Colina por um tempo, porque aqui ela está “mofando”, que aqui não há pessoas de sua idade para conversar, não há cinema, teatro, barzinhos, nada do que ela gosta e que não está aguentando esta rotina de ficar em casa o tempo todo. Conversamos bastante e falei que, se não fosse a pesquisa que me ocupa o tempo, eu também não aguentaria este período e que algumas vezes, principalmente de noite, o sentimento de solidão é quase insuportável.

09/07 – Nestes últimos dias encontrei várias pessoas comentando que, com o restaurante fechado, os espaços para as pessoas se encontrarem que já eram poucos ficam ainda mais reduzidos. Pensando nisso e no fato de que tenho, em algumas noites, jogado cartas com um pequeno grupo, sugeri que nos reuníssemos uma vez por semana para jogar em um grupo maior no albergue, de modo a tentar criar um espaço alternativo de encontro. Nesta noite, então, tivemos a primeira tentativa, com a presença de seis pessoas, onde cada um levou algo para comer ou beber e ficamos jogando e conversando. Senti-me particularmente contente, tanto por ter contribuído com algo para o grupo, quanto por poder preencher também estas longas noites de inverno, fazendo algo que gosto e que também pode vir a render ótimos momentos para a pesquisa.

31/07 – Hoje passei boa parte do dia tomando chimarrão e conversando com o Plínio, que está passando alguns dias em sua cabana. Ele costuma vir quase exclusivamente no verão, mas disse que fazia obras em seu apartamento e que precisava de uns dias para ‘recarregar as baterias’. Na conversa ele ia falando sobre como estava

percebendo a Colina abandonada, com o centro de *relax* (onde há uma piscina térmica e uma sauna), o albergue e o restaurante fechados, justamente o que poderia atrair os sócios durante o inverno. Em um dado momento, perguntou-me onde as pessoas estavam se encontrando, uma vez que o restaurante funcionava, também, como um espaço de sociabilidade e comentei da minha iniciativa dos jogos de cartas nas terças-feiras, mas que a frequência era baixa e que, fora isso, praticamente não havia outro espaço de encontro coletivo.

01/08 – Mais uma iniciativa que foi tomada para tentar reunir as pessoas. O Marcos, dono do mercadinho, abriu um pequeno armazém fora da Colina, para tentar aumentar sua receita. Hoje ele decidiu fazer, neste armazém, uma feijoada para reunir as pessoas e tentar quebrar o marasmo que fica neste período. Ao todo foram doze pessoas, com aqueles que têm carro se dispondo a dar carona para os que não tem. Foi bem interessante notar, logo no dia seguinte à conversa com o Plínio, que há iniciativas de reverter esta ausência de espaços de encontro, seja no carteado que tem reunido algumas pessoas, seja na idéia de tornar estes jantares coletivos algo mais regular.”

Através destes trechos do diário de campo, podemos perceber outra faceta do que as pessoas entendem como sendo uma comunidade: a ênfase na vida gregária, na realização de atividades comuns, que na Colina do Sol adquire um caráter extremamente sazonal, sendo mais ativa no período de verão (com a realização de torneios esportivos, um número maior de festas e diversas outras iniciativas culturais e de organização da Colina) e muito reduzida no inverno (onde o menor afluxo de turistas e mesmo de frequentadores – com seu reflexo inclusive nas finanças de muitos moradores – impacta toda a vida da Colina do Sol).

Esta ênfase perpassa não apenas os moradores, mas também é um dos aspectos que muitos dos “campistas” utilizam como diferencial deles em relação aos “cabaneiros”. Assim, segundo vários dos frequentadores do camping com quem conversava, ali ainda permanecia um espírito de grupo, de fazer todas as coisas em conjunto, enquanto nas cabanas as pessoas se isolariam umas das outras. Uma destas pessoas, inclusive, chegou a salientar que logo que começou a frequentar a Colina havia comprado um título que dava direito a construir uma cabana, mas com o tempo e conhecendo melhor o ambiente dali do camping, preferiu ampliar a sua barraca e fazer dali a sua “casa de campo”. Apenas como referência cabe indicar que vários “cabaneiros” também criticam os “campistas”, por participarem pouco das atividades

gerais da Colina e por estarem sempre reclamando do preço de tudo, em uma tensão que será discutida de forma mais aprofundada quando apresentar a organização econômica da Colina.

Mesmo este ambiente do camping, no entanto, tem sofrido profundas alterações nos últimos anos, fazendo com que esta “comunidade” dentro da comunidade naturista se complexifique. Assim, realizando uma comparação entre minhas duas idas ao campo, já pude perceber algumas variações, que se acentuaram durante o ano de 2002. Em janeiro de 2001, quando estive na Colina do Sol pela primeira vez, fiquei durante quase o tempo inteiro acampado e uma das primeiras observações que fiz, foi perceber a rápida acolhida que tive ali, facilitada pela existência de uma cozinha comunitária que era um ponto de encontro da maioria das pessoas do camping, nos fins de tarde. Neste espaço, tanto os recém-chegados quanto os naturistas mais antigos confraternizavam e, embora já pudesse perceber a formação de rodas de conversa que se faziam por maior afinidade entre pequenos grupos, o compartilhamento do mesmo local criava, no mínimo, a impressão de um clima de maior conagração. Assim, embora já existissem, nesta época, pequenas cozinhas entre as barracas, que eram usadas por grupos mais restritos, a cozinha comunitária ainda era o espaço de encontro privilegiado no camping.

Quando retornei, em dezembro de 2001, o camping já havia sofrido profundas alterações e, durante o ano de minha permanência em campo, iria passar por novas mudanças. Por um lado, havia sido construído um lago próximo ao camping que, embora não propiciasse a entrada na água (por ser barrenta e pela existência de patos e peixes neste lago), criava um espaço para o banho de sol dos campistas, inclusive com uma pequena faixa de areia, sem que estes tivessem que se deslocar até o lago comum da Colina. Embora nem todos os campistas tenham passado a frequentar este novo lago, a sua existência reforça a percepção do camping como um espaço diferenciado em relação ao restante da Colina do Sol, permitindo cada vez mais que as pessoas possam ficar todo o fim de semana praticamente sem sair da imediação de suas barracas. Esta autonomização do camping se expressa na fala de pessoas como a de Antônia, que durante um dos muitos churrascos que frequentei ali e no qual começou-se a conversar sobre alguns dos problemas surgidos na última reunião do Conselho Deliberativo, disse que “eu prefiro nem saber dessas coisas, eu gosto é de vir para cá, cuidar da minha barraca, comer churrasco, conversar com os amigos e poder ficar à vontade. O que se

passa fora do camping não me afeta muito”. Em outro destes churrascos, comentando sobre a minha constante presença entre eles, ela enfatizou que “apesar de você estar nas cabanas, você é simpático”, ao que uma outra pessoa presente contestou que “ele é simpático porque está fazendo uma pesquisa e precisa falar com todo mundo”, ao que a primeira retrucou que “pode ser, mas enquanto ele está aqui ele participa de tudo”.

Para além das importantes informações sobre como eles entendiam a minha presença ali, estes diálogos também informam nitidamente a oposição que se constrói entre “ser simpático” e “estar nas cabanas”. Pude perceber que alguns “cabaneiros” eram admitidos, por serem vistos como tendo “alma de campista”, muitos dos quais haviam começado a frequentar a Colina justamente pelo camping e posteriormente, por diversos motivos, adquirido cabanas, mas sem se afastar do convívio com aqueles campistas.

Entretanto, outra mudança havia ocorrido que, ao contrário de reforçar esta “identificação”<sup>39</sup> como “campista”, estava criando uma fragmentação em seu interior. Quando retornei ao camping, em janeiro de 2002, pude constatar que o número de barracas “fixas”<sup>40</sup> havia aumentado significativamente. Ao mesmo tempo, vários destes campistas mais permanentes haviam se agrupado e construído, ou ampliado, pequenos espaços entre as barracas que serviam como cozinha, sala de jantar e área social para estes grupos menores, esvaziando consideravelmente a cozinha comunitária do camping como ponto de encontro de todos. Um destes grupos, na esteira deste processo, construiu inclusive um banheiro próprio (cuja construção foi cotizada entre os participantes deste grupo) que, embora tendo o propósito de dar mais conforto aos que acampam, principalmente no inverno e nos dias chuvosos (uma vez que o banheiro comum do camping é um pouco mais afastado das barracas), acaba por ser mais um símbolo do processo de diferenciação entre diversos pequenos grupos no interior do próprio camping.

---

<sup>39</sup> Utilizo o termo “identificação” no sentido atribuído por Barth (1995), que procura realçar o processo dinâmico e múltiplo da construção identitária nas sociedades contemporâneas.

<sup>40</sup> As barracas fixas são feitas pelas pessoas que frequentam a Colina durante todo o ano, ou a maior parte deste, e permanecem armadas mesmo na ausência de seus ocupantes, sendo normalmente mais amplas e dispondo de várias comodidades em seu interior (como a foto acima exemplifica), que são trazidas por seus proprietários que pagam uma taxa mensal ao proprietário do camping (Caio). As outras opções são: pagar uma diária por um espaço no qual você arma a sua própria barraca (forma que utilizei em minha primeira ida ao campo) ou alugar uma das barracas do Caio.



**Interior de uma barraca fixa.**

O aumento do número de frequentadores, assim como a crescente diversidade destes (inclusive no que diz respeito ao entendimento sobre o que seja o naturismo), são considerados como os principais motivos da perda de um sentimento inicial de “uma única família de naturistas”, o que teria levado ao aprofundamento de divisões como as existentes entre “cabaneiros” e “campistas” ou mesmo entre grupos de campistas, como indiquei acima. Fernando, um dos frequentadores mais assíduos nos primeiros anos da Colina e que já há mais de um ano não a visita mais, me concedeu uma longa entrevista em sua casa onde expôs sua visão desta alteração da qualidade dos relacionamentos da Colina e de sua noção de “comunidade de fim de semana”, em que esta se constituía para ele.

“ (...) tudo era muita festa, a Colina era pequena, as pessoas praticamente todas se conheciam e o interesse comercial praticamente inexistia. Era um grupo de pessoas que saía de Porto Alegre todo fim de semana, acho que a maioria delas, eu posso me enganar com a opinião deles que pode não ser igual a minha, mas eu

sinto que várias pessoas que estavam no início da Colina tinham a idéia, que é essa que eu digo, que nós éramos um bando de pessoas que saiam da selva da cidade e iam passar os finais de semana, transgredindo no sentido de que íamos para lá, nos despíamos da roupa na mesma proporção que nos despíamos dos nossos preconceitos, das normas da cidade e éramos felizes, éramos todos muito amigos ... isso eu acho que foi um período muito interessante da Colina. Claro que o velho Marx estava certo quando dizia que o aumento da quantidade altera a qualidade e a Colina foi crescendo e a quantidade efetivamente acabou alterando a qualidade, realmente passou a encarar a perspectiva de ser uma vila naturista, de ter a manutenção daqueles que lá residem (...) então eu acho que a coisa foi crescendo de forma muito sem medida. Na medida em que ela foi crescendo, ela foi começando a reproduzir as contradições da sociedade aqui de fora, as pessoas imaginando que a Colina poderia ser uma comunidade “suspensa no ar” sociologicamente, que eu vejo que não é, não pode, mas a contradição daqui começou a se reproduzir lá dentro. (...) Então eu acho que quando começou a questão comercial da Colina eu acho que foi o início da decadência do projeto do naturismo, digamos assim, não sei se ingênuo, mas daquela idéia que a gente tinha de uma comunidade que era uma comunidade de fim de semana. Então a gente era um grupo de pessoas assim, que nos conhecemos nus e só nos encontrávamos nos finais de semana na Colina. Depois a gente foi começando a ficar amigos e foi começando a ver que podíamos manter, mesmo vestidos, uma relação fraterna, solidária, fora da Colina. Então eu acho que isso se somou à ... à questão do surgimento do comércio da Colina. Esta questão mereceria uma análise bem grande e eu não analisei isso antes, não parei para fazer uma construção teórica disso, estou tentando elaborar agora, mas as pessoas viviam uma vida na Colina, trazendo seu sustento de fora, como se fosse de outro mundo e quando esse mundo começa a surgir lá dentro e começa a exigir que você usufrua e pague para usufruir daquele mundo interno, aquilo começa a ruir porque se choca com pessoas que não tinham a idéia de ficar lá dentro, não tinham idéia de morar lá dentro. Enfim, eram pessoas que queriam simplesmente tirar a roupa no final de semana, curtir a natureza, jogar vôlei uns, nadar outros, fazer churrascos outros ainda. Então eu acho que isso para mim... foi o início da queda... (aqui Fernando estava visivelmente emocionado, fazendo interrupções para falar) o início do que, se de um lado, para aqueles que queriam construir a Colina como uma comunidade auto-sustentável, parecia ser um bom caminho, o que para mim também parece que não foi, não tem sido, não é isso que mostra a Colina hoje. Por outro lado, para aqueles que, como eu, tinham uma

idéia completamente diferente disso, que não era isso que queria, acabou perdendo a idéia original e viu que a outra idéia também não deu certo. Então me parece a comprovação da selvageria do capitalismo, quando isso começa lá.”

Este trecho da entrevista explicita a compreensão de Fernando sobre um dos principais motivos da deterioração do projeto da Colina do Sol. No seu entender, foi a cristalização da idéia de uma comunidade de moradores (que Fernando contrapõe aqui à “comunidade de fim de semana”, da qual dizia fazer parte) que inseriu a “sociedade aqui de fora” no “mundo suspenso que construímos lá” e fez perder o aspecto de transgressão original. Este seria dado mais pela perspectiva de construção de um “mundo novo” em termos de relações humanas do que pela prática da nudez em si, que seria um componente importante mas não decisivo neste projeto.

Esta tensão entre “o que a Colina era” e “o que a Colina é” está presente não apenas entre pessoas como Fernando, que se emocionam com a lembrança de um projeto que apostaram e que observam hoje como algo do passado, mas também entre aqueles que se dizem “os últimos remanescentes dos primeiros tempos”. Assim, algumas vezes pude acompanhar quando certas pessoas se reuniam e passavam a enumerar aqueles que estavam ali desde o primeiro momento, o que normalmente era seguido de comparações entre o ambiente daquela época “quando todo mundo se conhecia” e agora “quando o interesse comercial ficou privilegiado”. Ao mesmo tempo, comentavam positivamente quando algumas atividades que ocorriam lembravam o ambiente dos primeiros anos da Colina.

Um destes comentários se deu logo no início de meu trabalho de campo, quando passei em frente à quadra de vôlei de areia que estava sendo reconstruída. Ali trabalhavam, em regime de mutirão, cerca de seis pessoas, mais algumas crianças que ajudavam a espalhar a areia e se divertiam ao mesmo tempo. A pessoa que estava comigo neste momento, comentou como isto recuperava o estilo inicial da Colina, quando todos trabalhavam para as causas comuns, até que se instituiu responsáveis remunerados para cada setor, como em um clube. Com isto as pessoas começaram a deixar todas as tarefas com estes responsáveis, perdendo-se o sentido de comunidade que se queria desenvolver ali.

Em diversas outras situações as pessoas me chamavam a atenção, ora para fatos que mostravam como ali se desenvolvia (ou se recuperava, dependendo do enfoque de quem falava) o espírito comunitário que o naturismo propiciava, ora para momentos em que se lamentava que a idéia de comunidade estava sendo perdida pelo desinteresse das pessoas em atuar de forma coletiva, pela preocupação com o dinheiro em detrimento dos ideais do naturismo ou pela forma, vista por muitos como autoritária, com que Celso e Paula exerciam a liderança na Colina.

Assim, esta solidariedade se fez presente, por exemplo, quando houve um início de incêndio no albergue e todos rapidamente correram para ajudar, ou quando Selma, que morava sozinha, teve um acidente na escada de sua casa, levando a que várias pessoas estivessem sempre em sua cabana para prestar algum auxílio ou no rodízio das mães para levar as crianças na escola. Tudo isto era motivo de orgulho para eles que, quando lembravam destes momentos, faziam questão de realçar os laços que uniam a todos ali.

Ao mesmo tempo, ocasiões como o aniversário da Colina do Sol, que ocorre em agosto (em pleno inverno mas, como muitos enfatizam, sempre com sol e calor), e poderia ser um momento de celebração desta comunidade, parece ser hoje, na opinião de várias pessoas com quem conversei neste período, um símbolo das mudanças negativas que vêm ocorrendo. A preparação desta comemoração<sup>41</sup> começou, pelo menos neste ano que acompanhei, com praticamente um mês de antecedência. É interessante notar que, além do caráter festivo, há também uma grande expectativa de que o evento permita reduzir um pouco o déficit financeiro, seja da própria Colina, seja de muitos dos concessionários, que o inverno normalmente acarreta. Espera-se, deste modo, que o aniversário seja o “fim do inverno”, marcando o início da retomada de uma frequência maior das pessoas que, muitas vezes, vêm de outros estados somente para esta comemoração e que segundo a tradição é sempre marcada por um calor que permite a todos ficarem sem roupa. Assim, na reunião de 05 de agosto, já se discutiam as atividades (exposição de fotos sobre as paisagens da Colina, festa no sábado e almoço no domingo, com sorteio de uma bicicleta que havia sido doada por um dos naturistas) e este assunto começava a ser tema de boa parte das conversas que tive nesta época. No entanto, já no dia 19 de agosto, soube que a festa ainda não estava confirmada porque a

---

<sup>41</sup> O aniversário da Colina é no dia 20 de agosto, mas ele é sempre comemorado no fim de semana que se segue a esta data.



pessoa responsável pelo restaurante, que havia reaberto recentemente, temia um possível boicote das pessoas do camping. Segundo ela, que já havia me dito que “naturismo não combina com festa”, se alguém se dispusesse a organizar alguma coisa, ela abriria o restaurante no dia, mas que ela só se responsabilizaria pelo almoço do domingo. Pouco mais tarde, já no camping, percebi que o temor de um boicote não era infundado, mas em relação ao próprio almoço e não à festa, uma vez que ali se reclamava que tradicionalmente se fazia um churrasco ou um galeto nesta comemoração e que da forma como o almoço estava sendo organizado, eles preferiam comemorar no próprio camping. Enfim, no tão esperado fim de semana das comemorações o tempo de fato colaborou, com um calor razoável, que já permitia a todos se desfazerem das roupas do inverno, fazendo com que desde a sexta-feira os naturistas fossem chegando em grande quantidade. No sábado a festa conseguiu ser realizada, embora bem esvaziada em relação aos anos anteriores, segundo o comentário de vários participantes, o que acrescido do baixo volume do som fez com que ela terminasse bem mais cedo do que as demais festas que acompanhei na Colina. No domingo, como já era previsto, o almoço comemorativo sofreu a defecção não apenas de quase todos os “campistas”, mas inclusive de diversos “cabaneiros”, também insatisfeitos com a substituição do churrasco/galeto tradicional por um strogonoff que, para muitos, não dava o clima de festa que a data exigia. Ao final do almoço, como em todos os anos, fez-se uma foto dos presentes que, para muitas pessoas, mostrava como neste ano o aniversário da Colina havia se transformado em apenas mais um fim de semana para muita gente, perdendo o clima de conagração e de união que sempre havia caracterizado esta data, o que apontaria para um processo mais geral pelo qual a Colina passava, de diluição do “ambiente comunitário” que deveria ser a essência do naturismo.



**Foto do aniversário da Colina, logo após o almoço.**

Notamos, portanto, que pode ser localizada na Colina do Sol uma permanente tensão em adequar o sonho de um estilo de vida que se diferencie radicalmente do individualismo, associado às grandes metrópoles, com as exigências práticas de construir uma nova proposta de comunidade. Os conflitos decorrentes desta tentativa de passar de um ideal para a vivência de “comunidades realmente existentes” (Bauman, 2003) são, como vimos, inúmeros e parecem ser ainda mais agravados pela particularidade da Colina do Sol ser ao mesmo tempo uma comunidade local, estruturada em relações de vizinhança e de pertencimento de um pequeno número de moradores (entre os quais alguns que retiram seu sustento da própria comunidade), um clube de fim de semana – que é também uma forma de comunidade “identitária” (Lash, 1997), ao ser o espaço de atualização da identidade naturista para os seus frequentadores mais habituais – e, por fim, uma área que atrai turistas e curiosos eventuais.

Esta forma de organização parece ser, então, uma das principais responsáveis pela existência de uma multiplicação de distinções “nós”/“eles” onde, a princípio, a opção pela comunidade deveria acarretar uma homogeneidade maior. Assim, para além da oposição mais imediata entre “os de dentro” (naturistas) e “os de fora” (não-naturistas), pude constatar a existência de distinções entre “campistas”/“cabaneiros” e “moradores”/“frequentadores” que, em diferentes contextos, são acionadas para justificar diferenças de comportamento e de comprometimento com a Colina do Sol, como ocorreu quando de uma gravação para um programa de televisão durante o mês de janeiro.

Após prévio acerto com a direção da Colina e com os cuidados necessários para evitar a repetição de problemas já ocorridos<sup>42</sup>, uma emissora de TV aberta esteve na Colina para gravar uma reportagem sobre o naturismo. Para isto, além de entrevistas com moradores e frequentadores, iriam fazer tomadas gerais da praia do lago que, neste dia, estava particularmente cheia. De acordo com o regulamento da Colina do Sol, Gisele (que estava acompanhando a equipe de TV) avisou aos banhistas que iria ser feita uma filmagem e que os que não desejassem aparecer se deslocassem para trás da câmera, ao mesmo tempo em que solicitava “voluntários” para as entrevistas e para a filmagem, “para mostrar a praia cheia” segundo ela. Durante estas atividades, algumas pessoas reclamavam da presença da mídia (que é sempre um assunto polêmico entre os que desejam a ampliação do naturismo e os que defendem a manutenção de áreas mais “restritas”), o que levou a que, em determinado momento, Gisele discutisse com uma destas pessoas, falando que “todo mundo gosta muito de vir para cá e curtir um fim de semana de sol com a família, mas que somos nós, que vivemos aqui, que temos que nos preocupar que a Colina continue existindo e trabalhar para que os outros possam vir desfrutar de tudo isso”.

Como pode ser percebido, muitos destes conflitos remetem para dois elementos centrais em qualquer projeto de comunidade: a organização econômica, que permita à comunidade e à seus membros sobreviver e crescer, e a forma com que esta comunidade delibera sobre seu funcionamento e seus conflitos. Deste modo, na sequência deste capítulo, irei discutir de forma mais detalhada estes dois aspectos, tentando pontuar principalmente seus reflexos sobre a noção de “comunidade de amigos”, que o projeto original da Colina apresenta como seu ideal.

### *5.3 A Colina do Sol: organização econômica*

Desde as primeiras iniciativas na praia do Pinho e em Pedras Altas, havia a consciência de que o projeto de construção de uma comunidade naturista deveria estar

---

<sup>42</sup> No ano de 2001, foi feito um contrato entre a Colina do Sol e o SBT para a realização de uma reportagem semelhante. No contrato ficou estabelecido que as imagens deveriam ser transmitidas exclusivamente no programa “SBT Repórter” mas, ao contrário do estabelecido, diversas imagens foram reapresentadas no “Programa do Ratinho”, com comentários deste que depreciavam o naturismo e diversos moradores. Este episódio marcou profundamente a relação de muitas pessoas da Colina com a mídia que, só recentemente, começou a se normalizar. Em setembro de 2003, a justiça deu ganho de causa aos moradores que entraram com uma ação contra o SBT por danos morais e quebra de contrato.

vinculado a uma estrutura que possibilitasse que, pelo menos uma parte dos futuros moradores retirasse da própria comunidade seu sustento. Caso contrário, dificilmente ela deixaria de ser apenas um “condomínio fechado” dos naturistas para tornar-se uma comunidade autêntica.

Assim, o projeto inicial da Colina do Sol delimitava quatro áreas com funções específicas: uma área exclusivamente residencial; uma área de lazer (também chamada de Clube Naturista Colina do Sol); uma área comercial e uma área industrial<sup>43</sup>. Até o ano de 2002, quando encerrei meu trabalho de campo, a Colina do Sol dispunha dos seguintes serviços: um camping; um albergue (cujo funcionamento estava sendo rediscutido a partir da construção de um hotel); um hotel (em construção); uma central de alugueis de cabanas (alguns naturistas têm mais de uma cabana e tiram parte de sua renda do aluguel, mensal ou por fim de semana, destas cabanas); um restaurante; um armazém; uma loja de ferragens; uma empresa de construção e reforma de cabanas; serviço de instalação e manutenção de telefonia fixa e por celular; serviço de informática; bombeiro hidráulico; jardinagem; limpeza das cabanas (executada por pessoas das comunidades vizinhas, mas gerenciada por naturistas), uma loja de venda de produtos com a “*griffe*” da Colina (cangas, lembranças, bolsas e outros objetos) e um centro de “terapias alternativas” (yoga, shiatsu, reiki, massagens diversas, entre outras). Durante o ano de 2002, iniciou-se a formação de uma cooperativa, que agruparia alguns destes serviços e cujas implicações nas relações entre os naturistas da Colina do Sol eu discutirei mais adiante.

Todos estes serviços funcionam sobre o sistema de concessões monopolistas. Assim, as pessoas interessadas em gerenciar algum serviço na Colina devem adquirir um título de sócio que permita ser concessionário e também uma concessão para o estabelecimento desejado e, em troca, ganham o direito de explorar o serviço e os produtos correspondentes sem concorrência. A perspectiva visualizada por Celso e Paula, ao definirem este modelo monopolista, está em profunda sintonia com sua perspectiva clássica de comunidade, na qual deveria ser evitado todo possível motivo de conflito que pudesse ameaçar a coesão interna. Neste sentido, o objetivo destes monopólios seria o de “evitar a concorrência pura e simples na operação dos negócios,

---

<sup>43</sup> Embora a área industrial ainda não tivesse sido instalada, durante o meu período em campo discutia-se a possibilidade de se iniciar um plantio de palmito que seria beneficiado na própria Colina em uma “fábrica ecológica” a ser construída. Pelas informações que recebi até a conclusão desta tese, este projeto ainda não havia sido iniciado.

que induz à desarmonia nas relações, produzindo conflitos de interesses na pequena comunidade, gerando mal-estar e tensão no grupo” (Normas Internas de Comercialização de Bens e Serviços da Colina do Sol<sup>44</sup>).

Este sistema, no entanto, para funcionar de forma eficiente deve atender a certas particularidades que, no caso da Colina do Sol, não estão plenamente garantidas, pelo menos em boa parte dos serviços. O primeiro fator de complicação decorre da sazonalidade do afluxo de visitantes e frequentadores, devido principalmente às condições climáticas (não apenas o frio dos meses de inverno, mas também os fins de semana chuvosos), que afeta a maioria dos serviços prestados e que é agravado pelo ainda pequeno número de residentes fixos, cujo consumo não é suficiente para gerar um rendimento que garanta a subsistência dos seus proprietários durante o ano inteiro. Desta forma, nos períodos de maior movimento, as pessoas que exploram estes serviços devem procurar obter um lucro que lhes permita o sustento durante os meses de verão, o pagamento de dívidas anteriores (que a maioria deles acaba por contrair nos períodos de refluxo) e, se possível, fazer uma provisão para o inverno seguinte. Todavia, para conseguir estes objetivos sem um aumento no número de frequentadores e visitantes, a opção encontrada é o aumento de preços e/ou diminuição de custos, que cria uma série de impactos diferenciados pelo tipo de serviço.

Por exemplo, durante todo o ano que estive no campo, um dos assuntos mais discutidos era a necessidade da reforma de diversas cabanas. Construídas à base de madeira e pedra, o tempo de vida útil, principalmente dos telhados (mais expostos à variação de chuva e sol), é bastante limitado, fazendo com que muitas das cabanas mais antigas já demandassem a substituição destes telhados e outras precisassem de serviços gerais para melhorar o aspecto que, segundo a opinião geral, prejudicava a imagem da Colina do Sol e dificultava a venda de novas cabanas, bem como o aluguel de algumas que estavam em pior estado de conservação. Entretanto, por mais que este assunto tenha estado nas pautas das reuniões entre os moradores, nenhuma solução definitiva foi encontrada. Conversando com vários dos donos destas cabanas, inclusive de uma cuja situação era tão delicada que, nos dias de chuva, baldes eram espalhados pela sala (ao final do ano esta cabana acabou sendo reparada e até mesmo ampliada) para recolher a água das goteiras, os argumentos eram praticamente idênticos. Havia a consciência da

---

<sup>44</sup> Incluo, no anexo II, este documento em sua íntegra. É interessante observar como nestes textos a Colina é tratada ao mesmo tempo como “comunidade” e “empreendimento”.

necessidade de consertos, mas a combinação entre a crise econômica que o país atravessava (com a conseqüente perda de renda e, em alguns casos, até de empregos), com o aumento dos custos cobrados pela única empresa autorizada a realizar estas obras<sup>45</sup> (cujos donos, por sua vez, também tinham aí sua única fonte de sustento), tornava o preço destes reparos praticamente inacessível. Assim, principalmente entre os não-moradores, havia quem pensasse em utilizar a cabana até suas últimas possibilidades e, depois disso, abrir mão deste patrimônio.

Em outros serviços, como os de restaurante e o armazém, podia-se perceber uma diminuição da frequência, por parte de pessoas que acabavam trazendo alimentos de Porto Alegre, ou fazendo compras maiores em Taquara (cidade mais próxima da Colina, distante cerca de 15 quilômetros), e preparando suas refeições nas cabanas ou nas cozinhas do camping. Embora alguns naturistas criticassem esta prática, argumentando que isto reforça o círculo vicioso que dificulta a vida de quem tenta sobreviver na Colina, outros argumentavam que, com o aumento dos custos, esta era a única alternativa que encontravam para continuar frequentando a Colina com alguma regularidade.

Ao mesmo tempo, este sistema de monopólio tem sido alvo de dois tipos de críticas, que apontam tanto para situações em que ele acaba por prejudicar o desenvolvimento de certas áreas da comunidade, quanto para o fato de ser pouco eficiente em evitar “mal-estar e tensão no grupo” em algumas disputas comerciais.

Assim, principalmente durante o inverno havia uma reclamação generalizada com relação ao não-funcionamento do “centro de relax”, onde há uma sauna e uma piscina térmica e que poderia funcionar como um atrativo para as pessoas virem para a Colina e também para ser um ponto de encontro dos moradores. No entanto, as poucas pessoas que se dispunham a reabri-lo, argumentavam que mesmo que se cobrasse uma pequena taxa para o uso de suas instalações, estas dificilmente cobririam os custos a não ser que houvesse uma demanda muito grande. Sugeriam, a partir disto, que fosse permitido a venda de bebidas e petiscos neste local, tanto para ser mais uma fonte de renda associada ao “centro de relax”, quanto para atrair mais pessoas para lá. Algumas pessoas, inclusive, comentavam comigo que a melhor época de funcionamento do

---

<sup>45</sup> No segundo semestre de 2002 houve um período no qual pôde-se contratar pessoas externas à Colina para fazer reparos nas cabanas, mediante o pagamento de uma taxa ao concessionário local deste serviço, mas, pelo menos no momento em que deixei o campo, este acordo havia sido suspenso.

albergue (onde fica o “centro de relax”) foi quando um casal, Leonardo e Márcia, que eram particularmente criativos no preparo de *drinks* e sanduíches, estava à frente deste negócio e conseguiu, durante um tempo, autorização para vendê-los ali. Segundo estas mesmas pessoas, foi justamente o sucesso desta iniciativa que teria levado ao cancelamento desta autorização “por estar prejudicando o restaurante”. O mesmo comentário era feito com relação à real motivação para impedir que o albergue fornecesse café da manhã para seus hóspedes (por ser vendido no restaurante) e que o camping tenha uma cantina. Desta forma, durante praticamente todo o ano em que estive em campo, o “centro de relax” esteve sem funcionar ao mesmo tempo em que, quase como ironia, o próprio restaurante permaneceu fechado durante quase todo o inverno.

Além disso, pelo menos em três momentos pude perceber o surgimento de conflitos entre os naturistas, por vezes bastante sérios, seja devido a diferentes interpretações das normas comerciais, seja na resolução de ambiguidades contratuais (que são decididas no Conselho Deliberativo) ou em inevitáveis sobreposições, como ocorre na questão da hospedagem. Assim, se camping, albergue e aluguel de cabanas são três concessões diferentes (que, em breve, terão a companhia do hotel), todas elas têm como “público-alvo” as mesmas pessoas: naturistas eventuais e visitantes que não possuam suas próprias cabanas ou que não se hospedem na cabana de amigos. Nos períodos de maior movimento, nos quais praticamente todas as vagas existentes ficam ocupadas, esta sobreposição de espaços de hospedagem não gera um problema. Porém, nos fins de semana em que por vezes um único casal visita a Colina do Sol, a disputa por hospedá-lo pode deixar sequelas mais profundas na “comunidade de amigos”, ou pelo menos entre aqueles que trabalham neste setor.

Um exemplo disso pôde ser percebido na tensão que se criou entre dois destes concessionários a partir da acusação de um deles de que o outro, que neste momento acumulava também a função de recepção dos novos visitantes, sistematicamente “boicotava” seu estabelecimento quando da apresentação da Colina, procurando fazer com que estes visitantes, que vinham conhecer o naturismo, ficassem em sua própria alternativa de hospedagem.

Mais uma vez é interessante notar como mesmo estes conflitos seguem, de forma bastante aproximada, a variação das estações. Assim, se durante os meses de inverno e início da primavera o ambiente entre estes dois concessionários era de visível

animosidade, a chegada do verão (com o já referido aumento do número de visitantes) ajudou em muito não a eliminar todos os rancores, que ainda permaneceram latentes até minha saída de campo e visíveis em algumas declarações de parte a parte, mas pelo menos a diminuir a exposição pública destes desentendimentos.

De um modo geral, portanto, podemos perceber como as questões relativas à sobrevivência das famílias são entendidas, pelos próprios naturistas, como um dos principais focos de tensão na comunidade, o que foi sintetizado de forma particularmente incisiva pela declaração de uma ex-moradora (e ex-trabalhadora): “a Colina é um lugar maravilhoso para se visitar, um bom lugar de se viver mas um péssimo lugar para se trabalhar”. No meu entendimento, esta afirmação apresentava de forma tão categórica um ponto de vista sobre as três dimensões da Colina do Sol, que a propus como questão em algumas entrevistas que realizei com moradores e frequentadores da Colina, com o objetivo de identificar se mais pessoas compartilhavam perspectivas semelhantes.

Assim, para Carlos, também ex-morador, “ela disse tudo. Tu não consegues sobreviver do comércio ali dentro. Existem regras na Colina que só beneficiam algumas pessoas, não tem como sobreviver dentro da Colina”. Sem ser tão radical, Gisele, que mora na Colina, aponta para a possibilidade desta ser uma situação transitória: “Eu concordo, no momento é bem isso: um ótimo lugar para se visitar, o lugar é bom para morar, só que é um péssimo lugar para se trabalhar porque, como eu falei anteriormente, a Colina é ainda um condomínio naturista, ela ainda não se transformou numa vila, numa comunidade e vai levar muito tempo para isso ainda”.

Por sua vez, entre os que estavam naquele momento exercendo alguma atividade comercial na Colina, encontrei opiniões mais variadas. Embora todos apontassem algumas dificuldades em relação à capacidade de garantir uma renda mínima nos períodos de refluxo, havia uma heterogeneidade maior quando começávamos a conversar sobre as condições de trabalho. Desta forma, enquanto alguns reclamavam das dificuldades de se fazer qualquer inovação ali dentro, do pouco apoio que muitos moradores e frequentadores davam a eles, “comprando as coisas lá fora e não com aqueles que constroem o naturismo”, chegando mesmo a constantemente levantar a hipótese de deixar a Colina, outros enfatizavam que, ainda que não se ganhasse muito dinheiro, ali eles podiam trabalhar com prazer, nas suas próprias coisas, sem patrão, sem horário fixo, sem roupa e com as pessoas que eles conheciam. Justamente estas pessoas,



como Caio que dirige o camping desde o início da Colina, são as que afirmam que, no que depender delas, ficarão ali até o fim da vida.

Durante algum tempo fiquei tentando compreender os motivos para, em um grupo tão reduzido e que se propunha a ter um elevado grau de homogeneidade interna, haver uma disparidade tão grande na percepção não apenas das condições de trabalho, mas do próprio compromisso com o naturismo. Foi em uma conversa com Mariana e Lívia, sobre as motivações das pessoas em vir para a Colina, que estas diferenças começaram a fazer mais sentido. Nesta conversa elas falaram que “algumas pessoas estão sempre reclamando da falta de dinheiro, mas que eram justamente as pessoas que haviam chegado na Colina sem nada, aliás até carregados de dívidas e que hoje, bem ou mal, já conseguiram algum patrimônio”. Segundo Mariana, o problema é que estas pessoas são as que estão na Colina pelo negócio e não pelo ideal. Lívia, então, mostrou como isto contrastava com outras pessoas, “que estão ali pelo estilo de vida, porque são realmente naturistas e, mesmo que tenham dificuldades financeiras, o astral é sempre mais alto, porque para elas o dinheiro não está em primeiro lugar”.

Aos poucos fui reparando como esta visão era compartilhada por outros que enfatizavam que o crescimento da Colina, principalmente a partir do aumento de sua exposição na mídia, acabou atraindo pessoas que estavam desempregadas ou em “crises diversas” e que viam ali uma possibilidade de reconstruir a vida. É importante frisar aqui que não era este movimento em si que era criticado, inclusive porque diversas vezes observei uma valorização das pessoas que buscam a Colina justamente para uma reconstrução de suas vidas, “que não deram certo na cidade” (como Francisco, que chegou praticamente sem nada na Colina, definiu a sua motivação). O problema, na percepção destes críticos, era quando a mudança para a Colina não implicava na sua transformação em um “autêntico naturista”, ou seja, quando a pessoa era percebida como alguém que estava ali apenas circunstancialmente, por “interesse”. O exemplo de Caio, que tinha tido graves problemas em sua trajetória de vida – ele mesmo não escondia esses problemas, tendo contado sua história diversas vezes na minha frente – era constantemente acionado nestes momentos. Assim, Caio é visto por muita gente como um “modelo” do “autêntico naturista”, como Carlos se referiu a ele em uma entrevista: “eu sei que o Caio foi tudo aquilo no passado, mas hoje eu deixo a minha filha com ele sem problemas, porque eu sei que ele dá o sangue pela minha filha, eu sei que ele é uma das pessoas mais sérias que eu já conheci. Ele é um autêntico naturista,

um tipo de pessoa que não se encontra fora da Colina. Eu acho que a Colina é isso, é se desprender de certas coisas”.

Esta distinção entre “naturistas autênticos” e “naturistas por interesse” é um dos fundamentos básicos daqueles que questionam o que consideram ter sido um “desvio comercial” dos objetivos da Colina do Sol. Para estas pessoas, o crescimento da Colina deveria ser lento, na medida em que as pessoas fossem descobrindo e aderindo a este estilo de vida e, dependendo do grau de intimidade que ia adquirindo com as pessoas com quem conversava, elas me confessavam que “na verdade, o melhor era que a Colina não crescesse muito, a gente sabe que, para quem trabalha aqui, é bom que cresça, que as pessoas que moram aqui precisam sobreviver, mas para quem vem aqui descansar, o melhor é ter esta tranquilidade que ainda existe aqui”. Não é difícil identificar a semelhança desta opinião com a crítica de Fernando, já apresentada neste capítulo.

Existem, portanto, pelo menos três movimentos diferenciados de construção de uma comunidade, que por sua vez têm consequências diretas sobre a estruturação da “economia” da Colina do Sol. Em primeiro lugar, há o que Fernando chamou de “comunidade de fim de semana”, que pode ser definida pela valorização da segurança, tranquilidade e companheirismo e que entende a Colina como uma área de veraneio onde as pessoas podem praticar o naturismo. Para estas pessoas, o “crescimento exagerado” pode acarretar a perda deste ambiente familiar, trazendo para a Colina pessoas que viriam atraídas mais pelas possibilidades de investimento do que pelo ideal naturista, com consequências diretas sobre a segurança, que é baseada ali na confiança que surge justamente da comunhão destes ideais. Em oposição a esta perspectiva, há uma compreensão de que somente a profissionalização do naturismo é que poderá evitar que ele permaneça dependente de lideranças individuais (como foi, no passado, com Luz del Fuego e, atualmente, com o próprio Celso Rossi). Aqueles que compartilham deste ponto de vista afirmam não abrir mão dos preceitos éticos do naturismo, mas admitem a realização de pequenas concessões na concepção de um naturismo plenamente igualitário, com o objetivo de atrair mais pessoas para o projeto de uma “comunidade turística”. De certa forma podemos situar a maioria dos moradores da Colina do Sol, principalmente os que trabalham ali, como defendendo uma posição intermediária entre estes dois extremos, o que caracteriza o terceiro movimento. Grande parte destes moradores foi viver na Colina do Sol atraídos principalmente pelo sonho de

viver em uma pequena comunidade, onde as pessoas pudessem estabelecer, se não as tão desejadas “amizades de infância”, pelo menos um tipo de relacionamento mais intenso do que aqueles que eles percebiam como sendo possíveis nas grandes cidades. São estas pessoas, por exemplo, que constantemente me perguntavam se eu não achava que a construção do hotel (cujo projeto é de permitir hospedar mais de cem pessoas, a maioria estrangeiros<sup>46</sup>) poderia alterar as relações ali na Colina. Ao mesmo tempo, no entanto, são as mesmas pessoas que, por retirarem seu sustento principalmente do fluxo de turistas e visitantes, percebem que a Colina não pode permanecer indefinidamente uma “pequena comunidade de moradores”.



**O hotel da Colina será a primeira construção em cimento, ainda que o projeto final aponte para uma "cobertura" que a aproxime das demais edificações.**

#### *5.4 A Cooperativa da Colina<sup>47</sup>*

---

<sup>46</sup> A construção do hotel está sendo feita por um consórcio entre o casal Celso/Paula e naturistas americanos e franceses que pretendem estimular o turismo naturalista no Brasil.

<sup>47</sup> No final do ano de 2003, praticamente um ano após ter deixado a Colina do Sol, recebi a notícia de que o projeto da Cooperativa havia sido abandonado (como tantos outros antes dele, fez questão de frisar quem me transmitiu a informação). Assim, mesmo sem ter acompanhado este processo até o final, a resistência a este empreendimento parece ter sido maior do que o dinamismo do casal Celso e Paula.

A idéia da formação de uma cooperativa na Colina do Sol, que começou a tomar corpo no meio do ano de 2002, pode ser entendida como sendo uma demonstração de que havia um entendimento, pelo menos por parte de algumas pessoas, de que o projeto inicial de concessões com base em monopólios havia se esgotado, necessitando um novo planejamento de estruturação da parte comercial da Colina. Ao mesmo tempo, as dificuldades de aceitação desta idéia, principalmente por conta das suspeitas que muitas pessoas têm em relação a qualquer iniciativa que parta do casal Celso e Paula, permitem introduzir o tema da complexa teia de relações de poder que se estabeleceu nesta comunidade.

Assim, é possível abordar o processo de constituição desta cooperativa (“Cooperativa Internacional de Intercâmbio Naturista – COOPENAT”), bem como seus objetivos e forma de funcionamento, de diversos ângulos. O primeiro deles é o do próprio casal Celso e Paula, com quem conversei sobre o assunto durante um almoço no restaurante, que eles reabriram e pretendiam que fosse uma das primeiras concessões a serem assumidas pela cooperativa. Assim, tão logo o meu prato foi servido, Celso pediu licença para fotografá-lo para servir de publicidade, tanto da reabertura do restaurante, quanto da própria idéia da cooperativa (dois dias depois estas fotos já estavam na Internet, mostrando todo o profissionalismo e dinamismo deste casal). Aproveitei, então o pedido do Celso para iniciar uma conversa sobre este projeto. Enquanto eu almoçava, ele ia me explicando que a cooperativa era a única alternativa ao domínio do capital estrangeiro lá dentro, o que poderia levar a Colina a perder suas características de comunidade e virar uma empresa capitalista. Ele percebia que cada concessionário individualmente não tem conseguido transformar seu negócio em algo lucrativo e que o aumento da vinda de estrangeiros para a Colina, que para ele deve começar com a inauguração do hotel, poderia fazer com que as mesmas concessões fossem sendo vendidas. Com a cooperativa, segundo ele, em primeiro lugar poderia-se tentar dinamizar a vida comercial da Colina, inclusive com o retorno de pessoas que deixaram a comunidade por causa de dificuldades financeiras. Além disso, os concessionários que quisessem vender suas concessões, poderiam fazê-lo diretamente para a cooperativa, inclusive participando da mesma. No decorrer da conversa, quando perguntei se muitas pessoas já haviam aderido, ele reconheceu que há uma resistência de algumas pessoas a qualquer iniciativa que parta dele, mas que aos poucos a cooperativa estava se transformando em uma realidade e que ele queria ser um defensor e um divulgador

deste projeto, mas não seu líder, justamente por saber que esta posição poderia prejudicar a adesão de outras pessoas.

Este tipo de comentário mostrava uma compreensão bastante apurada, por parte do Celso, de que ele não desfrutava mais da quase unanimidade dos primeiros tempos da Colina e era confirmada pela opinião de outras pessoas sobre as possibilidades desta cooperativa. Assim, para Clara, moradora que já estava há algum tempo na Colina, era visível que “a cooperativa não está vingando, mesmo aqueles que haviam se entusiasmado no início estavam perdendo o pique, porque começava a ficar claro que era mais uma jogada do Celso para socializar os riscos, enquanto o lucro deles era garantido. As pessoas vêm para cá enganadas pelo discurso dele de enriquecer rapidamente e estas já se desiludiram. A menos que apareça sangue novo para ser vampirizado não há resolução para estes problemas em curto prazo.” Neste tipo de comentário pode ser percebida toda a mágoa de alguém que diz já ter tomado diversas iniciativas para melhorar a Colina e que várias delas eram vetadas pelo Celso, mesmo quando gozavam de boa aceitação entre a maioria dos moradores e que, desde então, passou a adotar uma postura mais cética com relação aos reais interesses de quem dirige a Colina do Sol. Opinião semelhante, de que a cooperativa era uma forma de “socializar os prejuízos”, foi veiculada por diversas pessoas em um dos muitos churrascos de que participei. Clara, que também estava presente, perguntava as motivações de “empurrar para a cooperativa” só o que não estava indo bem, citando o restaurante e a revista Naturis. Para ela, o melhor caminho seria coletivizar realmente tudo e começar a fazer da Colina do Sol realmente uma comunidade, mas para isso “algumas pessoas” teriam que abrir mão do seu “poder imperial” e que isto estas pessoas não desejavam.

Mesmo com estas divergências, no entanto, a COOPENAT teve um primeiro período de desenvolvimento. Em setembro, contando já com onze membros inscritos, ela assumiu o controle do restaurante, e teve iniciado o processo de sua legalização como cooperativa; pouco depois passava também a gerenciar o albergue e a secretaria do Clube Naturista Colina do Sol. Quando deixei o campo, podia-se imaginar que a cooperativa já era uma realidade consolidada e com perspectivas de crescimento bastante promissoras, mostrando tanto a fragilidade do sistema de concessões (que ainda deveria permanecer junto com o funcionamento da cooperativa por mais algum tempo, em um sistema híbrido) quanto a capacidade de mobilização do casal Celso e Paula. O dinamismo deste casal é algo que mesmo os críticos de sua postura atual reconhecem e

que, segundo estes, foi um dos principais responsáveis por transformar aquele espaço de pasto em uma área naturista, com significativa infra-estrutura, em tão pouco tempo. A pergunta que me fazia, e que as divergências sobre a cooperativa deixava mais evidente, era: o que levou a que os principais dirigentes do naturismo nacional, responsáveis pela criação da Colina do Sol, tenham se tornado pessoas que, por parte de tantos e tão diferentes naturistas, recebam hoje denominações como: “casal real”; “imperadores da Colina”; “o Fidel Castro da Colina” e “o Deus da Colina”, para citar apenas algumas destas denominações que fui recolhendo durante o trabalho de campo?

Para tentar responder esta questão, creio ser necessário apresentar a estrutura “política” da Colina do Sol e como a questão do poder nesta comunidade foi sendo resolvida, tanto por este casal quanto por aqueles que tentaram, em algum momento, alterar esta estrutura.

### 5.5 A questão do poder na Colina do Sol

Para compreender as relações do poder na Colina do Sol é imprescindível recordar que não apenas a construção desta comunidade, mas o sonho de fazer no Brasil uma área naturista permanente (inspirada em Cap D’Agde – “cidade naturista” francesa<sup>48</sup> – que foi inclusive visitada por Celso e Paula em 1995, ainda antes da formação da Colina do Sol) foi algo desejado, planejado, ensaiado por duas vezes, na praia do Pinho e na praia de Pedras Altas, financiado em grande parte com a ajuda familiar e finalmente concretizado por este casal. Desta forma, podemos identificar que houve uma combinação extremamente favorável entre o que me parece ser uma apropriação “romântica” da questão da autoridade na comunidade (como já indiquei, no capítulo anterior, em relação aos valores do naturismo) e as condições objetivas de implementá-la na Colina

Estas condições objetivas, como dito anteriormente, repousam principalmente no fato de que, embora construída com o objetivo declarado de permitir o desenvolvimento de uma vida comunitária, a Colina do Sol é, do ponto de vista formal, algo semelhante a uma sociedade por ações (da qual Celso e Paula são os sócios majoritários). Deste

---

<sup>48</sup> “Cap D’Agde situa-se próximo à Montpellier, no litoral sul da França, estando dotada de oito hotéis, vinte e oito restaurantes, vinte bares, além de agências imobiliárias, supermercados, boutiques, cinemas, bancos, postos de gasolina, farmácias etc.. Em todos estes estabelecimentos e nas ruas a nudez é opcional.” (Naturis, n°4, jun/1995).

modo, ainda que exista uma estrutura deliberativa, o poder de decisão real está completamente concentrado nas mãos destes dois naturistas (o que a enorme maioria dos naturistas têm consciência), cuja noção de autoridade pode ser inferida da fala de Celso que transcrevo abaixo. É interessante notar que, embora tenhamos tido várias conversas durante o ano, esta se deu logo em seguida a uma reunião em que ele foi particularmente questionado por ter usado este poder para interromper a festa de aniversário (que estava fazendo muito barulho, segundo sua interpretação) de uma das pessoas mais populares da Colina. Esta conversa começou com ele me perguntando o que eu tinha achado da reunião, ao que eu respondi que tinha sido muito interessante, inclusive para permitir acompanhar a questão dos conflitos na comunidade. O Celso, então, comentou que “eu sempre estimei que estas reuniões fossem assim, porque é melhor expressar tudo ali do que ficar guardando rancores. Com o tempo as pessoas vão aprendendo a se expressar e a entender que aquele é um fórum coletivo da comunidade e que eu muitas vezes deixo de participar para que as pessoas possam ir aprendendo a se auto-administrar e que a maioria de títulos que nós possuímos permite que, qualquer medida que vá prejudicar irreversivelmente a Colina, a gente possa vetar (...). Nosso desejo é, aos poucos, ir vendendo parte destes títulos, de modo que no futuro a Colina terá que se autogerir sem este cuidado que a gente tem com ela. **A Colina é como um filho que vai ganhando autonomia aos poucos**, é um processo onde você não pode deixar ele fazer algo que vá matá-lo, você tem que deixar que ele vá crescendo, mas tem que estar sempre ali do lado, até ele poder realmente caminhar sozinho. Você vê o que acontece em outras áreas naturistas, que não conseguem se firmar porque as pessoas novas começam a fazer concessões em relação ao projeto original, porque não tem a experiência de saber porque certas coisas precisam ser feitas, que nós que estamos ali desde o começo já sabemos, e aí muitas delas não conseguem se desenvolver.” (transcrito do diário de campo, 29/01/2002, grifo meu).

Nesta fala de Celso, combinam-se duas das bases da autoridade paterna. Por um lado, ela é a fonte do saber dada pela experiência de quem “está ali desde o começo e já sabe”. Por outro lado, ao assumir a posição de pais, Celso e Paula reafirmam explicitamente que a Colina é um filho deles e não dos demais naturistas. A concepção da autoridade do líder comunitário, como uma espécie de poder patriarcal, foi teorizada por Tönnies, em seu clássico *Comunidade e Sociedade* (1963), onde ele afirma que:

“A idéia de autoridade é, dentro da Comunidade, mais adequadamente representada pela paternidade. Entretanto, autoridade, neste sentido, não implica posse e uso no interesse do mestre; ela significa educação e instrução como complementação da procriação, isto é, compartilhando a totalidade da própria vida e experiências com a criança, que irá gradualmente crescer e retribuir estas dádivas e, deste modo, estabelecer um verdadeiro relacionamento mútuo” (Tönnies, 1963:39).

Assim, seria justamente a experiência e a sabedoria que definiriam a capacidade de liderança nesta perspectiva “romântica” de comunidade, inexistindo qualquer processo deliberativo que aferisse os caminhos que os participantes desta comunidade desejassem seguir. Esta perspectiva, por sua vez, parece decorrer logicamente de uma compreensão de comunidade como detentora de um grau tão elevado de homogeneidade interna que as deliberações políticas seriam desnecessárias. Neste tipo de comunidade, segundo Taylor (1997), “a atividade de deliberação em si não é muito importante; o que importa é a unidade. No melhor tipo de condição simples, ‘o bem comum é evidente em toda parte’ e não precisa de debates e deliberações elaborados. As leis são poucas e, quando há necessidade de outras novas, ‘essa necessidade é percebida universalmente. O primeiro que as propõe não faz mais que dizer o que todos já sentiram, e não é preciso manobras nem eloquência para fazer passar à lei aquilo que cada pessoa já resolveu fazer, assim que tiver certeza de que os outros farão o mesmo.’ (Rousseau, 1962, *apud* Taylor, 1997:461-462)”.

Entretanto, como o desenvolvimento deste capítulo tem procurado discutir, a Colina do Sol apresenta-se como uma comunidade de um grau de complexidade considerável, onde os valores “românticos” de retorno à natureza interagem com a busca “contemporânea” de uma comunidade “segura porque homogênea” e com a construção de um “projeto”<sup>49</sup> individual que atualiza os valores do individualismo moderno.

Desta maneira, a insatisfação das pessoas, que se percebem como adultos e não como crianças incapazes de se autogovernarem, com a idéia de “autoridade paterna”

---

<sup>49</sup> Velho entende que o “projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade” (1994:28). Assim, o projeto individual, embora limitado pelos códigos culturais disponíveis em cada sociedade, parte do princípio de que o indivíduo é dotado de liberdade para realizar escolhas.



que rege as relações de poder dentro da Colina do Sol, é um dos elementos-chave para compreender como a liderança “natural” do casal Celso e Paula (dada pelo pioneirismo e pela reconhecida capacidade empreendedora) passou a ser vista como exercício de autoritarismo por uma expressiva parcela dos naturistas da Colina do Sol, tanto do ponto de vista numérico quanto em relação à participação na comunidade e na própria trajetória do naturismo.

A expressão da rejeição a este estilo de liderança pode ser percebida em três esferas diferente: nas formas irônicas com que Celso e Paula aparecem na fala de vários naturistas; nas críticas feitas em reuniões, principalmente naquelas em que nenhum dos dois está presente e no desinteresse ou no abandono destas mesmas reuniões que, no limite, pode estar associado a uma perspectiva de abandono da própria Colina, como alguns ex-frequentadores deixaram explícito.

Uma das primeiras vezes que ouvi estas expressões sobre o Celso foi durante a exibição do segundo vídeo de divulgação da Colina do Sol, feito na casa de uma das moradoras que havia convidado um pequeno grupo (cerca de oito pessoas) para assisti-lo. Quando, em uma das cenas, Celso aparece descendo uma rampa que está sendo utilizada na construção do hotel da Colina, uma das pessoas que assistia ao vídeo brincou, dizendo: “olha o presidente da Colina descendo a rampa!”, o que provocou uma gargalhada generalizada. No decorrer da pesquisa, estas referências foram se sucedendo, como na ocasião de uma festa, na qual o pai do Celso (que embora não seja naturista, assim como a mãe de Celso, frequentam a Colina e participam de várias de suas atividades sociais) havia “inaugurado” a festa, entrando fantasiado e tirando várias pessoas para dançar. Esta atitude dele foi muito elogiada e provocou a comparação com a família real inglesa, “onde a rainha-mãe também é muito mais simpática que a rainha e o príncipe”. Mais incisivos foram os comentários realizados em um churrasco que participei, já no meio do ano, época em que eu também já estava mais ambientado em campo e onde percebia que as conversas eram, cada vez mais, realizadas com pouca interferência em relação a minha presença entre eles. Durante o decorrer do churrasco, as conversas foram se encaminhando para discutir a situação da Colina (tema bastante recorrente, principalmente no período do inverno) e, “aos poucos, elementos de um passado mais ou menos recente foram surgindo para dar sustentação ao fato de que, para se mudar alguma coisa aqui, precisaria uma transformação profunda na concentração de poder nas mãos de Celso e Paula. Em um momento, Jorge lembrou de uma festa no

restaurante em que, às 22 horas, iniciou-se a pressão para que ela acabasse pois estava fazendo muito barulho e que isto significava não apenas menos lucro imediato para o restaurante mas o desânimo de mais de cinquenta pessoas presentes na festa e que, com a sucessão de coisas como estas, diminuía suas vindas à Colina. Outras pessoas lembraram o caso dos telhados [que apresentarei ainda neste capítulo], que depois de conseguir a unanimidade entre os moradores, foi vetada pela Paula e a construção de uma sede social para o clube que, depois de várias atividades realizadas para levantar fundos, foi vetada por decisão do Celso que havia dito que ‘no meu projeto da Colina não há espaço para uma sede do clube, pois ela vai acabar incomodando atuais ou futuros moradores’, o que segundo quem falava era uma prova cabal de que aquilo não era uma comunidade, mas um negócio de propriedade do Celso, o que leva a que, hoje, ninguém ou quase ninguém se deixa iludir mais com o seu papo” (extraído do diário de campo – 14/07). Há de se reconhecer que, se mesmo entre estas pessoas permanece um sentimento de que a Colina do Sol só existe devido ao empenho de Celso e Paula a este empreendimento, existe também um grupo para quem eles ainda permanecem como “líderes naturais” da comunidade e, ainda que possam fazer críticas pontuais a algumas decisões deste casal, defendem que eles continuem exercendo um papel de direção na Colina.

### *5.6 A estrutura formal de deliberação na Colina do Sol*

Embora, como foi descrito acima, a última instância de decisão na Colina do Sol seja o voto dos “sócios majoritários”, na prática quase todas as deliberações são tomadas em uma estrutura que permite uma maior participação da comunidade. Aliás, como dentro de qualquer sociedade por ações, a própria autoridade dos sócios majoritários em concentrar as decisões mais importantes é estatutária e, neste sentido, é possível dizer que a estrutura deliberativa da Colina do Sol possibilita uma participação e uma influência muito maior, por parte dos “sócios minoritários”, do que a maioria destas sociedades. Esta estrutura é composta pelos três fóruns – Conselho Consultivo, Conselho Deliberativo e Assembléia Geral – descritos abaixo:

O Conselho Consultivo<sup>50</sup>, também conhecido como “reunião das segundas”, que formalmente não tem poder deliberativo, embora na prática acabe sendo o fórum que delibera sobre as questões mais pertinentes ao cotidiano do funcionamento da Colina do Sol, desde a prioridade das ruas a serem “recuperadas” (como todas as ruas são de terra, a cada época de chuvas mais intensas é necessário recuperar a maioria delas) e a autorização para a realização de eventos que impliquem na presença de não-naturistas na Colina (tais como aulas de capoeira que, durante um breve período, eram oferecidas), até decisões mais importantes como a aceitação da proposta de troca de um título de sócio por trabalho, feita por uma pessoa que chegou como convidado e desejava permanecer na comunidade, e a votação sobre a delicada questão de vetar um nome para a função de responsável pela recepção dos visitantes na Colina (estas decisões mais importantes podem, como ocorreu efetivamente com esta segunda deliberação, serem revistas posteriormente no Conselho Deliberativo).

Enquanto o Conselho Consultivo é, em tese, aberto à participação de qualquer sócio (mesmo eu, por ser visto por muitos ali como sendo “marido” da Miriam, teria direito a votar nestas reuniões e, por diversas vezes, fui convidado a fazê-lo, o que sempre declinei, embora pudesse ocasionalmente contribuir com alguns comentários sobre os temas em pauta), o Conselho Deliberativo é composto por sete pessoas, eleitas por voto direto pelos sócios patrimoniais (os sócios prioritários podem ser eleitos para este Conselho mas não são eleitores para o mesmo), reunindo-se mensalmente e sendo o órgão responsável pela gestão da Colina do Sol, seja em seus aspectos financeiros (no qual é fiscalizado por um Conselho Fiscal, também eleito), seja na resolução de conflitos entre as concessões ou entre naturistas individuais e pela aplicação de sanções decorrentes da infração do Código de Ética (a partir, normalmente, das indicações de uma pessoa anualmente indicada como Coordenador de Ética). Estas reuniões têm um caráter mais fechado, inclusive pela possibilidade de discussão de problemas que assumem caráter sigiloso (principalmente aqueles relacionados ao comportamento dos naturistas em relação ao código de ética), mas pude acompanhar parcialmente duas delas, convidado por membros do próprio Conselho, para que pudesse verificar seu funcionamento (embora eles tenham falado, de forma bastante franca, que eu acompanharia apenas a discussão de assuntos administrativos).

---

<sup>50</sup> Todas as informações sobre os fóruns apresentados aqui foram retiradas do Manual do Sócio do Clube Naturista Colina do Sol (publicado em 25/06/2000) e, ocasionalmente, atualizadas através do acompanhamento das atividades dos respectivos conselhos.

Acima deste Conselho Deliberativo situa-se a Assembléia Geral dos Sócios Patrimoniais, que se reúne ordinariamente de forma bi-anual e, de forma extraordinária, por solicitação do próprio Conselho Deliberativo, do Conselho Fiscal, ou de um terço dos sócios patrimoniais,. Durante todo o período em que permaneci em campo não acompanhei nenhuma destas assembleias, embora fosse o ano da realização da Assembléia ordinária, o que pode ser explicado pela pouca importância atribuída a este fórum pela maior parte dos naturistas, uma vez que, apesar de ser formalmente o espaço de decisão final, todas as deliberações realizadas dependem unicamente da posição de Celso e Paula sobre os assuntos em pauta. Desta forma, as reuniões desta assembleia revestem-se unicamente do aspecto formal de empossar o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal, conforme o estatuto da Colina do Sol.

A amplitude do poder real de decisão destes fóruns é balizada por dois limites. O primeiro deles é a consciência, por parte de Celso e Paula de que o exercício indiscriminado do poder de veto implicaria em um tensionamento das relações sociais na Colina do Sol, o que poderia, em última instância, inviabilizar o próprio projeto de construção de uma comunidade naturista. Isto faz com que, segundo o próprio Celso, “nem sempre é votado aquilo com que nós concordamos e, se não for algo fundamental, nós aceitamos estas derrotas”. O segundo é justamente o que eles mesmos denominaram de “erros irreversíveis”, ou seja, aqueles que poderiam alterar significativamente o projeto deste casal para a construção desta comunidade, fazendo com que eles utilizassem seu poder de vetar estas decisões.

Desta forma, o próprio interesse na participação naquelas reuniões, e as tensões que podem ocorrer no decorrer das mesmas, sofrem as variações das avaliações subjetivas dos naturistas da possibilidade de que esta participação possa vir a ter algum resultado na determinação dos rumos e na resolução dos problemas da Colina. Um dos exemplos mais significativos para entender os limites apresentados acima, além dos impactos que as decisões de vetar determinadas iniciativas apresentam sobre a disposição subjetiva de continuar participando destes fóruns, foi dado pela “questão dos telhados”.

Durante todo o período que permaneci em campo, ouvi por diversas vezes referências à “questão dos telhados”, seja em reuniões formais, seja em conversas ou mesmo durante algumas das entrevistas que realizei. Em todos estes momentos, este assunto era citado como um dos exemplos mais nítidos dos limites que a estrutura de

poder da Colina impõe à atuação das pessoas. O caso em pauta remete para o já referido grau de deterioração de diversas cabanas, principalmente do telhado que é a parte mais exposta à ação do sol e da chuva, principalmente nas áreas mais arborizadas, que acumulam mais umidade. Diante da necessidade de reparo e da baixa vida útil destes telhados, iniciou-se um movimento reivindicando a autorização para substituir a madeira por telhas (o projeto original da Colina obriga a que as cabanas sejam construídas exclusivamente com madeira e pedras), o que possibilitaria um aumento na durabilidade das cabanas.

Esta proposta foi apresentada, segundo pude averiguar com diferentes pessoas, em uma das reuniões de segunda-feira e, embora tenha contado com a posição inicial contrária por parte do Celso, que estaria presente nesta reunião, ele teria dito que, caso esta proposta tivesse a unanimidade dos demais cabaneiros, ele não a vetaria. A partir da abertura desta possibilidade de ação, os proponentes iniciaram uma campanha de convencimento dos demais cabaneiros que, um a um, foram aderindo a um abaixo-assinado solicitando a substituição dos referidos telhados. No entanto, quando se conseguiu a almejada unanimidade, souberam que a Paula, que não estava presente na reunião que deu origem a este movimento, havia argumentado com Celso que esta proposta alteraria significativamente o projeto paisagístico inicial, fazendo com que ambos decidissem, por fim, vetar a alteração solicitada pelo abaixo-assinado.

O impacto desta decisão pode ser medido, entre outras formas, pelo fato de que este tema ainda repercutia mais de um ano depois destes acontecimentos. Por exemplo, em uma das primeiras reuniões que participei, algumas pessoas questionavam se o que elas decidiam ali era para valer mesmo ou se depois “eles” mudariam tudo para o que “eles” quisessem. A pessoa que coordenava a reunião, posteriormente, comentou que o grande erro do Celso naquela ocasião não foi o de ter vetado a mudança dos telhados, porque isso todo mundo sabe que eles têm o direito de fazer, mas o de ter permitido que aquele movimento tomasse tal vulto e que englobasse toda a Colina. Ao ir contra o desejo de noventa e nove por cento dos cabaneiros (embora não fossem noventa e nove por cento dos votos), eles deram “uma ducha de água fria” na disposição das pessoas em continuar participando das reuniões, “porque sempre ficava aquele clima de não saber até que ponto as questões eram realmente decididas ali”.

Ao mesmo tempo, porém, há um outro movimento que mostra como estas reuniões permanecem, em alguma medida, valorizadas e permite, principalmente nas

reuniões do Conselho Consultivo, perceber como moradores e frequentadores se entendem como grupos, com interesses específicos a serem defendidos.

Assim, durante todo o meu período em campo, pude acompanhar as disputas que moradores e frequentadores travaram em torno do pequeno espaço de poder que é constituído por estas reuniões semanais. O motivo aparente destas disputas remetia ao fato de que, como o próprio nome informal desta reunião diz – “reunião das segundas” – a participação dos que não moram na Colina, principalmente daqueles que trabalham em Porto Alegre ou nas demais cidades vizinhas, fica praticamente impossibilitada. No sentido de amenizar esta dificuldade, há uma permanente reivindicação, por parte de vários destes frequentadores, de que, pelo menos uma vez por mês, esta reunião fosse realizada no fim de semana, dando a oportunidade de participação aos frequentadores que o desejassem. O que poderia ser algo de resolução simples, no entanto, tornava-se motivo de polêmicas tão acentuadas que levava a que, ocasionalmente, surgisse a proposta, por parte daqueles donos de cabana que não se sentiam representados por estas reuniões, de se constituir uma Associação de Cabaneiros ou até mesmo de dividir a administração e os orçamentos das áreas de moradia e de lazer da Colina que tratavam, entre outras coisas, da manutenção da infra-estrutura básica da Colina do Sol.

Isto ocorreu, por exemplo, durante uma das reuniões semanais de abril (realizada em uma segunda-feira), na qual surgiu o comentário de que os cabaneiros de fim de semana estariam organizando uma destas “associações paralelas”. A opinião das pessoas que se expressaram nesta reunião era que estas iniciativas eram “divisionistas e feitas por pessoas que não querem somar, só ser oposição”. Frente a isto, mais uma vez colocou-se em discussão a proposta de se realizar uma reunião mensal nos fins de semana, o que poderia dar voz aos cabaneiros sem a necessidade de se criar uma associação para isso. Clara e Érik, no entanto, manifestaram sua preocupação de que estas reuniões poderiam decidir coisas “*inviáveis*” de serem executadas, porque para eles haveria sempre o risco de que “de repente, um grupo se organiza e vem votar algo e a gente é que sabe o que dá ou o que não dá para fazer”. Diante destes argumentos, Alberto sugeriu que estas reuniões de fim de semana poderiam ter mais o caráter informativo, não sendo deliberativas, mas mesmo assim havia alguma resistência à abertura de qualquer tipo de espaço desse tipo.

É interessante observar que estes argumentos apontam para uma contradição entre um discurso de que “não adianta convocar reuniões nos fins de semana porque

algumas pessoas fazem muito barulho para pedir a reunião, mas quando se atende este pedido e marca alguma para o fim de semana não aparece ninguém” e este temor expresso de que, em algum momento, as pessoas se organizem e venham disputar suas propostas com aqueles que, por morarem na própria comunidade, entendem que “sabem o que dá ou não para fazer”.

Assim, mesmo com as limitações impostas pelo fato de que a última palavra é sempre dada por Celso e Paula, as tensões existentes nestas reuniões de segunda, principalmente quando se discute a possibilidade de sua ampliação para além dos moradores, parecem indicar que alguma importância é atribuída por estes ao controle, mesmo que de apenas uma pequena parcela de poder e de informações sobre o cotidiano da Colina. Estas reuniões também reforçam a percepção de que parte dos moradores se reconhece como um grupo com interesses próprios e opostos aos dos frequentadores, o que ficou ainda mais nítido em uma reunião deste Conselho Consultivo, realizada em julho (ou seja, em pleno inverno, época em que teoricamente deseja-se atrair o maior número de pessoas para frequentar a Colina). Mais uma vez, para tentar situar não apenas os fatos, mas o ambiente em que esta reunião transcorreu, como também os meus comentários escritos no próprio dia da reunião (entre colchetes), transcrevo literalmente o diário de campo deste dia:

“22/07 – (...) A questão mais polêmica da reunião foi a informação de que estava sendo veiculada uma proposta de separação da administração do clube naturista da administração da parte residencial. Embora não se nomeasse os autores da proposta, os presentes na reunião tentavam identificar de onde ela poderia ter surgido, sendo logo associada aos mesmos que tentaram, alguns meses atrás, organizar uma associação de cabaneiros. O mais interessante, no entanto, foi a polarização que se estabeleceu ali, entre alguns que defendiam uma maior abertura para a participação dos não-moradores e outros explicitamente críticos a esta proposta. Estes últimos [que, por vezes, expunham claramente a divisão “nós”/“eles” que era construída neste discurso] assumiam uma postura de estarem realmente interessados no clube como um todo e não apenas ‘na minha rua’, de conhecerem a situação, a realidade, enquanto os demais ‘falam sem saber de nada’ e que estas reuniões das segundas são abertas, mas que ‘eles’ não aparecem [parecendo esquecer que ‘eles’ justamente não moram na Colina e têm dificuldades objetivas de estar durante a semana na Colina]. Chegou-se a comentar a ausência destas pessoas das reuniões mensais que, depois de muitas críticas, foram

instituídas nos fins de semana, embora em horários que recebem muitas críticas [É interessante notar como estas distinções se estabelecem em nome de um ‘poder’ que, na realidade, passa muito pouco por estas reuniões, sendo mais um acesso a informações que raramente são circuladas, chegando ao ponto de que os associados sequer recebem um balanço das receitas e despesas do clube, o que o próprio Celso cobrou que fosse feito<sup>51</sup>]. Ao final, decidiu-se marcar uma nova reunião [na sexta-feira à noite!] que ‘permitisse’ a participação dos que não moram na Colina para discutir especificamente os problemas referentes à parte residencial, não tendo sido aceita a sugestão que fiz, de se realizar uma consulta aos próprios frequentadores para decidir o melhor dia e horário, no fim de semana, para marcar a reunião.”

Desta forma, demarca-se a alternância entre um desinteresse na participação nestes fóruns (que, em alguns momentos reuniam apenas cinco moradores) e uma disputa acirrada sobre seu controle, que muitas vezes também servia como estímulo a uma renovação do interesse neste Conselho (como na reunião citada acima, que contou com a presença de dezessete pessoas). Assim, do mesmo modo que ocorre com as discussões sobre as concessões ou sobre as regras de comportamento da comunidade, podemos perceber como a Colina do Sol, longe do que a idéia de uma pequena comunidade composta por pessoas de ideais semelhantes poderia fazer supor, pulsa com contradições e, justamente pela existência destes conflitos, como aponta Simmel (1964), mantém um dinamismo que faz com que suas características ainda não estejam plenamente consolidadas. A possibilidade de mudança, sempre presente onde exista o conflito, parece ser o que torna a busca pela construção de um outro estilo de comunidade – o que algumas pessoas apontam como estando na origem da Colina do Sol e que poderia estar sendo desvirtuado pelo fortalecimento dos interesses comerciais – um sonho ainda possível de ser realizado nesta área naturista.

### *5.7 Uma outra comunidade é possível?*

Na primeira parte deste capítulo apresentei a perspectiva de Bauman (2003) segundo a qual uma das condições para que a comunidade mantivesse sua associação

---

<sup>51</sup> Este balanço, que era uma das reivindicações de muitos associados, passou a ser um pouco mais divulgado durante um período. Nos últimos meses que estive em campo, no entanto, ele estava disponível apenas na sede do clube, não sendo enviado, por exemplo, para os associados de outras cidades.



com o “paraíso perdido”, onde todas as contradições da vida em sociedade seriam resolvidas, era a de que ela permanecesse indefinidamente no plano das idéias. A concretização deste sonho, ao que Bauman chamou de “comunidades realmente existentes”, nos levaria à situação que ele descreve a partir da metáfora com o mito de Tântalo, onde a contradição entre a segurança proporcionada pelo pertencimento à comunidade e a liberdade de escolha individual apareceriam como pólos que se repeliriam mutuamente.

Entretanto, ao contrário do que estas análises poderiam nos levar a concluir, Bauman recusa a alternativa niilista e, no final de seu livro, tenta apontar um caminho, uma saída para o dilema central da contemporaneidade, que é o de “sermos convocados, como observou Beck com acidez, a buscar soluções biográficas para contradições sistêmicas; procuramos a salvação individual de problemas compartilhados” (2003:129). Assim, sem cair na tentação de criar modelos, Bauman nos chama a atenção de que “na realização de tais tarefas da contemporaneidade é que a comunidade mais faz falta; mas também aqui reside a chance de que a comunidade venha a se realizar. Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto, a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesses e responsabilidade, em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.” (2003:134).

A dimensão desta tarefa, associada à incerteza de saber se, na realidade, uma outra comunidade é possível, permite imaginar que cada tentativa para a sua realização será atravessada por contradições, por avanços e retrocessos em um caminho em que cada passo é tateado no escuro e onde as tentações da “segurança do mesmo”, propiciada pelas comunidades tradicionais, estarão sempre presentes.

Assim, é impossível definir, mesmo a partir de um ano de intensa pesquisa, se a Colina do Sol irá se consolidar como uma “comunidade local” que exclui a diferença, uma “comunidade turística” que enfatiza seus aspectos comerciais ou uma “comunidade de fim de semana” onde algumas pessoas se permitem fugir da diversidade urbana; ou então se conseguirá transformar o “compartilhamento e o cuidado mútuo”, que tantas vezes encontrei ali, em alicerces para a construção da nova comunidade. Sequer é possível excluir a possibilidade de que ela venha a desenvolver exclusivamente seu aspecto empresarial, perdendo qualquer característica comunitária e se tornando apenas

“um bom negócio”, um empreendimento imobiliário, ainda que naturista, ou mesmo apenas mais um clube, onde seja permitido estar nu.

O que é inegável é que, conflitos, tensões e divergências mais ou menos profundas à parte, pude perceber o desenvolvimento na Colina do Sol de um tipo de relacionamento, que eles chamam de “amizade de infância”, que permite a nudez de adultos, jovens e crianças ser vivenciada em um ambiente de cuidado de todos para com todos. Assim, desde o fato de chegar em casa e encontrar, em minha mesa, pedaços de bolos feitos por vizinhos, até a preocupação de Júlio, quando viu uma das crianças andando de mãos dadas com “um adulto desconhecido” e rapidamente ligou para a casa desta criança para ter mais informações (sendo tranquilizado ao saber que se tratava do pai desta, que estava de visita na Colina), percebe-se que algo de um “cuidado mútuo”, de um deslocamento do olhar de si mesmo para o outro, ainda que limitado a um outro semelhante, está sendo construído ali.

Assim, de acordo com o que me foi sugerido por Gláucia Mello, em um seminário no qual apresentei uma versão resumida deste capítulo, a Colina do Sol expressa o que poderíamos apontar como as quatro questões centrais para a construção de uma nova configuração comunitária: a busca de uma “verdadeira” família, centrada mais nos laços de escolha do que nas determinações de sangue; o reforço da sensação de pertencimento, dado pelo compartilhar de significados comuns; a busca de um refúgio frente à insegurança e ao risco da vida na metrópole e, finalmente, a necessidade de novas normatizações, que redefinam as regras da vida coletiva sem excluir os aspectos considerados positivos da liberdade individual.

## **CAPÍTULO SEIS**

### **NUS DE CORPO E ALMA**

Em um artigo sobre a construção social e cultural do corpo, Lock (1993) afirmou que uma antropologia do corpo deve incluir uma teoria das emoções. A partir do ponto de vista da antropologia das emoções, Abu-Lughod e Lutz (1990) chegaram a um entendimento semelhante de que as emoções, na maior parte dos contextos, são experiências que envolvem a pessoa inteira, inclusive o corpo. Se, como acredito, a amizade é não apenas uma relação social, mas uma expressão de um conjunto de emoções, então creio que é possível compreendê-la, também, através de suas práticas corporais, principalmente em um grupo, como o dos naturistas, onde ambos – amizade e corpo – estão tão indissolúvelmente ligados.

Neste capítulo, portanto, estarei procurando apresentar como o corpo naturista é “construído” a partir da combinação de elementos presentes no grupo social de origem (que, em sua maioria, é proveniente de setores da classe média, como foi exposto no capítulo três) com aspectos oriundos da filosofia naturista (que remete ao romantismo alemão do século XIX, como discutido no capítulo quatro).

De acordo com o que venho tentando desenvolver em toda esta etnografia, minha interpretação da construção cultural do corpo no naturismo parte de uma leitura que procura equilibrar os dois termos presentes no conceito de “observação

participante”. Buscar este equilíbrio, no meu entender, é indissociável de perceber que toda observação é feita no decorrer de um processo de participação nas atividades do grupo, sendo portanto uma observação realizada a partir do ponto de vista desta participação. Conseqüentemente, somos afetados não apenas racionalmente, mas também emocional e mesmo corporalmente por esta observação, quando ela é efetivamente participante.

É neste sentido, portanto, que inicio este capítulo com uma discussão sobre como o período de um ano em campo afetou a percepção de meu próprio corpo. Sigo, aqui, a idéia de afecto desenvolvida por Favret-Saada (1990) que aponta a necessidade de nos deixarmos ser afetados pelas diversas experiências ocorridas em campo, não para deduzirmos o modo como as pessoas que pesquisamos se relacionam com estas experiências, mas para possibilitar um tipo de comunicação diferente da comunicação involuntária que caracteriza a relação observador-observado tradicional. Assim, ter não apenas permanecido nu como os naturistas que pesquisei (o que era também uma necessidade para realizar o trabalho de campo), mas ter efetivamente me disposto a participar ativamente (e me deixar afetar por esta participação) do cotidiano das pessoas na Colina do Sol, abriu-me uma ampla perspectiva para a qual, inclusive, tenho clareza de que ainda me faltam maiores instrumentos para obter, destas observações, toda a gama de conhecimentos que podem advir de uma pesquisa feita “de corpo e alma”.

Feita esta ressalva, creio que esta disposição de deixar-me afetar pelo campo trouxe-me duas vantagens significativas. A primeira, que já havia sido indicada no texto de Favret-Saada, foi a de diminuir a distância que normalmente marca a relação observador-observado. Ao procurar, ao máximo, estar em campo como um naturista (o que é diferente de adotar o seu ponto de vista), o que foi em muito facilitado pelo meu relacionamento com Miriam, era a partir desta posição que, pelo menos em algumas situações, as pessoas vinham se relacionar comigo. A segunda vantagem foi que pude, em diversos momentos, observar como diversas situações de campo agiam sobre o meu próprio corpo e as tentativas de compreensão destas reações, embora não me levassem a um entendimento empático de como os naturistas reagiam a estas mesmas situações, ajudaram a construir um leque de questões que orientaram minhas observações em campo. Assim, o primeiro contato de uma pessoa com o naturismo; o medo da ereção em espaços públicos; a construção do olhar e do tocar entre naturistas e as transformações corporais (principalmente no que diz respeito à uniformidade da cor da

pele, mas também em termos de sensibilidades táteis) foram não apenas “observados” mas sentidos, literalmente, na pele.

A partir desta discussão, sobre a inserção de meu próprio corpo na pesquisa de campo, inicio o capítulo com o que seria o primeiro passo de alguém que visita, pela primeira vez, uma área naturista como a Colina do Sol. Assim, irei discutir como os conceitos de vergonha e pudor são percebidos pelas pessoas que estão tendo o primeiro contato com o naturismo, a partir da forma pela qual as pessoas relatam estas primeiras experiências e como, principalmente entre aqueles que comentaram de forma retrospectiva sobre estas sensações, por já estarem há algum tempo no naturismo, estas experiências foram vividas como rupturas com o que era, até então, percebido como padrão moral de comportamento.

### *6.1 Um corpo em campo*

No início desta tese, inseri um capítulo onde procurei discutir as implicações sobre meu trabalho de campo, e sobre as minhas próprias interpretações do naturismo, que um relacionamento de dois anos com uma naturista me proporcionou. Isto se deveu, fundamentalmente, ao entendimento de que uma parte significativa de nossa capacidade de interpretação fica reduzida quando abstraímos de que todo ritual, toda atividade política, todas as relações familiares e tudo o mais que pudermos pesquisar, são não apenas indissociáveis das emoções sentidas por aqueles que as praticam como também nos afetam, para além de nossas conceituações teóricas. Neste capítulo, ao tratar da compreensão do corpo no naturismo, irei discutir as consequências de incluir o meu próprio corpo na pesquisa, não apenas como algo a ser observado, mas como um corpo que participava, tanto no acréscimo de dados para as interpretações da dimensão corporal no naturismo, quanto para as elaborações que venho desenvolvendo sobre a observação participante como metodologia de pesquisa.

Embora esteja presente em todas as pesquisas que fazemos, nosso corpo normalmente permanece tão ou mais ignorado do que os corpos daqueles com quem pesquisamos, acarretando sua ausência na enorme maioria dos textos etnográficos que produzimos. Ainda que nas últimas décadas tenhamos assistido a uma significativa ampliação de temas, com a importante incorporação da subjetividade, seja para a

compreensão das práticas culturais, seja para a própria construção da identidade do pesquisador em campo, as consequências deste debate têm tido um alcance limitado sobre o conjunto de nossa disciplina. Assim, com raras exceções, são apenas os trabalhos que já tematizam a Antropologia das Emoções ou a Antropologia do Corpo que demonstram uma preocupação com o reflexo de suas próprias emoções e, em menor medida, de seu próprio corpo sobre a pesquisa de campo, embora mesmo aqui esta preocupação não seja uma regra geral. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no tratamento das questões de gênero, que na maioria dos trabalhos, nos quais não é o tema central, aparece quase sempre como um fator explicativo para o maior/menor acesso a determinado grupo de informantes, não sendo problematizado como um elemento que influencia não apenas determinadas escolhas – como os próprios temas de pesquisas, formas de entrada em campo, definição dos informantes, entre outras – mas também a nossa percepção sobre as questões observadas.

É possível perceber, então, que aspectos como as emoções e o corpo do próprio pesquisador permanecem ocultos nas etnografias clássicas, ou são apresentados como pequenos relatos que, inseridos dentro do trabalho, teriam a função de tornar a leitura mais agradável e de confirmar a autoridade etnográfica, reforçando a presença do autor em campo. Neste sentido, concordo plenamente com DaMatta, quando ele diz que “todo o anedotário referente às pesquisas de campo é um modo muito pouco imaginativo de depositar num lado obscuro do ofício os seus pontos talvez mais importantes e mais significativos. É uma maneira e, quem sabe?, um modo de não assumir o lado humano da disciplina, com um temor infantil de revelar o quanto vai de subjetivo nas pesquisas de campo” (1993:156). Meu objetivo, portanto, é trazer este “anthropological blues”, termo que DaMatta utiliza para falar deste elemento de subjetividade, para dentro da etnografia, tentando estabelecer um diálogo produtivo entre meu corpo, minhas emoções e minha racionalidade.

No capítulo dois, quando discuti meu envolvimento com Miriam, já apontei para a crítica que Lutz (1996) faz desta dicotomia racional/emocional, presente no paradigma científico do Ocidente. Discutindo mais especificamente as questões da Antropologia do Corpo, podemos perceber como esta dualidade é reproduzida na oposição entre uma mente (que pensa e não tem materialidade física) e um corpo físico (que não pensa) e que, segundo Strathern (1996), é hierarquizada com a supremacia da primeira em relação à segunda. Indo mais além, Lloyd (1984) chama a atenção para a marca de

gênero desta hierarquia, ao apontar as associações entre mente/cultura como atributos masculinos e corpo/natureza como atributos femininos o que, como veremos no decorrer deste capítulo, é plenamente incorporado nas construções dos papéis de gênero encontrados no naturismo.

Diversas tentativas foram realizadas para tentar superar esta dicotomia. Farnell (1999), no entanto, aponta como em muitas destas tentativas acabou-se por inverter a hierarquia acima apresentada, mantendo intacta a estrutura dualista, em uma leitura romântica que definiria positivamente o corpo como “natural, incólume e pré-conceitual” e desqualificando o racional como “frio e distanciado”. Neste sentido, ela destaca o trabalho de Harré (1991), que desenvolve uma teoria que procura resignificar o movimento como uma ação culturalmente e semanticamente significativa, como alternativa tanto à substância mental cartesiana quanto à intencionalidade corporal de Merleau-Ponty (1971).

Quais os reflexos deste debate na pesquisa de campo? Cardoso de Oliveira (1998), discorrendo sobre o que seria “o trabalho do antropólogo”, define “as etapas mais estratégicas da produção do conhecimento antropológico” como sendo “olhar, ouvir e escrever”. A partir de minha própria experiência de campo, e procurando seguir Farnell na tentativa de romper as dicotomias entre corpo e mente, gostaria de situar duas questões em relação ao “trabalho do antropólogo”.

A primeira delas é a necessidade de ampliar a presença do corpo do pesquisador em campo. Sem querer entrar na discussão de quais os mecanismos culturais que concorreram para o privilégio da visão e da audição nas sociedades ocidentais, concordo que estes são os sentidos mais importantes na realização da observação participante. No entanto, primazia não deve significar exclusividade, e assim entendo ser positivo o desenvolvimento de uma atenção mais ampliada para o conjunto de informações que a totalidade de nosso corpo pode obter, inclusive compreendendo que se situar em campo significa, muitas vezes, ter que aprender um *habitus* corporal diferenciado e que este aprendizado (quase sempre parcial) é também fonte de conhecimento, que é muito mais “sentido” do que visto ou ouvido. Assim, embora diversos aspectos sobre a história do naturismo e da formação da Colina do Sol ou os conflitos de interesses, presentes nas reuniões semanais do Conselho Consultivo, tenham sido obtidos em entrevistas ou por observação direta, as mudanças na forma de se olhar para o corpo do outro foram não apenas também observadas “de um ponto de vista externo” (com toda a dificuldade que



aqueles que já tentaram observar um olhar conhecem), mas principalmente percebidas quando eu era o próprio foco do olhar dos outros ou quando era o meu olhar que ia, aos poucos, “perdendo a vergonha” e aprendendo como se olha para aqueles corpos nus.

A segunda questão remete mais diretamente para a distinção entre o “perceber”, que seria próprio dos sentidos, e o “pensar” que estaria mais diretamente ligado à mente. Assim, para Cardoso de Oliveira, “enquanto no olhar e no ouvir ‘disciplinados’ – a saber, disciplinados pela disciplina – realiza-se nossa *percepção*, será no escrever que o nosso *pensamento* exercitar-se-á da forma mais cabal” (1998:18, grifos do autor). Explicitando o que entende por “disciplinar” o olhar e o ouvir, Cardoso de Oliveira enfatiza que se trata de uma “domesticação teórica”, ou seja, a apreensão do objeto “pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade” (1998:19). Sem negar que a formação antropológica nos fornece um modo particular de percepção do mundo, o próprio autor indica que esta formação não é aprendida exclusivamente através das “disciplinas acadêmicas”, sendo também realizada no confronto com as questões impostas pelo próprio trabalho de campo.

Estas duas questões são brilhantemente desenvolvidas por Kondo (1990), em uma pesquisa que foi inicialmente pensada para discutir a relação entre parentesco e economia em empresas familiares japonesas e cujo tema central, quando de sua conclusão, tornou-se a construção de identidades (para tentar sintetizar uma pesquisa tão complexa) no contexto japonês. A mudança de foco de pesquisa, a partir das primeiras observações de campo, não é necessariamente uma novidade, podendo inclusive ser creditada a um olhar “teoricamente domesticado”. No entanto, as experiências de campo de Kondo levaram-na muito além da redefinição de seu tema, propiciando um questionamento mais profundo da separação entre um momento de “percepção” e um momento de “pensamento”. Assim, para Kondo, “a experiência e a *especificidade* da minha experiência – um ser humano particular que encontra outros particulares em um momento histórico particular e tem objetivos particulares nesta interação – não é oposta a teoria; ela *representa e incorpora* a teoria” (1990:24, grifos da autora).

O que propiciou estas experiências para Kondo? A própria autora desenvolve de forma bastante extensa, no primeiro capítulo de seu trabalho, o processo de constituição destas, desde sua situação como uma “nipo-americana” desenvolvendo pesquisa em Tóquio, até as circunstâncias particulares de sua entrada em campo. No entanto, gostaria de salientar dois aspectos, presentes em seu relato, que considero cruciais para este

desenvolvimento e que poderiam ser sintetizados na sua disposição em deixar-se “afectar” pelo campo, retomando aqui o uso que Favret-Saada faz deste termo.

Em primeiro lugar, Kondo faz refletir sobre seu próprio olhar a teoria que foi desenvolvendo sobre a formação de identidades fragmentadas, fazendo com que nem tudo que “via” fosse percebido com o “olhar disciplinado”, academicamente formado. Assim, ela permitiu que aspectos não previstos a surpreendessem e a levassem a reagir não como “antropóloga” mas como “mulher”, “nipo-americana”, “solteira”, “jovem” ou qualquer outro dos *selves* que a constituíam. Realizar tal operação significa, também, romper com uma ilusão, que as etnografias muitas vezes induzem, de que o antropólogo permanece “vinte e quatro horas por dia” observando, objetivamente, as questões referentes a seu tema de pesquisa e realizando suas entrevistas, anotações e quadros comparativos. Embora, para citar minha própria experiência, tenha me sentido “trabalhando” todo o período que permaneci em campo, isto só foi possível porque, na minha concepção, todas as experiências pelas quais passei em campo, mesmo durante as partidas de vôlei, os churrascos no camping ou os períodos de banho de sol no lago (nos quais era constante a brincadeira dos naturistas em relação ao meu “trabalho” que, para eles, era a expressão máxima do “unir o útil ao agradável”), foram significativas, mesmo que apenas “subjetivamente”.

O segundo aspecto que gostaria de salientar no trabalho de Kondo foi a sua abertura para observar não apenas os comportamentos daqueles com quem ela tinha se disposto a realizar sua pesquisa. Ao refletir sobre suas reações emocionais e, além disso, ao ampliar o espectro para além do que ela “via e ouvia” nas situações formais de campo, Kondo introduziu um conjunto de sensações, como os barulhos urbanos percebidos de seu apartamento, as sensações físicas (inclusive de dor e desconforto) na “escola de ética”, os sabores da culinária local, entre tantas outras questões que nos são apresentadas em seu trabalho, não apenas como elementos decorativos na descrição de campo, mas como aspectos “corporal e emocionalmente” refletidos.

Entendo “corporificar” a pesquisa, então, como uma forma de percepção de que, em campo, não apenas vemos e ouvimos, mas apreendemos com a totalidade de nosso corpo (bem como com a relação de nosso corpo com os demais corpos presentes). Neste sentido, penso ser possível traçar um paralelo com o conceito de “afetamento” de Favret-Saada, para dizer que, durante uma pesquisa, somos afetados tanto intelectual como emocional e corporalmente. De um certo modo, desde a escolha de uma

comunidade naturista como o local no qual pretendia desenvolver minha pesquisa, havia também uma procura de uma maior reflexão sobre o impacto da subjetividade e da corporalidade do pesquisador na observação participante. Foi aberto para estas experiências que realizei minhas observações, procurando fazer com que, desde a preparação para entrar em campo, meu próprio corpo fosse não apenas observador mas observado. Espero, no decorrer deste capítulo, deixar mais explícitas as consequências desta postura para a observação participante e para a elaboração desta etnografia em particular.

## *6.2 Os primeiros contatos com a nudez*

“Estou no ônibus que me levará até a Colina do Sol e sinto-me extremamente ansioso. Creio que uma parte desta ansiedade deve ser comum a todos os que estão por iniciar um novo trabalho de campo, com a expectativa de como será a nossa aceitação e toda a preocupação em não cometer gafes que possam comprometer nossa imagem neste primeiro encontro. Entretanto, há uma outra dimensão desta ansiedade que é dada pela preocupação em como irei reagir à prática do naturismo. Já havia, em algumas praias desertas, tomado banho de mar despido, na companhia de uma namorada ou de pequenos grupos de amigos muito próximos. Todavia, a perspectiva de estar permanentemente nu em um grupo que, pelas informações que obtive, deve chegar perto de duzentas pessoas, todas estranhas, ainda mais com todas as regras (principalmente a importância do controle da ereção) que são exigidas neste local, deixa-me bastante preocupado. Fico pensando em como se deve cumprimentar, como se deve sentar, como se deve olhar as pessoas, enfim uma série de situações que fazemos de forma tão automática em nosso cotidiano e que imagino que, aqui, podem adquirir uma outra significação.”

Fiz estas anotações apenas uma hora antes de chegar na Colina do Sol, entre a preocupação em não perder o caminho, que me foi ensinado por telefone por um dos responsáveis pela recepção dos novos visitantes, e a expectativa de iniciar a pesquisa. Com o passar do tempo em campo, conversei com as pessoas sobre como cada um viveu a experiência dos momentos que antecederam a primeira ida para uma área naturista, observei a chegada de pessoas que faziam sua primeira visita a Colina do Sol

(principalmente aqueles que nunca tinham estado em outra área de naturismo), e li revistas e sites de naturismo, onde podem ser encontrados depoimentos de pessoas que passaram por esta situação e perguntas daqueles que ainda estão se decidindo a conhecer o naturismo. Em cada uma destas situações, pude verificar que minhas próprias sensações não diferiam significativamente daquelas que a maioria relata ter sentido, ao imaginar-se completamente nu entre pessoas totalmente desconhecidas.

Assim, por exemplo, em um jornal de Porto Alegre, publicado logo após a exibição de um programa televisivo sobre o naturismo, as pessoas respondiam se frequentariam uma praia de “nudismo”:

“Eu, particularmente, não frequentaria uma praia de nudismo. Não teria coragem de ficar nua na frente de outras pessoas. Seria uma situação constrangedora.” (J.G., estudante, mulher)

“Não conseguiria me imaginar frequentando uma praia de nudismo. Eu sou muito envergonhada para esse tipo de coisa. Não teria coragem de me expor dessa maneira.” (L.F., cabeleireira)

É interessante notar que, mesmo para algumas pessoas que convivem com a nudez por força da profissão, como no caso do teatro, a idéia de visitar ou frequentar uma área naturista assume uma dimensão diferenciada. Pude perceber isto ao entrevistar, em Porto Alegre, uma atriz que, mesmo já tendo feito cenas de nu total no palco, falou que: “ali, em cena, é como se não fosse eu. É a personagem que está nua; no palco fazemos muitas coisas que não faríamos na nossa vida cotidiana e a distância palco-platéia te dá uma segurança, um distanciamento, que eu não teria em uma área destas. Acho que jamais teria coragem de tirar a roupa em um lugar assim, público.” Situação semelhante é a de pessoas que têm ou tiveram o costume de acampar ou de frequentar praias desertas e, por curiosidade ou prazer, despem-se nestas situações mas que sentem, ou imaginam que sentiriam como descobri ser o meu caso, vergonha em tirar a roupa entre desconhecidos.

É possível observar, nas declarações acima, a recorrência da idéia de vergonha associada com a nudez fora do âmbito privado (ou do palco, no caso da atriz). Assim, seria necessária ou uma coragem adicional para realizar esta ruptura, ou ser “sem-vergonha”, como pejorativamente algumas pessoas se referem aos naturistas, para poder

frequentar uma área de naturismo sem sentir embaraço. Esta perspectiva, no entanto, não atenta para o caráter eminentemente contextual da vergonha, pressupondo uma naturalização desta emoção.

Martins (1999) chama a atenção para esta característica da vergonha, ao afirmar que “sentir vergonha e embaraço numa circunstância determinada, numa determinada situação social, apenas nos indica que as pessoas são orientadas por uma pauta do que é certo e do que é errado” (1999:10). As sensações experimentadas por quem se imagina visitando, ou os primeiros momentos de quem chega em uma área naturista, nos fornecem valiosos elementos para se refletir sobre o caráter contextual das emoções, especificamente da vergonha no caso analisado. Podemos pensar nestas situações como casos em que as pessoas transitam, em pensamento ou de forma concreta, entre duas pautas do que é certo ou errado: uma, da sociedade mais ampla, que determina a utilização de roupas (que variam conforme cada situação) e outra que permite ou obriga a nudez nos espaços naturistas.

Frente a situações como estas, muitas pessoas expressam uma sensação de desorientação. “Fiquei momentaneamente sem saber o que fazer”, é como definiu um frequentador, recordando sua primeira visita a uma área naturista. Nas áreas naturistas em que há locais de nu opcional, como no caso da Colina do Sol, vários recém-chegados optam por uma fase de transição, em que permanecem vestidos por um período, enquanto buscam se adaptar ao convívio com as pessoas nuas ao redor. Nestes casos, é comum as pessoas se referirem, posteriormente, a terem sentido embaraço justamente por estarem vestidas, principalmente se são as únicas pessoas usando roupas no local, e com isso se perceberem chamando mais a atenção do que imaginavam que chamariam por estarem nuas e, quando finalmente decidem se desnudar, sentem-se mais integradas ao grupo. Estas mesmas pessoas, no entanto, podem sentir vergonha de admitir para outros, que não fazem parte do movimento, que frequentam ou frequentaram uma área naturista, como no caso de Clara que, tendo sido identificada em um programa de televisão por pessoas da cidade de sua família, reconheceu que ficou incomodada quando o assunto foi comentado, quando de uma visita posterior a esta cidade, principalmente pelo aspecto machista que diz ter sentido em muitos destes comentários.

Estas situações, como a vivida por Clara, chamam a atenção para um aspecto adicional em compreender as dificuldades, que muitas pessoas comentaram ter sentido,

em tomar a decisão de conhecer e/ou frequentar uma área naturista, que é a forma desigual com que a sociedade lida com a nudez de homens e mulheres. Bologne (1986) discute como esta diferenciação foi reforçada durante a consolidação da burguesia como classe dominante, ao final da Revolução Francesa, constituindo principalmente o corpo da mulher como objeto do pudor e da decência, frente à decadência moral da nobreza derrotada. Jardim (2001), trabalhando com homens de camadas populares do Rio Grande do Sul, mostra como a honra masculina depende da pureza e da vergonha das mulheres da família (mãe, esposa e filhas). Mesmo nas camadas médias esta diferenciação pode ser encontrada, como em um relato de Fiúza: “pude presenciar um pai chamando a atenção da filha por causa de um biquíni que, segundo ele, assemelhava-se aos das ‘moças das revistas, aos das meninas soltas da praia de Ipanema’. O pai repetia em tom alto: ‘filha minha não vai ficar colocando tudo de fora, não. É claro que deve usar biquíni, mas essa coisa de fio dental, de asa delta ... é modismo de quem quer ficar nua” (1989:110).

Poucos meses antes de ir para o campo, pude vivenciar uma situação em que esta diferenciação por gênero na relação com a nudez se expressou de forma singular. Embora o contexto seja completamente diferente do que seria vivido em uma área naturista, o que quero reforçar aqui é o fato de que, mesmo entre mulheres das “camadas médias intelectualizadas” (como as duas amigas que estiveram comigo neste momento) a relação com a nudez em público é fortemente influenciada pelo gênero. Fui, com duas amigas antropólogas, assistir a peça de teatro “Viagem ao Centro da Terra”, uma peça interativa em que cada espectador era platéia e ator durante todo o espetáculo e no qual a ação se desenrolava em uma sequência de cenários que eram percorridos, muitas vezes, no escuro. Nesta peça, a cena final consistia em uma metáfora do retorno dos viajantes à superfície da Terra, com as pessoas passando por um túnel, de cerca de cinquenta metros, no qual duchas jorravam água (no livro homônimo que inspirou a peça, os viajantes retornam através da erupção de um vulcão). Para que as pessoas atravessassem este túnel, no entanto, era obrigatório fazê-lo despido, com a organização da peça propiciando um saco plástico no qual você colocava sua roupa e tendo toalhas à disposição, no final do túnel. Para evitar constrangimentos, estes túneis eram divididos por sexo: um masculino, um feminino e um misto. Já na expectativa de minha breve ida para o campo, procurei observar como as pessoas, minhas amigas inclusive, se dividiriam. Assim, quando me dirigi para o

grupo que havia optado pelo túnel misto, percebi que este era composto por cerca de quinze homens e apenas duas mulheres, com todas as demais mulheres que assistiam a peça (cerca de vinte no total) tendo optado pelo túnel feminino, enquanto apenas três ou quatro homens optaram pelo túnel exclusivamente masculino. Além disso, ao se perceberem tão minoritárias, as duas mulheres que haviam escolhido o túnel misto desistiram, permanecendo então apenas dois túneis: masculino e feminino. Mais tarde, conversando sobre a peça, e sobre esta situação, com minhas amigas, uma delas me comentou que tinha pensado em ir também para o túnel misto, mas que com a recusa da outra, havia desistido também. Por sua vez, esta amiga que preferiu desde o início o túnel feminino, falou que não é tão fácil para as mulheres tirarem a roupa na frente de homens quanto para os homens ficarem nus na frente das mulheres. Segundo ela, as mulheres são sempre criadas para esconder mais o corpo e, na prática, é muito mais difícil romper com esta formação.

No decorrer deste capítulo irei aprofundar como esta distinção entre a nudez masculina e a feminina é vivida na Colina do Sol. Aqui, pretendo apenas enfatizar como este aspecto da diferença de criação de filhos e filhas é recorrentemente utilizada, pelas próprias naturistas, como uma justificativa da maior dificuldade das mulheres em se iniciar na prática do naturismo. Assim, mesmo entre as lideranças deste movimento, como em um dos encontros nacionais que acompanhei, uma mulher lembrava de como foi difícil ser convencida por seu marido a visitar uma área de naturismo pela primeira vez, dado que ela vinha de uma família muito “rígida”. Na Colina do Sol, em um dos muitos churrascos de que participei, este também foi tema de uma conversa, onde a maior parte das mulheres reforçou que a entrada no naturismo foi através de seus maridos e, normalmente, depois de muita insistência destes. Uma delas, inclusive, comentou que, embora gostasse do ambiente dali, principalmente do camping, ela preferiria frequentar outros lugares, mas que o marido gostava muito da Colina e ela acompanhava. Todas elas falaram que tiveram muita vergonha na primeira visita à Colina, principalmente porque sempre foram ensinadas a esconder o corpo na infância e adolescência e, com a idade adulta, a perceber como o corpo das mulheres adquire um “valor de mercado” nas revistas e na publicidade, reforçando uma associação entre a nudez e a ausência de vergonha. Entre as poucas que comentaram terem tido elas mesmas a iniciativa de conhecer o naturismo, esta associação com a educação corporal na infância permanece, uma vez que é comum elas se referirem a uma infância mais

liberal, onde andavam em casa com pouca ou nenhuma roupa, pelo menos até a adolescência.

Assim, durante a minha permanência em campo, percebi algumas vezes a chegada de mulheres que, mesmo informada das regras, tentavam frequentar a praia utilizando biquínis (ou fazendo o *top-less*<sup>52</sup>) e que eram rapidamente advertidas para o fato de que, se não se dispusessem ao nu total, seriam convidadas a se retirar do local. Em um destes momentos, em que duas destas mulheres ainda permaneceram por algum tempo no restaurante, ao saírem da praia e antes de deixarem a Colina, pude conversar rapidamente com elas. Ambas falaram que tinham vindo conhecer a Colina a partir do convite de um frequentador, que seria namorado de uma delas, e que queriam conhecer o lugar, mas não se sentiam à vontade sem roupa e não gostaram de se sentir pressionadas, ficando com muita vergonha de serem expostas daquela maneira (o responsável pela ética foi conversar com elas e, como elas não se dispunham a ficar nuas, falou que não poderiam permanecer na praia, o que gerou algum constrangimento uma vez que a praia estava cheia e, nitidamente, todos comentavam o fato).

Mais uma vez, aqui, pode ser percebido como a vergonha foi acionada por elas como reação à exposição de um comportamento inadequado no local (permanecer vestida em uma área de naturismo), para um público desconhecido, e não ao fato em si de serem as únicas pessoas com biquíni na praia. É importante notar que, em contraposição, nenhum homem procurou frequentar as áreas de nudez obrigatória estando vestido. Assim, com exceção do medo de uma possível ereção em público (que também não foi presenciada em nenhuma ocasião, durante a pesquisa), os homens relatam uma maior tranquilidade, tanto em estar quanto em se imaginar frequentando áreas de naturismo. Muitos deles, quando perguntados se também não sentiam vergonha de se desnudar, falaram que, ao contrário das mulheres, os homens têm muito mais situações em que se despem na frente uns dos outros, como no serviço militar, nos vestiários de clubes e colégios e que, além disso, sabem que “as mulheres não ficam olhando assim, direto, para o corpo dos homens, mas a maior parte das mulheres tem medo do olhar do homem, porque lá fora, na sociedade em geral, é um olhar carregado de violência, de olhar a mulher como objeto. Então, até se acostumar com a pureza do

---

<sup>52</sup> Há uma discussão permanente, nos encontros naturistas e nos espaços de debate deste movimento, sobre a permissão da prática do *top-less* (que é a nudez exclusiva dos seios) em algumas situações específicas (pessoas muito idosas ou adolescentes até os quinze anos e durante a menstruação), mas a posição majoritária ainda é pela proibição desta prática.



olhar naturalista, elas sentem um certo receio, o que é natural. Já o homem não sofre este tipo de agressão lá fora, então é o olhar dele, e não sobre ele, que tem que ser cuidado aqui” (Lúcio).

### *6.3 A ereção como fenômeno cultural*

Em uma das matérias que as revistas de grande circulação ocasionalmente publicam sobre o naturismo, principalmente na época do verão, o jornalista que a escreve ironiza a proibição da ereção em espaços públicos, perguntando se ter ereção não faria parte da natureza. Em outra reportagem, realizada poucos anos depois e desta vez por uma jornalista que, ao contrário de seu antecessor, despiu-se para realizar a matéria, o “ponto de vista nativo” sobre o assunto é apresentado ao público, associando a ereção em locais públicos ao exibicionismo e este a uma relação desvirtuada entre o ser humano e o seu próprio corpo.

Como tantas outras expressões corporais, a problematização da ereção no naturismo permite discutir os limites e as relações entre os aspectos biológicos, psicológicos e culturais na formação e na percepção de nosso corpo. Deste modo, apresentar a ereção, como pretendo fazer aqui, como um fenômeno cultural significa apenas priorizar um de seus aspectos e não reduzi-la a este. Assim, da mesma forma que perturbações psicológicas podem afetar a capacidade de ter ou manter a ereção, sem com isso imaginarmos que não se trata também de um fenômeno biológico, as normas culturais de um determinado grupo, como no caso dos naturistas, podem inibi-la ou restringi-la aos espaços socialmente aceitáveis para sua ocorrência.

Este debate se insere, desta forma, dentro de um campo de discussões mais amplo, que procura realizar uma crítica da percepção de que as emoções, e suas manifestações corporais, seriam inatas, universais e biologicamente determinadas. Assim, seja através de uma perspectiva histórica, como nos estudos sobre as lágrimas (Vincent-Buffault, 1988) ou sobre o medo no ocidente (Delumeau, 1989), seja adotando uma postura relativista, como no trabalho de Rosaldo (1984) sobre a expressão dos sentimentos entre os Ilongot e na compreensão de Rodrigues (1975) do nojo como agramaticalidade, ou através do entendimento de que as emoções são discursivamente (portanto, contextualmente) produzidas, como aparece na obra de Abu-Lughod (1990)

sobre a poesia de amor beduína, encontra-se presente uma tentativa de retirar da Biologia, ou mesmo da Sociobiologia, a exclusividade da produção de um discurso científico sobre o corpo e sobre as emoções humanas.

Esta perspectiva de pensar de forma combinada, sobre as emoções humanas e suas expressões corporais, está particularmente presente na reflexão de Lutz e Abu-Lughod sobre as emoções, quando afirmam que “estas, enquanto produtos culturais, são reproduzidas nos indivíduos sob a forma de uma experiência corporificada. Aprender como, quando, onde e por quem as emoções devem ser encenadas é aprender um conjunto de técnicas corporais que incluem expressões faciais, posturas e gestos.” (1990:12). Se pensarmos, como sugere Rodrigues, que “compreender o que uma sociedade não quer ser é tão importante como compreender o que ela é: é impossível compreender o que é permitido, sem que se compreenda o que é proibido.” (1975:160), poderemos nos encaminhar para tentarmos entender os motivos pelos quais a proibição da ereção em áreas públicas, para os naturistas, seria uma das regras de observância mais controlada. Quais as emoções que são associadas, por este grupo, à ereção? Como estas emoções se relacionam com o ideário do naturismo? Para compreender as formas como os naturistas respondem a estas questões será necessário retomar a polêmica, apresentada no capítulo quatro, entre duas vertentes de naturistas: aqueles que entendem o naturismo como sendo o retorno a uma “natureza humana” e os naturistas que pensam em seu movimento como um refinamento da cultura em relação à sociedade mais ampla.

Assim, no discurso oficial do naturismo, a ausência de ereção seria decorrência da recuperação de um ideal de pureza original do ser humano, que o ambiente naturista propiciaria. Se, como já indiquei em várias passagens desta tese, existe uma forte inspiração edênica nesta concepção de naturismo, podemos perceber como esta percepção se relaciona com o retorno aos valores idealizados como aqueles anteriores à “queda do paraíso”, aqui compreendidos como os valores naturais, “não-culturais”, do ser humano. O que concorreria para a ocorrência da ereção, nesta perspectiva, seria não a visão do corpo nu, puro e natural, mas uma sobrecarga de erotização do corpo da mulher, culturalmente constituída. Muitas destas pessoas, inclusive, afirmam que quase sempre ocorre uma grande decepção naqueles que procuram as áreas naturistas com o intuito de se excitarem visualmente, porque acabam descobrindo que não é tanto o corpo que provoca esta excitação, mas o mistério, a insinuação do corpo através das

roupas que provocam a idéia da nudez, mas que nunca a concretizam plenamente. Este é um dos motivos pelos quais você pode até estar vestido em uma área naturista, em determinadas áreas ou nas épocas mais frias do ano, mas nunca utilizando estas roupas “provocativas” (biquínis, roupas muito curtas, roupas íntimas ou qualquer peça que possa ser percebida mais como exibição do corpo do que como proteção ao frio). Descamps (1993), um dos teóricos do naturismo francês, aprofunda esta distinção entre a nudez e o erótico, incorporando o conceito de “sensualidade natural”. Deste modo, segundo ele, “é preciso reconhecer na prática naturista a presença de uma sensualidade intensa, porém natural. A visão de centenas de corpos nus reunidos numa praia naturista é de uma beleza de perder o fôlego. A sensualidade está também na carícia do vento, no contato da areia e da água etc.. O que não existe é a forma exacerbada da sensualidade, que não enxerga nada além do sexo”.

Esta leitura da relação entre o ser humano e a natureza como sensual, remete para uma conversa da qual participei, após um jantar na cabana de César. Estávamos presentes seis pessoas e, logo após o jantar, o próprio César lançou uma questão para o debate: se nós achávamos que o ambiente na Colina era mais afrodisíaco do que os espaços não-naturistas. Mônica, de saída, falou que sim, enquanto Mariana disse ser indiferente para ela e questionou o motivo da pergunta. César, então, disse que achava que a retirada da trava da roupa levava a uma maior possibilidade de abertura para a sensualidade, no que Mônica concordou, dizendo que realmente há uma mudança. Alberto acrescentou uma visão mais próxima ao conceito de Descamps, apresentado acima, enfatizando que a sensualidade ali presente era a sensualidade da natureza, mais pura e não propriamente erótica. Mariana concordou com ele e disse que, no naturismo, as coisas eram mais “naturais” e a questão do corpo, da preparação para a sedução perdia importância, mas Mônica novamente falou que isso era verdade apenas em um primeiro momento e que, com o tempo, parecia que a sedução reassumia uma importância mas, sem dúvida, a partir de um outro enfoque, “porque os naturistas têm uma melhor percepção sobre estas questões”.

Este debate é interessante porque mostra, em um ambiente descontraído como o deste jantar entre amigos, as semelhanças e as diferenças entre o que venho chamando de duas vertentes de compreensão do naturismo. A negação de um componente “sedutor” na nudez, seja pela afirmação da pureza do corpo duplamente despido (de cultura e das roupas que a simbolizariam) ou pela transposição para uma “sensualidade

natural”, coloca Alberto e Mariana próximos àqueles que entendem o naturismo como um caminho para a recuperação da “essência humana”. Já a perspectiva de Mônica e César, ao se colocarem a questão da existência de um clima de sedução nos ambientes naturistas apontam, ainda que indiretamente, para a necessidade de um maior controle que fosse alternativo às “travas impostas pelas roupas”, uma vez que embora admitindo que o ambiente naturista seja “mais aberto para a sensualidade”, ambos entendem que esta abertura deva permanecer mais insinuada do que explícita. Neste sentido, os dois grupos concordam que, seja pelo fato de que os naturistas estariam mais próximos à “natureza humana”, seja por que eles teriam “uma melhor percepção destas questões”, o ambiente naturista não seria o local propício para a exteriorização desta sedução.

Ora, entre as simbologias com as quais o naturismo trabalha, há uma compreensão bastante generalizada de que a ereção seria uma das manifestações mais evidentes desta sedução, o que explica a importância que este tema assume. Como já vimos na página anterior, para um grupo ela seria a expressão de uma mente ainda deturpada pelos valores da cultura, que identifica o corpo (principalmente o corpo da mulher) como algo a ser consumido. Assim, como um frequentador afirmou, “no naturismo, um homem só tem a temer a ocorrência involuntária de uma ereção, **o que dificilmente acontecerá se ele for um verdadeiro naturista**” (grifo meu). Já para os que entendem o naturismo como um passo adiante no refinamento do ser humano, a ereção seria uma falha neste processo de controle, necessário para a manutenção da sociabilidade entre os naturistas.

Esta última perspectiva, portanto, aponta justamente para o que pretendo desenvolver aqui, que é o componente cultural da ereção e nos remete diretamente para a teoria, desenvolvida por Elias (1989), sobre as transformações do comportamento humano e a ampliação do autocontrole no decorrer do processo civilizatório ocidental. Ao mesmo tempo, ela também fornece uma possibilidade de interpretação para a não observância de ereções, mesmo entre aqueles que estão visitando uma área de naturismo pela primeira vez, muitas vezes apenas pela curiosidade que esta prática ainda desperta em muitos segmentos da população.

O que se passaria entre os naturistas, desta forma, seria o prosseguimento de um processo de refinamento de si, onde as “travas impostas pelas roupas”, como dito por César durante o jantar a que me referi acima, seriam substituídas, primeiro pela coação externa da norma que proíbe a ereção em áreas públicas e, conseqüentemente, pelo

medo da vergonha que ocasionaria a quebra de tal regra (fora as consequências práticas, que podem chegar até a expulsão da área naturista) e, posteriormente, pela introjeção destas normas, fazendo com que, depois de algum tempo, a maioria dos naturistas sequer se preocupe muito com esta possibilidade.

São raros os visitantes de primeira vez que se dirigem à Colina do Sol sem nenhum tipo de informação prévia, seja através do material de divulgação (sites, revistas, vídeos e outros), seja pelas matérias jornalísticas que ocasionalmente são veiculadas ou, como ocorre na maioria dos casos, por intermédio de convites feitos por naturistas mais antigos. Deste modo, de forma mais ou menos enfática, todos estes já foram informados da existência destas normas que controlam o comportamento nestas áreas (o controle da ereção sendo uma das mais comentadas entre elas, segundo pesquisa feita pelos próprios naturistas em seus sites) e os poucos visitantes de primeira vez com quem pude conversar sobre este tema, falaram que sentiram tanto constrangimento com a possibilidade da ocorrência de uma ereção, que acreditavam que não conseguiriam tê-la nem que a desejassem. Este tipo de afirmação, no meu entender, parece indicar muito mais um ambiente de forte controle externo sobre o corpo do que a completa ausência de estímulos eróticos, dada a “naturalidade” com que os corpos nus seriam percebidos neste local, o que seria a explicação da vertente oficial do naturismo.

Este discurso da “naturalização” da nudez entre os naturistas vai sendo assimilado pelos novos visitantes, na maioria dos casos, na medida em que estes vão tornando-se frequentadores mais ou menos regulares de áreas naturistas e os controles sobre o comportamento vão sendo introjetados como “naturais”. Deste modo, pensar que a ereção deixa de ser uma reação meramente fisiológica a impulsos visuais e perceber os componentes culturais presentes nesta, como em qualquer outra, expressão corporal, perde parte de seu caráter exótico quando a comparamos com processos semelhantes de controle de outras funções corporais, tais como o ato de cuspir e de assoar descritos por Elias (1989), às quais a “sociedade ocidental” já internalizou.

A comparação destes processos remete, ainda, para um outro traço de semelhança. Da mesma forma como estes controles corporais, que Elias descreve, se originam nos estratos mais elevados da sociedade, também a frequência às áreas naturistas (que exigiria uma maior capacidade de controle de si) é percebida, pelo menos por parte dos naturistas, como estando associada ao pertencimento a uma elite (seja econômica, seja “cultural”). Embora pareça contraditório com um discurso de que

a nudez naturista aboliria justamente estas diferenças, este entendimento aparece em um trecho de um dos primeiros números da revista *Naturis*, que afirma que “a população naturista mundial já superou os 40 milhões de pessoas. Esta evolução é muito mais significativa se considerarmos que noventa por cento desta população é composta das camadas culturais e sócio-econômicas mais elevadas” (*Naturis*, nº1, 1992). Ainda mais ilustrativa, no entanto, foi uma conversa que presenciei em um momento de pouco movimento na praia da Colina do Sol:

“Como ocorre na maioria das vezes em que o sol da tarde está muito forte, as poucas pessoas que estavam na praia se concentravam embaixo da proteção de palha de um pequeno bar que atende os banhistas. Estando ali, pude acompanhar a conversa de três casais, todos na faixa dos sessenta anos, que em um encontro anterior haviam me dito que eram ‘históricos’ do naturismo. A conversa destes casais mudou rapidamente de assunto com a chegada de um homem, na faixa dos seus cinquenta anos, que se tornou rapidamente o tema central da conversa daquele grupo, onde se enfatizava o comportamento ‘estranho’ deste recém-chegado. Para além do fato de ser um homem solteiro, o que sempre desperta desconfianças iniciais, principalmente entre os naturistas mais conservadores, um deles comentou: ‘imagina! Ele veio a pé até aqui, desde a parada’ (o que equivale a uma distância de sete a oito quilômetros), ao que outro acrescentou que tinha que se manter um certo padrão na Colina, pois ‘aqui nós deixamos nossas cabanas abertas, com tudo dentro delas, dinheiro em cima da mesa e essa segurança é dada, em muito, pelo padrão das pessoas que frequentam aqui’. Na sequência da conversa, quando perguntei se eles eram contra a entrada de homens solteiros, eles responderam que o problema central não é o fato de ser solteiro, mas que viessem muitos de uma vez e, principalmente, que viesse ‘qualquer um’, que os solteiros deveriam ser apresentados por um sócio ou ‘mostrar quem é’, sendo assim um engenheiro, um militar, um médico, evitaria que entrasse ‘qualquer um’”.

Quando, posteriormente, falei sobre este tipo de comentário com outros naturistas, a enorme maioria ao mesmo tempo recriminou este tipo de preconceito, falando que isto era a posição de uma minoria, mas reconheceu que “infelizmente, na nossa sociedade, é mesmo uma pequena parcela de pessoas mais esclarecidas que saberia se comportar em uma área naturista”, como foi expresso por Clara.

Desta forma, mais uma vez, há um reconhecimento implícito de que, ao contrário de uma atitude “natural”, a frequência a uma área naturista exige a adoção de

um “habitus corporal” mais refinado em relação ao que seria necessário para a vida entre os “vestidos”. Boltanski, a partir da obra de Bourdieu sobre as variações do “habitus” associado às diferentes frações das classes superiores, chama a atenção sobre como “o novo estilo de férias, adotado sobretudo pelas frações ‘modernistas’ da burguesia que tem, como características principais, organizarem-se em torno de uma representação ‘naturista’ e lúdica do corpo e exigirem o emprego de um conjunto de técnicas do corpo (...) se opõem ao estilo de férias das classes populares e da burguesia mais tradicional” (1979:181). Se, na Colina do Sol, não se trata propriamente de uma burguesia, mas de setores das camadas médias que se percebem como “mais esclarecidas”, a intenção de distinção através da adoção de um “habitus” corporal permanece e esta distinção, que está presente também na fundamentação da diferença entre nudismo e naturismo, pode ser interpretada como sendo uma das motivações, para além do simples prazer que o nu poderia proporcionar, para a prática do naturismo.

#### *6.4 O controle do olhar*

Se a não-ocorrência da ereção entre os homens é atribuída a idéia de um corpo puro ou “civilizado”, dependendo da concepção de naturismo adotada, ambas estabelecem uma relação imediata entre este corpo e as formas de olhar em uma área naturista. Temos assim, conseqüentemente, a percepção de um olhar igualmente puro ou “civilizado” que caracterizaria a relação de cada um com a nudez dos demais naturistas.

A diferença entre estas duas compreensões da transformação do olhar segue aquela que foi apresentada no item anterior e que tem me permitido distinguir entre duas percepções mais gerais do naturismo. Assim, para aqueles que enfatizam que o naturismo se apresenta como uma negação radical da cultura, um retorno a um estilo de vida “original”, os valores associados ao que teriam sido os primeiros momentos do ser humano (Adão e Eva) no Paraíso exercem um fascínio, como uma espécie de modelo a ser seguido. Desta forma, embora sem estar necessariamente vinculado ao cristianismo (conforme foi exposto no capítulo três, há uma grande variedade de adesões religiosas na Colina do Sol), este grupo pode ser associado a uma concepção mais “espiritual” (como um morador se definiu) do naturismo, enfatizando o fato de que “Deus nos criou

sem roupa e sem malícia”, ou que “não devemos ter vergonha de nenhuma parte da obra do Criador”.

Podemos ver a influência desta perspectiva mais “espiritualista” em diversos artigos que aparecem na revista *Naturis*, onde a participação de pessoas ligadas à Igreja (católica ou outras) no movimento naturista e interpretações de textos religiosos (clássicos ou atuais) são constantemente apresentados como argumentos na defesa de um naturismo “moral e sadio”. Assim, por exemplo, temos no nº 14 da revista *Naturis* (1997), a tradução de uma fala de James Dodge, sacerdote católico e colaborador da revista “*N – Nude & Natural*” (americana), onde ele diz: “Se crês na vida eterna, como pensas que aparecerás naquele estado? Como encontrarás Jesus Cristo, sua Mãe e todos os santos? Evidentemente estarás nu, na glória de tua criação primeira, e assim estarão todos os outros, despidos de quaisquer ornamentos, não mais necessários”. No ano seguinte (*Naturis*, nº 20), um longo artigo procura recuperar relações entre a nudez e o sentimento de pureza na história do catolicismo. Entre os diversos exemplos citados, aparece o ritual de batismo de São Cirilo, no qual as pessoas deveriam estar nuas, e que começava com este santo dizendo: “Você está agora despido e nu, nisto também imitando o Cristo, desprovido de suas vestes na Sua Cruz” e terminava congratulando o recém-batizado com uma frase onde acentuava a pureza da nudez de Adão: “Que maravilha! Você ficou nu, diante dos olhos de todos, sem sentir nenhuma vergonha. Isto porque você carrega verdadeiramente a imagem do primeiro Adão com você, este que ficou nu no paraíso sem sentimento de vergonha”. Estes artigos estão também profundamente em sintonia com a perspectiva de Santo Agostinho, “que via o corpo como um objeto para ser amado” (Strathern, 1999:58), deslocando desta forma o desejo da carne para a “alma distorcida”. Desta forma, não seria mais o corpo em si, mas o modo pelo qual se olha para este corpo que constituiria o erótico. Esta pureza do olhar seria então a expressão da pureza da mente, seguindo a perspectiva de que “o gesto é considerado como a expressão física e exterior da alma interior. Esta concepção da expressividade do gesto (qualquer que seja a identificação filosófica, religiosa ou psicológica de seu referente) e a representação dual da pessoa que a sustenta são esquemas constitutivos da cultura ocidental, a contemporânea inclusive” (Schmitt, 1995;142) e aparecem também em diversos momentos nos quais estes naturistas procuravam me explicar esta diferença do olhar:



“Aqui as pessoas olham nos olhos das outras pessoas, ninguém fica olhando o corpo do outro, interessado no corpo do outro, mas sim na pessoa como um todo” (Cláudia, frequentadora de fim de semana).

“Embora exista toda esta preocupação com a questão da ereção, as pessoas percebem, assim que chegam aqui, que o próprio ambiente não propicia a excitação. Elas descobrem que o que propicia o erótico é justamente o misterioso, o oculto e que o corpo nu é a expressão de uma mente pura” (Miguel, frequentador ocasional).

No entanto, como já foi dito, esta não é a única perspectiva existente na Colina do Sol, bem como no naturismo brasileiro. Para todo um outro grupo de naturistas seria não apenas hipocrisia afirmar que as pessoas não olham o corpo uns dos outros, como isto também reconstituiria a divisão do corpo que o naturismo se proporia a questionar, substituindo as partes do corpo que não se deve mostrar (e que por isso deveriam ser cobertas) pelas partes do corpo para as quais não se deve olhar (e que seriam as mesmas, reforçando a centralidade da questão genital, que esta visão “natural” do naturismo não ultrapassaria). Assim, várias pessoas com quem conversei entendem que nas áreas naturistas ocorreria uma transformação do olhar, que incorporaria o erótico, mas de uma forma diferenciada em relação ao praticado na sociedade mais ampla:

“É óbvio que aqui também se olha, que as pessoas daqui reparam em um corpo bonito, nos seios, nas bundas. O que muda, na verdade, é algo mais subjetivo, é uma intenção do olhar. Quer dizer, você pode admirar sem que isso signifique necessariamente um desejo sexual. Além disso, muda também a forma de olhar, é um olhar mais discreto, que não constrange” (Lívia, moradora).

“Quando eu cheguei aqui eu tinha a maior vergonha de olhar para as outras pessoas, mas com o tempo isso foi mudando porque eu passei a encarar o corpo como uma totalidade, mas ninguém olha direto para o corpo do outro, é mais sutil” (Gisele, moradora).

Dois questões merecem ser aprofundadas a partir destas declarações. A primeira delas remete para a manutenção, embora de forma mais sutil do que no grupo que nega

a existência do erótico no naturismo, da mesma percepção de um corpo dividido entre partes sexualizadas e partes não-sexualizadas, que é em geral criticada pelos naturistas. Em seu trabalho sobre a praia do Pinho, Rego mostrou como “ver a nudez como uma coisa natural significa, essencialmente, *não* ver o sexo” (1992: 122, grifo da autora). Ainda que levando em consideração suas diferenças, as quatro citações sobre este tema parecem reforçar esta idéia de que os naturistas “vestir-se-iam de nudez”. Assim, a nudez total obrigatória em determinadas áreas da Colina do Sol (sendo opcional em todas as demais) é relativa, principalmente, aos órgãos genitais (entre os homens) e destes e dos seios (entre as mulheres), como a situação, abaixo transcrita, explicita.

“20/01 – Hoje houve um momento na praia que me chamou muito a atenção. Este foi um fim de semana de muito sol e calor e o Alberto, que tem a pele bastante branca, sentiu bastante o dia de ontem, mesmo com o uso de protetor solar. Então optou por usar uma camiseta para proteger mais os ombros, além do guarda-sol que sempre utiliza. Entretanto, em um determinado momento, algumas pessoas começaram a comentar que ele não deveria ficar na praia, por não estar totalmente nu, comentários que ele acabou ouvindo e que respondeu dizendo que estava usando uma camisa para proteção e que estava com o pau (sic) à mostra. A maior parte das pessoas, então, apoiou o Alberto, dizendo que ele não estava usando roupa para esconder ‘nada’”.

Podemos perceber, portanto, que são justamente as partes do corpo, que nas praias não-naturistas devem permanecer escondidas, que parecem ser cobertas, aqui, não pelas roupas mas por um código de comportamento que reforça a ênfase na genitalidade do erótico e que mantém, apesar de todo o discurso em contrário, uma separação entre partes do corpo que poderiam ou que não poderiam ser olhadas (ou que deveriam ser olhadas de forma “discreta” ou “sutil”).

Um dos momentos em que a discussão sobre a manutenção desta distinção esteve mais explícita na Colina do Sol, pelo menos durante o ano em que estive em campo, foi durante a atividade que eles denominaram de “A Arte A-bunda na Colina”. No primeiro dia do ano de 2002, diversos naturistas dispuseram seus corpos (suas bundas, mais especificamente) como telas para que artistas plásticos, também naturistas, pintassem sobre elas. No início da atividade as pessoas ainda permaneciam um pouco constrangidas em serem pintadas, até que Marta (uma das moradoras) se apresentou como voluntária, levando a que os demais (principalmente as crianças) se desinibissem e fazendo com que, no final, quase quarenta pessoas tivessem participado da atividade,

que propiciou um rico debate que prosseguiu por mais de um mês (houve uma segunda sessão de pintura, poucas semanas depois).



**Artistas trabalhando**



**Todos os modelos posam juntos.**

Este debate enfatizou a possibilidade de que a arte ajudasse as pessoas a lidar com o corpo em sua integralidade, o que é uma das metas do naturismo e, ao mesmo tempo, enfatizou como este é um objetivo que ainda não foi alcançado, como fica nítido na declaração de uma moradora feita enquanto víamos as fotos que tirei do evento:

“Foi a primeira vez, mesmo que através da arte, que se pôde falar da bunda aqui na Colina. Antes era como se ela não existisse, como se não estivesse ali, mas

nesse dia ela estava no centro, no foco. As pessoas se olhavam, comparavam as pinturas e brincavam umas com as outras de forma **tranquila**” (Emília).

Mesmo que através da arte, como a própria Emília ressalta, surgiria então a possibilidade de um outro tipo de olhar. Nem mais o não-olhar da negação do corpo sexualizado do primeiro grupo de citações, nem o olhar “discreto” e “sutil”, quase envergonhado de estar olhando, presente nas falas de Lívia e Gisele, mas um olhar “tranquilo”. Desta forma, ao invés da negação ou da dissimulação do componente erótico do corpo nu (não mais do sexo, mas do corpo em sua totalidade), enfatizar-se-ia o aspecto da transformação da relação do naturista com o corpo (o próprio e o outro) em uma relação igualmente “tranquila”. Esta transformação implicaria não apenas em uma mudança do olhar, mas em uma auto-aceitação do seu próprio corpo com suas “qualidades e defeitos” (é impressionante como a quase totalidade das pessoas com quem conversei, aponta esta melhor aceitação das suas “imperfeições” corporais como uma das mudanças mais significativas, decorrentes da adesão ao naturismo), e na aceitação integral do corpo do outro, inclusive de sua dimensão erótica.

A segunda questão, que aparece mais nitidamente na fala de Gisele, é o reconhecimento das transformações corporais que a vivência do naturismo impõe. Assim, a prática do naturismo vai “civilizando” o olhar (bem como outros controles, como vimos no item anterior) em um processo que é, em uma medida significativa, consciente. Neste aspecto, como em tantos outros, a percepção de como o meu próprio olhar ia sendo alterado, durante um ano de trabalho de campo, foi também um dado significativo para a compreensão destes sutis mecanismos de “educação corporal”. Assim, para dar um exemplo, logo no início da pesquisa reparei a quantidade de pessoas tatuadas que frequentam as áreas naturistas (aspecto que será discutido ainda neste capítulo), tatuagens que, em sua maioria, eram nos braços e costas das pessoas. No entanto, quando na primeira vinda ao Rio de Janeiro, uma das muitas pessoas curiosas com minha pesquisa perguntou-me se as mulheres faziam depilação na área genital, eu simplesmente não sabia responder, uma vez que raramente olhava para os órgãos genitais das pessoas. Somente com alguns meses de permanência no campo é que consegui confiança em ter adquirido alguma “sutileza” no olhar para o corpo como um todo. Conversando com os naturistas, principalmente com aqueles que estavam há

pouco tempo neste movimento, pude constatar que este é, com poucas diferenças, um percurso bastante comum.

Este reconhecimento das transformações corporais que se processam no naturismo, principalmente entre os que, morando em Porto Alegre e outras cidades próximas e frequentando a Colina do Sol em quase todos os fins de semana, vivenciam dois *habitus* corporais diferenciados, permite discutir o conceito de *habitus*. Bourdieu define *habitus* como sendo um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (1983: 60-61). A intenção de Bourdieu com a construção deste conceito, como o próprio autor afirma, era a de “sair da filosofia da consciência, sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto” (1998:62). Bourdieu, deste modo, distingue nitidamente, as ações práticas, sujeitas a transformações e adaptações por parte dos atores sociais e o *habitus* que, em uma leitura classicamente estruturalista, é também entendido como sendo “uma gramática geradora de condutas” (1992:355).

No entanto, como decorre do exemplo dado pelos naturistas que não vivem na Colina do Sol, mas passam nesta comunidade a maior parte de seus fins de semana, o que acontece quando pessoas encontram-se sujeitas a duas ou mais “gramáticas” diferenciadas? Esta questão se impõe, de forma ainda mais contundente, uma vez que, no meu entender, as transformações corporais que analisei até aqui (principalmente no controle da ereção e na transformação do olhar) são mais do que práticas diferenciadas, constituindo o que poderia ser chamado de uma “corporalidade naturista”. Visto que esta dupla vivência, nas cidades em que moram e na comunidade naturista, impõe um relacionamento com duas corporalidades distintas, parece-me que se torna necessário pensar uma autonomia maior para o agente, para além de ser apenas um operador prático das estruturas inconscientes do *habitus*. Este reduzido espaço para a agência individual foi apontado por Strathern: “a abordagem de Bourdieu traz o debate da questão da agência e da consciência. Desde que ele atribui o papel mais forte na determinação da ação para o *habitus*, não fica claro qual o lugar que é deixado para a

agência, se por isto nós entendemos a habilidade consciente e a propensão para fazer escolhas entre modos de ação (e deste modo, também, ocasionalmente procurar e promover mudanças)” (1999:28). A situação apresentada por esta dupla vivência presente entre os naturistas, mas que pode ser encontrada em um número cada vez maior de situações nas quais os pertencimentos se tornam cada vez mais situacionais (fragmentando, portanto, também os *habitus* que não se referenciarão mais exclusivamente a classes ou estratos de classes sociais), permite pensar que, sem cair em um individualismo que definiria as posturas corporais exclusivamente a partir da escolha do indivíduo, os deslocamentos entre *habitus* diferenciados implicaria em uma maior reflexividade por parte dos atores sociais, possibilitando uma crítica não apenas da prática mas das próprias estruturas que as sustentam (ou seja, o *habitus* no conceito de Bourdieu), abrindo espaço para a possibilidade de mudanças. Assim, embora as pessoas não mantenham as mesmas posturas corporais na Colina do Sol e em Porto Alegre (onde procurei acompanhar alguns naturistas em suas idas à cidade, para observar estas diferenças de posturas), pude perceber que estas se influenciam mutuamente, dando a estas pessoas uma possibilidade de questionar certos comportamentos antes “naturalizados” (a forma dos homens olharem para as mulheres aparece aqui como um exemplo significativo).

### 6.5 *O corpo naturista e seus significados*

Nos dois itens anteriores apresentei algumas das expressões corporais mais significativas que envolvem a prática do naturismo. Nesta parte, procurarei desenvolver melhor os significados que estas transformações envolvem, enfatizando como o corpo do naturista vai sendo construído através de um discurso que enfatiza a noção de um corpo “inteiro, igual e puro” em um duplo contraste, tanto com o corpo dos “vestidos” quanto com o corpo do “nudista”.

Nos capítulos três e quatro desta tese, indiquei como o termo “nudista” é utilizado pelos naturistas principalmente como uma categoria de acusação. Assim, embora esta palavra também seja utilizada para designar aquelas pessoas que gostam de se despir em praias desertas ou outros locais pouco frequentados, ele é acionado muito mais para contrapor o naturista àquele que busca apenas exhibir o próprio corpo, ou aos

que associam o nu ao erótico, como ocorre nos clubes hedonistas. Mais uma vez, cabe ressaltar que estas distinções se colocam no plano ideal, sendo muito mais complexo, na prática, realizar essas separações<sup>53</sup>. Assim, ainda que a característica da Colina do Sol de ser um espaço mais fechado (portanto, com uma maior capacidade de controle sobre os seus frequentadores) diminua a visibilidade de práticas como troca de casais e pequenas reuniões “hedonistas”, a maioria das pessoas com quem convivi em campo sabia identificar, no mínimo, os participantes mais assíduos destes encontros, que em escala reduzida também ocorria ali e, quando estive na praia do Pinho, em dezembro de 2003, a primeira pessoa que veio falar comigo foi uma moça que, abertamente, distribuía cartões de uma casa que promovia tais encontros e que se localiza, estrategicamente, perto daquela praia. Fatos como este provocavam comentários, na Colina do Sol, de que a praia do Pinho já não apresentava as características do “verdadeiro” naturismo. Em uma das vezes em que toquei neste tema, Mariana me falou que, também na Colina, já houve casos em que algumas das pessoas “passaram dos limites” e foram advertidas e suspensas por um período determinado, mas que se isto se passa dentro da cabana de cada um e fica só no ambiente privado “a gente acaba aceitando, embora eu ache que isto não tenha nada a ver com o naturismo”. Por outro lado, a existência destes grupos de troca de casais acaba fortalecendo a tese de que não se pode “afrouxar” na fiscalização do código de ética, para evitar que a Colina do Sol acabe se transformando em algo semelhante ao que ocorre atualmente na praia do Pinho.

Ainda que existam estas práticas no naturismo, elas ficam (ou, pelo menos, devem ficar) excluídas do discurso oficial, que enfatiza que a nudez naturista propicia uma relação com a dimensão da corporalidade que se distinguiria, ao mesmo tempo, da vergonha do corpo que deve ser escondido e da exibição do corpo pelo simples prazer desta exibição. Assim, embora várias pessoas que frequentam a Colina do Sol o façam simplesmente porque gostam de estar nuas, há todo um trabalho, por parte daqueles mais identificados com uma concepção filosófica do naturismo, para associar este “prazer do nu” com valores tais como o cuidado com a natureza, a maior “espiritualidade”, a diminuição ou eliminação do consumo de álcool e fumo e a

---

<sup>53</sup> O último congresso da Federação Brasileira de Naturismo, realizado em janeiro de 2005, definiu adotar ambos os termos “naturista” e “nudista” como sinônimos, seguindo uma prática que parece estar sendo adotada na maioria dos países. A capacidade de implantação desta decisão no discurso cotidiano dos naturistas, no entanto, só deverá ser percebida no decorrer dos próximos anos.

preocupação com uma alimentação mais natural, entre outros. Um dos locais que buscam reforçar esta associação é o MASTI<sup>54</sup>, uma organização que fica em uma cabana relativamente afastada das cabanas residenciais, onde atividades como yoga, reiki, massagem ayurvédica, além de debates e grupos de pintura e expressão corporal, são realizadas. Durante todo o período em que estive em campo, no entanto, as pessoas que dirigiam este centro oscilavam entre fechar, manter fechado ou reabrir o MASTI. Assim, durante boa parte do ano de 2002 era difícil definir com precisão se este espaço estava funcionando ou não. Logo após o verão ele foi formalmente fechado, inclusive com parte do seu mobiliário retirado mas, pouco tempo depois, novas atividades foram organizadas neste local. Em uma das vezes em que estive no MASTI, uma de suas coordenadoras desabafou, reclamando que as pessoas que frequentavam a Colina não eram muito diferentes dos nudistas, só se preocupando com a praia, com churrascos e festas e pouco se preocupavam com a harmonização entre corpo e alma, que seria uma das características principais que, no seu entender, diferenciaria o naturista das demais pessoas.

Esta perspectiva de uma unidade entre corpo e alma remete para a idéia do corpo como uma totalidade integrada, primeiro dos três eixos principais que definem o que deveria ser, na concepção oficial deste movimento, um “corpo naturista”.

O corpo do naturista não seria, desta forma, dividido entre partes que podem ser mostradas e partes que devem ser escondidas (ou que deveriam ser exibidas, no caso dos nudistas). Esta percepção está intimamente ligada, também, a uma aceitação integral do próprio corpo (bem como do corpo dos outros) que, se no que diz respeito aos órgãos genitais aparece de modo mais complexo, como vimos no item anterior, é mais plenamente exercitada em relação aos padrões corporais. Não é incomum, conversando com pessoas que nunca foram a áreas naturistas, ouvir que elas até gostariam de conhecer o naturismo, mas que antes teriam que ficar uns três meses na academia. Em uma das entrevistas que fiz com atrizes de teatro que, em cena, tiveram experiências de nudez, esta mesma questão apareceu, quando perguntei se ela frequentaria uma área naturista, ao que ela respondeu: “eu não sei, talvez eu até fosse, mas eu não sei se eu ia me sentir à vontade. Eu tenho a impressão de que iria me sentir muito constrangida e levaria muito tempo para me acostumar com isso, seria uma coisa mais demorada, para estar realmente ali por inteiro, sem vergonha, sem problema de não estar reparando na

---

<sup>54</sup> Segundo uma de suas coordenadoras, MASTI é um termo sufi que significa “êxtase da existência”.



barriga de um, na barriga de outro, de não ficar tentando esconder algum defeito, acho que para mim seria um passo bem longo para chegar lá”. Esta imagem, contudo, está muito distante do que é a realidade da Colina do Sol (bem como das duas outras áreas naturistas – praia do Pinho (SC) e Recanto Paraíso (RJ) – que, no decorrer da pesquisa, tive a oportunidade de conhecer). Mesmo os naturistas mais críticos a diversos valores do naturismo, são unânimes em apontar esta relativização da forma do corpo como um dos aspectos mais positivos que podem ser encontrados ali. Ângela, que passou cerca de vinte dias na Colina do Sol e que no final deste período me concedeu uma entrevista, foi uma destas que saiu desiludida com o que chamou de “naturismo de negócios” que imperava ali, mas que, ao mesmo tempo, estava maravilhada em ter passado vinte dias “sem ouvir ninguém falando de celulite, de estria, disto caído, daquilo fora do lugar”.

Esta maior aceitação do corpo, por sua vez, parece estar intimamente vinculada a uma das frases mais encontradas nas publicações naturistas e diversas vezes repetida, cada vez que um novo visitante buscava conhecer o naturismo: “sem roupas somos todos iguais”. O segundo significado do corpo naturista – a igualdade – é dado, deste modo, pela construção de um discurso que opõe a nudez, que igualaria as pessoas (dada a irrelevância das diferenças físicas), às vestimentas que serviriam, entre outras coisas, para expressar as diferenças, sendo recorrentemente associadas a máscaras que esconderiam a essência (única) do ser humano. O corpo nu, portanto, pode ser pensado aqui como a expressão visual de uma concepção radical de igualitarismo (que, como já foi visto, também está presente na tentativa de padronização das cabanas, na prática do monopólio comercial e na restrição à discussão política, que poderiam reinserir as diferenças no interior do naturismo) e é um dos componentes fundamentais na construção do ideal naturista de “amizade de criança”, que discutirei no último capítulo desta tese, uma vez que, ao abolir as diferenças e os preconceitos sociais, a nudez comum propiciaria um entendimento imediato entre as pessoas.

É interessante notar que, embora a perspectiva oficial do naturismo afirme que esta igualdade permaneça mesmo fora dos ambientes naturistas, a fala da maioria das pessoas com quem conversei parece apontar para um compartilhamento de uma mesma identidade, muito mais do que um sentimento concreto de igualdade absoluta. Assim, a Colina é vista como um local onde “tem gente que chega aqui e é milionário e está conversando e fazendo churrasco com pessoas que trabalham de empregado”, como me foi dito durante uma conversa, aproximando-se, neste aspecto, de outros espaços nos

quais diferentes grupos sociais compartilham um interesse comum – tais como as rodas de capoeira, estudadas por Travassos (2000), ou a difusão do forró entre setores de jovens de camadas médias (Ceva, 2001) – que são identificados como “espaços de mediação”.

No entanto, a “mediação” encontrada na Colina apresenta uma singularidade que reforça os limites desta integração entre diferentes. A maioria dos relatos etnográficos sobre espaços de mediação<sup>55</sup> trata de situações nas quais pessoas ou grupos de camadas médias ou altas frequentam espaços (físicos ou sociais) associados às camadas populares (tais como as quadras das escolas de samba, a Feira de São Cristóvão ou terreiros de umbanda). No caso da Colina do Sol, ao contrário, encontramos a presença de pessoas ou casais, oriundos das camadas populares, que são aceitas em um espaço que, como já foi dito, “é de classe média para cima”. Nesta situação, se a tomamos comparativamente com os casos citados acima, vemos como o poder sócio-econômico atua no sentido de criar barreiras que limitem a amplitude desta integração. Se na Feira de São Cristóvão, são os jovens de camadas médias (“invasores”) que modificam o estilo de dançar o forró como estratégia de limitar o contato com os “nordestinos” locais (Rezende (1), 2001), na Colina são os “locais” de camadas médias e altas que definem um *habitus* corporal que deve ser introjetado por todos os que chegam. Se é verdade que este *habitus* deve ser adotado sem distinção de camada social, situações como a descrita na página 147, onde o comportamento “estranho” de um recém-chegado foi associado ao fato de ele aparentar ser “um qualquer”, mostram o limite do ideal de superação das diferenças ao qual o naturismo se propõe.

Este caráter restrito do ideal de igualdade aparece também na relação que os naturistas, em sua maioria, têm com as pessoas das comunidades vizinhas que prestam serviço (faxina, lavar e passar roupa, auxiliar no restaurante, entre outras funções) na Colina do Sol. Em uma das poucas vezes em que consegui alguma aproximação com uma destas pessoas, perguntei como ela lidava com o fato de trabalhar em um lugar onde todas as pessoas estavam nuas, ao que ela respondeu que: “no início é estranho, né. A gente fica um pouco com vergonha, mas depois acostuma. Eu já trabalho aqui há quase um ano, então hoje em dia eu nem ligo mais, eu acho até interessante”. No prosseguimento da conversa, perguntei se ela nunca sentiu vontade de, depois de tanto tempo ali, praticar o naturismo também; ao que ela respondeu que já tinha tido

---

<sup>55</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre o tema da “mediação” cultural, ver Velho e Kuschnir (2001).

curiosidade de saber como se sentiria, mas “a gente não pode, a gente tá aqui só pra trabalhar mesmo”. Quando, posteriormente, toquei neste tema com dois naturistas, eles confirmaram que “não é bom misturar as coisas”, não querendo aprofundar o assunto. Ao impedir ou dificultar que estas pessoas conheçam o naturismo na Colina, mesmo em seus dias de folga, fica a impressão de que o despir as roupas não necessariamente implica em um “despir-se dos preconceitos”, como a proposta do naturismo levaria a crer, o que parece confirmar o que já foi discutido em relação à questão das diferenças sociais e que, em menor medida mas também presente, ocorre no que diz respeito à homossexualidade e com relação ao preconceito racial.

O terceiro significado que pode ser encontrado na concepção de corpo naturista é o de sua pureza ou, como visto em uma leitura alternativa no item anterior, sua “tranquilidade”. Estas duas possibilidades apontam para a oposição entre um corpo “natural” e um corpo “civilizado”, formulações que podem ser encontradas no discurso dos naturistas que se preocupam em teorizar sobre seu próprio movimento e em ambas, ainda que de forma diferenciada, pode ser percebida uma perspectiva de “liberação” do corpo, principalmente da carga de eroticidade que lhe foi atribuída pela sociedade moderna. Na idéia de um corpo “original”, esta posição é mais explícita, uma vez que se trataria de libertar este corpo (que, nu, expressaria a verdade sobre o ser) dos constrangimentos da cultura que, transmitida desde a infância, “introjeta o opressor e faz perder a *pureza* original e a naturalidade que caracterizava o contato que cada um tinha com o próprio corpo” (Naturis, nº Zero:16, grifo meu). Por outro lado, a concepção de um corpo “civilizado”, embora tendo como pressuposto o exercício de um autocontrole sobre este mesmo corpo, pensa este autocontrole como inserido em um processo de formação de si (*Bildung*) que, ao invés de reprimir, permitiria a expressão da individualidade. Este autocontrole, desta forma, favoreceria a construção de um corpo “tranquilo” em relação à nudez, mas aqui liberando este corpo não da opressão da cultura, como no caso anterior, mas das pulsões da sexualidade.

Em ambos os casos, é necessário refletir sobre as relações de poder que circunscrevem a construção deste corpo. Aqui, parece-me útil recuperar a análise de Sant’Anna sobre a obra de Foucault, onde ela aponta que “mais sutil e difuso do que um poder que reprime e aliena, há exercícios de poder em que o corpo, em lugar de ser maltratado, é adulado, e em vez de ser negado, é colocado no centro das atenções, das problematizações médicas, dos questionamentos da mídia e da cultura” (2000:81).

Seria, então, o naturismo um destes exercícios de poder? A disciplina sobre o corpo e, principalmente sobre o desejo, poderia ser entendida aqui como sendo não uma suavização do poder sobre o corpo, mas uma mudança no modo como este corpo é investido pelas relações de poder? Para tentar formular uma resposta a estas questões, podemos novamente tomar a leitura de Sant’Anna, quando ela afirma que, para Foucault, “a liberação do corpo carrega em seu bojo novos moralismos, dezenas de regras de como melhor usar o ‘capital físico’, no trabalho e no lazer. Foucault não deixa de sugerir a possibilidade da transformação da liberação sexual e corporal numa espécie de lei geral, tão totalitária quanto a suposta repressão que a antecedeu” (2000:85).

Cabe então pensar como este processo se deu no caso particular do naturismo e, neste sentido, é importante resgatar um pouco do modo através do qual esta vertente particular da relação com o corpo e a nudez se impôs e se institucionalizou. Segundo Bologne, por volta de 1930 podiam ser encontrados “três ou quatro nudismos distintos que se votam mutuamente um ódio mortal: o nudismo ‘burguês’, espetáculos comerciais de *music-hall* tranqüilizadores porque canalizam uma sexualidade ainda mal assumida; o nudismo idealista, vindo de uma reação à sociedade industrial e dos mitos do ‘bom selvagem’ do século das Luzes, inofensivo porque cuidadosamente encerrado em clubes privados; o nudismo fascista, metástase maligna desta idealização da nudez e o nudismo de vanguarda, de coloração anarquista, que recupera tanto a psicanálise como o anticonformismo dos jovens artistas. Cada qual tem a sua concepção do nu (erótico, assexuado ou reivindicativo; masculino, feminino ou misto ...). Os valores do nu continuam a ser, hoje, complexos, mas a tendência geral é para a dessexualização do corpo e para a busca de um ‘apudor’ (1986:389).

O que percebemos, então, é que com sua institucionalização – internacional, com a *International Naturism Federation* (INF) e no Brasil, com a Federação Brasileira de Naturismo (FBN) – o naturismo idealista, seguindo a terminologia de Bologne, adquiriu maior visibilidade e hegemonia. No caso brasileiro, após alguns anos de disputa com setores da Igreja (principalmente católica e protestante, como no processo de legalização do naturismo na praia do Pinho), do governo e de eventos pontuais de contestação na justiça (como na longa disputa para a efetivação da praia do Abricó, no Rio de Janeiro, como praia de naturismo), o movimento naturista praticamente perdeu seu caráter mais contestatório, reservando-se para clubes privados – como já apontava Bologne – ou exaltando as potencialidades turísticas para a regulamentação da prática

do naturismo em algumas praias (sempre afastadas dos centros urbanos), como enfatizado no projeto de lei do deputado federal Fernando Gabeira que, em tramitação no Congresso Nacional, aponta as vantagens econômicas na oficialização do naturismo no Brasil.

Retomando as questões que apresentei na página anterior, entendo que o processo de normatização do naturismo levou a que, mais do que um corpo “civilizado”, teríamos um corpo “dócil” como produto do discurso oficial do naturismo e de sua prática hegemônica. Um corpo que se resigna a retirar-se do espaço público e se inserir nas relações de mercado (como a análise das tensões sobre a sustentabilidade da Colina do Sol como comunidade, realizada no capítulo anterior, já havia adiantado), um corpo que reforça a “sexualidade legítima”, que desloca para a “periferia do invisível” o que não se adequa às normas da família tradicional (Foucault, 1988). Um corpo, por fim, que desqualifica o prazer, não apenas o prazer do sexo mas o próprio prazer da nudez, necessitando como definiu Cláudio – um naturista que frequenta a Colina uma vez por ano – “criar um monte de normas e justificativas para poder tirar a roupa, como se tivessem medo ou vergonha de admitir que ficar nu é extremamente prazeroso”.

Este processo, no entanto, não ocorre sem resistências. Elas ocorrem no questionamento da impossibilidade do olhar, como o projeto “A arte a-bunda na Colina” permitiu, na criatividade de uma festa que questionou e alterou a proibição da entrada de homens solteiros na Colina do Sol, quando várias mulheres se vestiram de homens e, com cartazes, questionavam esta proibição, ou na afirmação de frequentadores, como Adriana, de que “eu, na verdade, me considero uma nudista, porque o que eu gosto mesmo é de vir para cá e poder tomar banho de sol e de lago sem roupa. Esse blá-blá-blá todo que as pessoas repetem aqui me cansa, mas o que eu vou fazer, só tem aqui no Rio Grande inteiro para vir, então eu venho aqui mesmo”. Em cada uma destas vozes, portanto, este discurso oficial de um corpo “inteiro, igual e puro” é contestado, permitindo afirmar que existe, dentro do próprio naturismo, espaços para sua transformação.

### *6.6 A diferença visível: homens nus – mulheres nuas*

A concepção de igualdade que é veiculada pelo pensamento naturista, no entanto, está visivelmente subordinada à idéia de natureza. Da mesma forma que na relação que muitos naturistas têm com a questão do homossexualismo, onde muitos tanto entre os que defendem, como entre os que criticam a abertura para a entrada de homossexuais, procuram vincular a que isto faria ou não parte da natureza humana, a visível diferenciação entre homens e mulheres na Colina também é normalmente associada a diferenças naturais entre os sexos.

A expressão mais visível desta distinção pode ser encontrada no estabelecimento de um processo de seleção entre os visitantes e frequentadores. Embora na Colina do Sol este processo pareça ser mais atenuado do que o encontrado na praia do Pinho, quando pesquisada por Rego (1993), ainda pode ser percebida a existência de uma hierarquia que prioriza a entrada de famílias completas (e, aqui, quanto mais gerações – filhos, casal e pais – melhor a aceitação) e casais. Em seguida, ainda sendo bem aceitas, estariam as mulheres solteiras e, no final da escala, os homens solteiros que, em quase todas as áreas de naturismo, sequer são aceitos e, onde podem entrar, passam por um processo de seleção mais rigoroso e permanecem por um período variável de “adaptação” sendo alvos de uma observação mais rigorosa por parte dos naturistas mais antigos.

Na Colina do Sol, mesmo sendo vista como uma das áreas mais flexíveis neste aspecto, há uma preocupação especial em se conversar com os homens solteiros que desejam conhecer esta área, chegando-se a pedir uma visita prévia em períodos de menor movimento, para se averiguar os “reais interesses” do pretendente. Como fui percebendo, no decorrer do ano, o rigor desta fiscalização varia bastante, de acordo com a adesão pessoal a esta regra daquele que estiver encarregado da recepção aos novos visitantes. Assim, por exemplo, quando fiz os primeiros contatos para o início de minha pesquisa, onde expliquei meu interesse exclusivamente acadêmico em conhecer, e na medida do possível viver por um ano na Colina do Sol, explicitiei que se tratava de uma pesquisa individual e que era solteiro, não tendo encontrado nenhuma resistência a isto. No entanto, mais próximo de minha visita, um novo responsável por esta parte enfatizou que seria “mais conveniente” se eu não fosse “desacompanhado”, pressão que acabou sendo contornada pelo interesse que os próprios naturistas tinham na realização desta pesquisa e que já abordei no início desta tese.

Na maioria dos casos, esta “precaução” é justificada pelos naturistas como uma proteção, tanto em relação às mulheres quanto à imagem do próprio naturismo, argumentando que, nas vezes em que se abriu mão deste controle isso acabou ocasionando um desequilíbrio na proporção entre homens e mulheres, o que acabava por afastar as famílias, prejudicando a imagem de um ambiente “puro e familiar” que o naturismo tenta construir. É interessante observar que a maioria esmagadora das pessoas que defendem esta interdição é composta pelos próprios homens que, como as quatro falas abaixo indicam, reproduzem um discurso de gênero tradicional:

“Se permitirmos a entrada de homens solteiros sem nenhum controle, em pouco tempo só teríamos homens, porque as mulheres e as famílias iriam embora” (Gonçalo, frequentador).

“Se um homem está nu entre várias mulheres, ele não se sentirá mal, mas uma mulher nua entre muitos homens, ela se sentirá constrangida” (Rodrigo, frequentador).

“Uma mulher nunca virá aqui apenas para olhar os corpos dos homens, mas muitos homens só viriam para olhar o corpo das mulheres, se fosse permitido” (Miguel, frequentador).

“Isto aqui tem que continuar sendo um ambiente familiar. Um solteiro só poderia ser aceito caso viesse indicado por um sócio que se responsabilizasse pelo comportamento dele” (Jonas, frequentador).

Se compararmos com o que preconiza uma antiga publicação naturista, a revista “Saúde e Nudismo”, sobre quais deveriam ser os papéis de homens e mulheres na sociedade, percebemos que os fundamentos, em que se baseiam estas distinções de gênero, não foram significativamente alterados em praticamente meio século.

“*O jovem solteiro* – (...) deve ter em questões de amor a responsabilidade acima de tudo. Assim não carregará a culpa de ter estragado sua saúde e muito menos a da mulher.

*A moça* – (...) Não deve se encarar como mulher ativada ao trabalho, mas sim como uma perfeita amante, boa esposa e excelente mãe (...).

*O homem casado* – Deve reconhecer os hábitos e os costumes de sua mulher e sempre levar em conta a natureza feminina. Dentro do casamento, o marido deve evitar os perigos que corre a esposa (...).

*A mulher casada* – Ela precisa conservar a saúde e não procurar posição e êxitos em trabalhos masculinos ou publicidade mas, sim, a felicidade no lar e no seio da família” (Revista Saúde e Nudismo, nº 9, 1952: 10).

Assim, enquanto as mulheres devem se cuidar e se preparar para o cuidado do lar (que estaria na “sua natureza feminina”), o homem, entre outras tarefas, deveria proteger a mulher; principalmente, retomando as quatro falas citadas acima, de possíveis olhares maliciosos de outros homens. Podemos, então, perceber como o olhar masculino é entendido, por estes naturistas, como sendo impregnado pela cultura que teria transformado o corpo nu em um objeto de desejo sexual, enquanto as mulheres (e os “verdadeiros” naturistas) teriam um olhar mais “puro”, ou seja, mais “natural”. É o homem, portanto, que representa a ameaça da entrada da cultura no ambiente puro do naturismo, devendo ser vigiado ou controlado pelas normas de comportamento e pelos sócios que os convidam, até que prove que também já se “despiu” não somente das roupas mas, principalmente, na alma.

A discussão das origens biológicas ou culturais das diferenças de gênero tem sido uma das mais acirradas não apenas entre a Antropologia e outras ciências, mas dentro da própria Antropologia e não se pode dissociar este debate de suas consequências políticas, principalmente a partir do advento do feminismo e de sua inserção no âmbito acadêmico. Como Laqueur (2001) analisa, muitas descobertas científicas, principalmente na Biomedicina, têm desempenhado um papel relevante na tentativa de determinar uma base empírica para a naturalização de diferenças comportamentais entre homens e mulheres. Desta forma, por exemplo, a descoberta do papel do espermatozóide e do óvulo na reprodução, possibilitou a construção de discursos como os dos *Naturphilosophen*, que consideravam “a diferença sexual uma das dicotomias fundamentais da natureza, um abismo intransponível nascido, não dos opostos pitagóricos, mas dos próprios germes reprodutivos e dos órgãos que os produziam” (2001:210). Laqueur, no entanto, irá mostrar como esta determinação biológica do comportamento feminino foi utilizada para fundamentar, historicamente, dois discursos antagônicos. Deste modo, a afirmação de que o prazer sexual da mulher



era irrelevante no processo de reprodução, que começou a se afirmar como verdade científica a partir do final do século XVIII serviu para “des-erotizar” a mulher que, até então, era vista como mais permeável aos apelos sensuais da natureza. Para Laqueur, “o lugar-comum da psicologia contemporânea – de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja relacionamentos – é a exata inversão das noções do pré-Iluminismo que, desde a Antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres” (2001:15).

É interessante notar que, embora não seja unânime na questão do controle da entrada de solteiros, este discurso de associar as mulheres à natureza e os homens à cultura, presente em muitos naturistas, se reproduz em pelo menos um grupo de mulheres, como um evento que descrevo a seguir irá explicitar.

“30/12 – Estava na praia, quando Livia veio convidar-me para assistir ao ‘ritual da lua’, uma cerimônia mística que é feita em homenagem à última lua cheia do ano. Quando deu 21:30, fui com uma amiga e quando chegamos já havia começado. Havia uma roda, ao lado do lago do MASTI, com uns almofadões na grama, onde sentamos. Estavam presentes dezesseis pessoas, das quais apenas eu e mais dois homens (no final fiquei sabendo que foi a segunda vez que elas admitiam a presença de homens ‘de alma feminina’ na cerimônia e que eu havia sido convidado por conta da pesquisa). Pediram que retirássemos os sapatos e, um a um, levantássemos para que a Mariana purificasse as pessoas com um incenso, contornando o corpo das pessoas. Em seguida, Livia passou uma essência de flor de laranjeira na mão de todos e pedia que cada um escolhesse uma pedra de dentro de um saco que ela circulava (ela passou o dia coletando estas pedras pela Colina), colocasse a pedra entre as mãos e mentalizasse os desejos de transformação a partir da energia da lua. Toda a cerimônia era marcada pela batida de um pequeno tambor que, ora Livia, ora Marisa tocavam. Após algum tempo com os olhos fechados, segurando e energizando as pedras, as lançávamos de volta ao ‘meio natural’. No final, todos formamos uma roda e giramos, ao mesmo tempo em que devíamos deixar fluir, por sons, o que estava em nosso interior”.

De todos os aspectos deste ritual e de minha participação nele, duas coisas chamaram a minha atenção. A primeira delas foi o fato de, em apenas nove dias de campo, ter sido convidado para acompanhar uma atividade em que, se não era proibida, tampouco era estimulada a presença masculina. A segunda foi justamente esta associação entre as “forças da natureza” e o “feminino”, presente desde o já referido convite para que as mulheres e os homens “de alma feminina” participassem do ritual e

reiterada em todo o decorrer da atividade em que era a deusa lua que transmitia a energia, através de elementos da natureza (pedras, essência, contato do pé descalço com a grama) para atingir uma subjetividade interior também feminina, donde não racionalizável em palavras (como me foi, posteriormente, explicada a parte em que devíamos deixar que os sons interiores se expressassem).

Esta ênfase na subjetividade “natural” da mulher, também pode ser vista como uma das explicações para a forma que a “paquera” assume na Colina do Sol, onde as pessoas falam que esta “paquera” assume características eminentemente femininas. A possibilidade de envolvimento amoroso entre os naturistas se dá porque, embora normalmente as pessoas se refiram a “homens solteiros”, quando se trata da questão do controle da entrada em áreas naturistas, o mais correto seria falar em “homens desacompanhados”, uma vez que, para um homem frequentar qualquer área de naturismo sem restrições, é preciso apenas que esteja acompanhado de uma mulher<sup>56</sup>. No meu próprio caso, lembro que quando fui sondado se iria mesmo sozinho em minha primeira visita para apresentar o projeto de pesquisa, fui informado de que mesmo uma colega que fosse comigo já alteraria o meu *status* de “solteiro”, perante as regras locais. Com isto, embora o maior número ali seja de pessoas realmente casadas, aqueles que se separam depois de já serem naturistas, os que são autorizados a entrar mesmo sendo “solteiros” e os que entram acompanhados de amigas e parentes, formam um grupo de homens e mulheres que, compartilhando no mínimo o interesse comum pelo naturismo, podem eventualmente começar ali um novo relacionamento.

Nestes relacionamentos, a iniciativa da paquera, em áreas naturistas e na Colina do Sol em particular, é normalmente das mulheres, o que pode ser explicado de duas formas. Em primeiro lugar, a “proteção” que o grupo realiza em torno das mulheres inibe a maioria dos homens solteiros, principalmente aqueles ainda não completamente integrados ao naturismo, a ter qualquer atitude que possa ser vista como fora dos padrões de comportamento. Assim, o temor de que uma “cantada” possa ser compreendida como agressiva, gerando um aumento da suspeita já normalmente existente em relação ao comportamento dos homens desacompanhados, acaba por fazer

---

<sup>56</sup> Fui informado que, em certos momentos em que a proibição da entrada de homens “solteiros” foi mais rigorosa, na Colina do Sol e em outras áreas naturistas, alguns “curiosos” (que é uma forma pejorativa com que os naturistas designam os que querem apenas “ver mulheres sem roupa”) contratavam “acompanhantes profissionais”, para poderem entrar na Colina. Isto foi, também, um dos argumentos utilizados por aqueles que eram contra este tipo de proibição.

com que estes tenham uma atitude de espera por demonstrações mais inequívocas do interesse por algum tipo de relacionamento, que parta das mulheres. Por outro lado, a afirmação de que as transformações, originadas pelo ambiente naturista, levariam a que as paqueras enfatizassem um “jogo de sedução”, baseado em atributos tradicionalmente associados ao feminino<sup>57</sup>, cria uma expectativa de que são as mulheres que devem tomar a iniciativa destes relacionamentos.

Este discurso de associar a mulher à natureza e o homem à cultura, no entanto, não está livre de contradições. Em momentos anteriores, indiquei como ele é hegemônico no que diz respeito à idéia de uma subjetividade “natural” da mulher e em relação à maior pureza da mulher, no que diz respeito ao aspecto da associação entre nudez e erotismo. Entretanto, ao mudar o enfoque para analisar a relação que os naturistas têm com as roupas e adornos, é a mulher que é percebida como estando mais perto da cultura.

No início deste capítulo já havia apontado como parece ser mais difícil para as mulheres aderirem ao naturismo, e como os próprios naturistas explicam esta maior dificuldade pelo modo como as mulheres são educadas em nossa sociedade, com maior repressão à exposição do próprio corpo. Além disso, como já foi descrito, a Colina do Sol possui tanto áreas de nudez obrigatória quanto áreas de nudez opcional e, com o prosseguimento de minha pesquisa em campo, comecei a observar que as mulheres, com poucas exceções, vestiam-se ou usavam a canga<sup>58</sup> como roupa tão logo saíam das áreas de nudez obrigatória e fiz disso uma questão que, recorrentemente, inseria em conversas ou nas entrevistas que realizei. Embora um pequeno grupo de pessoas mantenha uma visão de que isto seria consequência da vaidade, que seria “natural” na mulher, enfatizando inclusive que em outros animais também haveria um instinto das fêmeas em valorizarem sua beleza, a enorme maioria das pessoas com quem abordei este assunto parecia acreditar que, neste aspecto, “é mais uma coisa de cultura mesmo, já é uma coisa histórica, a mulher foi criada com mais pudor do que o homem, então isso acaba refletindo neste ato, involuntário às vezes” (Gomes, visitante). Como

---

<sup>57</sup> Simmel mostra como o coquetismo – forma específica de relacionamento entre homens e mulheres que se baseia em uma permanente tensão entre o “dizer-sim e o dizer-não, na entrega e na recusa de si, onde as mulheres são mestras” (1993:99) – lida com estes atributos “femininos”, tais como o jeito de olhar, de andar e formas específicas de conversação.

<sup>58</sup> Praticamente todas as pessoas – homens e mulheres, independentemente da faixa etária – andam a maior parte do tempo com uma canga, uma vez que a utilização desta ou de uma toalha é obrigatória, pelo código de ética (ver anexo III), para sentar-se em assentos comuns.

veremos a seguir, não são apenas as roupas que, eventualmente, cobrem o corpo dos naturistas. A “ vaidade”, para alguns, ou a manutenção da necessidade de se diferenciar, para outros, leva a que muitos naturistas – mais uma vez, aqui, tendo uma expressiva maioria de mulheres – utilizem adornos sobre a pele nua, sejam eles transitórios como colares, anéis, brincos e outros adereços, ou permanentes, como a grande quantidade de pessoas tatuadas expressa.

### *6.7 Marcas da cultura sobre a pele nua*

“O naturismo é, de certa forma, uma reação frente ao tipo de civilização que nós temos, frente a esta cultura que torna as pessoas hipócritas porque as afastam da verdade de sua própria natureza. Eu acho, então, que não tem naturismo na África porque lá eles já vivem na natureza, talvez eles ainda estejam buscando justamente esta civilização que nós já vimos que não nos serve.”

A resposta de Clara, transcrita acima, à pergunta de se havia naturismo também na África, feita em uma palestra realizada na cidade de Novo Hamburgo (próxima à Colina do Sol), permite entender melhor como se articulam natureza e cultura no discurso naturista oficial e o espaço da tatuagem neste grupo. Como foi apresentado no capítulo quatro, este discurso, fortemente influenciado pela figura do “bom selvagem” rousseauiano, situa natureza e cultura em pólos opostos e que são associados à pureza/corrupção do que seria essencialmente humano. A cultura, então, aparece como aquilo que afasta as pessoas “da verdade de sua própria natureza”, enquanto o tipo de vida que é associado aos “povos naturais” é visto como modelo por este discurso naturista. Entre estes modelos, principalmente no caso do naturismo brasileiro, o estereótipo do “indígena” – não por acaso também identificado como um dos ícones da nacionalidade, tanto pelo movimento romântico brasileiro quanto por representantes da Semana de Arte Moderna de 1922 – fornece uma poderosa simbologia do que seria esta relação ideal do ser humano com a natureza.

Esta identificação está fortemente presente em várias explicações que os naturistas apresentam para defender a idéia da “naturalidade” da nudez, ao afirmar que “os índios não teriam vergonha de sua nudez”. Ela também pode ser encontrada quando eles falam sobre a grande quantidade de pessoas na Colina do Sol que possuem

tatuagens, principalmente mulheres, enfatizando que “todos os índios” se tatuam. Nesta mesma perspectiva Simmel, associa a tatuagem aos “adornos de povos naturais” (Wolf, 1950:340), em um momento – início do século XX – em que a prática da tatuagem ainda estava vinculada a comportamentos tidos como “marginais”, tais como os associados a presidiários, prostitutas e marinheiros (Leitão, 2002).

A associação entre a tatuagem e os povos indígenas pode ter contribuído na legitimação do seu uso entre os naturistas, ainda que em um sentido oposto ao de sua utilização por vários grupos indígenas pesquisados, onde a tatuagem marca justamente a entrada da cultura, distinguindo-o dos brutos que permaneciam no estado natural e não se pintavam (Lévi-Strauss, 1957). No entanto, penso que é na diversificação dos significados atribuídos contemporaneamente à tatuagem que encontramos uma chave para a compreensão de sua ampla difusão neste grupo. Em sua pesquisa, realizada na cidade de Porto Alegre, Leitão compara dois conjuntos de pessoas que utilizam a tatuagem a partir de perspectivas bastante diferenciadas. Para o primeiro, que poderia ser caracterizado como um grupo que se articula a partir dos próprios estúdios de tatuagem, ela adquire um sentido de pertencimento a um movimento bastante amplo que se autodefine como de “contra-cultura” (em uma linha de continuidade com os diversos movimentos de contestação oriundos dos anos sessenta, tais como o movimento hippie). Entretanto, para diversas outras pessoas a tatuagem adquire um sentido puramente estético, inserindo-se em um contexto de alterações (que vão desde a utilização de cremes e outros produtos, tidos como “naturais”, até intervenções cirúrgicas como implantes de silicone e lipoaspirações) que visam “valorizar” o corpo. Mendes de Almeida associa esta perspectiva estética da tatuagem ao retorno de “uma visão romântica do self. Ao invés de Deus, o sujeito romântico ocupa a posição central e faz do mundo, e de tudo o que nele ocorre, uma mera ocasião para si mesmo” (2001:101).

Como já foi exaustivamente indicada no decorrer desta tese, esta perspectiva romântica está fortemente arraigada no ideário naturista e, com relação à tatuagem, não se apresenta de forma diferente. Assim, ao mesmo tempo em que a nudez limita (ou elimina, na percepção do discurso oficial do naturismo) a expressão das diferenças, ela permite uma visualização total da pele, onde a individualidade pode se expressar através da prática da tatuagem. Em uma entrevista que realizei especificamente sobre este tema, Renato fala que na Colina do Sol há muita gente tatuada “justamente pelo corpo estar mais visível. Por sermos todos iguais, é uma forma de diferenciação. Então é uma forma

de ficar mais bonito”. Esta tensão entre uma filosofia de vida, que entende a nudez como uma forma de recuperar uma igualdade original entre os seres humanos, e a reinserção da diferença através da tatuagem pode ser sentida na entrevista com Lúcia:

- Você disse que a tatuagem é como um adorno. Ela, então, não recoloca a questão da diferenciação entre as pessoas?

- Não, porque não teria porque eu querer me diferenciar das outras pessoas né, é bem aquela história que eu te falei da vaidade da mulher, é um adorno para mim entendeu, e pros outros também. Eu acho que é mais pro lado da vaidade e não da diferenciação assim, de eu querer me destacar entre as pessoas, até porque aqui isto não existe né? Está todo mundo pelado, então não tem muito isto de querer se diferenciar, pra mim é assim.

Parece haver, portanto, pelo menos na fala de algumas das pessoas que praticam o naturismo, uma distinção entre dois tipos de comportamento. A “diferenciação”, que é negativamente avaliada, seria uma procura por colocar-se acima das outras pessoas, rompendo com isso a idéia de igualdade tão cara à filosofia naturista. A crítica a qualquer possibilidade de hierarquização dos seres humanos, no entanto, não pressupõe a impossibilidade da procura dos indivíduos por uma “distinção”, pela expressão de sua singularidade, que neste ambiente pode ser expressa através de adornos, como no caso da tatuagem, ou de habilidades específicas, sejam artísticas ou outras. Simmel, falando da passagem de um individualismo quantitativo para um individualismo qualitativo, indica que “o ponto essencial é que a particularidade e a incomparabilidade, que evidentemente cada ser humano possui, é de algum modo expressa na construção de um modo de vida. Que nós seguimos as leis de nossa própria natureza – e isto é, acima de tudo, a liberdade – torna-se óbvio e convincente para nós mesmos e para os outros apenas se as expressões desta natureza diferem das expressões destes outros” (Wolf, 1950:420).

A grande quantidade de pessoas tatuadas na Colina do Sol poderia, então, ser explicada por esta capacidade de, ao mesmo tempo, expressar esta particularidade e incomparabilidade de cada indivíduo e não indicar “diferenças”, que outros adornos poderiam trazer embutidos. Assim, ao contrário de jóias, relógios e outros acessórios que possuem grande variedade de preços, a tatuagem singularizaria apenas através da expressão de um estilo individual como as fotos abaixo ilustram.





### **Desenhos, tamanhos e locais de tatuagem**

Por fim, cabe ressaltar que mesmo os naturistas que não se tatuam entendem que as tatuagens não cobriam a pele, mas a enfeitariam. Com isto, distinguem radicalmente as tatuagens das roupas que, embora possam também ter a função de adorno, são sempre associadas, no naturismo, às idéias de esconder, velar ou mascarar o corpo e a personalidade “real” de cada um. Assim, enfatizando o sentido de “naturalidade”, pois “passa a fazer parte realmente do seu corpo, é uma parte de você”, como falou Renato, a tatuagem é integrada no ideário de um corpo “integral, puro e igualitário” que caracterizaria o naturista.





## CAPÍTULO SETE

### A AMIZADE DE INFÂNCIA

#### 7.1 *A verdadeira amizade*

“Talvez um dia aprendamos a conviver com a imagem de um amigo que não aparece como nossa imagem especular, mas como algo radicalmente diferente e sejamos capazes de aceitar esta distância, essa diferença como condição da amizade”.

(Francisco Ortega)

Como indiquei na introdução desta tese, tive meu primeiro contato com o naturismo através de uma matéria, em uma revista de circulação nacional, na qual a referência à amizade, que se dizia ali ser característica, entre seus praticantes, havia

chamado a minha atenção. Estava no final de minha dissertação de mestrado e, tendo ali analisado a formação de amizades grupais, interessava-me por estudar as relações entre a vida em comunidade e a amizade. Assim, quando li que na Colina do Sol “as pessoas despidas de seus preconceitos e máscaras sociais, podem viver a verdadeira amizade”, decidi procurar esta comunidade naturista para nela realizar minha pesquisa de doutorado.

O acerto desta escolha, que no decorrer desta tese foi apresentada nos diversos aspectos em que ela se desdobrou, na medida em que o trabalho de campo revelou proveitosos cruzamentos entre a amizade e a especificidade de uma comunidade naturista – como foi discutido no capítulo cinco – e amizade e a construção cultural do corpo no naturismo – tema do capítulo seis – foi demonstrado desde minha primeira ida ao campo. Já nesta primeira visita pude perceber que minha declaração, de querer estudar a amizade, contribuiu para a rápida aceitação de minha presença na Colina, dada a importância do tema para este grupo.

Assim, quando após ter apresentado minha proposta de pesquisa para o Conselho Consultivo fui orientado para conversar diretamente com Celso Rossi<sup>59</sup>, foi a menção ao tema da amizade no naturismo que mais rapidamente estabeleceu um vínculo entre meus interesses de pesquisa e um dos aspectos que as principais lideranças deste movimento querem salientar. “Se você deseja estudar a amizade, então você realmente veio ao lugar certo! *Aqui você vai encontrar a verdadeira amizade* (grifo meu)”. Com esta frase, Celso não apenas sancionava minha presença na comunidade, mas também ratificava a centralidade da idéia de amizade existente no ideário naturista.

---

<sup>59</sup> Como discutido no capítulo quatro, embora existam fóruns de discussão e deliberação que estruturam o funcionamento cotidiano da Colina do Sol, a última palavra em qualquer assunto considerado de maior importância é sempre dada pelo casal Celso Rossi/Paula Andreazza.



**Casa de um casal americano, que a placa enfatiza serem "Dois Amigos".**



Na entrada da barraca, o reforço da expectativa da amizade.



Rancho da amizade, no camping



Rua da Amizade

Ao lado da constante associação entre naturismo e paraíso – já abordada no capítulo três – a permanente referência à amizade como parte essencial da relação entre os naturistas encontra-se não apenas no discurso de suas lideranças. Assim, como as quatro fotos anteriores ilustram, ela é uma marca visual recorrentemente acionada na comunidade, reforçando uma expectativa de comportamento (entre os próprios naturistas e para aqueles que estão ingressando ou conhecendo o movimento) e que também pode ser atestada por depoimentos daqueles que visitam uma área naturista pela primeira vez, como os citados abaixo:

“O bate-papo com os amigos começava ali mesmo no café da manhã. *Era como se fossem amigos de muitos anos*” (naturista, em sua primeira ida à Praia do Pinho – SC, grifo meu).

“O salão estava sendo decorado por um grupo de mulheres para o Baile da Primavera. Alguns homens cuidavam da parte elétrica. Quase todos nus. E eu, pela primeira vez no meio deles, *como se há muito tempo frequentasse aquela comunidade*” (relato de uma primeira vez em uma área naturista – Rincão Naturista, Guaratinguetá – SP, grifo meu).

“A gente chega aqui um pouco receosa, não sabe bem como são as coisas, mas logo começa a vir um monte de gente para conversar contigo, saber de onde é, como decidiu vir para cá e já chama para almoçar junto, depois para conhecer a cabana e, *quando vê, você já fez um monte de amigos, porque quem está aqui está*

*todo mundo pelo mesmo motivo*” (frequentadora, lembrando de sua primeira ida à Colina – grifo meu).

Se nos dois primeiros casos, extraídos de números da revista *Naturis*, temos que relativizar o caráter de propaganda deste movimento, a que esta revista se propõe, eles também dão conta de que este ideal, da amizade generalizada e imediata entre os naturistas, é uma característica não apenas da Colina do Sol, mas do movimento naturista brasileiro. O último trecho, recolhido durante uma conversa informal com uma frequentadora, reforça estes aspectos de que na Colina do Sol (bem como em todas as áreas naturistas) todos devem não apenas ser amigos, mas também que esta é uma relação que se constitui “naturalmente”, dado que “todos estão ali pelo mesmo motivo”.

Esta afinidade de interesses, no entanto, pode servir – como fez Ângela na entrevista que realizei com ela – para relativizar esta especificidade do naturismo. Assim, quando a questioneei sobre como ela via na prática, após ter passado algum tempo nesta comunidade, a efetivação deste ideal de amizade generalizada, ela me respondeu:

“Eu não digo amizade, amizade mesmo, porque isso é uma coisa mais trabalhada. Mas, sem dúvida, tem uma disposição maior das pessoas aqui de se deixar conhecer, de querer trocar experiências e que, no futuro, pode até gerar amizades. Elas já chegam aqui com alguma coisa em comum, ou são naturistas ou têm, se não um desejo, pelo menos uma curiosidade de saber como é ser um naturista, então já há um primeiro canal de aproximação. A única coisa que eu não concordo é que isto seja algo que só se encontre aqui, as pessoas daqui fantasiam muito isso de que o naturismo criaria uma amizade especial, mas se você for ver, é uma coisa que acontece com qualquer grupo que compartilhe valores em comum”.

A declaração de Ângela aponta para uma das características mais interessantes da construção da amizade entre os naturistas. A idealização da amizade no naturismo é de tal monta – uma amizade especial, no dizer de Ângela ou a verdadeira amizade, na fala anterior de Celso Rossi – que a ela é associada um termo específico. Assim, os naturistas vivenciam “amizades de infância”, cuja melhor definição pode ser

encontrada em um livro no qual o próprio Celso Rossi relata a consolidação do naturismo na praia do Pinho – primeira praia oficial de naturismo no Brasil:

“Quando crianças somos autênticos e abertos, receptivos. Os conhecimentos e amizades que se formam então, são puros e verdadeiros. Não se formam baseados em imagens distorcidas, provenientes de disfarces forjados para a ocasião. A receptividade não está bloqueada por preconceitos e defesas. Os vínculos que se constroem são mais fortes. Neste sentido, no ambiente naturista ‘voltamos a ser crianças’ e temos, novamente, a possibilidade de fazermos ‘amigos de infância’” (Rossi, 1993:211).

Nesta definição encontramos algumas das características do que vem a ser a “amizade de infância”: pura; verdadeira; aberta; sem preconceitos e mais forte. Mas, mais do que isto, ela completa a construção do naturista como um ser humano “especial”. No capítulo anterior, procurei indicar como os valores auto-atribuídos à nudez naturista enfatizam a pureza, a igualdade e a concepção holista do corpo. Podemos, agora, perceber como as relações de amizade idealizadas pelos naturistas seguem estas características. Assim, a associação com a infância, cuja associação com a pureza é recorrente não apenas no naturismo mas em muitos setores da sociedade, reforça a idéia de um ser humano ainda não corrompido pela cultura, vista na perspectiva naturista como responsável pela imposição de preconceitos e pela dissociação entre a essência (bondosa) do ser humano e o mundo das aparências que os adultos (não-naturistas) viveriam.

Da mesma forma, remetendo ao capítulo cinco, é possível identificar traços comuns entre esta concepção de amizade, baseada em um conhecimento mais radical do outro (que aqui praticamente se confunde com o mesmo, dado que as diferenças essenciais devem ser abolidas), e a construção de uma comunidade naturista. Assim, se esta proposição de uma “amizade de infância” é algo que deve estar associado com as relações entre naturistas de qualquer área, as pessoas na Colina do Sol entendem que somente ali, em uma comunidade, ela pode ser vivenciada em sua plenitude.

Fora dos livros e revistas sobre o naturismo, é nos momentos de celebração desta comunidade que este tema da amizade generalizada se atualiza. A ceia de Natal, que no



Brasil é normalmente uma ocasião de reunião familiar, é um destes momentos em que a “família naturista” se reúne e exalta a “verdadeira amizade” que se constrói entre eles.

Tendo chegado na Colina do Sol poucos dias antes do Natal de 2001, esperava com ansiedade esta data para, no início do trabalho de campo, poder observar a forma como esta festa era comemorada ali. Logo no primeiro dia em campo (23/12), fui informado de que cada um deveria levar um prato para a ceia comum que seria realizada no restaurante. Fiquei também sabendo que, junto com a ceia, seria realizada a troca de presentes no estilo “amigo secreto”<sup>60</sup>.

Com o objetivo de acompanhar todos os momentos da festa, fui para o restaurante, na noite de 24 de dezembro, com bastante antecedência. As pessoas começaram a chegar por volta das nove e meia da noite, colocando os pratos que haviam preparado em uma mesa comum, no centro do restaurante, e os presentes embaixo de uma árvore de Natal que havia sido montada em um dos cantos do mesmo. Alguns vinham conversar comigo e um casal me convidou para sentar à mesa em que eles estavam, perguntando como estava minha ambientação e algumas curiosidades sobre a pesquisa. Por volta das vinte e duas e trinta, com cerca de sessenta pessoas presentes, iniciou-se a comemoração com uma saudação natalina, feita por um dos moradores, onde se enfatizou que, embora o nome da brincadeira seja “amigo secreto”, não há segredo em se dizer que aqui todos são amigos de todos e os presentes são apenas símbolos desta grande amizade que existe ali. Após essa saudação houve o jantar e, pouco antes da meia-noite, iniciou-se a troca de presentes onde cada um deve dizer características do presenteado para que os demais tentem adivinhar quem este é. Se em festas como estas o chamado “clima natalino” favorece a celebração da amizade, não sendo portanto uma exclusividade do naturismo, o que chamou a minha atenção em muitas das descrições que eram feitas dos presenteados foi a possibilidade de ver ali reproduzido muitos dos valores indicados na definição de “amigo de infância”, anteriormente feita pelo Celso.

---

<sup>60</sup> O “amigo secreto ou amigo oculto” é uma forma, já tradicional no Brasil, de troca de presentes entre amigos e colegas de trabalho e consiste no sorteio, a partir de uma lista de participantes, de quem irá presentear a quem, de modo que cada um só descobre no dia da festa de quem estará recebendo seu presente.

“O meu amigo secreto, apesar de estar aqui há apenas alguns dias, já é um grande amigo meu”.

“Posso dizer pouco de minha amiga secreta, uma vez que a conheci há muito pouco tempo, mas sei que, como todos aqui, ela é uma boa amiga” (na ocasião da entrega dos presentes para um casal que estava de férias na Colina, durante o mês de dezembro).

“Para mim, não há amigos secretos, desde que cheguei aqui só tenho estado a descobrir novos amigos e queria, com esta lembrança, homenagear cada um deles” (o marido do casal acima, na sua vez de presentear).

“Todos aqui são meus amigos, então é fácil presentear meu amigo secreto, porque é um entre tantas pessoas queridas aqui”.

“Não existe lugar mais fácil para se dar presentes do que aqui na Colina, porque todos são amigos e porque todos conhecem realmente como os outros são, aqui ninguém finge ser o que não é”.

Nestes cinco exemplos, mais uma vez, podemos ver a dimensão da influência deste ideal de “amizade de infância” – ainda que este termo não tenha sido utilizado em nenhuma das falas – sobre o discurso dos naturistas. Por este discurso, os que chegam na Colina do Sol, rapidamente se transformam em “grandes amigos” ou “boas amigas” e estes, por sua vez, estabelecem aí novas amizades. Além disso, os que aí já residem ou frequentam há mais tempo, são todos amigos que se conhecem profundamente, uma vez que não há máscaras (roupas) que ocultem as verdadeiras intenções de cada um e que, idealmente, esta é uma comunidade sem conflitos sérios que possam ameaçar este clima de permanente harmonia.

Como já foi observado, no entanto, o convívio cotidiano nesta área naturista, mostrou que, fora dos discursos natalinos e da propaganda dos vídeos e revistas, esta aparente homogeneidade se complexifica, gerando atritos que, muitas vezes, levaram a que vários naturistas tenham, no decorrer destes oito anos de Colina do Sol, se desiludido com este projeto. Não se pode negar que, pelo menos alguns deles têm consciência desta distância entre “o paraíso que a gente diz que isso aqui é” e “como as coisas realmente acontecem”. Assim, ainda durante a primeira reunião na qual apresentei minha proposta de pesquisa, houve quem se manifestasse de forma contrária, salientando que “em uma pesquisa como essa, ele vai acabar descobrindo que tem muita

coisa aqui que não é como a gente gostaria que fosse, ele vai ver que tem horas que a gente briga, que não quer mais ver a cara do outro sujeito, senão acaba indo para a briga mesmo”.

Embora não tenha havido nenhuma briga física durante um ano de permanência nesta comunidade (o que pode ser visto, também, como mostra de alguma eficácia deste discurso mesmo nos momentos de conflito), pude presenciar ásperas divergências, principalmente quando envolviam questões relacionadas ao comércio ou outros aspectos financeiros da Colina do Sol.

Como, então, estes conflitos são entendidos dentro desta ótica de amizade generalizada que, como vimos, é recorrente nesta comunidade e, por sua vez, como este ideal permanece mesmo após tantas e, algumas vezes, tão profundas divergências?

Neste último capítulo desta tese, procurarei discutir como a “amizade de infância” se relaciona de forma mais profunda com a idéia de amizade como emoção (um “sentimento amigável”) do que com o estabelecimento de relações de amizade mais efetivas, sejam grupais (como ocorria entre os estudantes de Medicina que estudei em meu mestrado), sejam duais. Assim, da mesma forma que a idéia de comunidade naturista pode subsistir ali, mesmo na inexistência de trabalhos comunitários, a partir de um sentimento de comunhão de valores, e que a idéia de um corpo nu indiferenciado pela ausência de roupas seja novamente diferenciado pelo olhar, a perspectiva de “amizade de infância” parece apontar mais para um projeto de construção de novos valores, do que para uma atualidade de relações efetivamente vividas.

Abordarei a seguir, a partir desta perspectiva, as tensões existentes entre este projeto, ou este “discurso” sobre a amizade, e a formação de relações de amizade no âmbito do naturismo. Estarei, aqui, particularmente interessado em acompanhar os efeitos do aparecimento dos “amigos mesmo” em um grupo onde, idealmente, todos deveriam ser “igualmente amigos”. Se, no cotidiano, esta cisão se materializa apenas em um maior convívio social (almoços nas cabanas, rodas de conversa na praia ou grupos para o churrasco), não implicando em maiores atritos com a perspectiva de homogeneidade existente no discurso naturista, como ela se reflete quando ocorre o aparecimento de situações abertamente conflituosas? De particular interesse, neste aspecto, será a investigação sobre como estas relações de amizade se mantêm a partir da expulsão ou do afastamento de pessoas do convívio dos naturistas da Colina do Sol,

verificando em que medida quando elas “deixam de ser crianças”, deixam também de ser “amigas”.

Muitas vezes, no decorrer de meu trabalho de campo, acompanhando estas tensões (que se aguçam no inverno, quando o fluxo de visitantes e, conseqüentemente, de dinheiro para os moradores que vivem do turismo na comunidade, diminui), questionava-me sobre como este ideal de amizade conseguia permanecer fazendo sentido para muitos deles, mesmo para aqueles que, estando na Colina há muitos anos, haviam presenciado processos de exclusão que me eram reportados como bastante traumáticos. No meio de tantos conflitos e tensões, portanto, imaginava que teria que haver espaços onde este projeto, ainda que entendido como um ideal a ser alcançado, como consequência de uma transformação do ser humano do qual o naturismo se vê como parte constitutiva, se materializasse.

Foi Joana, justamente uma das pessoas que foi “convidada a se retirar” da Colina, que me chamou a atenção para o que ela via como sendo uma das esperanças de mudança na prática concreta das relações ali existentes, na direção deste projeto de construir “amizades de infância”. Durante a entrevista que realizei com ela, pouco tempo depois de sua saída da comunidade (ela permaneceu por cerca de seis meses na Colina do Sol), perguntei se, entre tantas críticas que fazia, ela havia encontrado algo de positivo. Sua resposta foi que “sim, as crianças ali realmente são especiais, faz a gente acreditar que, no futuro, ali pode realmente surgir algo de diferente, quando este grupo de crianças crescer e assumir os rumos da Colina”. Assim, mesmo Joana, que foi acusada de não se adequar aos propósitos do naturismo, se associou a esta idealização da infância como dotada de uma pureza transformadora, que é uma das bases que sustentam a noção de “amizade de infância”, como já foi visto.

Por diversos motivos, no entanto, tive um contato muito irregular com as crianças da Colina do Sol, que mereceriam por si só uma pesquisa específica, o que me impediu de aprofundar a questão de como as próprias crianças lidam com o naturismo e se as amizades que fazem entre si, e com os diversos grupos de adultos que aí residem/frequentam, sofrem alterações significativas em relação àquelas que são mantidas fora do naturismo e, no caso disto ocorrer, qual o significado que é atribuído a estas mudanças.

Por outro lado, pude desenvolver uma observação relativamente extensa sobre a prática de esportes entre os naturistas da Colina do Sol. É justamente nestas atividades, as quais tratarei no decorrer deste capítulo, que no meu entender são expressos, de modo mais eloquente, os ideais de relacionamento aos quais os naturistas se propõem. Assim, seja nos jogos cotidianos ou nas diversas competições, que ocorrem principalmente no verão, pode-se verificar uma efetiva transformação dos sentimentos e das relações entre aqueles que os praticam e, parodiando a idealização da infância feita pelo próprio naturismo, poderíamos dizer que os naturistas, ao invés de competir, “brincam como crianças” através dos diversos esportes.

### 7.2 A “*amizade de infância*” como sentimento amigável

Rezende, em um artigo onde estabelece algumas comparações entre a amizade em Londres e no Rio de Janeiro, fala de seu estranhamento em relação à amplitude do uso do termo “amigo” no caso brasileiro: “De volta ao Brasil, este questionamento tornou-se ainda mais forte ao me dar conta da enorme circulação do termo ‘amigo’ no espaço público – entre motoristas e flanelinhas, entre garçons e seus clientes, para mencionar alguns exemplos vivenciados no Rio de Janeiro” (Rezende (2), 2001:239).

Em minha dissertação de mestrado (Rojo, 2000), também tive um estranhamento inicial com a perspectiva de grande parte dos estudantes que ingressavam no curso de Medicina em ter todos os “colegas” de curso como “amigos”, perspectiva que ia se desvanecendo no decorrer dos períodos e que, como abordado ali, era um dos componentes da formação de amizades grupais entre aqueles estudantes.

Em relação a estes dois exemplos, a idéia de que no naturismo todos seriam amigos, não aparecia como dotada de uma diferença significativa. Como o trabalho de Rezende já havia discutido, os dois casos acima indicados apontam, entre outros aspectos, tanto para uma diversificação da idéia de amizade – que não se limitaria, portanto, aos “amigos mesmo”, mas estabeleceria uma pluralidade de relações “amigáveis” – quanto para a diferenciação entre a amizade como relação e a amizade como um “idioma” de expressão de um conjunto de sentimentos. Assim, como Rezende conclui, seria possível, no caso carioca (e eu estenderia para os estudantes de Medicina

da UERJ, bem como para os naturistas da Colina do Sol), “ter-se amizade por muitos – ainda que se faça amizade com poucos” (2002:154).

Desta forma, o que pretendo desenvolver aqui é a afirmação de que, em um certo sentido, podemos sim afirmar que “na Colina do Sol todos são amigos”, se entendermos o que esta frase pode significar para além de haver fortes relações de amizade entre todos os moradores e frequentadores, mesmo os mais ocasionais. Além disso, penso que o estudo desta forma particular de amizade – a “amizade de infância” – pode nos dizer muito sobre como os naturistas entendem seu próprio movimento e como eles constroem diferenças em relação à sociedade mais ampla na qual estão inseridos.

Para isso, no entanto, creio ser preciso realizar um exercício de relativização de algumas definições clássicas de amizade. Paine (1974) irá definir a amizade como sendo uma relação caracterizada pela igualdade, pela escolha pessoal e pelo ser caráter privado. Desta forma, a amizade seria uma resposta da sociedade ocidental a necessidades humanas de tipo afetivo, que seriam universais. Carrier (1999), por sua vez, irá estender ainda mais esta especificidade, já indicada no próprio trabalho de Paine, de que a noção de amizade seria pouco aplicável a grupos que não compartilham da noção de self ocidental. Assim, se a idéia de um self autônomo é mais comum entre homens e na classe média, enquanto entre as mulheres e nas classes trabalhadores seria preponderante a visão de um self definido e constrangido pelo contexto social, a amizade estaria igualmente mais associada aos dois primeiros grupos do que aos dois últimos.

Embora sem se contrapor diretamente às definições clássicas da amizade como sendo um relacionamento voluntário, informal e pessoal, Allan irá afirmar que “estes elementos são certamente importantes dentro da concepção cultural do que é a amizade, mas eles não são nem exaustivos, nem são tão definidos quanto parecem” (Cohen and Rajkowski, 1982, apud Allan, 1989:17). Assim, se tais características podem ser associadas às amizades “reais ou verdadeiras”, é também verdade que embora “tais amizades ‘reais’ representem alguma coisa de cultural, bem como de filosófico e ideal, o fato mais significativo sobre elas de uma perspectiva sociológica é que elas não são típicas” (Allan, 1989:14). Portanto, ainda que Allan pareça estar mais preocupado com os relacionamentos efetivamente construídos do que com os sentimentos veiculados pela amizade, a relativização proposta por este pode perfeitamente ser estendida aos significados da amizade e não só às redes de relacionamento que são constituídos.

É neste sentido que toda uma gama de trabalhos irá se preocupar com a amizade em contextos culturais diferentes daqueles modelados pela preponderância do indivíduo ocidental. Os resultados apresentados por estes trabalhos permitem identificar não apenas diferentes tipos de amizade, que não são definíveis pelos critérios apresentados por Paine, tais como as amizades entre patroas e empregadas no Rio de Janeiro (Rezende, 2002) ou entre um líder local e seus seguidores na Islândia medieval (Durrenberger & Pálsson, 1999), que rompem com a necessidade de igualdade para o estabelecimento de amizades, como também permitem contextualizar a própria noção de “amigo mesmo” que, em diferentes grupos sociais, como os diversos grupos de trabalhadores e funcionários de Marselha estudados por Bidart (1997), são definidos por valores e características distintos.

Creio que a perspectiva apresentada por estas contribuições é de grande utilidade para pensarmos sobre as relações de amizade em grupos, como é o caso dos naturistas da Colina do Sol, que convivem com uma forte tensão entre uma ideologia individualista presente nas camadas médias das grandes cidades<sup>61</sup>, das quais a maioria dos naturistas se origina, e a busca de recuperação de valores holistas que caracteriza o naturismo.

Como indiquei na abertura deste capítulo, os próprios naturistas que pesquisei enfatizam que o convívio na Colina do Sol, justamente por ser um ambiente “amigável”, permitiria a “recuperação de sentimentos esquecidos pelos seres humanos”, entre os quais a autoconfiança e a maior aceitação de si mesmo são ressaltadas, o que seria possibilitado pela sensação de liberdade e pelo “reencontro” com sua própria essência interior, propiciadas pela prática da nudez em coletividade.

Embora o naturismo defenda a “naturalidade” destes sentimentos, que seriam contrapostos à artificialidade da vida em sociedade, onde a expressão “pura” do ser humano seria encoberta pelas roupas/máscaras sociais, creio que é possível olhar para este discurso com uma visão antropológica informada pelas contribuições de Lutz e Abu-Lughod sobre a construção social das emoções.

Estas autoras irão propor uma abordagem discursiva – entendendo aqui discurso como “práticas que formam de modo sistemático os objetos dos quais falamos” (1990:5) –

---

<sup>61</sup> Trabalhos como o de DaMatta (1997, 1997<sup>1</sup>) discutem como o individualismo, no caso brasileiro, já é por si só fortemente matizado pela permanência da valorização do pertencimento grupal, combinando indivíduo e pessoa, público e privado em sínteses originais.

das emoções. Assim, discurso não deve ser tomado aqui apenas em uma acepção mais estreita daquilo que é falado ou escrito, mas como um conjunto de “textos, falas e todos os tipos de práticas sociais” (Lutz & Abu-Lughod, 1990) que são construídas nas e construtoras das realidades em que vivemos. Desta forma, como ressalta Abu-Lughod, “discursos sobre emoção, ou discursos emotivos, estão implicados em jogos de poder e na operação de sistemas de hierarquia social em mudança” (1990:3-4).

Neste sentido, pensar como o conceito de “amizade de infância” é construído dentro do naturismo torna-se indissociável de situar os sentimentos transmitidos e construídos por este tipo de amizade no interior das relações de poder vivenciadas na Colina do Sol, ou seja, em quais contextos este ideal de amizade é acionado. É aqui, também, que de forma mais explícita os três discursos – sobre comunidade; sobre o corpo e sobre a própria amizade – se reforçam mutuamente.

No capítulo cinco foi discutido como a idéia de comunidade desenvolvida na Colina do Sol, aponta para uma ideologia radicalmente igualitarista que, pela desqualificação do político, minimiza as diferenças, entre as quais a concentração do poder decisório da comunidade nas mãos de um único casal. Embora ocorrida em um período anterior à própria fundação da Colina, uma passagem do livro de Celso Rossi é ilustrativa sobre a profunda relação entre o ideal de amizade naturista e esta ideologia igualitária.

“Estávamos no carro de um advogado paulista, um monza SLE do ano, carro que combinava bem com seu proprietário, que gostava de roupas elegantes, jóias de ouro, lugares sofisticados. Ele conheceu o naturismo na Europa, para onde se dirigia algumas vezes por ano para freqüentar aquelas praias e clubes naturistas.

Quando estávamos voltando ao Pinho, paramos em Itajaí, pois ele queria que consertassem alguma coisa no espelho retrovisor de seu carro.

Enquanto aguardávamos para sermos atendidos, um dos mecânicos nos reconheceu e veio até nós; era um amigo da praia do Pinho.

Quando o vi se aproximando, inventei uma desculpa e me afastei alguns metros, para assistir aquele encontro, deixando-os à vontade, para ver quais seriam as suas reações.



Era o encontro de um sofisticado e rico paulista com um mecânico de oficina, sujo de graxa. O paulista na faixa dos 40 anos e o mecânico, 27 ou 30 anos.

Fiquei surpreso e emocionado ao ver que os dois se cumprimentaram com a mesma alegria com que faziam na praia e portaram-se da mesma forma.

Na praia do Pinho é normal todos se tratarem de igual para igual: seja rico ou pobre, culto ou ignorante, seja homem ou mulher, seja jovem ou velho, seja adulto ou criança.

O que pude constatar, daquela cena que observei, foi que ambos não estavam nem ligando para os disfarces externos que os diferenciavam um do outro. Os laços de amizade formados na praia não se dissolveram, nem aparentemente, fora dela.” (Rossi, 1993:211-212).

Ainda que alguns naturistas, que também participam do movimento desde a época da praia do Pinho, questionem a veracidade desta história, seu efeito enquanto “discurso” sobre como devem ser as relações entre os naturistas, ou seja entre “os iguais”, é evidente. Podemos encontrar reflexos dele na valorização dada à presença de uma soldada da Brigada Militar em um grupo de padrão sócio-econômico significativamente diferente do dela, onde por diversas vezes ouvi comentários que, “só aqui na Colina é possível este tipo de amizade”. Este ideal de amizade também atua como um excelente meio de propaganda e de atração de novos moradores e frequentadores, como no caso do casal Heitor e Margarida que, além da questão da segurança, apontaram como uma das razões para decidirem ir morar na Colina do Sol, a possibilidade de fazer novas amizades:

“Eu havia acabado de me aposentar e percebi que tinha feito poucos amigos, até porque meu trabalho era muito individual, eu trabalhava para mim mesmo. Assim, minha perspectiva era acabar ficando muito isolado dentro de casa e a minha própria casa já era um pouco isolada. Foi quando surgiu a idéia de vir para cá. Nós já praticávamos o naturismo nos períodos de férias e havíamos ouvido falar e lido muito sobre a Colina. Assim, em uma das férias viemos ver se aqui era isso tudo de que se falava e fomos muito bem recebidos, assim a possibilidade de fazer um verdadeiro círculo de amizades acabou pesando muito também em nossa decisão”

(Heitor, durante entrevista realizada pouco tempo depois deles se mudarem para a Colina do Sol).

A questão que subjaz à afirmação de que “todos os naturistas são iguais e (portanto) todos são amigos”, é que ela traz em si a expectativa de que aqueles que se diferenciam, principalmente em suas opiniões, correm o risco de deixarem de ser considerados “amigos”. Um dos casos mais exemplares que pude acompanhar, de progressiva exclusão da “família de amigos”, foi o de Diego.

Diego era um argentino na casa dos sessenta anos, solteiro, que, entre minha primeira e a segunda ida ao campo, praticamente fixou residência na Colina. Inicialmente, como ocorre com praticamente todos os que procuram o naturismo, foi rapidamente transformado em “mais um grande amigo”, colaborando com o desenvolvimento da Colina e tendo sido o principal responsável pela construção de uma quadra de tênis, seu esporte predileto, que contribuiu para a melhoria da parte esportiva da comunidade. Com o passar do tempo, no entanto, foi tornando-se um crítico de muitas das coisas que percebia na Colina e, nas muitas vezes em que conversávamos<sup>62</sup>, criticava a falta de solidariedade entre as pessoas, a ausência de um verdadeiro espírito comunitário e que ali não havia amizade verdadeira entre as pessoas, “mas um medo permanente do ‘patrão’, então todos esperam o que o ‘patrão’ vai dizer e correm para concordar com ele”.

Esta posição é bastante parecida com a de Fernanda que afirmava que “tem muita gente boa aqui, mas eu vejo com muitas ressalvas as amizades, porque são baseadas em interesses. A maioria é baseada no medo, quer dizer, eu não sou seu amigo, mas eu tenho que ser político. Eu ouvi várias vezes essa frase, dizendo que eu tinha que ser política, tinha que saber jogar para ficar bem com o dono disso aqui”.

Assim, enquanto o discurso oficial sobre a “amizade de infância” aponta para a valorização de sentimentos de pureza e igualdade, Diego e Fernanda chamam a atenção para um outro sentimento: o medo, principalmente em relação ao “patrão” ou “dono”

---

<sup>62</sup> Diego, durante um período, viu na minha pesquisa e na minha presença na Colina uma possibilidade de mudar “tudo o que está errado aqui dentro”, chegando a pedir minha colaboração para tentar iniciar um movimento para reverter esta situação. Com a explicação de que preferia não me envolver diretamente nas disputas internas, dada minha posição de pesquisador ali dentro, ele acabou optando por interromper nossas conversas

que, em última instância, pode determinar a exclusão de quem não se comporta como “amigo” no “paraíso”.

Ortega afirma que “a existência de antagonismos e conflitos constitui as condições de possibilidade de uma sociedade livre (...) Qual é o preço do consenso, e quais são as vozes que devem ser condenadas ao silêncio na sua procura? Não existe consenso sem exclusão. A utopia de uma sociedade livre de conflitos somente pode ter conseqüências desastrosas” (2000:53). A exclusão não apenas de Diego e Fernanda, mas de vários naturistas, e o silenciamento de outros, via “cartas de advertência”, que se posicionaram de forma mais crítica aos rumos da Colina do Sol, parece ser o preço a ser pago na busca de uma “comunidade de amigos”. Assim, é mais uma vez Ortega que chama a atenção para o fato de que “a noção de comunidade, que geralmente pressupõe um grupo harmônico e uma noção de consenso, é impossível de ser pensada sem conotações de fusão e identificação. A própria etimologia de comunidade, ‘comum’ (*com*) ‘defesa’ (*munis*), evoca o seu caráter fechado e defensivo” (2000:79).

O discurso naturista sobre a amizade apresenta, então, todo seu caráter político, quando apresentado em suas imbricações com o discurso sobre a comunidade naturista. Neste sentido, seguindo Arendt, entendo que a “amizade de infância” estaria mais próxima do conceito de fraternidade do que especificamente da amizade, “pois a amizade exprime mais a humanidade do que a fraternidade, precisamente por estar voltada para o público. Ela é um fenômeno político, enquanto que a fraternidade suprime a distância dos homens, transformando a diversidade em singularidade e anulando a pluralidade” (Arendt [1987:13-36] apud, Ortega, 2000:31). Arendt parece seguir aqui a distinção já apresentada por Kierkegaard entre a amizade e o amor cristão. Apresentando a amizade como inerente a um processo seletivo, logo diferenciador por natureza, que se contrapõe a um ideal de “amor ao próximo”, Kierkegaard diz que “a igualdade consiste justamente no fato de não fazer diferenças; a igualdade eterna consiste no fato de não fazer absolutamente a mínima diferença, sem qualquer limite; a predileção, pelo contrário, está no fato de fazer diferenças; a predileção apaixonada, consiste em fazer diferença sem limites” (Kierkegaard, 2000).

É importante ressaltar que esta “fraternidade”, representada aqui pelo ideal da “amizade de infância”, encontra-se plenamente de acordo com uma das principais características que definiriam a Colina do Sol como uma comunidade, nas acepções mais contemporâneas deste conceito, ou seja, como uma alternativa para o aumento da

sensação de segurança frente à “sociedade de risco”. Em uma comunidade onde todos deixam suas casas abertas e onde “nossas filhas e esposas podem brincar e andar nuas sem riscos”, a “amizade naturista” parece agir como um “ideal ético e de conduta”<sup>63</sup> que seria uma das responsáveis pela confiança generalizada no comportamento de cada naturista.

Assim, mesmo situações que poderiam desencadear conflitos pessoais, como discussões que, originárias da esfera privada, irrompem em espaços públicos, são na maioria das vezes mediadas por este ideal de relacionamento. O caso que descrevo abaixo, comentado comigo por uma das participantes, mostra justamente como pessoas que nitidamente não mantêm relações de amizade, chegando mesmo a admitir certo antagonismo entre elas, atuam no espaço público orientadas por este “ideal de conduta” que a “amizade de infância” estabelece.

“30/12 – Estava no lago principal, quando Elaine chegou e começou a conversar comigo e com o Nogueira, que estava ali próximo. Ela falou que eu tinha que ter almoçado no restaurante ontem, porque teria sido muito bom para as minhas ‘anotações antropológicas’ ver a ‘família naturista’ em discussão. Pedi a ela, então, que me contasse o que tinha acontecido e ela falou que estava na mesa com Carlos (seu marido) e que a Mônica (ex-esposa de Carlos) chegou e sentou em uma mesa próxima. Os dois (Carlos e Mônica) começaram então a discutir questões que haviam ficado pendentes da separação e o clima não ficou muito bom. A Elaine acrescentou que a Mônica até hoje não a trata muito bem e faz questão de demonstrar isto, mas que apesar de tudo ainda conseguiam ter algum grau de civilidade ‘porque somos naturistas, se fosse em qualquer outro lugar, as pessoas não seriam assim’. O Nogueira, então, concordou, falando que ‘acima de tudo, as pessoas aqui são amigas, podem ter pequenas divergências e discutilas, mas dentro de um clima de amizade’”.

Nesta situação pode ser percebida a eficácia deste ideal de relacionamento na manutenção de um “mínimo de civilidade” que, embora pudesse ter ocorrido em outros contextos sociais que não o do naturismo, é expressamente atribuído a este pertencimento pelas pessoas envolvidas. É esta mesma confiança no comportamento de

---

<sup>63</sup> Gilmore, estudando relações de amizade em Fuenmayor (Andaluzia), indicou como a amizade é também “um ideal ético e de conduta (...) que regula todas as interações sociais simétricas e rotineiras no *pueblo* (...). A ideologia da amizade atua como um mecanismo de controle social ao restringir condutas disruptivas entre iguais sociais em todos os encontros e contextos públicos” (1975:320-322).

cada pessoa que passa a ser aceita na comunidade, ou seja, a de que este sentimento de amizade generalizada reduz os conflitos e atua na proteção “das filhas e mulheres que andam nuas pela Colina”, que permite aproximar o discurso sobre a amizade e o discurso sobre o corpo no naturismo, de forma semelhante à que foi feita em relação à comunidade.

A importância da noção de confiança no estabelecimento de relacionamentos em “sociedades de risco”, como as que caracterizariam a modernidade ocidental, tem sido apontada por autores como Giddens (1991) e Beck (1997). Trabalhando em um contexto comparativo, Rezende afirma que “a noção de confiança enquanto sentimento de segurança ou crença no comportamento do outro é essencial para a articulação entre experiência subjetiva e organização social e política” (2002:28).

No naturismo, esta preeminência da confiança está profundamente associada com a perspectiva, adotada por este movimento, de que se despir das roupas mostraria a “essência do ser humano”. Como vimos no capítulo seis, a nudez do corpo equivaleria a nudez da alma, possibilitando a radical exposição de si, “sem máscaras ou disfarces que escondem o que cada um realmente é”.

Confrontadas com a necessidade de se manter uma imagem pública de autocontrole, um dos temas centrais da obra de Elias (1989), as pessoas teriam na amizade um espaço onde seria possível justamente um maior relaxamento das normas que regulariam o convívio social, expondo o que seria uma dimensão mais “verdadeira” do self. Embora, como foi visto em todo o decorrer desta tese, o ambiente naturista não possa ser caracterizado exatamente pela retração destas normas “sociais”, creio ser possível associar as noções de confiança e maior exposição de si com o ideal de amizade do naturismo.

Esta associação entre confiança e exposição de si não é nova, estando presente em vários autores que tratam da amizade nas ciências sociais. Silver é um dos que trata desta relação, mostrando como o ideal da amizade é percebido como expressando a mais pura vontade do indivíduo. “Ela oferece, em princípio, a atualização do self real em relação aos outros, o ‘eu’ não delimitado por coerções ou definições públicas, impessoais ou atribuídas, incluindo aquelas de gênero (...). A amizade é um dos meios através dos quais as pessoas estabelecem uma relação de confiança entre si.”<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Tradução de Rodrigo Aga, com revisão técnica de Claudia Barcellos Rezende.

(1989:274). Bidart (1997) também irá apontar a importância da revelação do “verdadeiro eu” no ideal de amizade contemporâneo como inversão da ordem social, o que reforça a perspectiva da amizade como relação privada e pessoal.

Por sua vez, Rezende (2002) irá mostrar como em um grupo (os jovens londrinos) mais fortemente influenciado pelo ideal ocidental moderno de amizade, a idéia de revelação do self “verdadeiro” refere-se mais diretamente a uma possibilidade de relaxamento das regras de convivência públicas – tanto no que diz respeito a maior exposição das emoções e das opiniões pessoais, o que permitiria “ser você mesmo”, quanto no que diz respeito aos controles corporais – que construiria uma relação de confiança através da gradual aceitação do “eu verdadeiro” pelo amigo. No caso do Rio de Janeiro, no entanto, “conhecer o amigo ‘por dentro’ era importante não tanto pela troca de confidências em si, mas principalmente como meio de apreender suas ‘verdadeiras intenções’. Ter intimidade com o amigo e confiar nele era como uma garantia de que essa pessoa sempre desejaria o bem do outro, em vez de ‘ter maldade’ ou interesses ‘egoístas’ que pudessem prejudicá-lo.” (2002:149).

Neste sentido, o discurso naturista sobre a amizade pode ser entendido como reforçando o discurso sobre a pureza corporal da nudez naturista. Se, pelas representações construídas por este movimento, a nudez do corpo permite perceber cada um “por dentro”, ela também desvela as “verdadeiras intenções” de cada um. A atribuição do sentimento de amizade, ao qual este discurso se pretende, atua como um reforço no sentido de que estas intenções sejam as mais “puras” possíveis, evitando qualquer “maldade” no olhar, nos gestos (vide o já referido controle sobre a ereção) ou nas intenções de cada um.

Esta “amizade de infância” na Colina do Sol se apresenta, portanto, não como uma opção pessoal de cada um, mas como um definidor de pertencimento. Se cada um é livre para escolher suas amizades próximas, ou mesmo manter apenas uma sociabilidade mínima com os demais, a ninguém é permitido situar-se fora das regras não explicitadas, mas plenamente reconhecidas, desta noção de “amizade de infância”.

Assim, mais do que um definidor de como as relações de amizade entre os naturistas devem se estruturar, o ideal de amizade expresso pela “amizade de infância” aparece, como já foi dito, como sendo um “ideal ético e de conduta”, ou como um discurso que reforça os valores com que o naturismo busca se diferenciar da sociedade

“dos vestidos”. A referência à infância, que a relaciona metonimicamente com a pureza e a sinceridade<sup>65</sup> primitivas, retoma temas associados à noção de que o naturismo seria um caminho para recuperar tanto a “bondade” inata a todo ser humano, quanto sua capacidade de se relacionar livremente com todos, sem os artifícios das máscaras sociais. Deste modo, a nudez “infantil” (pura, não-erótica) dos naturistas se somaria a amizade infantil (pura, desinteressada) para constituir a comunidade “paradisíaca”, onde todas as casas permaneceriam com suas portas abertas sem riscos e todas as pessoas andariam nuas sem medo ou vergonha.

### *7.3 Jogando como criança: amizade e esporte na Colina do Sol*

Como veremos na última parte deste capítulo, o discurso sobre a “amizade de infância” não é suficiente para fazer com que as relações de amizade efetivamente existentes na Colina do Sol sejam pautadas por valores muito diferentes daquelas existentes no “mundo dos vestidos”, nem para evitar a ocorrência de conflitos no naturismo, principalmente no que diz respeito aos aspectos relacionados à sobrevivência dos que trabalham na própria comunidade. No entanto, há pelo menos um espaço no qual pude perceber uma nítida influência deste ideal de relacionamentos harmônicos e não competitivos, que é a prática de esportes.

Na Colina do Sol existia, na época de minha pesquisa, uma quadra de vôlei de praia, uma de futebol de praia, uma de tênis, além de uma cancha de bocha e uma mesa de tênis de mesa. Nestes espaços, durante praticamente todo o ano, os naturistas praticam seus esportes e, na época de verão, organizam diversos torneios que buscam atrair um público maior para a comunidade na alta temporada. Assim, durante toda a minha pesquisa, pude acompanhar e participar destes jogos e competições, tendo percebido como a forma de participar destas atividades esportivas pode ser entendida quase como um modelo do que os naturistas propõem para seus relacionamentos, ou seja, aqui ao invés de competirem uns contra os outros, poderíamos dizer que eles

---

<sup>65</sup> Esta associação não se faz apenas entre os naturistas. Ariès (1981:146) mostra como “nosso sentimento contemporâneo da infância caracteriza-se por uma associação da infância ao primitivismo e ao irracionalismo ou pré-logismo. Essa idéia surgiu com Rousseau, mas pertence à história do século XX”. Por outro lado, a perspectiva de que a amizade entre crianças pode superar as diferenças sociais e culturais é extensamente trabalhada no cinema, como nos filmes “Ikingut, na terra do gelo” e “Uma amizade única”.

“jogam como crianças”. As passagens de meu diário de campo, que transcrevo abaixo, são registros de ocasiões nas quais fui desenvolvendo esta compreensão.

Jan/2001 - “Cheguei na Colina com a sugestão, dada por uma colega da UFRGS, de procurar um professor de Sociologia que ela sabia que frequentava esta comunidade. Desta forma, após algum tempo conhecendo a praia, que é o principal espaço de encontro na Colina, soube que este professor estava na quadra de vôlei. Assim que cheguei na quadra, as pessoas que estavam jogando me perguntaram se eu jogava e chamaram-me para entrar, o que muito me surpreendeu. Estava acostumado a, quando se chega em uma partida em andamento, principalmente se as duas equipes estão com o mesmo número de jogadores, aguardar o término da mesma e escolher um ou mais dos jogadores da equipe que perdeu para sair e dar a vez aos que estavam de fora. Aqui, no entanto, até completar o máximo de seis pessoas por time, todos os que chegam são convidados a jogar imediatamente e o próprio controle do placar é feito de forma pouco precisa, fazendo com que muitas vezes a partida recomece do seu início, ou que eles cheguem a algum acordo sobre um placar aproximado, cada vez que uma nova pessoa é incorporada à partida”.

“06/01/2002 – Hoje foi realizada a prova de natação, dentro do calendário de jogos que estão sendo realizados neste verão<sup>66</sup>, organizada pela Fernanda. Será uma única prova, de revezamento e colocaram raias até uma plataforma de madeira que fica mais ou menos na metade do lago e normalmente serve de local para descanso e mergulho. A forma como a prova foi pensada seguiu o que tenho percebido ser um estilo da Colina. Assim, todos os que queriam participar (vinte e uma pessoas se inscreveram), independente de nadar bem ou não, tiveram seus nomes colocados em papéis e decidiu-se por formar três equipes (havia apenas três raias) e sortear apenas o primeiro de cada equipe. Cada um destes, ao sair da água, sortearia o próximo de sua equipe a nadar (a Fernanda ficou com uma caixa com todos os papéis dentro), gritando para que este caísse logo na água, e assim sucessivamente até os vinte e um terem participado. A idéia, com este procedimento, era a de diminuir a formação de torcidas (uma vez que os participantes e os que assistiam só sabiam em que equipe cada um estava depois de ser sorteado) e, conseqüentemente, o clima de competição, enfatizando

---

<sup>66</sup> A “Programação Esportiva” completa, do verão de 2002, consta no anexo IV, onde pode-se ver a variedade dos esportes praticados na Colina do Sol, bem como a combinação entre “competições” e atividades como passeios e caminhadas.



o caráter de festa do evento, inclusive porque alguns chegavam tão cansados que mal conseguiam gritar o nome do próximo a entrar em suas equipes, o que provocava ainda mais confusão. Ter participado junto com eles, permitiu-me observar, de dentro, como as pessoas vivem estes jogos em um clima mais de brincadeira do que de competição. De noite, comentando minhas impressões sobre este evento em um churrasco, ouvi de muitas pessoas que no início da Colina tudo ali era assim, mas que com o crescimento da mesma têm-se perdido este clima de brincadeira, de harmonia e têm surgido muitos conflitos. Algumas pessoas, elogiando a iniciativa da Fernanda, falaram que seria muito bom para a comunidade se este espírito do esporte se espalhasse para as outras áreas. ”

“05/04/2002 – Novamente durante um jogo de vôlei observei um comentário particularmente interessante. Em um lance da partida, a bola caiu bem perto da linha (chegando a tocar levemente esta), mas o time que teria marcado o ponto não percebeu e considerou bola fora. No entanto, o jogador que estava próximo acusou o ponto e um outro do mesmo time comentou: ‘essa honestidade do pessoal daqui é que mata’. Embora seja possível encontrar, mesmo em alguns esportes profissionais, comportamentos semelhantes (como no caso do tênis), sempre me vem à lembrança os jogos dos estudantes de Medicina (Rojo, 2001), em que uma atitude semelhante seria motivo de gozação dos adversários e críticas dos companheiros de time. Ao mesmo tempo, observo que nunca há críticas aos erros daqueles que jogam pior do que outros, sendo muito mais comum palavras de apoio ou, como percebo mais nas partidas de tênis, sugestões para melhorar o jogo por parte daqueles que têm melhor técnica.”

Estes trechos de meu diário de campo podem ser complementados pela transcrição de uma reflexão sobre a relação do esporte com o naturismo, feita por uma das pessoas que organizavam estes jogos na Colina do Sol, alguns anos antes de minha entrada em campo: “A atividade física revela-se de extrema importância para o equilíbrio do indivíduo, em todos os aspectos: físico, emocional e espiritual. O ser humano conquista a homeostase, a alegria de viver, o sentido da existência. Atividade é movimento, ação, energia. (...) O jogo é fator de união entre as pessoas. Evidencia diferenças. Salienta regras. Por meio do jogo, o homem encontra a si mesmo, e também seu semelhante. (...) Pode-se, então, imaginar o valor deste estado de ânimo em jogos e competições esportivas, quando o maior propósito é o convívio, a confraternização, o desenvolvimento das amizades. E este é, sem dúvida, o propósito fundamental dos eventos realizados nos clubes naturistas, como a Colina do Sol. (...) Por isso, é

preferível perder um ponto, e mesmo o jogo, concedendo a razão ao adversário, do que perder preciosas amizades ou deslustrar o clima de confraternização. Também os elogios constantes às jogadas bem executadas são recomendáveis. Podemos, assim, afirmar que o espírito esportivo é mais importante que o resultado do jogo, pois propicia a fraternidade calorosa entre todos.” (R.G.S.).<sup>67</sup>

Este depoimento aponta para duas características centrais da prática esportiva entre os naturistas da Colina: a inserção do esporte na concepção holista do ser humano (físico-emocional-espiritual) e o jogo como espaço de afirmação do ideal de relacionamento fraterno e harmonioso, em contraponto à competitividade da vida moderna.

Deste modo, a percepção deste grupo associa o corpo naturista a um corpo saudável, em uma compreensão da saúde que vê o ser humano como um ser total, onde a nudez e a prática de esportes se conjugam na busca de um equilíbrio e não na procura da modelagem de um corpo socialmente definido como perfeito. A prática esportiva, portanto, é vista neste ambiente como uma das muitas formas de relacionamento entre os naturistas, enfatizando o aspecto de uma sociabilidade sadia, e não como um meio de obtenção de um padrão corporal, tal como pode ser encontrado em muitas das atividades realizadas em diversas praias do litoral brasileiro, como descrito por Malysse (2002).

Esta perspectiva encontra-se presente desde os primeiros passos da implantação do naturismo no Brasil, como pode ser lido na “*Revista de Gymnosofia*”, onde se afirma que “para nós, naturistas, somente a saúde importa. Não damos importância às formas; os nossos adeptos nunca nos parecem feios, nem consideramos a existência de um Adonis ou de uma Vênus” (1952). De forma muito semelhante ouvi, durante todo o período em que estive em campo, muitos naturistas afirmarem que a verdadeira beleza é aquela do corpo em equilíbrio com a natureza, buscando afastar a idéia de que o naturismo seria uma prática restrita aos homens e mulheres de corpos “esculturais”, tais como os divulgados pela mídia. Se compararmos com as frases recolhidas por Malysse, tais como: “Se você tem um corpo bonito, mostre-o!”; “Trabalhe seu corpo se quiser mostrá-lo e usá-lo socialmente!” e “Você pode ter o corpo que deseja, se quiser!” (2002:82), podemos perceber a diferença entre a idéia de construção/exibição do corpo, encontrada nas praias pesquisadas por este autor, bem como na maioria das academias

---

<sup>67</sup> Este depoimento foi retirado da Naturis, órgão de divulgação do naturismo no Brasil, nº 13, jan/fev 1997.

de ginástica onde os corpos são “malhados”<sup>68</sup>, e a perspectiva naturista da nudez enquanto retomada de uma harmonia com a natureza e não como exibição de corpos nus.

Esta concepção holista, portanto, faz a ponte entre a saúde do corpo e a amizade sadia, enfatizando em ambos os casos a busca do equilíbrio e da harmonia, com o esporte sendo mais um espaço de construção deste modelo de sociedade. Os trechos do diário de campo apresentados indicam que os conflitos existentes na comunidade não se expressam nem nos jogos cotidianos nem nos campeonatos organizados na Colina do Sol. Pelo contrário, o que pude perceber é que se os ideais expressos pela filosofia do naturismo podem ser encontrados em alguma atividade daquela comunidade, é justamente nas diversas ocasiões em que eles estão praticando esportes que eles devem ser procurados.

Para construir uma interpretação do que levaria a esta constituição da prática esportiva, como sendo quase um tipo ideal das relações socialmente valorizadas no naturismo, entendo ser importante retomar o trabalho de Elias (1992) sobre a busca da excitação através do esporte. Neste trabalho, ele analisa o aparecimento e o desenvolvimento do esporte, principalmente na Inglaterra dos três últimos séculos, e sua difusão pelo mundo, utilizando-se de seu modelo de configurações sociais, cujos contornos principais havia estabelecido em sua obra clássica sobre o processo civilizador (Elias, 1989).

Assim, o esporte moderno deve ser entendido como uma das muitas facetas das configurações sociais em que está inserido e não como um fenômeno a-histórico. Desta forma, Elias irá associar o desenvolvimento do esporte moderno ao processo civilizador que ocorre na Europa ocidental, tendo na Inglaterra um dos seus primeiros expoentes, que dentre outras características impõe uma maior capacidade de contenção das emoções. O impacto desta maior capacidade de autocontrole sobre o esporte é duplo. Por um lado, as atividades de lazer em geral, da qual o esporte seria uma de suas expressões, surgem como uma possibilidade do que Elias e Dunning irão chamar de “controlado descontrolado das restrições das emoções” (1992:146), ao se constituir como um espaço socialmente legítimo para o abrandamento dos mecanismos de controle da

---

<sup>68</sup> Malysse faz uma comparação entre os dois sentidos de “malhar”: “bater o ferro com um martelo” e “fazer ginástica vigorosamente” (2002:83), aproximando-os na perspectiva de um trabalho sobre o corpo. Diversos trabalhos têm focado estes espaços de “construção e aperfeiçoamento” do corpo, tais como Fussel (1991), Courtine (1995) e Sabino (2000).

excitação que a vida social passava a impor. Por outro lado, fazendo parte deste mesmo “processo civilizador”, a atividade esportiva também deve ser regulamentada por regras e padrões universais de comportamento dos atletas e da assistência, garantindo inclusive que o relaxamento do autocontrole, estimulado no esporte, se dê sempre dentro de limites que garantam a excitação procurada nesta atividade, mas sem os riscos de subverter os padrões de convívio socialmente aceitos.

Entendo, desta forma, que a análise de Elias e Dunning não conclui que o esporte seja, em si mesmo, um espaço de liberação das tensões socialmente contidas pelo processo civilizador, mas que o estudo da prática esportiva deve ser realizado levando-se em consideração o contexto social no qual se desenvolve. Assim, se é possível entender a prática do naturismo como um passo adiante neste mesmo processo civilizador, ao ampliar o autocontrole sobre o corpo (que tem sua expressão mais visível no controle da ereção, mas que também se encontra presente nos padrões de olhar e de se cumprimentar, entre outros), devemos pensar sobre como esta prática se relaciona com a atividade esportiva, principalmente na Colina do Sol, que dada a sua importância como principal centro de naturismo nacional, adquire uma visibilidade maior neste contexto.

Como já foi apresentado neste trabalho, o naturismo se define como um movimento que, para além da prática da nudez em sociedade, procuraria retornar ao que eles consideram como os valores originais do ser humano: harmonia, pureza, bondade, amizade e solidariedade. A idéia de formar uma comunidade naturista, que acompanha este movimento desde a sua consolidação no final da década de oitenta, tinha como um dos objetivos centrais, mostrar que era possível um estilo de vida, mais do que uma atividade de lazer, centrado nestes valores. No entanto, como foi visto, as tensões resultantes de disputas comerciais e de projetos para esta comunidade, tem mostrado a dificuldade de se concretizar o ideal de uma pequena comunidade onde os conflitos estivessem ausentes. Estas tensões, por sua vez, não podem ser expressas publicamente, tanto pelo caráter extremamente centralizador das esferas de decisão nesta comunidade (que em última instância está concentrado nas mãos do casal de fundadores), quanto pelo risco do aparecimento destes conflitos reduzir o que é apresentado como um dos principais atrativos desta comunidade, que é justamente a promessa da harmonia total.

É neste sentido, que a prática esportiva na Colina do Sol apresenta elementos que a situa em um contexto propício para a expressão dos discursos sobre emoção e

amizade, que remetem aos valores centrais do naturismo, reforçando-os. O primeiro destes elementos é o fato de os diversos jogos normalmente integrarem moradores, frequentadores habituais e visitantes (impondo a necessidade de que as tensões internas não sejam percebidas por estes últimos, o que poderia afastá-los, com consequências imediatas no crescimento do movimento naturista), sendo também uma das atividades, junto ao banho de lago, mais praticadas na Colina do Sol. Além disso, dada a característica de disputa com que o esporte é tradicionalmente associado na sociedade mais ampla, a ênfase naturista no jogo como um espaço de negação da competitividade a qualquer custo, e de valorização do sentido lúdico e associativo da prática esportiva<sup>69</sup>, possibilita a contraposição entre dois estilos de vida antagônicos (o naturista e o dos “vestidos”), o que é um dos pilares da proposta do naturismo.

#### 7.4 As “amizades de adulto”: relações de amizade no naturismo

Se a “amizade de infância” pode então ser caracterizada mais como um discurso sobre a amizade do que como um tipo específico de estruturação de relações de amizade concretas, cabe pensar em como este discurso interage com a existência de círculos organizados de sociabilidade mais intensa, com a formação de amizades no interior destes círculos e com as situações de conflito que, como apresentados no capítulo cinco, surgem principalmente a partir das divergências de organização da Colina do Sol e das questões que envolvem aspectos econômicos na comunidade.

Assim, apesar de que idealmente todos devam ser amigos e demonstrações públicas de inimizade contam, na quase totalidade das vezes, com uma imediata reação dos naturistas, uma pessoa que frequente regularmente esta comunidade rapidamente aprende que há fronteiras que separam grupos de pessoas, seja por afinidades de interesses, que caracterizariam uma preferência por uma sociabilidade mais intensa, seja pela existência de antagonismos quase sempre encobertos, mas que podem, ocasionalmente, se mostrar mais explícitos.

Para algumas pessoas a intensidade destes conflitos foi de tal grau que elas acabaram ou optando por se afastar da Colina do Sol – pelo desencanto com a proposta

---

<sup>69</sup> Para uma distinção entre a competitividade do esporte e a ludicidade do jogo, ver Huizinga (1971).

de um “mundo em harmonia” que não se realizava na prática – ou eram, formal ou informalmente, expulsas da comunidade. Durante minha pesquisa pude entrar em contato com algumas dessas pessoas, as quais entrevistei e que me deram suas visões sobre a “amizade de infância”.

“Existia isso no início. As pessoas vão com essas idéias, no início nós íamos para lá e todos éramos amigos. E depois veio o que? Os interesses. Por que? O homem tem necessidade de se defender e de comer, no mínimo, de sobreviver e lá dentro o que houve? Exatamente isso aí. Começaram a haver as fofocas, os interesses de quem precisa viver. E como é que se vivia? Aquele cara está me atrapalhando, é um concorrente, eu vou ter que derrubar ele. Então o naturismo, dentro de uma colônia assim como a Colina, onde o espaço é muito pequeno para muitas pessoas sobreviverem ... ele não ia dar certo!” (João, acompanhou o naturismo desde a praia do Pinho e esteve na Colina desde sua fundação, se afastando cerca de dois anos antes desta pesquisa).

“Isso dessa amizade de todo mundo com todo mundo foi muito no início da Colina. Para você ver, faz mais de um ano que eu não vou lá e eu não me sinto sozinho nisso. Eu acho que é interessante, daquele grupo mais antigo de pessoas, tirando os que foram morar lá e têm hoje um interesse comercial, os que eu converso não tem ido tão seguido também. Eu acho que houve uma retração daquelas pessoas que, lá no início eram felizes e sabiam que eram felizes e hoje parece que acham que a felicidade não está mais lá. Eu perdi um pouco o entusiasmo, o tesão de ir para a Colina por isso, até porque as pessoas de quem eu gosto, de quem eu gosto mais, não que eu não goste de quem está lá hoje, eu gosto de todos eles, mas aquelas pessoas de quem eu gostava mais foram se afastando também da Colina. Então isso para mim é um indicativo. Não sei se nós somos os certos ou os errados, mas houve um afastamento. Eu acho que esse afastamento tem muito a ver com a mudança estrutural da Colina”. (Fernando também se iniciou no naturismo na praia do Pinho e começou a frequentar a Colina logo nos primeiros momentos de seu funcionamento).

Essas duas declarações remetem a uma frase, dita por um casal que visitava a Colina depois de um período de distanciamento, e sobre a qual já abordei alguns

aspectos no capítulo cinco: “a Colina do Sol é um ótimo lugar para se visitar, um bom lugar para se morar e um péssimo lugar para se trabalhar”. Se, naquele capítulo, esta frase remetia a um contexto das tensões advindas do sistema de concessões, e das dificuldades de sobrevivência dos que precisavam trabalhar na comunidade para se manter morando na Colina, aqui ela pode ser abordada pelo ângulo da inserção das disputas comerciais como geradoras de conflitos entre pessoas que deveriam ser todas amigas.

A transformação do naturismo, de uma atividade de férias ou fins de semana em praias mais afastadas, para uma opção de vida em uma comunidade, é assim percebida como introduzindo elementos que dificultam, ou mesmo impedem, a concretização do ideal de uma “amizade de infância”. Gisele abordou esta questão do ponto de vista daqueles que permanecem vivendo na Colina do Sol, durante a entrevista que realizei com ela:

“Eu acho que a amizade aqui na Colina é muito mais intensa do que lá fora, com certeza. Eu concordo com o Celso que a amizade aqui é como de criança, porque a verdadeira amizade é a que você conquista na infância e depois vai cultivando o resto da tua vida. E quando ele fala nisso, ele escreveu isso quando ele estava na praia do Pinho. Na praia do Pinho ainda não existia uma vila naturista ... porque quando envolve a questão financeira, envolve o teu sustento, tua família, eu acho que já complica um pouco. Porque lá na praia do Pinho, o que acontecia? Eles se reuniam de vez em quando para curtir o naturismo. Aqui na Colina eu percebo que está acontecendo assim. No momento em que tu coloca ... em que tem este jogo de interesses, que tu tem que viver do naturismo, tu tem que se sustentar, tu acaba perdendo aquele negócio de todo mundo se dar bem e todo mundo ser amigo e eu acho que o motivo disso é a situação financeira que a Colina está passando, porque tempos atrás, quando a Colina não estava totalmente construída, totalmente estabilizada, existia isso de uma amizade mais total e agora já não”.

Pude acompanhar, na prática, alguns destes momentos nos quais os interesses econômicos em conflito tensionavam as relações entre os moradores, ou entre moradores e frequentadores, levando inclusive a que uma das partes acabasse por deixar a Colina do Sol. Em algumas destas situações, como a que envolveu Caio e Vágner,

ainda podemos perceber a força do ideal de “amizade de infância” agindo para que o grupo promovesse uma reunião no MASTI, onde “estava todo mundo e a gente falou: vamos esquecer os problemas, vamos fazer uma terapia, todo mundo ficou amigo de novo, todo mundo esqueceu os conflitos, daí o Vágner já pediu perdão para o Caio, já choraram, já se abraçaram e tudo se resolveu” (Gisele estava presente a esta reunião). Em outras, no entanto, como a que opôs Renato e Francisco, o grau de animosidade levou a que diversas reuniões do Conselho Administrativo ficassem praticamente inviáveis de cumprir sua pauta, tal o grau de animosidade entre eles, que trocavam acusações inclusive de caráter pessoal. Mesmo a composição de uma comissão, para tentar mediar um acordo entre eles, não foi suficiente para fazer com que ambos se sensibilizassem com a importância da “amizade naturista” e da manutenção do ideal de harmonia que se pretende construir ali.

Em que pesem estas disputas em relação aos aspectos comerciais, e muitas vezes também em relação às questões de poder dentro da Colina, não se pode deixar de identificar que ali se estabelecem, senão as tão sonhadas “amizades de infância”, círculos de amizade em torno a hábitos ou lares comuns (como o grupo de carteados que se reúne semanalmente, os grupos de churrascos ou as pessoas que se organizam em torno das atividades do Masti) e mesmo fortes relações de amizade que chegam, muitas vezes, a transcender o ambiente do naturismo.

Estas relações devem ser pensadas aqui, tendo sempre em mente que se trata de um grupo reduzido de pessoas que, com exceção dos visitantes ocasionais, residem ou frequentam a Colina do Sol com grande frequência. Assim, aspectos que caracterizam a sociabilidade em grandes centros urbanos, tais como o anonimato relativo que reduz a interação ao nível da polidez, onde “as pessoas se reconhecem e se cumprimentam, mas não se conhecem” (Bidart, 1997:148) encontram-se minimizados nas relações entre estes naturistas, ainda que a existência de um casal que reside em uma das ruas de menor movimento e praticamente não interage com a vida cotidiana da comunidade aponte para a possibilidade de exceções a este padrão. Por outro lado, a fofoca encontra-se amplamente difundida, podendo ser tomada como um indicador da dificuldade de manutenção da privacidade que caracteriza pequenas comunidades e que apareceu em vários comentários como sendo um dos aspectos negativos da vida na Colina do Sol.

Trabalhando em um contexto no qual dois grupos eram facilmente identificáveis – os “estabelecidos” e os “outsiders” – Elias (2000) discute como a fofoca pode ser



pensada tanto como demarcadora de distâncias sociais entre grupos (as fofocas depreciativas), quanto como reveladora da intensidade de relações e do fluxo de informações em um determinado espaço social (as fofocas elogiosas). Na Colina do Sol, os grupos que podem ser mais facilmente percebidos, tais como os moradores, os campistas e os cabaneiros não constituem fronteiras tão rigidamente demarcadas, nem sequer se reconhecem como socialmente desiguais, como no caso da cidade pesquisada por Elias.

Neste caso, há dois tipos de situações que devem ser distinguidas, dadas que parecem estar relacionadas a dois fenômenos radicalmente diferentes, embora ambas sejam localmente vistas como fofocas. O primeiro caso é o da divulgação de fatos ou comentários que poderíamos aproximar das “relações jocosas”<sup>70</sup>. Nas ocasiões em que pude observar este tipo de comentário, o principal assunto destas fofocas têm um componente sexual: seja em relação a comportamentos ou referentes a alguma característica física da pessoa de quem se faz o comentário. Como já foi amplamente discutida nesta tese, toda atitude que possa ser interpretada como de caráter erótica é vista como potencial ameaça ao modelo “familiar” que o discurso oficial do naturismo busca construir. Da mesma forma, este discurso procura olhar o corpo como um todo, enfatizando suas semelhanças (“todos estão nus”) e não suas diferenças (principalmente no que diz respeito à estética: “nuas todas as pessoas são bonitas”). Assim, é apenas no circuito da fofoca entre pequenos grupos que brincadeiras envolvendo a sexualidade – seja comentando “os sons que se ouviam perto da cabana de alguém”, indicando que “a festa ali devia estar boa” e que eram feitos, em sua maioria, quando a pessoa em questão era solteiro (a), seja em relação aos órgãos sexuais, como o tamanho do pênis de algumas pessoas, que nestes pequenos circuitos mereciam apelidos “explicativos” – encontram um espaço de expressão. É importante salientar que estes tipos de “brincadeiras” tanto podem ser feitas por uma pessoa isoladamente – havia, inclusive, uma “central de fofocas” deste tipo, que funcionava através de e-mail, abrangendo assim um número maior de naturistas – ou em grupos relativamente amplos, visto que a mensagem que ela transmite tem um sentido que a aproxima mais de um “desrespeito consentido”, que expressa uma combinação de adesão e antagonismo em relação aos

---

<sup>70</sup> Segundo Radcliffe-Brown “a relação jocosa é uma combinação singular entre cordialidade e antagonismo. O comportamento é um comportamento que, em qualquer outro contexto social, expressaria e provocaria certas hostilidades; mas este comportamento não é suposto ser levado a sério. Existe uma pretensa hostilidade e uma verdadeira cordialidade; por outras palavras, a relação é uma relação de desrespeito consentido” (1989:134).

valores oficiais do próprio movimento, do que algum tipo de ofensa em direção a pessoa mesma que originou a fofoca.

A segunda situação em que estas fofocas podem ser encontradas remete mais diretamente às demarcações entre os grupos. Neste caso, elas podem ser ouvidas mais frequentemente nos churrascos feitos por pequenos grupos de amigos, seja no camping ou nas cabanas, nas rodas de conversa que são formadas na praia do lago ou do camping ou nos momentos de sociabilidade dentro das casas, tais como jantares, jogos de cartas e outros, que são todos momentos em que as afinidades de gosto individual e de posicionamento sobre a Colina atuam no sentido de delimitar os possíveis convidados e as pessoas indesejáveis para estas atividades. Aqui, as fofocas que são feitas têm uma direção mais constante, delimitando diferenças entre estes grupos ao reforçar características auto-atribuídas (positivas) e percebidas nos outros grupos (negativas). Assim, ouvi em muitos churrascos no camping, elogios ao clima de amizade que se vivia ali, onde ainda podia se desfrutar do “verdadeiro naturismo”, enquanto nas cabanas as pessoas se isolavam e retomavam o individualismo, fazendo da comunidade só um “condomínio seguro e onde se pode ficar nu”. Neste ambiente, qualquer notícia sobre conflitos entre cabaneiros era comentada como uma comprovação desta percepção geral. Da mesma forma, entre alguns grupos de moradores, os campistas eram vistos como “um grupo a parte” e “controlados” com relação ao dinheiro, reclamando do preço de tudo. Em comum a grade parte destes grupos, o casal Celso e Paula era motivo de constantes comentários que, em sua quase totalidade reforçavam a crítica ao modo com o qual eles conduziam a Colina do Sol.

Podemos perceber, através deste fluxo de informações, a formação de “círculos sociais” mais reduzidos do que aquele que englobaria todos os naturistas desta comunidade. Bidart define “círculo social” como sendo “um conjunto de indivíduos entre os quais funcionam certos códigos, certas regras, símbolos, representações e, mais geralmente, um sistema de inter-reconhecimento” (1997:53) e, segundo ela, trata-se de um espaço propiciador da formação de relações de amizade. Embora Rezende (2002) nos mostre que nem todos os “círculos sociais” são igualmente percebidos como espaços potenciais para novas amizades, muito dificilmente uma relação de amizade se estabelece de forma completamente independente de algum destes “círculos”.

A circulação das fofocas, algumas das quais colocaria seus autores em situações delicadas perante o conjunto dos naturistas (principalmente levando-se em consideração

o ideal de que todos deveriam ser amigos), estabelece também um círculo de confiança. Assim, sempre levando em consideração de que o objeto deste estudo não é o que se convencionou chamar de “amigos mesmo” ou “amigos verdadeiros”, as relações de amizade que se estabelecem na Colina do Sol parecem se estruturar sobre este tripé: afinidade de gostos; proximidade de pontos de vista em relação à própria Colina do Sol e confiança, aqui entendida tanto em relação a uma maior exposição de si quanto em relação à discricção em relação às opiniões sobre os demais naturistas que são expostas nestes espaços mais reservados de convívio entre os amigos.

Estas amizades, no caso de alguns dos moradores de Porto Alegre que pude acompanhar, extrapolam o âmbito mais restrito da comunidade, sendo consideradas as relações principais por muitos destes frequentadores. Um exemplo disto é dado pelas comemorações de aniversário que contam com uma maioria, ou mesmo com a totalidade em alguns casos, de frequentadores ou moradores da Colina do Sol (estes últimos indo para Porto Alegre, nestas ocasiões, exclusivamente para estas festas). A força deste pertencimento comum ao naturismo pode também ser medida pelo enfraquecimento destes vínculos a partir da ruptura com a Colina. Tendo a oportunidade de estar em uma festa de aniversário da filha de um destes ex-frequentadores, pude notar que não havia (com exceção de Miriam, que me acompanhava) nenhum naturista presente.

Conversando com algumas destas pessoas sobre este tema, eles me falaram que isso seria uma decorrência quase natural da opção de estar na Colina do Sol todos os fins de semana. “Porto Alegre é para estar trabalhando e em casa no final do dia. Quando pensamos em estar com os amigos, pensamos logo em fazer um churrasco aqui na Colina” (Silveira, campista). Assim, a ida para a Colina começa a ser preparada na quinta-feira, com telefonemas entre os participantes de cada grupo de amigos que planejam entre si o que será levado para o churrasco, reforçando a expectativa de todos estarem presentes em cada fim de semana. A dificuldade, apontada por eles, de que não-naturistas possam vir a compartilhar destes momentos de renovação da amizade<sup>71</sup> acaba sendo um impedimento a mais para o fortalecimento de outras relações fora deste

---

<sup>71</sup> O churrasco do fim de semana é, mais do que simplesmente a comida típica, um verdadeiro momento de celebração da amizade e dos valores “típicos” do Rio Grande do Sul, envolvendo brincadeiras sobre a preparação da carne, a habilidade de acender e manter o fogo e o fato de ser uma refeição coletivamente consumida. Na Colina, estes churrascos, muitas vezes acompanhados por cerveja e uísque, eram também momentos de grande circulação de fofocas – tanto as “jocosas”, quanto as de demarcação de fronteiras entre grupos – fazendo com que existam churrascos mais ou menos abertos a recém-chegados.

ambiente. Mesmo o namoro, para algumas pessoas, torna-se algo complicado quando envolve alguém que não se predisponha a “experimentar” o naturismo, fazendo ou com que a relação não se desenvolva ou ao afastamento do (da) naturista (há uma crença local, bastante generalizada, de que uma vez tendo conhecido a Colina, ou “experimentado” o naturismo, seria muito difícil não se encantar por tal paraíso. Eu mesmo fui, por diversas vezes, alvo desta crença, quando as pessoas falavam que, voltando ao Rio de Janeiro, eu iria me associar ao naturismo aqui, o que não aconteceu).

Assim, a afinidade com o próprio naturismo passa a ser um aspecto importante para o estabelecimento de relações de amizade, principalmente para aqueles que entendem este movimento como um elemento central de suas identidades. Por outro lado, as pessoas que afirmam que gostam do naturismo, mas que o entendem mais associado ao prazer de estar nu e como lazer, apresentam círculos de amizade externos ao naturismo, além das amizades desenvolvidas na Colina do Sol. Nestes casos, pode acontecer destes círculos se sobreporem, através de convites para estes amigos externos conhecerem o naturismo ou, mais raramente, com pessoas conhecidas na Colina integrando os círculos de amizades mantidos fora do naturismo.

Se, na definição de uma maior ou menor possibilidade de existência de amizades externas ao grupo que frequenta a Colina do Sol, esta relação com o naturismo já adquire tal importância, internamente ela será decisiva para a formação dos grupos de amigos. Conforme pude observar durante toda minha pesquisa de campo, uma parte significativa das conversas tem o próprio naturismo como tema: seja na discussão de alguma questão mais geral, que esteja polarizando a Colina durante determinado período (como foi o caso da formação da Cooperativa, já tratada no capítulo cinco), seja discutindo assuntos mais abstratos (como o lugar do erótico no naturismo, durante o jantar em casa de César – capítulo seis) ou situações mais específicas (pessoas que estejam chegando ou saindo do naturismo; situação das ruas, do camping ou das cabanas etc.). Assim, embora algum grau de divergência de opiniões seja passível de ser identificado, as pessoas tendem a estabelecer amizades mais próximas com aqueles que compartilham um mesmo ponto de vista, principalmente em relação aos aspectos centrais de funcionamento da Colina e, de forma destacada entre estes, como vêem a forma com que o casal Celso/Paula dirigem a comunidade.

A importância desta proximidade de pontos de vista e a preponderância do tema “Celso/Paula” nesta proximidade, mantêm estreita relação com a especificidade da

confiança necessária para a manutenção destas relações de amizade. Se, como foi discutido neste capítulo, existe uma confiança generalizada oriunda do sentimento de “amizade de infância” que permite a convivência dentro dos marcos éticos do naturismo, a confiança que é solicitada pelas “amizades de adulto” se estabelece a partir de outros parâmetros.

Em primeiro lugar, dada a sempre presente possibilidade de que certos comentários críticos a aspectos da Colina do Sol (e, principalmente, críticos ao casal Celso/Paula) sejam interpretados como potenciais geradores de conflito entre os naturistas, há uma preocupação em externar certas opiniões apenas para amigos mais próximos, em quem se confie que não divulgará estes posicionamentos. Um exemplo dos riscos que envolvem a confiança mal depositada foi dado a partir dos desdobramentos de uma festa, na qual houve a exigência de diminuição do volume da música, o que gerou o esvaziamento da mesma festa e reclamações generalizadas em relação ao que seria um comportamento autoritário de quem havia determinado esta diminuição (o próprio Celso). Talvez motivados pelo ocasional consenso em relação a esta atitude específica, algumas pessoas externaram críticas mais gerais à estrutura de poder na Colina, críticas estas que, posteriormente, foram transmitidas ao Celso, gerando constrangimentos para os que as fizeram.

Além disso, dado que estas amizades feitas na Colina do Sol são, muitas vezes, as principais relações de amizade de muitos destes frequentadores (e da quase totalidade dos moradores), é também para estes amigos que se confiam aspectos da vida privada que não se desejaria expostos, mesmo dentro do “ambiente familiar” da Colina do Sol. Esta confiança na capacidade de discrição que a relação de amizade pressupõe parece ser ainda mais importante para os moradores, uma vez que como foi visto é neste grupo que a preservação de uma esfera mais íntima é mais difícil.

Por fim, é destes amigos mais próximos que se espera um apoio mais efetivo em situações de dificuldade mais prolongadas. O ambiente comunitário, mesmo com todas as ressalvas já apresentadas, e o ideal de “amizade generalizada”, propiciam um tipo de ajuda mútua que parece muito eficaz para ocasiões pontuais. Assim, desde problemas de saúde que contam com uma rápida disponibilidade (mesmo durante a noite) em prestar socorro imediato ou mesmo transportar alguém para o hospital mais próximo, riscos de segurança (como em uma ocasião em que uma pessoa que mora sozinha ouviu movimentações estranhas na mata próxima a sua casa e, por telefone, solicitou apoio e

rapidamente diversos naturistas acorreram a sua cabana) bem como diversos outros tipos de problema que demandem uma solidariedade entre os membros da comunidade, são respondidos prontamente por qualquer naturista. No entanto, apoios que impliquem em um compartilhamento maior da intimidade são normalmente esperados apenas do círculo mais restrito de amizades próximas que, em muitas ocasiões, devem não apenas ajudar diretamente o amigo, mas também diluir ou refutar fofocas veiculadas por outras pessoas e que digam respeito a esta situação.

Podemos, desta forma, traçar linhas de comparação entre a “amizade de infância” e as “amizades de adulto”. Enquanto o discurso da “amizade de infância” expressa um ideal de relação comunitária, que se aproximaria do conceito de fraternidade (Ortega, 2000), calcada principalmente na ênfase da igualdade e na aceitação da harmonia, tal como apresentada pela proposta do naturismo, as “amizades de adulto” constroem espaços onde os conflitos com a ideologia naturista oficial e com outras pessoas e grupos da Colina do Sol podem se expressar, valorizando principalmente a confiança entre estes amigos. Neste sentido, poderíamos também associar a “amizade de adulto” às formas mais clássicas de relacionamentos de amizade (Paine, 1974; Silver, 1989; Allan, 1989), principalmente no que diz respeito a uma concepção desta relação como associada à esfera privada e de livre escolha dos indivíduos, enquanto a “amizade de infância” – imposta, indistintamente, a todos os naturistas – estaria relacionada com a dimensão pública da vida comunitária. Deste modo, as tensões existentes entre estas duas dimensões da amizade refletem e sintetizam a tensão mais geral entre o projeto de construção de um novo estilo de vida, onde a transição do naturismo de uma atividade de lazer nas praias para a vida em comunidade é central, e a permanência de valores associados ao individualismo da vida moderna.

**SAINDO DE CAMPO:**  
**Sobre o que se conclui em uma pesquisa**  
**antropológica**

Sempre penso em meus trabalhos antropológicos como sendo os quadros que não sei pintar. Em parte, sei que isto é apenas uma forma canhestra de tentar superar a frustração por não ter qualquer habilidade artística no que diz respeito à pintura, mas acho que a comparação não é totalmente desprovida de sentido ou, no mínimo, não o é menos do que outras, que tenho lido nestes dez anos de estudo nas ciências sociais. Para tentar dar um pouco mais de inteligibilidade a esta comparação, lembro-me sempre do meu deslumbramento frente à “Guernica”, de Pablo Picasso.

Quando tive a possibilidade de visitar o “*Museo de la Reina Sofia*”, onde está exposto este quadro, fiquei dividido entre admirar a obra pronta, exposta em um grande salão, e ficar passando e repassando entre os diversos esboços expostos na sala ao lado. Ali, onde a maior parte dos turistas passava rapidamente, eu permaneci acompanhando como as idéias de Picasso iam tomando forma, como as figuras apareciam nos primeiros esboços e desapareciam momentos depois, para reaparecer ou em sua forma definitiva, já próxima à conclusão do quadro, ou se perder para sempre como uma possibilidade que fazia sentido em um certo momento do todo, mas que não acompanhava a evolução da obra. Vendo os diversos “Guernica” que foram sendo desenhados, podia ao mesmo tempo perceber a quantidade de traços e figuras que foram sendo deixados de lado, bem como as possíveis dúvidas que devem ter afligido o pintor sobre a posição de uma cabeça, de um corpo de cavalo, que ora apareciam de um jeito, ora de outro, até atingir o efeito que Picasso queria causar com seu quadro.

Situação muito semelhante foi a que vivi na elaboração desta tese. Depois de um ano vivendo junto com os naturistas da Colina do Sol, depois das disciplinas teóricas e de uma razoável quantidade de textos e livros lidos, de muitas horas de orientação, da leitura do extenso material de arquivo que os naturistas gentilmente me deram ou emprestaram, da transcrição e análise de entrevistas, acaba-se com uma quantidade de informações muito superior ao que é possível inserir em uma tese.

Tracei, então, um primeiro modelo, no qual pelo menos provisoriamente, as “figuras” fizessem sentido. No entanto, a cada nova idéia desenvolvida, a cada item de um capítulo que escrevia, novas perspectivas apareciam e, ao mesmo tempo, certos



trechos se tornavam incongruentes ou desnecessários. Nos congressos científicos, onde pude apresentar versões de capítulos desta tese, sugestões eram dadas e novos caminhos se abriam. Na possibilidade, surgida mais uma vez graças ao apoio sempre presente de Miriam Gaiger, de combinar a participação na V Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), ocorrida em Florianópolis, com a ida à praia do Pinho (Camboriú-SC), onde o naturismo se reestruturou, um olhar comparativo com a Colina do Sol pôde se estabelecer, fazendo com que certas questões fossem vistas por outro prisma, que certos elementos, antes relegados a um “canto” do quadro, adquirissem maior importância e outros tivessem que se deslocar para dar espaço e sentido às novas configurações.

Assim, se o modelo tomado como inspiração para esta obra – a Colina do Sol – é um “dado da realidade”, o texto é, como diria Clifford, uma “arte”, “no seu uso antigo – antes de tornar-se associada com uma sensibilidade mais alta ou rebelde – (...) arte como a habilidade de modelar artefatos úteis. O fazer etnográfico é artesanal, ligado ao trabalho mundano da escrita” (1986:6). Nas opções, sempre pessoais, dos aspectos mais importantes de cada questão que queria abordar, na própria escolha de quais os melhores caminhos para compreender os discursos que estruturam e entrelaçam comunidade, corpo e amizade, nesta área naturista em particular, estava sempre presente a decisão do que seria excluído, uma vez que nem todos os elementos conseguem compor um quadro harmônico.

O que é uma conclusão em semelhante tipo de trabalho? De certa forma, creio que concluí esta tese algumas páginas atrás, quando encerrei o último capítulo, sendo esta parte final, a qual propositalmente recusei o título algo pomposo de conclusão, apenas uma espécie de síntese do que considero ser as questões mais importantes desta pesquisa.

Começando pela mais geral dentre elas, procurei salientar nesta tese como a perspectiva naturista se relaciona com o que Duarte (2001) chamou de “o grande horizonte romântico”. Neste relacionamento se estruturam dois dos principais focos de tensão que perpassam o naturismo, pelo menos o que é praticado na Colina do Sol.

O primeiro deles, como procurei apontar em diversas passagens desta tese, é dado pelo confronto entre os valores mais propriamente “românticos”, que este movimento busca resgatar, e as pulsões mais individualistas que caracterizam parte significativa dos grupos que buscam o naturismo. Assim, por exemplo, o ideal de

construção de uma comunidade como a Colina do Sol, parece remeter na sua proposta original a uma estreita ligação com a crítica de que “a comunidade humana foi desnaturada pela constituição das sociedades de massa, onde o indivíduo se perde, onde cada um deve se defender contra todos os outros, sob pena de ser esmagado. Um dos aspectos do mal do século é este desconhecimento mútuo, que substituiu o reconhecimento mútuo, forma nativa da existência” (Gusdorf, 1985:385). Porém, a construção concreta de tal comunidade, aponta para a dificuldade de se superar as disputas políticas e comerciais, através de fóruns e atividades comunitárias. As idéias de “comunidade turística”; “clube naturista” e “comunidade de fim de semana” disputam, desta forma, espaço com a perspectiva de recuperação de “laços e valores comunitários” que se diferenciasssem das “relações individualistas modernas”, como o discurso dos idealizadores da Colina do Sol afirmava, constituindo o que uma visitante, de alguma forma decepcionada com o que encontrou ali, chamou de “comunidade sem comunitários”.

A segunda área de tensão pode ser entendida como sendo uma consequência desta primeira. Embora a Colina do Sol esteja longe de ser uma comunidade “alternativa”, onde os naturistas seriam os “hippies dos anos noventa” (como o senso comum enxerga este movimento, e que pude sentir na própria reação, inclusive de parte do meio acadêmico, a esta pesquisa), o apelo da nudez como “liberação” acaba atraindo para esta comunidade pessoas com expectativas bem diferenciadas em relação aos ideais oficiais deste movimento. Assim, a inexistência de um projeto mais consensual que norteara o crescimento da Colina do Sol, fez com que ela passasse a ser pólo de atração não apenas para outros naturistas, mas também para pessoas que frequentam este local apenas pelo prazer de estar nu (aproximando-se, então, da definição que eles mesmos dão para o nudismo), para outros que vêem ali um espaço favorável à práticas sexuais “alternativas” (troca de casais, sexo grupal) ou outras que, em épocas de crise econômica como a que o Brasil atravessou na década de noventa, vêem ali uma oportunidade de trabalho. O convívio entre estes diferentes projetos, mesmo onde o poder de decisão está concentrado nas mãos de um único casal, nem sempre é tão harmonioso quanto a propaganda de uma comunidade sem conflitos se esforça em veicular.

Em cada um dos três eixos centrais desta tese – comunidade, corpo e amizade – procurei identificar os discursos que estruturam estes diferentes projetos. Desta forma,

foi meu objetivo mostrar como a “identidade” naturista só faz sentido quando pensamos a relação deste grupo com pessoas externas ao naturismo, apresentando-se internamente de forma fragmentada, mesmo em uma pequena comunidade como a Colina do Sol. Esta fragmentação, por sua vez, reforça a importância de se realçar que esta, como a maioria – senão a totalidade das etnografias – é uma tese datada. No decorrer dos dois anos entre a minha partida da Colina e o término desta pesquisa pude, através dos sites sobre naturismo na Internet e de contatos que continuei mantendo com algumas pessoas da comunidade, acompanhar algo da dinâmica de transformação que se processa permanentemente ali. Assim, por exemplo, o projeto da cooperativa, que aqui já é descrito como enfrentando resistências, foi definitivamente abandonado pouco tempo depois. Ainda mais importante foi a informação, só recebida às vésperas de imprimir a versão final desta tese, de que o casal Celso e Paula decidiu vender todos os seus títulos para um único comprador (que não conheci quando de minha pesquisa), abandonando a Colina do Sol. O impacto que este evento irá trazer na reestruturação desta comunidade só poderá ser sentido com o decorrer do tempo, principalmente a partir da consolidação ou não da decisão do novo sócio majoritário em dar total autonomia ao Conselho Deliberativo. Obviamente, no entanto, profundas transformações devem ocorrer durante o ano de 2005, tanto no que diz respeito à organização da Colina quanto nas relações de amizade, uma vez que já parece haver movimentos no sentido do retorno de pessoas que se afastaram por conta de tensões com o casal Celso e Paula. Tudo isto, no entanto, ao contrário de invalidar as observações que realizo aqui, só me parece reforçar a dinâmica das relações sociais e abrir espaços para novas pesquisas nesta área.

É neste sentido que procurei, nesta tese, tomar a opção de retratar as vozes que expressam estes diferentes discursos, mas sem fazer deste trabalho a expressão dos interesses de qualquer destes grupos que, aberta ou implicitamente, disputam parcelas de poder no interior da Colina do Sol. Meu interesse, ao final desta pesquisa, foi acrescentar uma voz a mais a esta polifonia, construir um outro discurso que possa realizar um triplo diálogo. Para dentro desta comunidade, e por que não dizer para o próprio movimento naturista, ser um olhar um pouco mais externo, de alguém que não participa da disputa pelos rumos deste movimento e que, espero, possa contribuir de alguma forma no debate que já se realiza internamente ao naturismo. Para a comunidade acadêmica, principalmente da Antropologia, busquei trazer algumas questões para reflexão, seja no âmbito do trabalho de campo, principalmente em relação a alguns

aspectos do comportamento do antropólogo em campo, inclusive em suas dimensões éticas, seja na discussão sobre novos modelos comunitários, no debate entre natureza e cultura, com relação às práticas corporais, ou na contribuição para um campo – o estudo sobre a amizade – que começa a se consolidar na Antropologia brasileira. Por fim, na expectativa de algum reflexo público deste debate, esta tese pretende ampliar o conhecimento sobre um movimento que envolve alguns milhares de pessoas pelo país, mas sobre o qual, em que pese pequenos avanços, ainda existe um profundo desconhecimento, e diversos preconceitos, por parte de amplos setores da população, dos veículos de mídia em geral e dos governos em seus diversos níveis que, em muitas situações, dificultam ou impedem o funcionamento de áreas naturistas.



## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine. *Introduction to language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- ABU-LUGHOD, Lila. Shifting politics in Bedouin love poetry. In ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (ed.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- ALLAN, Graham. *Friendship: developing a sociological perspective*. London: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- ANGROSINO, Michael. Son and lover: the anthropologist as nonthreatening male. In WHITEHEAD, Tony Larry & CONAWAY, Mary Ellen (ed.). *Self, sex, and gender in cross-cultural fieldwork*. Illinois: University of Illinois Press, 1986.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- BARTH, Fredrik. Les groupes ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, STREIFF-FENART, J. (org.) *Théories de l'ethnicité*. Paris: PUF, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BECK, Ulrich. *Risk society*. London: Sage Publications, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BIDART, Claire. *L'amitié: um lien social*. Paris: La Découverte, 1997.
- BLACKWOOD, Evelyn. Falling in love with an-Other lesbian: reflections on identity in fieldwork. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.
- BOLOGNE, Jean-Claude. *História do Pudor*. Lisboa: Editorial Teorema, 1986.
- BOLTANSKI, Lüc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.) *Coleção grandes cientistas sociais*, vol. 39. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos*. Nº 47, 1997.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- CARRIER, James. People who can be friends: selves and social relationships. In BELL, Sandra. and COLEMAN, Simon (ed.) *The Anthropology of friendship*. Oxford: Berg, 1999.

- CEVA, Roberto. Forró e mediação cultural na cidade do Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto e KUSCHINR, Karina (org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, James and MARCUS, George (ed.). *Writing cultures*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- CONAWAY, Mary Ellen. The pretense of the neutral researcher. In WHITEHEAD, Tony Larry & CONAWAY, Mary Ellen (ed.). *Self, sex, and gender in cross-cultural fieldwork*. Illinois: University of Illinois Press, 1986.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise (org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- CRAPANZANO, Vincent. Kevin: on the transfer of emotions. *American Anthropology* 96 (4): 866-885, 1994.
- DaMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DaMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- DESCAMPS, Marc-Allain. *Les nouvelles vacances*. Paris: Editions Trimegiste, 1993.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Comentários. In VELHO, Gilberto e KUSCHINR, Karina (org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- DUBISCH, Jill. Lovers in the field: sex, dominance, and the female anthropologist. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.



- DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DURRENBERGER, E. Paul & PÁLSSON, Gísli. The importance of friendship in the absence of states, according to the Icelandic sagas. In: BELL, Sandra. and COLEMAN, Simon (ed.) *The Anthropology of friendship*. Oxford: Berg, 1999.
- ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FARNELL, Brenda. Ethno-graphics and the moving body. *Man*, 29 (4): 929-974, 1994.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. *Gradhiva. Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie* n° 8: pp 3-9, 1990.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- FIÚZA, Sílvia Regina de Almeida. *Moralidade e sociabilidade: contribuição para uma Antropologia da juventude*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS/UFRJ, 1989.
- FORGE, Anthony. The lonely anthropologist. *New Society*: 221-224, 1967.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol.1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FUSSEL, Sam. *Muscle: the confession of an unlikely body-builder*. New York: Poseidon Press, 1991.
- GEARING, Jean. Fear and loving in the West Indies: research from the heart (as well as the head). In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex,*

- identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
  - GEERTZ, Clifford. *Cocimiento local*. Barcelona: Editorial Paidós, 1994.
  - GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
  - GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
  - GILMORE, David. Friendship in Fuenmayor: patterns of integration in a atomist society. *Ethnology*, XIV (4): 311-324, 1975.
  - GUSDORF, Georges. *Le savoir romantique de la nature*. Paris: Payot, 1985.
  - HARRÉ, Rom. *Physical being: a theory for a corporeal Psychology*. Oxford: Blackwell, 1991.
  - HENDRY, Joy. The paradox of friendship in the field: analysis of a long-term Anglo-Japanese relationship. In: OKELEY, Judith and CALLAWAY, Helen (ed.) *Anthropology and autobiography*. London: Routledge, 1992.
  - HOBBSAWM, Eric. The cult of identity politics, *New Left Review*, nº 217, 1996.
  - HOLANDA, Sergio Buarque. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
  - HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
  - JARDIM, Denise Fagundes. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In LEAL, Ondina Fachel (org.) *Corpo e significado*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
  - KABBANI, Rana. *Europe's myths of Orient: devise and rule*. London: Macmillan, 1986.
  - KIERKEGAARD, Sören. O cristianismo derrotou a amizade. In BALDINI, Massimo (org.) *Amizade & filósofos*. Bauru: EDUSC, 2000.
  - KILLICK, Andrew. The penetrating intellect: on being white, straight, and male in Korea. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.

- KONDO, Dorine. *Crafting selves: power, gender and discourses of identity in a Japanese workplace*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- KULICK, Don. The sexual life of anthropologists: erotic subjectivity and ethnographic work. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.
- LAPLATTE, Claude. *L'outrage public à la pudeur et la contravention d'affiches indécentes*. Troyes: Ed. De la Renaissance, 1967.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LARAIA, Roque. *Ética e Antropologia: algumas questões*. Brasília: Ed. UnB, 1993.
- LASH, Scott. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Edusp, 1997.
- LEITÃO, Débora Krischke. *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.
- LLOYD, Genevieve. *The man of reason: "male" and "female" in Western Philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- LOCK, Margaret. Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge. *Annual Reviews in Anthropology* 22:133-155, 1993.
- LOVEJOY, Arthur. *The great chain of being*. Massachusetts: Harvard University Press, 1964.
- LUTZ, Catherine. Emotion, thought and estrangement: emotion as a cultural category. *Cultural Anthropology*, vol 3, nº 1: 287-309, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MARTINS, José de Souza. O decoro nos ritos de interação na área metropolitana de São Paulo. In MARTINS, José (org.) *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- MARX, Karl. *A Ideologia alemã*. Lisboa: Editorial Presença, 1978.
- MELLO, Gláucia B. R. *Millénarismes brésiliens: contribution à l'étude de l'imaginaire contemporaine*. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 2002.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel. Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme. *Interseções*, Revista de Estudos Interdisciplinares, UERJ, ano 3, nº 1, pág. 91-109, jan/jun 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- MORRIS, Paul. Community beyond tradition. In HEELAS, Paul; LASH, Scott; MORRIS, Paul (ed.) *De-traditionalization: critical reflections on authority and identity at a time of uncertainty*. Cambridge: Blackweel Publishers, 1996.
- NEHAMAS, Alexander. *Nature against something that is also nature*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- NIETZSCHE, Frederic. *Genealogia da moral*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PAINE, Robert. In the search of friendship: na exploratory analysis in 'middle-class' culture. In LEYTON, Elliot (ed.) *The compact: selected dimensions of friendship*. Newfoundland: Memorial University of Newfoundland, 1974.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In VELHO, Otávio (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

- PEREIRA, Paulo. *Corpos Nus: o testemunho naturista*. Rio de Janeiro: Leymarie Editora, 2000.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função nas sociedades primitivas*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- REDFIELD, Robert. *The little community*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- REZENDE, Claudia (1). Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. In *Estudos Históricos*, nº 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.
- REZENDE, Claudia (2). Entre mundos: sobre amizade, igualdade e diferença. In: VELHO, Gilberto e KUSCHINR, Karina (org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- REZENDE, Claudia. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- RIETH, Flávia. *Ficar/namorar: conhecer a si através do outro*. Comunicação realizada no XXI Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu (MG), 1996.
- RIVIÈRE, Claude. Culture inavouée dans la nature, nature soumise dans la culture. In *Horizontes Antropológicos*. Ano 7, nº 16. Porto Alegre: PPGAS, 2001.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1975.
- ROSALDO, Michelle. Toward na anthropology of self and feeling. In SHWEDER, Richard & LEVINE, Robert (ed.) *Culture theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- ROSSI, Celso. *Naturismo: a redescoberta do homem*. Porto Alegre: Magister, 1993.
- ROJO, Luiz Fernando. *Os diferentes tons do branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina*. Rio de Janeiro: Editora Litteris, 2001.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du contrat social*. Paris: Editora Garnier, 1962.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANT'ANNA, Denise. Corpo, ética e cultura. In: BRUNHS, Heloísa e GUTIERREZ, Gustavo (orgs.). *O corpo e o lúdico*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
- SCHMITT, Jean-Claude. A moral dos gestos. In: SANT'ANNA, Denise (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SENNETT, Richard. *The fall of public man*. New York: Vintage Books Edition, 1978.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2000.
- SILVER, Allan. *Friendship and trust as moral ideal: an historical approach*. Archives Européenes de Sociologie, 30 (2): 274-97, 1989.
- SIMMEL, Georg. Secrecy. In WOLFF, Kurt. (ed.) *The sociology of Georg Simmel*. New York: The Free Press, 1964.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- SIMMEL, Georg. Psicologia do coquetismo. In SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SOPER, Kate. *What is nature?* Massachusetts: Blackwell, 1995.
- SOUZA, Márcia Rodrigues. *O nu e o vestido: uma etnografia da nudez na praia do Pinho*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1992.
- STRATHERN, Andrew. *Body thoughts*. Michigan: University of Michigan Press, 1999.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da sociedade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- TÖNNIES, Ferdinand. *Community & Society*. New York: Harper Torchbooks, 1963.
- TRAVASSOS, Sônia. *Capoeira: difusão e metamorfoses culturais entre Brasil e EUA*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2000.

- TURNBULL, Colin. Sex and gender: the role of subjectivity in field research. In WHITEHEAD, Tony Larry & CONAWAY, Mary Ellen (ed.). *Self, sex, and gender in cross-cultural fieldwork*. Illinois: University of Illinois Press, 1986.
- VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- WADE, Peter. Sexuality and masculinity in fieldwork among Colombian blacks. In BELL, Diane; CAPLAN, Pat & KARIM, Wazir Jahan (ed.) *Gendered fields: women, men & ethnography*. London: Routledge, 1993.
- WENGLEY, John L. *Ethnographers in the field: the psychology of research*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1988.
- WILLSON, Margareth. Perspective and difference: sexualization, the field, and the ethnographer. In KULICK, Don & WILLSON, Margareth. (ed.) *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London: Routledge, 1995.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.
- WOLF, Kurt (org.). *The sociology of Georg Simmel*. Glencie III, Free Press, 1950.
- ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

#### Referências Cinematográficas.

- USSI, Jennifer (roteiro e direção). *Uma amizade única*. Austrália, 1999.
- ERLINGSSON, Gísli Snaer (direção) e RAGNARSSON, Jón Steinar (roteiro). *Ikingut, na terra do gelo*. Islândia, 2000.

## Vídeos

- Colina do Sol: a realização dos nossos sonhos de felicidade
- Colina do Sol: todo o encanto de um estilo de vida

## Revistas Utilizadas

- Naturis, n° 0 (1991) ao n° 28 (2001).
- Saúde e Nudismo. Ano 1, n° 9, novembro de 1952.
- Revista de Gymnosofia, n° 1, 1952.
- Cláudia, n° 448, janeiro de 1999.

## Fontes Diversas

Manual do Sócio do Clube Naturista Colina do Sol, 1ª Edição, 2000.

## ANEXO A

### Censo dos moradores da Colina do Sol

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Renda (em salários mínimos)

\_\_\_ 1/5 SM \_\_\_ 5/10 SM \_\_\_ 10/20 SM \_\_\_ 20/50 SM \_\_\_ > 50 SM

É naturista há \_\_\_ anos. Onde começou a praticá-lo: \_\_\_\_\_

É sócio da Colina há \_\_\_ anos. Tipo de título: \_\_\_\_\_

Mora na Colina há \_\_\_ anos, em cabana: \_\_\_ Própria \_\_\_ Alugada



Possui concessão comercial: \_\_\_ Não \_\_\_ Sim há \_\_\_\_ anos.

Possui outras cabanas: \_\_\_ Não \_\_\_ Sim

### Perfil dos frequentadores da Colina do Sol

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Renda (em salários mínimos)

\_\_\_ 1/5 SM \_\_\_ 5/10 SM \_\_\_ 10/20 SM \_\_\_ 20/50 SM \_\_\_ > 50 SM

É naturista há \_\_\_\_ anos. Onde começou a praticá-lo: \_\_\_\_\_

É sócio da Colina há \_\_\_\_ anos. Tipo de título: \_\_\_\_\_

Possui cabana: \_\_\_ Sim \_\_\_ Não.

Possui barraca permanente no camping: \_\_\_ Sim \_\_\_ Não.

## ANEXO B

### NORMAS INTERNAS DE COMERCIALIZAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS

Primeira Edição

5 de julho de 2000.

#### Exposição de Motivos

1. O Centro Naturista Colina do Sol possui um projeto especialmente desenvolvido cuja meta principal é possibilitar a convivência harmônica entre naturistas residentes e eventuais, na busca de seus interesses específicos.

2. Tendo como situação atual uma comunidade residente de aproximadamente 60 moradores e 250 visitantes nos finais de semana e como meta para os próximos 10 anos um número aproximado de 250 moradores e 2.000 visitantes aos finais de semana, faz-se necessária a criação de um conjunto de normas que balizem as relações entre os Concessionários Comerciais, Residenciais, Sócios e Visitantes.

3. Sendo um de seus objetivos possibilitar meios de sustento às famílias naturistas que venham a optar pela residência permanente no CNCS, o Clube Naturista Colina do Sol terceiriza a exploração comercial dos vários segmentos possíveis, dentro de uma pequena comunidade turística, mediante Concessões Comerciais regidas por contratos próprios, estabelecendo limites operacionais.

4. Os limites operacionais acima referidos – que são também objeto das presentes normas – visam evitar a concorrência pura e simples na operação dos negócios, que induz à desarmonia nas relações, produzindo conflitos de interesses na pequena comunidade, gerando mal-estar e tensão no grupo. Por outro lado, a reserva de mercado a diferentes segmentos de comércio e serviços visa obter um maior equilíbrio na distribuição das potencialidades comerciais do empreendimento, contribuindo, assim, para que um número maior de famílias possa obter seu sustento no próprio CNCS.

As normas abaixo aplicam-se a todos os usuários da Colina do Sol, naturistas ou não, enquanto dentro dos limites territoriais do centro naturista.

Infrações a estas normas, bem como qualquer assunto relativo a atividades comerciais ou profissionais, dentro do Centro Naturista Colina do Sol, é de competência exclusiva do Conselho Deliberativo do CNCS.

Art. 1º - É proibida a comercialização de produtos ou serviços, dentro dos limites da Colina do Sol, a qualquer pessoa que não possuir Concessão Comercial que permita tal comercialização ou autorização específica do Conselho Deliberativo do Clube Naturista Colina do Sol.

Parágrafo Único: ao infrator do disposto acima poderá ser aplicada as penas de Advertência, Suspensão ou Exclusão dos quadros sociais do CNCS, considerando-se a desobediência, a reincidência e a abrangência dos danos como elementos atenuantes ou agravantes na definição das penalidades.

Art. 2º - A aquisição de uma Concessão Comercial confere ao concessionário o direito de exclusividade sobre determinado ramo de serviços ou área específica de atendimento dentro do CNCS, de acordo com o estabelecido no ANEXO II do respectivo contrato.

Parágrafo Primeiro: Atividades de profissional liberal, como advogado, contador, dentista etc., desde que não concedidas, podem ser livremente desempenhadas.

Parágrafo Segundo: A confecção de peças de artesanato, artísticas ou de vestuário, desde que comercializadas através de concessionários comerciais pertinentes, pode ser livremente executada.

Parágrafo Terceiro: A fabricação ou o depósito de componentes ou mercadorias de pequeno volume, que se destinem à comercialização fora dos limites da Colina do Sol, é igualmente permitida, desde que não traga riscos ou desconforto às Áreas Residenciais.

Art. 3º - É proibida a venda ambulante de qualquer espécie, nas áreas sociais, residenciais ou mesmo comerciais, mesmo promovida por concessionários comerciais devidamente instituídos.

Parágrafo Primeiro: O disposto neste artigo não se aplica à venda de bebidas e alimentos, realizada pela concessão do Restaurante do Lago, na beira da praia ou ao redor da área de esportes e piscinas.

Parágrafo Segundo: A distribuição de folhetos de propaganda, desde que devidamente autorizados pelo Conselho Deliberativo, somente pode ser feita nas Portarias do CNCS, sobre as portas das residências, por meio de correspondência ou nas próprias dependências da respectiva concessão.

Art. 4º Questões relativas a tipos de produtos ou serviços comercializados, que devam ser definidas e comunicadas ao público, para a melhor observância do Art. 2º destas Normas, serão decididas pelo Conselho Deliberativo do CNCS e divulgadas por meio de Resoluções Comerciais, numeradas e anexadas a estas normas a cada nova edição.

Estas Normas Internas de Comercialização de Bens e Serviços foram aprovadas pelo Conselho Deliberativo do CNCS, em reunião realizada no dia 09 de julho de 2000.

### Anexo C: Código de Ética Naturista

A FBN – Federação Brasileira de Naturismo, como meio de garantir um modelo ético de conduta em suas áreas filiadas, edita as seguintes normas éticas:

#### I – Faltas Graves

As condutas abaixo listadas, com graus de intensidade examinado pelos Conselhos Deliberativos dos Clubes, em primeira instância, e pelo Conselho Maior da FBN, em segunda e última instância, são os motivos para expulsão de seus agentes dos quadros sociais e das áreas naturistas regidas pelas entidades filiadas a FBN:

I.1 – Ter conduta sexualmente ostensiva ou praticar atos de caráter sexual ou obsceno nas áreas públicas.

I.2 – Praticar violência física como meio de agressão a outrem.

I.3 – Utilizar meios escusos para obter vantagem própria ou para terceiros.

I.4 – Ter ou utilizar produtos tóxicos ilegais.

I.5 – Causar dano a imagem pública do Naturismo ou das áreas naturistas.

## II – Conduta Inadequada

As condutas abaixo listadas, com grau de intensidade e reiteração examinadas pelos Conselhos na forma referida no item I, constituem motivos para advertência, suspensão e expulsão de seus agentes dos quadros sociais e das áreas regidas pelas entidades filiadas a FBN:

II.1 – Concorrer para a discórdia por meio de propostas inconvenientes com conotação sexual.

II.2 – Retratar, gravar ou filmar outros naturistas, sem a permissão dos mesmos.

II.3 – Utilizar aparelhos sonoros em volume que possa interferir na tranquilidade alheia ou desobedecer os horários de silêncio regulamentados.

II.4 – Causar constrangimento pela prática de atitudes inadequadas.

II.5 – Faltar ao respeito ou discriminar outros naturistas ou visitantes.

II.6 – Lançar lixo em locais inadequados.

II.7 – Causar danos a natureza ou a imagem do Naturismo.

II.8 – Satisfazer necessidades fisiológicas em áreas impróprias ou exceder-se no consumo de bebidas alcoólicas, causando constrangimento a outros naturistas.

II.9 – Utilizar assentos de uso comum sem a devida proteção higiênica.

II.10 – Permanecer vestido em locais e horários exclusivos de nudismo, consentido o *top less* às mulheres, no período menstrual.

Estas normas foram aprovadas na Assembléia Geral Extraordinária número três, realizada em 7 de dezembro de 1996.

**ANEXO D****PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DO VERÃO DE 2002**

30/12 – Passeio ciclístico

31/12 – Rústica de São Silvestre

05/01 – Campeonato de natação

12/01 – Campeonato de tênis

19/01 – Campeonato de vôlei

20/01 – Torneio de pesca

26/01 – Campeonato de remo

02/02 – Campeonato de bocha

09/02 – Campeonato de sinuca

10/02 – Campeonato de vôlei

12/02 – Dama & xadrez

16/02 – Campeonato de futebol

Dias 23 e 24 - Grande Gincana !

Abertura às 10:00 no dia 23 com a “Caminhada do abraço”, distribuição de equipes e tarefas.